

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

ELAINE AGUIAR FLORÊNCIO

**OS MODOS VARIÁVEIS COMO OS APRENDIZES DE INGLÊS RESOLVEM O
PROBLEMA DA ESTABILIZAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO EM ENUNCIADOS
TRADUZIDOS DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS**

Cáceres-MT
2022

ELAINE AGUIAR FLORÊNCIO

**OS MODOS VARIÁVEIS COMO OS APRENDIZES DE INGLÊS RESOLVEM O
PROBLEMA DA ESTABILIZAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO EM ENUNCIADOS
TRADUZIDOS DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Albano Dalla Pria.

**Cáceres-MT
2022**

FLORENCIO, Elaine Aguiar.

F632o Os Modos Variáveis como os Aprendizes de Inglês Resolvem o Problema da Estabilização da Representação em Enunciados Traduzidos do Inglês para o Português / Elaine Aguiar Florêncio – Cáceres, 2022.
188 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (não)

Trabalho de Conclusão de Curso (Tese/Doutorado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Doutorado) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.
Orientador: Albano Dalla Pria

1. Linguagem. 2. Enunciação. 3. Tradução. 4. Paráfrase. 5. Construções Resultativas. I. Elaine Aguiar Florêncio. II. Os Modos Variáveis como os Aprendizes de Inglês Resolvem o Problema da Estabilização da Representação em Enunciados Traduzidos do Inglês para o Português: .

CDU 81'25=111=134.3

ELAINE AGUIAR FLORÊNCIO

**OS MODOS VARIÁVEIS COMO OS APRENDIZES DE INGLÊS RESOLVEM O
PROBLEMA DA ESTABILIZAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO EM ENUNCIADOS
TRADUZIDOS DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Albano Dalla Pria
Orientador – PPGL/UNEMAT

Profª Drª Ana Carolina de Laurentiis Brandão
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Marcos Luiz Cumpri
Avaliador Interno –PPGL/UNEMAT

Profª Drª Adriana Zavaglia
Avaliadora Externa – USP

Profª Drª Milenne Biasotto
Avaliadora Externa – UFGD

APROVADA EM: ____/____/____

Dedico esta tese ao meu falecido pai, Eustácio Florêncio, sábio homem analfabeto, pelo exemplo de inteligência, simplicidade, determinação e comprometimento, também por ter acreditado e incentivado que eu fosse em busca da minha formação acadêmico-profissional.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha existência e permanência nesse momento tão difícil.

Aos meus pais, Celina Aguiar Florêncio e *In memoriam* Eustácio Florêncio, anjos enviados por Deus, por me fazer renascer quando eu já estava quase sem vida.

A toda minha família pelo apoio, compreensão, carinho e amor, especialmente ao meu marido, Humberto Athayde Cavalcante e as minhas filhas Myrella Aguiar Florêncio Cavalcante, Maryanne Aguiar Florêncio Cavalcante, por terem deixado para trás amigos, colegas, o serviço, a escola, a nossa casa, a cidade onde morávamos, para juntos lutar pela construção do meu sonho.

Ao meu orientador, prof. Dr. Albano Dalla Pria, por ser uma fonte de inspiração, pela paciência, e pelo ensinamento ao longo dos últimos anos.

A minha querida e amada Universidade do Estado de Mato Grosso por proporcionar a oportunidade de realizar três grandes sonhos: o primeiro de cursar o ensino superior, o segundo o mestrado e o terceiro o doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística - PPGL, pelo excelente trabalho, organização e pela oportunidade de nos permitir o diálogo sempre.

Aos professores que participaram das bancas de qualificação e defesa da tese.

Aos professores do PPGL, incluindo os professores convidados, por compartilhar seus conhecimentos.

Ao Comitê de Ética em pesquisa - CEP da UNEMAT pelo suporte técnico.

Aos professores do curso de letras da UNEMAT pelo apoio.

Aos alunos do curso de Letras/inglês da UNEMAT por aceitarem participar desta pesquisa.

À CAPES, pelo apoio financeiro durante a graduação, mestrado e doutorado, pois sem essa ajuda financeira tudo seria mais difícil.

A semente já é a árvore, mas em potencial. Terá de passar pelo processo de superar todas as adversidades de seu espaço, para finalmente chegar a ser o que já era em potencial. Será necessário crescer, lutar para alcançar tudo o que já é, mas em potencial.

Pe. Fábio de Melo

RESUMO

A temática que apresentamos neste trabalho se insere na área de Concentração dos Estudos de Processos Linguísticos, na linha de pesquisa dos Estudos de Processos de Significação, desenvolvida junto ao PPGL – UNEMAT. A pesquisa tem como suporte teórico a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, de Antoine Culioli, entendida como uma linguística que estuda a linguagem através das línguas naturais. Assim, o objetivo principal desta tese é mostrar que o sentido é construído pela linguagem e os sujeitos são os responsáveis por determinar, construir e reconstruir a significação numa situação particular. Como material de análise, utilizamos enunciados traduzidos do inglês para o português brasileiro. Essas construções são classificadas pela gramática gerativa como “construções resultativas” e se realizam de modo imediato na língua, isto é, o seu valor ou forma são pré-estabelecidos. Os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam essas construções são insuficientes para elucidar o funcionamento de como as unidades linguísticas e contextos constroem os sentidos nos enunciados, bem como regulam as variações. Distanciamos-nos, nesse sentido, de perspectivas estáveis que entendem a linguagem como transparente e determinada; a referência como dada e imediata; a tradução como transferência, transposição e a reformulação de uma língua para outra. Portanto, na perspectiva dinâmica, defendemos que a opacidade e a indeterminação são constitutivas da atividade de linguagem; os valores referenciais são instáveis, dinâmicos e são construídos nos e pelos enunciados e a tradução é definida como um caso particular de paráfrase. A hipótese de pesquisa é que mesmo com toda a variação na superfície dos enunciados, eles se aproximam em vários pontos do seu processo de construção. Isso ocorre em razão de propriedades invariantes da linguagem que perpassam a experiência subjetiva e a variação espaço-temporal de cada situação particular de enunciação. Para alcançar os nossos objetivos, partimos de um nível mais profundo (relação primitiva), passamos pelo nível intermediário (relação predicativa), para remontar à superfície (relação enunciativa). As observações realizadas permitem-nos verificar os dois modos de funcionamentos dos enunciados: ora há uma preponderância no ato de fazer alguma coisa (mais processual e menos designativo) e ora há uma preponderância no resultado de um ato de alguma coisa que alguém/algo fez (mais designativo e menos processual). A partir desse sistema metalinguístico, ou seja, a atividade de paráfrase e glosagem, mostramos que o sentido é momentaneamente estável e só é construído pela linguagem. Concluímos que são as operações determinação, aspecto e modalidade que atribuem aos enunciados um valor referencial, em situações particulares de enunciação.

Palavras-chave: Linguagem. Enunciação. Tradução. Paráfrase. Construções Resultativas.

ABSTRACT

The theme that we present in this work is inserted in the area of Concentration of Studies of Linguistic Processes, in the line of research of Studies of Signification Processes, developed together with PPGL - UNEMAT. The theoretical framework is the Theory of Predicative and Enunciative Operations, by Antoine Culioli, which is understood as a linguistics that studies language through natural languages. Thus, the main objective of this thesis is to show that meaning is constructed by language and the subjects are responsible for determining, building and reconstructing meaning in a particular situation. As analytical material, we used statements translated from English to Brazilian Portuguese. These constructions are classified by generative grammar as resultative constructions and they take place immediately in the language, that is, their value or form are pre-established. The theoretical and methodological foundations that support these constructions are insufficient to elucidate the functioning of how linguistic units and contexts build meanings in utterances, as well as regulating variations. We distance ourselves, in this sense, invariant perspectives that understand language as transparent and determined; the reference as stable and immediate; translation as transfer, transposition and reformulation from one language to another. Therefore, defend that opacity and indetermination are constitutive of language activity; the referential values are unstable, dynamic and are constructed in and by statements and the translation is defined as a particular case of paraphrase. The research hypothesis is that even with all the variation in the surface of the statements, they approach at various points in their construction process. This occurs due to the invariant properties of language that permeate the subjective experience and the spatial-temporal variation of each particular enunciation situation. To achieve our goals, we start from a deeper level (the primitive relationship), pass through the intermediate level (predicative relationship), to go back to the surface (the enunciative relationship). The observations made allow us to verify the two modes of operation of the statements: sometimes there is a preponderance in the act of doing something (more procedural and less designative) and sometimes there is a preponderance in the result of an act of something someone/something did (more designative and less procedural). From this metalinguistic system, that is, the activity of paraphrasing and criticism, we show that, the sense is momentarily stable and is only built by language. We conclude that it is the operations determination, aspect and modality that attribute to the enunciations a referential value, in particular situations of enunciation.

Key words: Language, Enunciation, Translation, Paraphrase, Resultative Constructions.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CR	Construção resultativa
DP	Sintagma determinante
PB	Português brasileiro
P	Propriedade
p	Ocorrência de uma noção
PP	Sintagma preposicional
PS	Predicado secundário
TOPE	Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas
S	Sintagma
Sit	Sistema formal coordenadas enunciativas
SAdj	Sintagma adjetival
SAdv	Sintagma adverbial
SN	Sintagma nominal
SV	Sintagma verbal
SP	Sintagma preposicional
S	Sujeito enunciador ou da enunciação
S ₁	Sujeito do enunciado ou do texto
QLT	Qualificação
QNT	Quantificação
V	Verbo principal
λ	Léxis
T	Momento da enunciação
T ₁	Momento do enunciado
ξ_0	Termo de partida
ξ_1	Termo de chegada
π	Relator (r)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 A LINGUAGEM COMPREENDIDA ATRAVÉS DE UMA PERSPECTIVA ESTÁTICA, O CASO A CR.....	23
Introdução	23
1.1 O que se entende por uma perspectiva estável da linguagem.....	26
1.1.1 A transparência original da linguagem.....	27
1.1.2 A referência e o referente	37
1.1.3 A tradução como transferência, transposição e reformulação de uma língua para outra língua	44
1.2 O que se entende por CR dentro dessa perspectiva estável	52
1.2.1 Predicado secundário.....	53
1.2.2 Construção descritiva: desempenha papel de modificador de um dos argumentos da sentença	56
1.2.3 Resultativa adverbial: possui um SAdj com uma função adverbial	58
1.2.4 Pseudoresultativa: SAdj modifica o resultado da ação verbal.....	61
1.2.5 Construção Resultativa ou Resultativa verdadeira: SAdj indica mudança do estado do SN tema e o resultado/ponto final da ação verbal	64
2 A LINGUAGEM COMPREENDIDA ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DINÂMICA.....	73
Introdução	73
2.1 A teoria das operações predicativas e enunciativas.....	75
2.1.1. Linguagem e línguas.....	76
2.1.2 A produção e o reconhecimento	78
2.1.3 A atividade de linguagem	79
2.1.3.1 A atividade de representação	79
2.1.3.2 A atividade de referenciação	80
2.1.3.3 A atividade de regulação	81
2.1.4 O enunciado.....	81
2.1.5 Os processos constitutivos de um enunciado	82
2.1.5.1 A léxis.....	82
2.1.5.1.1 A relação primitiva	83
2.1.5.1.2 A relação predicativa	83
2.1.5.1.3 A relação enunciativa	84
2.1.6 O estado zero de categorização	84

2.1.7 As operações da linguagem	85
2.1.7.1 A determinação: as operações de quantificação e qualificação.....	86
2.1.7.1.1 A operação de extração.....	87
2.1.7.1.2 A operação de flechagem	87
2.1.7.1.3 A operação de varredura.....	87
2.1.7.2 A modalidade.....	88
2.1.7.3 O aspecto	88
2.1.8 A noção e o domínio nocional	89
2.1.8.1 A noção.....	89
2.1.8.2 A ocorrência	90
2.1.8.3 O centro organizador da noção	91
2.1.8.3.1 O tipo	92
2.1.8.3.2 O atrator	92
2.1.8.3.3 O discreto, o compacto e o denso	92
2.1.8.3.4 A fronteira	93
2.1.8.3.5 O complementar	94
2.1.8.3.6 A noção de gradiente	94
2.2 A opacidade constitutiva da linguagem: a construção do valor referencial na atividade de tradução	96
2.2.1 A opacidade constitutiva da linguagem.....	96
2.2.2 A construção do valor referencial.....	102
2.2.3 A tradução: uma atividade que se constitui como um caso particular de paráfrase	108
3 OS MODOS VARIÁVEIS COMO OS APRENDIZES DE INGLÊS RESOLVEM O PROBLEMA DA ESTABILIZAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO EM ENUNCIADOS TRADUZIDOS DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS	116
Introdução.....	116
3.1 Metodologia.....	119
3.2 Ele martelou o metal plano/ Ele martelou o metal até achatar	122
3.2.1 A léxis.....	122
3.2.2 A predicação	124
3.2.3 A enunciação	125
3.2.4 A determinação.....	126
3.2.5 A modalidade.....	128
3.2.6 O aspecto	131

3.3 John pintou a casa amarela/John pintou a casa de amarelo	135
3.3.1 A léxis.....	135
3.3.2 A predicação	136
3.3.3 A enunciação	137
3.3.4 A determinação.....	138
3.3.5 A modalidade.....	139
3.3.6 O aspecto	142
3.4 O tique-taque do relógio acordou o bebê/O tique-taque do relógio acordava o bebê	145
3.4.1 A léxis.....	145
3.4.2 A predicação	146
3.4.3 A enunciação	147
3.4.4 A determinação.....	148
3.4.5 A Modalidade	150
3.4.6 O aspecto	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
REFERÊNCIAS	164
ANEXOS	170

INTRODUÇÃO

A tese intitulada “Os modos variáveis como os aprendizes de inglês resolvem o problema da estabilização da representação em enunciados traduzidos do inglês para o português” é desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística – PPGL, *Campus* de Cáceres, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, área de concentração Estudo de Processos Linguísticos, na linha de pesquisa Estudo de Processos de Significação, orientada pelo Prof. Dr. Albano Dalla Pria e contou com apoio financeiro da CAPES/FAPEMAT¹.

O surgimento desta pesquisa de doutorado acompanha a nossa trajetória de estudos desde a dissertação de mestrado², “Um estudo dos processos enunciativos da variação semântica no texto-alvo com base em traduções do inglês para o português” (FLORÊNCIO, 2016). A propósito, aqui, abrimos um “parêntese” para darmos início à retrospectiva do trabalho anterior, a dissertação. Naquele estudo, identificamos a polêmica em torno da dificuldade de traduzir para a língua portuguesa frases da língua inglesa como *John swept the house clean*, *John painted the house yellow*, *She laughed him out of his patience*, *John washed the soup out of his eyes*, e assim por diante. Essas construções foram coletadas da bibliografia que trata da resultatividade enquanto categoria gramatical e da sua aplicação à língua portuguesa, uma vez que a categoria é amplamente aceita para a língua inglesa. No geral, esses trabalhos afirmam que o adjetivo da construção resultativa (doravante CR) refere ao resultado da ação verbal sobre o objeto direto, mas, nas traduções para a língua portuguesa, esse “resultado” nem sempre é explicitado, ou é definido de outra forma. Essa variação de resultado também aconteceu no contexto de produção dos nossos dados. O nosso ponto inicial é que esse tipo de construção coloca obstáculos aos tradutores, até mesmo aqueles mais experientes.

Na dissertação, trouxemos reflexões acerca de duas questões: a primeira, situamos a polêmica em relação a um valor/forma que se convencionou chamar “construções resultativas”. A categoria inicialmente definida para a língua inglesa (JESPERSEN, 1909-1949; HALLIDAY, 1967) também suscita polêmicas se considerado o português brasileiro. Identificamos inúmeros trabalhos³ que se consagram pelo interesse em demonstrar seja a

¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –CAPES e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso – FAPEMAT.

² A dissertação também foi desenvolvida pelo mesmo PPGL, área de concentração, linha de pesquisa e orientador.

³ Sobre este ponto, indicamos a leitura de textos como Foltran (2000), Lobato (2000), Rech (2007), Barbosa (2008), Bertucci (2014), Marcelino e Oliveira (2014), e Knöpfle (2017).

“existência” seja a “não existência” de construções resultativas para o português brasileiro. As teorias em torno dessas polêmicas operam todas com o conceito de categoria. Quando se opera com o conceito de categoria, os construtos teóricos tendem a ser as categorias elas mesmas, abstraídas das observações que tenham sido feitas. No centro da disputa sobre a categoria resultatividade está a perspectivação dos sujeitos (linguistas) em relação às situações em que uma dada estabilização seria possível. Desse ponto de vista, a polêmica em torno da existência ou não das construções resultativas no português brasileiro é apenas pano de fundo para uma questão maior que são os pontos de convergência e de divergência que, de modo imprevisível, orientam as representações a uma dada estabilização e não à outra. Essa variação constitutiva do processo gerador das representações em língua, os projetos teóricos que operam com o conceito de categoria, têm dificuldade de explicar.

A segunda questão, consistia na observação que, desde sempre, pesquisadores já discutiam sobre o que pensam em relação à tradução e parece que, de fato, quando se trata dessa operação entre línguas, não faltam má compreensão e opiniões distintas. Para mostrarmos a diversificação dos estudos da tradução, reunimos três conjuntos de pesquisadores que têm se dedicado a discutir tal assunto. O primeiro conjunto de pesquisadores defende que a tradução é tomada como um “acontecimento histórico”, e não como um “modelo” de tradução. O segundo conjunto de pesquisadores tende a tratar o conceito de tradução como modelo, são tributários desse conceito os modelos de língua usualmente conhecidos como “sistemas linguísticos”. Há um outro conjunto de pesquisadores que segue os postulados da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (doravante TOPE), no qual nos incluímos, e compreende que “a tradução é um caso particular de paráfrase.” (CULIOLI, 1976, p. 29). Observamos que as teorias da tradução não compartilham de uma definição de sujeito e do que vem a ser o seu papel na atividade de tradução. Algumas teorias anulam o papel do sujeito na atividade de tradução e o associam ao de um autômato que executa atividades previamente programadas. Já não se questiona quem ou como foram programadas tais atividades. Outras teorias entendem a tradução como uma atividade e que produzir significados em língua é resultado do trabalho de um sujeito ativo. As teorias da tradução, ou sujeito e objeto se distinguem e diferenciam ou sujeito e objeto se identificam e se confundem num todo. Concluímos que a articulação do todo (identificação) com as partes (sujeito e objeto) é ainda um caminho a ser construído no domínio da tradução. A resposta a perguntas como “O que se entende por sujeito?” e “Qual o seu papel no trabalho de produção e reconhecimento de textos?” será tributária de como se entende a relação sujeito/objeto.

Nas análises, para observar se os sujeitos, de fato, encontrariam dificuldades na tradução daquelas construções, propusemos a um conjunto de pessoas a tradução de enunciados no inglês (John swept the house clean, She laughed him out of his patience, My mistress grumbled herself calm, John washed the soap out his eyes, The clock ticked the baby awake, John painted the house yellow) para o português⁴. Do enunciado de partida, *John swept the house clean*, selecionamos as seguintes traduções: John varreu bem limpa a casa; John varreu a casa até ficar limpa; John ficou varrendo a casa até conseguiu limpá-la bem. A escolha por esse tipo de dados se deu pela variação observada na superfície dos enunciados. Como ponto de partida, assumimos a hipótese de Pria (2014) de que a variação observada na superfície dos textos-alvo, antes de poder ser avaliada em termos da eficácia do trabalho do tradutor, deve ser considerada na sua articulação com as situações de enunciação também variáveis que cada tradutor levou em conta para passar do texto-origem para o texto-alvo. Definimos como objetivo estudar os princípios que regulam a variação observadas na superfície dos textos-alvo, e não a superfície por si mesma.

Através das manipulações que fizemos dos enunciados em nosso exercício de análise, observamos que as construções das quais os tradutores partiram em inglês, conhecidas como construções resultativas, são representações instáveis na relação cognitiva entre a linguagem e as línguas operadas por um sujeito. Há rastro de operação de outro sujeito. O tradutor investe nesses rastros de significação e colocará em funcionamento o seu trabalho cognitivo entre a linguagem e línguas, ou seja, entre as duas línguas. Ademais, há instabilidade entre os termos. Essa relação se instabiliza no processo de apropriação pelo sujeito em relação a situação particular. Verificamos que as diferentes estabilizações que cada tradutor alcançou para traduzir do inglês para o português e que a experiência de cada um deles com as noções instanciadas na léxis produziram resultados variáveis não só do ponto de vista da morfossintaxe, mas também do ponto de vista da significação dos enunciados, quando considerados no conjunto dos textos-alvo que compõem nosso *corpus* de pesquisa.

Ainda no mestrado, durante o processo de compreender e explicar alguns mecanismos de linguagem, chamou-nos a atenção a grande recorrência de um termo em específico. Tal termo foi o “até”, observado nas traduções, John varreu a casa **até** ficar limpa, Ela riu **até** tirar a paciência, Minha patroa reclamou **até** acalmar, John lavou seus olhos **até** sair o sabão, O relógio tocou **até** acordar o bebê e John pintou a casa **até** ficar amarela. Todas as traduções têm

⁴ Enviamos um formulário via e-mail a vários conhecidos nossos que sabíamos ter algum domínio da língua inglesa. Esse domínio vai desde o básico até o avançado. Naquele momento, consideramos que não era relevante para os nossos propósitos avaliar o domínio de língua de cada colaborador.

a marca “até”. Mas, naquele momento, não tínhamos espaço e nem tempo para estudar especificamente o “até”. Aqui, fechamos o “parêntese” da retrospectiva da dissertação.

Essa inquietação produzida pelo trabalho anterior desencadeou a busca de outro, e, a cada nova leitura, víamos florescer mais um projeto de trabalho, a pesquisa de doutorado. Diante da grande incidência do uso dessa marca nas traduções, decidimos, no doutorado, estudar “o funcionamento da marca “até” sob o enfoque da Teoria das Operações Enunciativas”. De início, algumas hipóteses motivaram o nosso trabalho. A primeira hipótese é a de que as construções resultativas em português brasileiro (doravante PB) talvez estivessem ligadas ao uso da marca “até”. A segunda hipótese, decorrente da primeira, é que não se observa na superfície dos enunciados de partida algum termo que tenha correspondência direta com o termo “até”. Para tanto, o nosso objetivo consistia em: construir um sistema de representação metalinguística para explicar como o termo “até” interage com termos que são constitutivos dos enunciados em língua portuguesa. Porém, essas duas hipóteses e o objetivo foram descartados.

Essas questões nos guiaram até um determinado momento. Isso quer dizer que aconteceu uma situação, por exemplo, em evento no qual apresentamos o nosso projeto de doutorado, nessa ocasião fomos questionados se sabíamos o nível de proficiência e a formação dos nossos tradutores/colaboradores. A resposta foi que não tínhamos essa informação com precisão, já que havíamos encaminhado os enunciados para os nossos amigos, colegas e conhecidos (alunos iniciantes, intermediários, avançado, professores e tradutores) para traduzirem e pedimos a essas pessoas que enviassem também a outras pessoas (não conhecíamos) que pudessem nos ajudar com a atividade de tradução. No doutorado⁵, consideramos a possibilidade de que o nível de proficiência pudesse afetar os resultados e decidimos averiguar.

Logo no início do doutorado, decidimos propor novamente a tradução do mesmo *corpus* que usamos no mestrado, mas agora com algumas informações acrescentadas. Definimos que os nossos participantes seriam os alunos do 1 semestre, 2 semestre, 5 semestre e 7 semestre de inglês do curso de Letras/inglês da UNEMAT, por dois motivos: o primeiro, obter informação sobre o nível de proficiência e a formação dos participantes da pesquisa. O segundo, verificar como os alunos em processo de formação e apropriação da língua inglesa traduziriam aqueles mesmos enunciados do inglês para o português. O contexto de realização desta pesquisa foi na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, *Campus* Universitário de Cáceres, nas dependências do curso de graduação em Letras.

⁵ No mestrado, não nos pareceu relevante solicitar o nível de proficiência da língua de partida.

A atividade de tradução trazia a seguinte informação: “Prezado aluno (a), agradecemos a sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível, você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo, inclusive, comentários entre parênteses, se assim o desejar”. Os seis enunciados destacados no cabeçalho do formulário foram os mesmos citados anteriormente: *John swept the house clean; She laughed him out of his patience; My mistress grumbled herself calm; John washed the soap out of his eyes; The clock ticked the baby awake* e *John painted the house yellow*. Respeitando e seguindo as normas do Comitê de Ética em Pesquisa (doravante CEP), no formulário, também existia um espaço para os alunos colocarem o semestre e o nível de proficiência, caso se sentissem à vontade para preencher. Já na escolha do nosso *corpus* de pesquisa, identificamos que nem todos os alunos nos retornaram os formulários com as traduções que havíamos solicitado, bem como nem todos mencionaram o nível de proficiência da língua inglesa⁶. Apesar disso, tivemos retorno de um número de formulários respondidos que foi satisfatório para que pudéssemos avançar com a pesquisa.

Feito todo esse trabalho de coleta do *corpus*, uma surpresa. A observação que sustentava o nosso projeto de doutorado não se confirmou. Nas traduções dos alunos, identificamos que o termo “até” não apareceu em nenhuma delas. Embora não tenhamos identificado a presença do “até” na nova coleta, constatamos um ponto em comum com o primeiro *corpus* (mestrado), quer dizer, foram várias as possibilidades de traduções, se considerarmos todo o conjunto de traduções realizadas pelos alunos. As possibilidades de traduções são: o despertador acordou o bebê, o tique-taque do relógio deixou o bebê acordado, o tique-taque acordou o bebê, o tique-taque do relógio despertou o bebê⁷. Já o incomum em relação ao material do mestrado é que, no *corpus* atual (tese), tivemos traduções termo a termo, com ausência de marcas de asserção.

Como relatamos no parágrafo anterior, deparamo-nos com um problema. Aquilo que havíamos proposto a trabalhar (o termo até) não apareceu no novo material de análise. O primeiro passo seria, obviamente, estudar mais uma vez o *corpus*. Ao fazer isso, verificamos dois modos de funcionamentos dos enunciados: ora há uma preponderância no resultado de um ato de alguma coisa que alguém/algo fez, mais designativo e menos processual (1a) Ele martelou o metal plano, 2a) John pintou a casa amarela, 3a) O tique-taque do relógio acordou

⁶ Seguindo os protocolos do CEP, deixamos à vontade para que os alunos registrassem o nível de conhecimento da língua inglesa. Aos que disseram, foram 29 alunos no nível básico, 5 no intermediário e 2 no avançado.

⁷ Por motivo de brevidade, nós exemplificamos apenas um dos enunciados com os quais trabalhamos.

o bebê) e ora há uma preponderância no ato de fazer alguma coisa, mais processual e menos designativo (1b) Ele martelou o metal até achatar, 2b) John pintou a casa de amarelo, 3b) O tique-taque do relógio acordava o bebê).

A hipótese de base e oficial é que mesmo com toda essa variação na superfície, os enunciados não chegam ao mesmo ponto de estabilização, mas ainda se aproximam em vários pontos do seu processo de construção. Isso ocorre em razão de propriedades invariantes da linguagem que perpassam a experiência subjetiva e a variação espaço-temporal de cada situação particular de enunciação. Nosso compromisso é buscar as invariantes processuais responsáveis pela variação, em outras palavras, analisar os modos variáveis como os aprendizes de inglês resolvem o problema da estabilização da representação em enunciados traduzidos do inglês para o português.

Para tanto, os nossos objetivos foram: construir um sistema de representação metalinguística, a partir de um nível mais profundo (a relação primitiva), passamos pelo nível intermediário (a relação predicativa), para remontar à superfície (a relação enunciativa), com intuito de mostrar a articulação dos processos generalizáveis com o particular, as construções resultativas traduzidas do inglês para o português; simular, formalmente, nas traduções, as invariantes de uma situação enunciativa, isto é, sujeitos enunciadores, espaço e tempo da enunciação, para mostrarmos que os sujeitos são os responsáveis por determinar, construir e reconstruir a significação numa situação particular; expor que o sentido é momentaneamente estável e só é construído pela linguagem, são as operações determinação, aspecto e modalidade que atribuem aos enunciados um valor referencial a cada contextualização singular.

Estamos inseridos num projeto que se orienta teórica e metodologicamente pela problemática construtivista (LOPES, 2006; FRANCKEL, 2011) dos processos de significação, que está fundamentada pela TOPE (CULIOLI, 1990; 1999a; 1999b). Essa proposta teórico-metodológica é coerente com a definição de linguística como a ciência cujo objetivo é apreender a linguagem através da diversidade das línguas naturais. Segundo Culioli, a invariante fundamental nesse quadro teórico é a variação experiencial com conteúdos e com formas de expressão.

Para tanto, esta pesquisa apresenta um conjunto de três seções, além dessa introdução, das considerações finais e das referências. As três seções estão organizadas da seguinte forma:

Na seção 1, “A linguagem compreendida através da perspectiva estática, o caso a CR”, mostramos que, uma linguagem formal, a linguística da língua (*la langue*), trabalha com valores polarizados e estáticos. A linguagem formal é um puro artefato, construído por meio de

definições *a priori*. Um dos princípios essenciais para a linguística da língua é a definição língua como sistema de signos, cujo funcionamento repousa sobre um certo número de regras.

Na subseção 1.1, “O que se entende por uma perspectiva estável da linguagem”, verificamos a defesa da linguagem como pura representação do pensamento. A linguagem perde toda convivência misteriosa com as coisas do mundo, ou seja, sua opacidade, para ser o objeto perfeitamente transparente de uma nova ciência, uma tentativa de todo estruturalismo e da gramática gerativa. A preocupação dos estudos estáticos, por motivos metodológicos, é ignorar o movimento, a dinamicidade, pois querem atingir a língua ideal, lógica, sem equívocos, sem ambiguidades. Essa perspectiva, amplamente explorada na literatura, descreve a referência como estável e imediata. Decorre daí uma correspondência “direta” dos enunciados às entidades externas à língua. Continuando o percurso dessa perspectiva, em “A tradução como transferência, transposição e reformulação⁸ de uma língua para outra língua”, nessa perspectiva, admitindo ou não, acaba por traduzir as palavras isoladamente uma das outras. O processo de tradução significa, portanto, decodificar o pensamento do autor em uma língua e recodificá-lo em outra. Segundo Arrojo, os autores da concepção tradicional acreditam ser “o texto original um objeto estável, “transportável” de contornos absolutamente claros, cujo conteúdo podemos classificar completa e objetivamente.” (2007, p. 12).

“O que se entende por CR dentro dessa perspectiva estável” é o título da subseção 1.2. E, já no início, apresentamos o que é o predicado secundário e por qual motivo eles se diferenciam dos predicados primários, segundo essa reflexão. Continuando o percurso, abordamos as sentenças que são chamadas de construções descritivas, isto é, estas construções os predicados estão orientados para o sujeito ou orientados para o objeto. Em seguida, mostramos que, nas construções tidas como resultativas adverbiais, o SAdj, em vez de descrever o resultado, modifica um estado final e não o objeto do verbo. Continuando o percurso, mostramos a pseudorelativa que se assemelha à resultativa adverbial por modificarem o estado final e não propriamente o DP. Por fim, apresentamos as construções resultativas, que têm em comum uma leitura de ação, a partir de um V principal, e o resultado manifestado no PS, tipicamente um SAdj ou PP sobre um DP.

Na seção 2 “A linguagem compreendida através da perspectiva dinâmica”, distanciamos-nos, da proposta que entende a linguagem como determinada. No enfoque dinâmico, a natureza da linguagem é indeterminada, opaca e dinâmica. O objetivo desta seção é mostrar que os arranjos das formas não remetem a valores estabilizados, mas “às operações de constituição de

⁸ Na perspectiva estável, a reformulação repousa no mesmo princípio de transferência, ou seja, é transferir uma mensagem de uma língua para outra, sem levar em conta os sujeitos e as situações particulares de enunciação.

valor referencial”. As unidades lexicais e gramaticais marcam apenas uma “grosseira direção”, mas são os sujeitos os responsáveis por determiná-las, construir e reconstruir a significação numa situação particular.

A subseção 2.1, “A teoria das Operações Predicativas e Enunciativas”, realizamos uma síntese do projeto teórico do linguista Antoine Culioli. Essa síntese também é parte do nosso esforço pela apropriação da perspectiva dinâmica, da problemática construtivista (LOPES, 2006; FRANCKEL, 2011), dos processos de significação. Ademais, admitimos que a maior parte desta tese tenha sido subsidiada pela orientação teórica e metodológica de Culioli. Ressaltamos a ênfase que foi dada, nesta seção, aos conceitos de língua, de linguagem, de atividade da linguagem, de operações construtivas do enunciado, de noção, de domínio nocional, de operações de quantificação e qualificação, de operações modais e aspectuais. Veremos, na seção 3, a articulação de alguns conceitos fundamentais desta seção com a análise de um conjunto de enunciados que designamos como nosso *corpus* de pesquisa.

Na subseção 2.2 “A opacidade constitutiva da linguagem: a construção do valor referencial na atividade de tradução”, o objetivo é familiarizar o leitor de outras perspectivas com a problemática construtivista, que rompe com a concepção de uma transparência original da língua em relação às ideias que permite exprimir. Um dos aspectos interessantes da proposta construída pela Teoria Operações Predicativas e Enunciativas, de Antoine Culioli, é que “a compreensão é um caso particular do mal-entendido.” Isso significa que o sentido só é construído pelo material verbal que lhe dá corpo e o constrói.

“A opacidade como constitutiva da atividade de linguagem” postula que o sentido não cessa em parte alguma para dar lugar ao sentido puro, nunca é limitada senão pela própria linguagem, o sentido é resultado de uma dinâmica e de uma organização própria à linguagem. Não se trata, portanto, de tomar o valor referencial como dado ou da ordem de um “já-sempre lá”, ao contrário, os valores referenciais são instáveis, dinâmicos e são construídos nos e pelos enunciados. O mesmo acontece em teorizar a tradução como um caso particular de paráfrase, o que implica assumir a impossibilidade da identidade semântica absoluta do texto-fonte com o texto-alvo, mas tomar “em termos de semelhança, de proximidade, de equivalência semântica.” (BIASOTTO, 2008, p. 59).

A seção 3, “Os modos variáveis como os aprendizes de inglês resolvem o problema da estabilização da representação em enunciados traduzidos do inglês para o português”, tem por objetivo mostrar que as categorias gramaticais, as unidades lexicais e os enunciados não são dados *a priori*, segundo a TOPE e a perspectiva construtivista, o sentido é construído no enunciado por meio das operações linguístico-enunciativas. Ainda que o sentido pareça se

repetir de uma representação para outra e que isso sugira estabilidade de sentido, a significação é construída pela interação verbal dos sujeitos. Durante as análises, verificou-se o fato de os enunciados estarem agrupados a dois modos de funcionamento: ora há uma preponderância no ato de fazer alguma coisa (mais processual e menos designativo) e ora no resultado de um ato de alguma coisa que alguém/algo fez (mais designativo e menos processual). Para alcançar os nossos objetivos, partimos de um nível mais profundo (relação primitiva) para remontar à superfície (relação enunciativa). Articulamos os processos generalizáveis da linguagem (invariância /operações enunciativa) com seis enunciados no português brasileiro (variação/ valores determinados provisoriamente e localmente). A partir desse sistema de representação metalinguístico, mostramos que o sentido momentaneamente estável são as operações determinação, aspecto, modalidade, que atribuem ao enunciado um valor referencial.

Por fim, temos as “Considerações Finais” da tese, na qual procuramos oferecer uma síntese das nossas reflexões.

1 A LINGUAGEM COMPREENDIDA ATRAVÉS DE UMA PERSPECTIVA ESTÁTICA, O CASO A CR

À transparência da linguagem, concebida por uma relação de adequação ao mundo e às ideias que ela permite exprimir, e que a situa relativamente à noção de um referente externo e “dado” (FRANCKEL, 2011, p. 54).

Introdução

A linguística é um campo do conhecimento e uma disciplina. A linguística enquanto campo do conhecimento, a história é bem mais antiga. Desde o momento que o homem começa a refletir sobre a sua língua e a língua do outro, já podemos falar em conhecimento sobre a linguagem. Temos, então, a linguística sendo trabalhada de modo mais aparente ou menos em outras ciências? E a linguagem humana, ela é tão englobante quanto imprecisa, pois não permite circunscrever um objeto de estudo especificamente linguístico? Esses são alguns dos questionamentos que repercutem no embaraçoso cenário da linguagem humana.

Enquanto disciplina autônoma é relativamente nova, se funda no início do século XX e “tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma.” (SAUSSURE, 2012, p. 305), precisamente as línguas naturais. Essa concepção é dos primórdios da linguística como disciplina, mas isso vai se alterando historicamente com o surgimento de outras teorias. Por exemplo, a linguística histórica, a linguística aplicada, a linguística cognitiva, a linguística da enunciação e tantas outras. A ciência linguística tem avançado muito e tem sido abordada sob inúmeros aspectos, desde os mais abstratos, que a reduzem a verdadeiras expressões lógico-matemáticas (descreve a língua a partir da própria língua, buscando autonomia enquanto método científico e, nessa medida, se afasta de um suposto conhecimento prévio do mundo ou do pensamento), até ao tratamento da linguagem em situações efetivas de uso, antes relegados a um segundo plano nas abordagens formais, agora, no âmbito da investigação da linguagem, o sujeito, o interlocutor, a enunciação passam a ser elementos fundamentais.

Tomando como referência a aceção de Jakobson, “a Linguística se interessa pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução.” (JAKOBSON, 2007, p. 34). Esses são alguns dos interesses dela. No entanto, sob muitas outras questões, requer ainda

que linguistas se debruçam sobre elas, uma vez que há muita confusão teórico-metodológica nesse terreno minado da linguística.

Em plano muito geral, a linguagem humana constitui, desde sempre, verdadeira fascinação. Nas palavras de Orlandi (2012, p.7):

O homem procura dominar o mundo em que vive. Uma forma de ele ter esse domínio é o conhecimento. Esse é um dos motivos pelos quais ele procura explicar tudo o que existe. A linguagem é uma dessas coisas. Ao procurar explicar a linguagem, o homem está procurando explicar algo que lhe é próprio e que é parte necessária de seu mundo e da sua convivência com os outros seres humanos. Por que falamos? Para que falamos? Como falamos? Por que as línguas são diferentes? O que são as palavras? O que elas produzem? Essas questões tocam diretamente o homem, e ele tem procurado dar-lhes uma resposta.

Como já afirmamos, “a sedução que a linguagem exerce sobre o homem existe desde sempre.” (ibidem, 2012, p.7). Apesar disso, não há consenso sobre a datação da sua definitiva origem. O interesse pela linguagem é antigo, mas as discussões são e sempre serão modernas, recentes, atuais, etc.

Além do mais, a linguagem nunca foi uma área exclusiva da Linguística. Pelo contrário, outras áreas, tais como a lógica, a medicina, a psicologia, a filosofia, a literatura e até mesmo a informática, dada sua significância, têm a linguagem como tema de estudo (ZAVAGLIA, 2002, p. 13). Todas essas áreas, ainda que sob perspectivas diferentes, reiteram o papel fundamental da linguagem na organização do pensamento humano.

Não faltaram estórias e histórias para demonstrar o interesse do homem pela linguagem. Segundo Orlandi (2012), na Grécia Antiga, os estudiosos da época já mantinham calorosas discussões para saber se as palavras imitam as coisas ou se os nomes são dados por pura convenção. Além disso, perguntavam se a linguagem se organiza como a ordem existente no mundo, ou seja, “seguindo princípios que têm como referência as semelhanças ou as diferenças?” (ORLANDI, 2012, p.8). Ainda conforme a autora, no século XIX, aparecem os estudos dos hindus, conhecidos pela sua agudeza no tratamento da linguagem verbal. Os interesses deles pela linguagem eram sempre motivados pelas questões religiosas, pois buscavam, através da palavra, uma relação mais íntima com Deus. Na Idade Média, os estudiosos procuravam construir uma teoria geral da linguagem, a partir de uma autonomia da gramática em relação à lógica.

Em um plano mais específico, uma linguagem formal (a lógica, a informática, a linguística da *langue*) trabalha com valores polarizados e estáticos. A linguagem formal é um puro artefato, construído por meio de definições *a priori*. Na verdade, os objetos são aquilo que

essas áreas querem que eles sejam. Aqui, a linguagem é orientada para fornecer um valor estável (normatizado e regular) sem relação com nenhuma alteridade.

Para Saussure e os estruturalistas, um dos princípios essenciais para a linguística da língua é a definição língua como sistema de signos, cujo funcionamento repousa sobre um certo número de regras. Segundo essa linguística, a língua é um princípio de classificação, a uma taxinomia dos elementos dos sistemas. Dentro da linguística estável, em uma língua, um signo só é possível se definir apenas no seio de um conjunto de outros signos. “Extraíndo o signo do sistema que lhe confere seu valor, privamo-nos, portanto, do único meio que se tem para definir sua existência linguística” (DUBOIS et al., 2006, p. 379). Ao caracterizar a natureza do signo linguístico, tal perspectiva estável, por razões metodológicas desconsidera a linguagem e, conseqüentemente, os indivíduos. Entendemos que ignorar “a relação estabelecida, por meio da linguagem entre os indivíduos e a realidade (física ou mental), decorrendo daí um questionamento que pode ser feito quanto à natureza do signo” (REZENDE, 2000, p. 35).

Os trabalhos situados numa perspectiva estável dizem respeito, principalmente, à existência de categorias já construída (signos, categorias gramaticais, tais como: predicado primário, predicado secundário, predicado secundário resultativo, etc.) independentemente da linguagem. Segundo Rezende (2000), nesses estudos estáticos, as unidades já existem porque encapsulam o conteúdo, e assim os mantêm em razão de um “corte artificial feito entre o resultado (o signo) e a sua gênese: uma prática, seja de interação verbal dos falantes de uma língua, seja de interação dos falantes com o meio ambiente.” (REZENDE, 2000, p. 12). Limitada pelo corte, as categorias gramaticais não captam o universo experiencial que lhe é subjacente.

Dentro da linguística da língua ou estável, a busca é pela objetividade, ou invariantes, excluem-se as variáveis⁹. Dessa forma, o conceito de sintaxe, aqui, separa o léxico e a gramática que, por sua vez, consistem em analisar as marcas gramaticais como elementos classificatórios. Na mesma linha de Rezende (2000), colocamos em xeque, portanto, a concepção neutra de forma de expressão, na qual os indivíduos e seu mundo experiencial “desaparecem e as sutilezas de expressão são comumente conhecidas como: estilo, desvio, variáveis sociolinguísticas, variáveis psicolinguísticas, linguagem conotativa, tropos, etc.” (2000, p. 41).

⁹ No entanto, a discussão sobre as variáveis reaparece dentro de algumas áreas específicas, como “a sociolinguística, a psicolinguística, a análise do discurso, a pragmática, etc., sem que haja, no momento, uma teoria (invariante, em um outro nível) que dê conta das variáveis, quer dizer dos estudos acumulados nesses domínios, permitindo a sistematização das observações e provocando novas observações mais fecundas” (REZENDE, 2000, p. 35).

Como visto, essa parte da pesquisa apresenta a análise de uma perspectiva do vínculo natural do signo e da coisa significada, cujo objetivo é a busca pelos universais das línguas, ou seja, a língua isolada do contexto em que é produzida. A língua concebida como um sistema de regras estáveis é o objeto perfeito para um campo do saber, a linguística. A proximidade que observamos entre esses estudos apresentados na subseção 1.1 e 1.2 se deve em função do diálogo dentro de um mesmo campo, que é a linguística da *langue*. A seguir, os temas que abordamos todos encontram abrigos nessa perspectiva estável.

1.1 O que se entende por uma perspectiva estável da linguagem

Os temas que serão [re]discutidos “CR”, “predicado secundário resultativo” e “tradução”¹⁰ mereceu nossa atenção, quando analisamos e concluímos que o assunto ainda tem muito a dizer àqueles que têm como herança a transparência original da linguagem, a referência enquanto uma correspondência direta dos enunciados às entidades externas à língua, a tradução como transferência, transposição e reformulação de uma língua para outra língua.

No campo da linguística da *langue*, a referência é compreendida como correspondência direta dos enunciados às entidades externas à língua. O referente é considerado como objeto do mundo. A maior dificuldade é justamente essa, a ideia das unidades e os enunciados da língua remeter ao mundo ideal em um sistema de correspondência, ou seja, por uma referência virtual. As unidades de análise linguística, sendo previamente estabelecidas, desconsideram a interação entre as unidades e as operações que são colocadas em jogo pelos sujeitos em cada contextualização particular. Esse posicionamento faz deles estudos pautados em determinismo, quer dizer, não operam com o conceito de plasticidade e maleabilidade oferecida pela linguagem.

Já a tradução é compreendida como um trabalho de codificação-decodificação. O texto ou a língua são comparados como baús, uma vez que são capazes de guardar a mensagem, o conteúdo e o sentido. Esse posicionamento ratifica a ideia de transparência na língua, pois o sentido sendo universal é possível passar de um texto para outro, de uma língua para outra. O alvo na perspectiva estável é a língua universal, sem a subjetividade, a falha, o erro, o mal-entendido, capaz de assegurar que o sentido não repouse em nenhum elemento de estabilidade.

¹⁰ Acreditamos que a oportunidade de vivenciar um reencontro com esse campo nos permitiu mais amadurecimento, quer dizer, nos proporcionou alargar e aprofundar um pouco mais de conhecimento sobre o que já era de um certo modo conhecido. Mas, por outro lado, não é tão simples rediscutir um assunto já conhecido e complexo, pois esses assuntos restringem o caminho a ser percorrido, delimitando temas e certas direções.

Nesse mesmo campo, existe uma relação de transparência e adequação das unidades da língua às ideias que permitem representar e que constituem, por si mesmas, representação do mundo. Isso quer dizer que a linguagem é determinada. A unidade linguística tem um conteúdo semântico estável *a priori*. Tal concepção será vista com mais detalhe a seguir.

1.1.1 A transparência original da linguagem

A transparência da linguagem encontra abrigo nessa concepção, cuja reflexão tem a seguinte expressão:

Pura representação do pensamento, a linguagem perde toda opacidade, toda convivência misteriosa com as coisas do mundo, para não ser mais do que o objeto perfeitamente transparente de uma nova ciência cujos princípios universais visam a definir apenas as condições de um *funcionamento*. No mesmo movimento, a problemática das línguas particulares muda radicalmente de natureza: as diferentes maneiras de falar deixam de ser os avatares malditos, problemáticos e degenerados da língua de Adão para ser somente o conjunto de usos arbitrariamente escolhidos por cada povo – segundo seus gostos e hábitos específicos, ou as circunstâncias de sua história – para expressar seus pensamentos. As línguas particulares não são nada mais do que os modos de ser possíveis e perfeitamente equivalentes de uma mesma linguagem. (FRANCKEL, 2011, p. 33).

A noção de transparência também é quase tão antiga na busca do conhecimento quanto as línguas e a linguagem. Esta noção, assim como a linguagem, são temas de investigações de vários estudos, em áreas distintas, como a linguística, a filosofia, a lógica e a literatura, dada sua significância aos aspectos que apresentam as relações entre a língua e a realidade, logo, tem apresentado muitas definições.

A noção de transparência está sempre ligada à noção de opacidade, a opacidade *versus* a transparência, a “propriedade do signo que permite evidenciar, através de si mesmo, o que representa, ocultando sua forma.” (FLORES, 2009, p. 232), ou como é também compreendida como o caráter previsível do significado a partir da forma. Mas, antes de falarmos do princípio da transparência, que consiste na correspondência entre forma e significado, falaremos brevemente da constituição da linguística e sobre o objeto “perfeitamente transparente” dessa nova ciência.

Do ponto de vista epistemológico, vale lembrar que “até o século XIX, não havia uma ciência que estudasse separadamente a linguagem, ficando, desta forma, este estudo vinculado à filosofia.” (MORAES, 2011, p. 40). Daí que a primeira hesitação subjacente à linguística era

concebê-la como uma ciência que se ocupa do estudo acerca dos fatos da linguagem, cujo precursor foi Ferdinand de Saussure¹¹.

Segundo Calvet (2002), “a linguística moderna nasceu da vontade de Ferdinand de Saussure de elaborar um modelo abstrato da língua, a partir dos atos da fala.” (CALVET, 2002, p. 11). Ciência recente, inaugurada no início do século XX¹², cada vez mais recebe o reconhecimento de “ciência estruturada”, não apenas por ser uma “linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2012, p. 305), mas por ser a uma linguística que inúmeros trabalhos têm resgatado a relação entre sujeito e língua.

Anterior a sua fundação, existiram dois momentos importantes: o século XVII, século das gramáticas gerais, e o século XIX, das gramáticas comparadas. No primeiro momento, século XVII, os estudos da linguagem são bem-marcados pelo posicionamento racionalista, em que os pesquisadores perscrutavam os estudos da linguagem como representação do pensamento. Dessa forma, eles defendiam que todas as línguas obedecem a princípios lógicos e racionais. Sob essa concepção, construíram as gramáticas gerais e racionais, sendo a mais conhecida a Gramática de Port-Royal. Para eles, a linguagem é:

regida por princípios gerais que são racionais, passam a exigir dos falantes clareza e precisão no uso da linguagem. Ideias claras e distintas devem ser expressas de forma precisa e transparente. A gramática que constroem deve funcionar com uma máquina que possa separar automaticamente o que é válido e o que não é. Uma espécie de autômato, regido pela lógica. O alvo que esses estudiosos querem atingir é a língua-ideal – língua universal, lógica, sem equívocos, sem ambiguidades, capaz de assegurar a unidade da comunicação do gênero humano. Não é difícil reconhecer já aí o sonho do homem moderno em ter o controle do mundo por meio das máquinas. Esse ideal, traduzido para a atualidade, é a língua metálica, a dos computadores, universal e sem “falhas”. (ORLANDI, 2012, p. 12).

O segundo momento é o século XIX, o da linguística histórica com as gramáticas comparadas. A busca pela língua universal e ideal (a perfeição) não é mais o objetivo dos estudiosos dessa época, mas a origem (*língua-mãe*)¹³. Para os interessados em linguagem, o que

¹¹ Saussure já tinha consciência de que a linguística não é a ciência de um objeto dado, mas a ciência de um objeto posto ou instituído por ela mesma. Logo nas primeiras páginas do *Curso de linguística geral*, revela sua preocupação em determinar o valor da linguística e de distingui-la de todas as outras ciências. Declara a necessidade que a linguística tem de, diferentemente de outras ciências”, preocupar-se em determinar a natureza de seu objeto de saber e de delimitar-se e definir-se a si própria (CARDOSO, 2003, p. 2).

¹² Conforme Orlandi: “Há um número enorme de fatos que mostram essa atenção que os homens de diferentes épocas sempre dedicaram à linguagem. Mas é só com a criação da linguística que essas manifestações da curiosidade do homem tomam a forma de uma ciência, com seu objeto e métodos próprios (ORLANDI, 2012, p. 9).

¹³ Segundo Orlandi (2012), é no século XIX que se descobre a semelhança entre a maior parte das línguas europeias e o sânscrito, ou seja, as línguas indo-europeias.

chama atenção, neste momento, é o fato de que as línguas se transformam com o tempo. E a contribuição das gramáticas comparadas foi revelar que as mudanças das línguas são regulares, têm uma certa direção e não dependem da vontade dos homens. Ou seja, as mudanças não são caóticas como acreditavam nos séculos passados, ao contrário, seguem uma necessidade própria e não se fazem de qualquer jeito.

O século XIX é tido como a escrita simbólica decisiva para a configuração da linguística como ciência. Apesar de a linguística ser uma ciência humana, os pensadores da época já valorizavam a metalinguagem formal como sua escrita própria “S-SN-SV”.

[...] a linguística chega a uma escrita formal rigorosa, integrável à teoria dos sistemas, da matemática. Mas essa não é uma questão pacífica para os que refletem sobre a linguagem. Há os partidários da formalização e os que consideram que ela deixa para fora os aspectos mais definidores da linguagem. (ORLANDI, 2012, p. 17).

A linguística de Saussure, tal como conhecemos hoje, é atravessada por algumas dessas tendências, para ser mais pontual, por uma tendência que se ocupa do percurso *psíquico* da linguagem; observando a “relação entre linguagem e pensamento”, busca-se saber como se estrutura o constante, o estável, o universal, chamado de formalismo, denominado também “imanentismo linguístico”, uma vez que o estudo da língua se encerrava nela mesma. No paradigma de análise da língua, Saussure instaurou as seguintes dicotomias: sincronia e diacronia, sintagma e paradigma, significado e significante, língua e fala.

Como projetado, o objeto de estudo de Saussure é a língua, e ela se diferencia dos demais fatos da linguagem. O estudo sobre linguagem é dividido, na perspectiva saussuriana, entre duas partes, de um lado, temos a fala (*parole*), de outro lado, temos a língua (*langue*), que é o social, trata-se de um sistema¹⁴ abstrato, homogêneo e autônomo. Para Saussure, os estudos da linguística só deveriam se ocupar dela: a língua¹⁵ (*langue*). Assim, a linguística ganha um objeto específico, fundamental para sua constituição enquanto ciência.

Segundo Saussure (2012), é impossível conceber a língua sem a linguagem. No entanto, o teórico esclarece que se deve ter o cuidado de não confundir uma com a outra, como se fossem a mesma coisa:

Confundir a língua com a linguagem, para o autor, seria um equívoco, pois a primeira é somente uma parte dessa faculdade mental que é a linguagem, caracterizada por ser heteróclita e multiforme e definida como um sistema de signos que exprimem ideias.

¹⁴ “Essa organização interna da língua, que Saussure chama de sistema, seus sucessores chamarão estruturas.” (ORLANDI, 2012, p. 23).

¹⁵ Saussure define, então, os conceitos de língua, valor e sincronia como base da linguística.

Desse modo, coube a Saussure definir o que seria o signo linguístico e as partes que o compõe. (ARAÚJO, 2015, p. 907).

Saussure explica que “a linguagem é a faculdade natural de usar uma língua, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional.” (CARVALHO, 2003, p. 17).

Para o estudioso, a linguística da fala diverge da linguística da língua. “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias” (SAUSSURE, 2012 p. 47), essas se definem nas relações que têm entre si. A língua é:

[...] ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos; é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. (CARVALHO, 2003, p. 11).

Ao contrário, a fala é caracterizada como:

[...] um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º) as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º) o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (SAUSSURE, 2012, p. 45).

No corte saussureano entre a língua e a fala, a primeira, segundo o genebrino, fornece segurança ao espírito de quem propõe estudá-la. A fala trata-se um elemento acessório, enquanto a língua é um elemento essencial. De acordo com Saussure (2012, p. 42), “A língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente”, ou seja, a língua é compreendida como um sistema de signos linguísticos, que funciona como leis internas e próprias, quer dizer que não se relacionam com o que lhe é exterior. Em seus estudos, não há lugar para o sujeito, pois ele é somente o usuário da língua. Logo, o funcionamento não depende do sujeito, porque a língua já está dada. Dessa forma, não se pode alterá-la, já que as relações criadas e mantidas entre os signos linguísticos é aquilo que a constitui. Além do sujeito, outras exclusões promovidas pela linguística foram: a subjetividade, a enunciação, o sentido, a referência, o mundo, a história. Atualmente, a semântica e a pragmática vêm procurando repor estas exclusões no seu objeto de investigação. Tem-se, então, segundo Orlandi (2012), outra tendência, o sociologismo, que busca estudar o percurso social, isto é, a relação entre linguagem e sociedade. Tal tendência “procura o que é múltiplo, diverso e variado” (ORLANDI, 2012, p. 17), uma perspectiva dinâmica, que é a teoria que adotamos, na qual procuramos repor também o que é ambíguo, opaco e falho.

A contribuição dos postulados de Saussure foi parcial, pois muitas coisas do vasto campo ficaram em segundo plano, e essas exclusões (a história, o referente e o sujeito) foram retomadas por pesquisadores distintos, como Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin, Oswald Ducrot, Antoine Culioli, entre outros. E a que se deve essa parcialidade que ajudou a jogar para segundo plano essas questões?

Orlandi (2012) destaca que não foi sem dificuldades que a reflexão sobre a linguagem conseguiu se impor como ciência. Um exemplo dessa dificuldade é que, para o nascimento da nova ciência “linguística”, Saussure “teve de demonstrar o apuro de seu método e a configuração precisa de seu objeto.” (ORLANDI, 2012, p. 9). Os linguistas dizem que Saussure proporcionou o surgimento da linguística de seu tempo, um plano puramente formal, mas que ainda perdura em muitas teorias até hoje. Como bem lembra Dillinger:

[...] os formalistas tratam a língua como objeto descontextualizado, enfatizando aspectos internos de seus constituintes e das relações entre eles, mas sem abordar as relações entre os constituintes e seus significados. Nessas perspectivas, são comuns afirmações como a língua é um sistema de sons ou a língua é um conjunto de frases ou ainda a língua é um sistema de signos. Assim, parece que tanto a gramática gerativa, em suas diferentes versões, como o estruturalismo saussuriano, ao menos na versão da Glossemática de Hjelmslev, aparentam comportar a formalização do objeto língua. (DILLINGER, 1991 apud FLORES, 2008, p. 13).

O desenvolvimento da linguística estruturalista deve muito também à existência dos *círculos linguísticos*¹⁶, em especial, o círculo de Copenhague (doravante, CPC), iniciado em 1931, e o círculo de Viena (doravante, CLV), iniciado em 1922. O CPC leva em consideração a “lógica-matemática”, pois o objetivo era a elaboração de uma teoria linguística universal:

As aplicações práticas são raras, pois o que interessa aos membros desse círculo é produzir uma radicalização abstrata e logicista do pensamento de F. de Saussure. É nesse contexto que o dinamarquês L. Hjelmslev (sentido segundo), produzindo uma separação estanque entre o plano lógico da comunicação e o plano afetivo de efeito poético. Razão e emoção estão separadas categoricamente nessa reflexão linguística. (ORLANDI, 2012, p. 33).

O CLV, a tendência universal da língua, obedecendo a princípios lógicos e racionais do século XVII, rejeita a irracionalidade, por meio de uma reforma em direção à língua. Essa política da razão faz uma divisão categórica: de um lado, enunciados dotados de sentidos, de outro, enunciados não dotados de sentidos. Tal divisão tem sua consequência na linguística, pois ficam excluídos o equívoco, a *nonsense* e ambiguidade.

¹⁶ Os círculos linguísticos constituíam-se de grupos de pesquisadores, e o objetivo era discutir a linguagem sob diversas perspectivas.

Obviamente, os interesses e os focos da tendência universal da língua são:

Ideologia da comunicação precisa, do lógico, do universal, instaura uma concepção de língua completamente asséptica, formal e transparente: a língua metálica dos compêndios de ensino de línguas (as línguas básicas), a mesma de que fala a literatura (1984, de Orwell), a ficção científica, certas gramáticas e os projetos que visam administrar a comunicação entre homens, dotando-os de uma linguagem racional, depurada e sem os “indesejáveis” efeitos da afetividade. (ORLANDI, 2012, p. 36).

Essa nova abordagem clássica inscreve-se em uma reflexão que tem a linguagem, antes, como espelho e reflexo do pensamento. A linguagem e o pensamento emergem e se desenvolvem simultaneamente. Em qualquer caso, a linguagem como instrumento principal ou secundário, “concebe-se como um *auxiliar* do pensamento.” (FRANCKEL, 2011, p. 33, grifos do autor).

No artigo, “Referência, referencialização e valores referenciais”, Franckel (2011) discute “uma transparência original da linguagem”, ao mostrar que existe para a abordagem clássica “em teoria, uma transparência da linguagem em relação às ideias.” (FRANCKEL, 2011, p. 33). Disso resulta que “as ideias e as palavras estão em coincidência perfeita e cada termo denota uma ideia. Legalmente, a linguagem permite tudo conceber e tudo expressar”. Observe-se, por exemplo, que o grau de perfeição de uma língua só dependerá “da precisão e da fidelidade com as quais ela se revela capaz de ‘pintar’ as ideias e suas articulações na atividade do pensamento.” (FRANCKEL, 2011, p. 33). Quanto à questão do referente e do vínculo da linguagem e do mundo, são colocadas em segundo plano, como veremos na próxima subseção.

No postulado da representação das ideias é em seu fundamento, transparente e repousa em vínculos imediatos. Na prática, a linguagem aparece como absolutamente não confiável. Ainda, a linguagem é estabelecida como “um mal necessário, suscetível, na realidade do funcionamento de uma ou outra língua particular, de deformar o pensamento e de refreá-lo” (FRANCKEL, 2011, p. 34).

Do ponto de vista racionalista, a linguagem pode deformar o verdadeiro pensamento e colocar obstáculo aos raciocínios rigorosos, assim impedir o verdadeiro conhecimento. Postura não diferente assumem os empiristas, que entendem que “os termos gerais dados pela linguagem podem, da mesma forma, ser enganadores pelo fato de não haver uma contraparte empírica na realidade concreta que corresponda à generalização” (FRANCKEL, 2011, p. 34). Ocorre, nestes casos, uma verdadeira desconfiança em relação às chamadas “línguas naturais”:

Consideradas fontes de confusão para o pensamento, por fazerem conhecer o mundo por meio de suas próprias categorias e suas próprias construções, variáveis conforme

as línguas e inutilmente complicadas aos olhos da lógica, que é universal. Na prática, o princípio de equivalência das línguas particulares, central na teoria geral da linguagem como representação do pensamento, torna-se difícil de se realizar quando se considera a diversidade das línguas (FRANCKEL, 2011, p. 34).

Segundo Franckel (2011), nessa abordagem, a linguagem é comparada a uma estrutura lógico-matemática que extingue a ambiguidade, movimentos acidentais, com intuito de assegurar “a estabilidade e a clareza perfeitas da qual, por princípio, ela provém.” (p. 34).

Para Condillac (1978), na introdução de “A língua dos cálculos”, “toda língua é um método de análise, e todo método de análise é uma língua”. Conforme revela, nesses casos, existe uma unidade que é inseparável tanto da língua quanto da lógica. Franckel (2011) diz que Beauzée, assim como o programa de Condillac, inscrevem-se na perspectiva da gramática geral de natureza lógico-matemática, defendendo que suas leis são de natureza universal. Essa é a concepção que permite, por exemplo, a seguinte ideia:

Desvencilhar as línguas da gangue parasita que as especificidades contingentes de cada uma constituem para encontrar, com ajuda de uma formalização de tipo lógico-matemática, uma organização sintática e semântica que seria da ordem de uma pureza original e universal, emanação direta da organização dos processos mentais (FRANCKEL, 2011, p. 10).

Como afirmou Franckel (2011), os modelos formais são concebidos como o lugar de um encontro ideal, ou melhor, “de uma coincidência entre a estrutura geral das línguas e a estrutura do espírito.” (p. 36). As formas efetivas sempre foram, para a concepção de universalidade, secundárias e não pertinentes, já que são vistas como desvios à forma ideal. Isso porque são tidas como “materializações localmente divergentes de uma arquitetura formal que não emana delas, mas de algo do qual se postula constituírem o efeito, senão o reflexo” (FRANCKEL, 2011, p. 36).

A noção de transparência é muitas vezes tratada como sinônima de isomorfismo e também como iconicidade,¹⁷ “caso seja possível depreender o significado da forma, a relação é transparente.” (CAMACHO *et al.*, 2017, p. 225). Leufkens (2015), tomando uma posição diferente, diz que o isomorfismo¹⁸ e iconicidade não são exatamente o mesmo que transparência. Segundo Camacho *et al.* (2017):

¹⁷ Segundo Leufkens (apud CAMACHO *et al.*, 2017, p. 225), é possível compreender a noção de iconicidade a partir de dois modos: “refere-se à previsibilidade de um significado a partir de sua forma, ou seja, se uma forma é icônica, pode-se inferir seu significado (ou parte dele) a partir de sua forma fonológica, caso, por exemplo, das onomatopeias, em que o som da palavra parece imitar o significado pretendido”.

¹⁸ Em linguística, diz que há isomorfismos quando duas estruturas de ordens diferentes apresentam o mesmo tipo de relações combinatórias, quer dizer, as leis combinatórias dos morfemas são idênticas às leis combinatórias dos semas, ou seja, as unidades da sintaxe correspondem às unidades da semântica. “Dito de outro modo, o

O termo “relação um-para-um”, empregado por Leufkens (2015) na definição de transparência, faz referência às noções algébricas de homomorfismo e isomorfismo. Segundo a autora, ocorre homomorfismo quando as unidades de algum conjunto são estruturalmente idênticas às unidades de outro conjunto, e isomorfismo, quando é bidirecional a relação entre dois conjuntos (Leufkens 2015), o que sugere, portanto, biunivocidade. (CAMACHO *et al.*, 2017, p. 225).

No entanto, as pesquisas sobre arbitrariedade e iconicidade, segundo Camacho *et al.* (2017), representam apenas “a porta de entrada para a compreensão da transparência das línguas e sua consequente contribuição para diversos estudos linguísticos”.

Para Hengeveld (2011), a transparência é uma relação de um para um entre forma e significado. Souza (2015) também define a transparência como uma equivalência ideal entre o significado e a forma, “uma relação igualitária entre a noção semântica e a forma pela qual ela se manifesta.” (SOUZA, 2015, p. 40).

Mas, segundo Souza (2015), a transparência acontece à medida que uma noção semântica se manifesta em uma forma apenas, como, por exemplo, um morfema, uma palavra ou uma unidade. Onde temos um para um, quer dizer, um significado para uma forma, tem-se uma relação de transparência. Ao contrário, uma relação que não estabelece equivalência, tal como a relação de um para dois (uma relação semântica para duas formas), ou nenhuma unidade semântica para uma forma (relação de zero para um), é considerada como não transparente.

Junto a isso, a noção de transparência é também associada ao significado e à palavra, que se baseia na relação de referência entre palavra e coisa. Souza, citando Couto e Mello, diz, desta forma, “vai na direção da concepção de que a língua existe para falarmos do mundo, de que ela é como os membros da comunidade comunicam entre si, verbal ou gestualmente.” (COUTO; MELLO, 2009 apud SOUZA, 2015, p. 39).

De acordo com Souza, no paradigma funcionalista, a língua é definida como instrumento de interação social entre os seres humanos. Partindo de uma suposição, segundo ela, para atender aos requisitos da idealização, a língua poderia ser “uma relação perfeita, de um-para-um entre significado e a forma, ou seja, ser um instrumento transparente”. Porém, como bem pontua:

A língua não é uma ciência exata que se condicione ao logicamente ideal e, por essa razão, encontramos várias estruturas nas línguas do mundo que violam tal princípio: então chamadas não transparentes ou opacas. Uma língua é totalmente transparente à

isomorfismo é definido como a correspondência de um-para-um entre forma e significado e, nesse sentido, fenômenos como sinonímia e homonímia constituem violações a essa correspondência” (CAMACHO *et al.*, 2017, p. 225).

medida que tal violação não ocorra. Tal língua provavelmente não existe – toda língua viola a transparência de alguma forma em sua gramática. Contudo, as línguas podem exibir diferentes graus de (não) transparência (LEUFKENS (2013). A maioria das línguas encontra-se abaixo do que seria considerado um grau de transparência total e muitas exibem um alto grau de opacidade. (SOUZA, 2015, p. 40).

Essa tendência de língua transparente não é isolada. Foi igualmente defendida por outros pesquisadores ao longo do tempo. Como vimos, não é novidade nos estudos sobre transparência mencionar a opacidade, e vice-versa. A esse respeito, Nunes e Flores (2019, p. 553) afirmam: “vários são os especialistas que evocam a dupla – normalmente filósofos, lógicos e, com menor frequência, linguistas – para tratar de aspectos que tocam as relações entre a língua e a realidade”.

A tese de Récanati é incompatível com o que denomina de representacionalismo:

[...] uma teoria da significação “cujo ponto de partida é o reconhecimento do fato (incontestável) de que as palavras, os enunciados e, mais geralmente, os signos são coisas por intermédio das quais podemos falar de outras coisas” (RÉCANATI, 1979, p. 7-8). Ora, o “representacionalismo”, para explicar que os signos (coisas) podem, de alguma maneira, representar outras coisas, atribui aos signos a propriedade da transparência perante essas coisas. Quer dizer, enunciados e signos são transparentes porque representam, significam outras coisas que não são eles próprios. Nessa perspectiva, ignora-se que o enunciado é, em virtude de sua própria enunciação, um fato. Por esse motivo, considera-se, também, que o signo e o que ele representa ou significa não podem ser levados em conta simultaneamente, mas apenas alternativamente. Se assim não fosse, o signo deixaria de ser transparente, opacificando-se: “se se leva em conta o que o signo é como coisa, ele se torna opaco e perde sua virtude representativa; disso, resulta que um signo não pode se autorrepresentar reflexivamente.” (RÉCANATI, 1979 apud NUNES; FLORES, 2019 p. 554).

Récanati desconstrói a ideia de que a “teoria clássica do signo – a que não está ligada à noção saussuriana de arbitrariedade – não pode se furtar a enfrentar o paradoxo que lhe é constitutivo”, defendendo justamente o contrário: “o signo deve estar ao mesmo tempo presente e ausente para representar a coisa significada.” (RÉCANATI, 1979 apud NUNES; FLORES, 2019 p. 554). Portanto, o signo (a coisa representante) dá acesso à coisa representada, quando o ignoramos como signo, quer dizer, quando esquecemos que o signo está presente. Os autores destacam que Récanati define essa relação como o “paradoxo da presença-ausência do signo”. Para elucidar o que se tem dito, segue a explicação de Récanati:

Veem-se [...] alguns dos problemas que a noção de signo levanta: quando se lê um livro, não se presta atenção aos caracteres, mas ao que eles representam. Ao contrário, prestando atenção aos próprios caracteres, perde-se de vista o que eles representam. Há aí alguma coisa de paradoxal: de um lado, para aceder à coisa representada, deve-se recorrer ao signo, à coisa representante, porque nós conhecemos a coisa representada por seu intermédio; mas, de outro lado, deve-se fazer abstração do signo,

da coisa representante, para aceder àquilo que ela representa: deve-se fazer como se o signo não existisse, deve-se tratá-lo como nada. (RÉCANATI, 1979 apud NUNES; FLORES, 2019 p. 554).

A esse respeito, Récanati apresenta o seu argumento sobre o paradoxo do signo: o signo só funciona à medida que é interpretante de algo (o interpretado), isto é, quando ao mesmo tempo reflete na representação, pois precisa ser visto relativamente à simultaneidade que o caracteriza. Para Récanati (1979), se o signo for conduzido assim, portanto, ele será transparente e opaco e descobrirá e encobrirá a coisa significada.

Para além desse argumento, o autor faz duras críticas contra o “representacionalismo”: “há diferentes maneiras de se pensar a oposição transparência/opacidade, mas o representacionalismo aproveita esta ambiguidade para impor sua falsa alternativa da transparência e da opacidade concebidas em termos absolutos” (RÉCANATI, 1979 apud NUNES; FLORES, 2019 p. 555). Para Récanati, o signo é ao mesmo tempo *transparência-cum-opacidade*, em outras palavras, a transparência ou a opacidade é sempre relativa.

Segundo Récanati (1979), é preciso distinguir:

“o que as palavras representam e o que elas significam” (RÉCANATI, 1979, p. 86). E acrescenta: “é por intermédio de seu sentido que as palavras remetem ao que elas representam” (RÉCANATI, 1979, p. 86). Logo, o sentido de uma palavra nunca desaparece perante o que ela representa, e isso nem mesmo em expressões referenciais clássicas como os nomes próprios. O sentido de um nome próprio não desaparece diante da coisa a qual ele designa; quando um nome próprio é utilizado, ele exprime seu sentido e representa, por seu intermédio, sua referência. A isso, acrescenta o autor que não se pode acessar o que representa uma expressão (até mesmo as referenciais clássicas) se não se leva em conta o que essa expressão é, em si, enquanto ocorrência material espaço-temporalmente determinada, ou seja, enquanto “coisa”: “é o sentido dessa expressão que, enquanto modo de apresentação de sua referência, se reflete sobre a ocorrência da expressão da qual ele é o sentido, e convida o destinatário do enunciado a levá-la em consideração” (RÉCANATI, 1979, p. 87). Consequentemente, o sentido implica a eventualidade da ocorrência do enunciado e a coloca em cena. Assim, “o sentido do signo não desaparece diante do que representa, e o caráter de coisa do signo tampouco, porque ele se reflete no seu sentido.” (RÉCANATI, 1979 apud NUNES; FLORES, 2019 p. 555).

Diante do que foi dito anteriormente, a definição de transparência para Récanati é a propriedade do signo que permite evidenciar, através de si mesmo, o que representa, ocultando sua forma. Desse ponto de vista, o signo pode ou não ocultar aquilo que representa. Um exemplo muito utilizado para explicar a transparência é o mapa, que pode ser observado a partir de duas formas. Na primeira, o mapa pode não ocultar o que representa, quer dizer, é compreendido como “uma representação de algo como os aspectos geográficos e políticos de uma região (contexto transparente).” (FLORES *et al.*, 2009, 232). Na segunda, o mapa pode ocultar aquilo que representa, nesse caso, “ele poderia passar a ser visto como um objeto, como um quadro ou

um pôster (contexto opaco)”. Dessa forma, segundo Récanati (1979), só assim podemos falar em transparência, quando o signo oculta a sua forma e evidencia apenas a coisa representada.

Tanto Récanati (1979) quanto Nunes e Flores (2019) rompem com essas polarizações em termos de oposição estanque entre transparência e opacidade. Segundo Nunes e Flores (2019), trata-se mais de uma “implicação entre transparência e enunciação, pois a enunciação se reflete no sentido do enunciado. É nessa direção que se estabelece uma alteridade radical”, pois, segundo os autores, “o falante está sempre implicado, eclipsando o ideal de transparência (NUNES; FLORES, 2019, p. 556).

Daí a ideia, a qual voltaremos, seria mais certo dizer que a nova ciência, a linguística, buscando autonomia enquanto método científico, apoiada na concepção de que a língua é um sistema formal de “signos”, não deu importância aos aspectos simbólicos da linguagem. Por conta disso, descreve a língua a partir da própria língua, ou estuda o signo apenas na sua ordem estritamente formal, “perdendo-se com relação à teoria dos signos a vantagem que esta tem de colocar o problema de uma relação essencialmente dinâmica entre a linguagem, o pensamento e a realidade” (CARDOSO, 2003, p. 21). Dentro desse universo da linguística da língua, além da natureza determinada e transparente da linguagem, outra questão também está inscrita nessa concepção é a referência. Segundo esse ponto de vista, a referência deve ser entendida como imediata e o referente estável, sobre a qual discorreremos a seguir.

1.1.2 A referência e o referente

De um modo geral, segundo Franckel (2011), a referência pode ser compreendida como:

[...] a função que permite às unidades e aos enunciados da língua remeter ao mundo real ou ideal em um sistema de correspondência que, na perspectiva clássica, tende a ser concebido com estável e imediato. Ela decorre de uma relação de transparência e adequação das unidades da língua às ideias que permitem representar e que constituem, por si mesmas, representações do mundo. (FRANCKEL, 2011, p. 31).

Atualmente, entretanto, estudos têm se dedicado à questão de referência relativa “à concepção clássica da transparência original e da estabilidade fundamental das relações entre linguagem e pensamento” (FRANCKEL, 2011, p. 31), pelo fato de crerem “não existir sentido separado da língua, ou melhor, fora do próprio enunciado.” (LOPES, 2000, p. 4). É o caso da abordagem construtivista, a qual postula uma relação entre “forma-sentido fundamentada nas operações de referenciação e de produção de valores referenciais para as quais o sentido não

repousa em nenhum elemento de estabilidade que não seja proveniente de uma construção enunciativa.” (FRANCKEL, 2011, p. 31).

Na história da Filosofia e da Linguística, a referência ocupa um lugar central, principalmente aos que trabalham na perspectiva estável. Evidentemente, as definições e as reflexões sobre a referência vão ganhando inspirações de acordo com os pressupostos teóricos oriundos de algumas áreas¹⁹, mas principalmente da filosofia e da linguística. Estudos mais recentes reconhecem o avanço exponencial das pesquisas linguísticas sobre tal assunto. No entanto, não são raros os problemas comuns que afetam ambas áreas, como por exemplo: a questão da verdade nos enunciados, a questão da alteridade do referente com relação aos sentidos da linguagem. Em suma, podemos dizer que, “um objetivo comum aos linguistas, mas não somente à lógica e à filosofia, a questão da alteridade do referente com relação aos sentidos da linguagem se coloca a qualquer disciplina que investiga a linguagem sob quaisquer aspectos.” (CARDOSO, 2003, p. 1). Pois, como afirmaram Dubois *et al.*, em “Dicionário de linguística”, “a função referencial é essencial à linguagem” (DUBOIS *et al.*, 2006, p. 511).

No geral, o termo referência é a função pela qual um signo linguístico se refere a um objeto do mundo extralinguístico, real ou imaginário.

Segundo Guimarães (2010), para Frege e Davidson, “a referência é uma relação da linguagem com um objeto” (p.73), enquanto Strawson, Grice e Searle entendem “a referência como ato de um sujeito de particularizar um objeto do mundo” (p.73). Guimarães diz que, nestas duas posições, a referência particulariza um objeto do mundo. Ainda conforme o Guimarães, para posição “formal ou intencional, psicológica, o referente é considerado como objeto do mundo. Têm-se duas concepções de referência e uma só de referente.” (GUIMARÃES, 2010, p. 73).

A posição de Ducrot (1984) defende que o referente da linguagem não pode ser tratado como objeto por si no mundo, porque, apesar da exterioridade do objeto, este é constituído de algum modo pela linguagem.

No entanto, para atender ao paradigma da referência como função de um sistema de correspondência entre língua e mundo de modo estável e mediato, é preciso considerar alguns aspectos: as unidades da língua são dotadas de uma homogeneidade, o extralinguístico e o mundo fenomenológico atribuem sentidos, o sentido das palavras e dos textos é externo à língua.

¹⁹ A saber, a referência também ora é incluída na lógica e na psicologia, ora é renegada, ou seja, “sendo tratado de maneira relativa à especificidade de cada disciplina.” (CARDOSO, 2003, p. 1).

A relação entre a linguagem (um dizer) e uma exterioridade (um não dizer) é fundamental para que a linguagem tenha o seu valor e não se encerre nela mesma, isso é o que se define como referência. Nos estudos sobre referência é comum trazer à baila o referente, e vice-versa. O referente é objeto que a linguagem visa descrever, transformar ou até mesmo constituir. O referente é importante para que a palavra adquira um valor e não se volte para si mesma, mas para algo que lhe é exterior.

Segundo Cardoso (2003), como é possível conceber a exterioridade/alteridade se o referente é, ao mesmo tempo, constituído pela palavra que fala dele, quer dizer, ficando inscrito nela. Um esclarecimento para essa questão é que, na história dos estudos da língua, sempre existiram tentativas de resolver o problema ou evitar a relação entre as palavras e as coisas. É por essa razão que as respostas das disciplinas para tal dilema não têm sido as mesmas. A autora acredita ser nesse ponto que se instaura a diferença nos posicionamentos das disciplinas.

A saber, a concepção de signo por Saussure, diferentemente da concepção clássica de signo, quer dizer, da filosofia da linguagem do século XX, busca o valor do signo em outro ponto, onde a representação não entra. Não havendo a existência da representação, o referente fica excluído do signo. Houve, no entanto, todo o estruturalismo que veio depois de Saussure, o qual pagou um alto preço pela exclusão do referente. Isso chega a ser questionado: “É possível fazer a língua funcionar sem o referente? É possível uma língua funcionar circunscrita aos seus próprios limites?” (CARDOSO, 2003, p.12).

Na primeira parte do *Cours*, a respeito do conceito de significação, é importante observar que de algum modo os objetos do mundo foram incluídos. Contudo, indo mais além, na segunda parte, esses objetos são excluídos a despeito do conceito de valor saussuriano. Trata-se de uma reflexão saussuriana, na qual a questão da referência paira numa antinomia mal resolvida: a língua inclui e não inclui os objetos do mundo. Podemos entender esses posicionamentos como marcas de uma confusão que naufraga.

À linguística moderna opõe-se a tradição clássica. Em primeiro lugar, por não confundir o signo com o significante, mas por definir o signo linguístico como “a união do significante com o significado.” (ARAÚJO, 2015, p. 906). Em segundo lugar, por excluir o referente. Sendo assim, pode-se dizer que o signo não se encontra no triângulo, constituído da relação entre palavra, significado e referente. O signo de Saussure é inovador com relação ao signo da tradição clássica. Constituído sem referente, contém apenas dois elementos: significante e significado e, conseqüentemente, ausente de um possível terceiro elemento, o referente ou “a coisa representada”. No entanto, toda herança conceptual ainda vem presa ao “signo dos clássicos”.

Há que se considerar, no entanto, segundo essa perspectiva, nada garante que “a coisa significada” deixe de estar presente de alguma forma no signo. E o que se deduz é a existência do referente no signo de uma maneira indireta, que rejeita a assimilação entre significado e referente.

A polêmica acima resume o dilema da linguística saussuriana, desde o início do *Cours*, Saussure já alertava sobre o significado, que, definido como conceito, nada tem a ver com as coisas da realidade. Fica claro, pelas palavras de Cardoso, que, para ela:

Esta maneira negativa de estar é imposta pela distinção que Saussure faz entre dois níveis semânticos, um interior ao signo (significado) e outro exterior (referente), correspondentes a duas zonas diferentes da realidade, a linguística e a extralinguística. Essa distinção bem marcada entre o significado (linguísticos) e as coisas (referentes da realidade), com a subsequente extradição do referente, parece ter sido a primeira solução encontrada por Saussure para escapar ao dilema da referência, já colocado acima, e garantir a independência da língua com relação à realidade. Distinção ou designação, no entanto, difícil de se sustentar. Como falar em representação ou designação sem as coisas da realidade? Toda a tradição linguística e filosófica não vinha afirmando que as palavras falam das coisas, que entre as palavras e as coisas existe um vínculo de representação e designação. (CARDOSO, 2003, p. 14).

Postura diferente assume Saussure, quando diz que as palavras designam conceitos, quer dizer, Significante: Imagem acústica, representação mental (de natureza psicofísica) do vocábulo; significado: Imagem psíquica, conceito ou representação mental que a imagem acústica evoca no falante e não diz que as palavras designam as coisas. Quanto aos clássicos, diziam que palavras designam o pensamento. O princípio que determina é que a linguagem é análise do pensamento e só pode ser compreendida pensando na relação em que as palavras designam as coisas.

Fato curioso a ser observado é que, Benveniste (1988a) acusa Saussure de não dar conta da tarefa que ele propôs. Na verdade, o referente é explicitamente extraditado na definição inicial de signo, porém aparece “sub-repticiamente” quando a “arbitrariedade do signo é de fato concebida na relação do signo com a realidade”. Isso se depreende neste trecho em Benveniste:

Acabamos de ver que Saussure toma o signo linguístico como constituído por um significante e um significado. Ora – isto é essencial – ele entende por “significado” o conceito. Declara literalmente (pág. 100) que o “signo linguístico une não uma coisa a um nome, mas um conceito a uma imagem acústica”. Garante, logo depois, que a natureza do signo é arbitrária porque não tem com o significado “nenhuma ligação natural com a realidade”. Está claro que o raciocínio é falseado pelo recurso inconsciente e sub-reptício a um terceiro termo, que não estava compreendido na definição inicial. Esse terceiro termo é a própria coisa, a realidade. Saussure cansou-se de dizer que a ideia de “soeur” não está ligada ao significante s-o-r, porém não pensa menos na realidade do que na noção. Quando fala da diferença entre b-o-f e o-k-s, refere-se, contra a vontade, ao fato de que esses termos se aplicam à mesma realidade. Eis aí, pois, a coisa, a princípio expressamente excluída da definição de

signo, e que nela se introduz como um desvio e aí instala para sempre a contradição. (BENVENISTE, 1988a, p. 54).

Por estar no nível da linguística da língua, Saussure somente reconhece de fato a relação entre palavras e as coisas na origem da linguagem. Posteriormente, para ele, essa relação não faz mais sentido, já que argumenta que recebemos a língua pronta, apenas enquanto produto e não processo. Segundo essa perspectiva, não tivemos acesso “historicamente” ao momento do contrato de nomeação, quer dizer, o contrato já foi estabelecido pelos ascendentes e nós apenas o herdamos. A relação entre signo e realidade encontra-se resolvida, acabada (um vínculo consagrado). Por essa razão, o referente não tem nenhuma pertinência teórica, e sendo assim, não há mais motivo em mantê-lo.

Saussure não aceita de forma alguma a relação entre língua e sociedade se colocarem em relação contínua, ao contrário, ele a anula. O processo ininterrupto “da língua pela realidade e/ou da realidade pela língua” não é compatível com um modelo que entende a língua apenas como produto. Em outras palavras, como um jogo de diferenças no interior de um sistema sincrônico. Desse ponto de vista, falar em sistema é definir um interior, ou seja, uma ordem própria da língua.

Embora Saussure admita a linguística diacrônica e a linguística sincrônica, era impossível, segundo ele, estudar a língua “ao mesmo tempo nas relações do tempo e do sistema”. Para defender essa posição, Saussure recorre a uma oposição radical entre ponto de vista sincrônico e diacrônico. O signo da sincronia é o signo sem o referente, cujas relações já foram consagradas e estabelecidas. Esse tipo de relação não consegue trabalhar a língua no seu processo com a história. E, ainda: “o referente traria de volta o evento, a particularidade, o que poderia subverter a própria ordem do sistema, para a qual o tempo não é um valor.” (CARDOSO, 2003, p. 26). Quanto à questão da referência, pertence a um caráter representativo da linguagem. Assim, na observação da autora, a representação é imposta pela convenção, tanto para Saussure como para os clássicos.

Frege (1978) investiga o sentido e a referência, o que consiste em mostrar que a relação de igualdade é uma relação entre “nomes de objetos”, quer dizer, uma relação entre modos de apresentação do mesmo objeto e não uma relação entre objetos. Frege (1978) apoia seus estudos no molde ternário: nome próprio, sentido e referência, mas o faz colocando uma distinção crucial: “nome próprio” é qualquer expressão significativa (palavra, expressão, grupo de palavra ou sentença assertiva). O “sentido” é o modo de apresentação do objeto. A “referência” é o objeto do qual a expressão é o nome. Quis, a princípio, mostrar, por exemplo, que a expressão (nome próprio) nomeia a referência e expressa o seu sentido.

A referência, especificamente, talvez tenha tido seu início com Frege (considerada uma das mais importantes teorias da significação que exerceu forte influência sobre a intelectualidade da época), nos domínios da filosofia analítica da linguagem, em especial com a leitura que levou os pesquisadores a um projeto de linguagem que reflita com perfeição “a forma lógica do pensamento”.

No programa da filosofia analítica de Frege, Russell e Wittgenstein são comuns afirmações como: na “forma lógica das sentenças estaria a chave da estrutura dos fatos”. Em outros termos, se numa proposição (um pensamento ou uma escritura), aquilo que é expresso por uma enunciação é verdadeiro, para os pesquisadores, deve existir uma “identidade de estrutura entre ela e o fato a que se refere”.

Frege (1978a,1978b), referindo-se aos nomes e aos adjetivos, diz que ambos possuem “um conjunto de traços semânticos”, os quais permitem selecionar um referente e, portanto, “o sentido determina a referência”, ou “o sentido é um conceito da referência”. Assim, a referência de um nome, para Frege, é uma função do sentido do nome, quer dizer, o sentido é uma condição necessária para a determinação da referência, porém não é suficiente.

Cardoso (2003) ressalta que o sentido e a referência para Frege são dois aspectos da significação:

Os objetos de referência devem ser independentes do sujeito psicológico que pensa sobre eles e preexistentes a ele. As leis que regem esses não são, pois, leis psicológicas, sujeitas ao desenvolvimento dos estados e acontecimentos psíquicos daquele que pensa, mas são leis lógicas, circunscritas ao interior da própria linguagem. Em outras palavras, a teoria da significação fregeana é sustentada pela relação que a linguagem, concebida como uma estrutura lógica-semântica, deve ter com o “verdadeiro”, cuja existência deve ser independente das circunstâncias discursivas, ou seja, de um emissor, do quando, do onde etc. (CARDOSO, 2003, p. 42).

E o que mais importa para Frege é a verdade, ou melhor, a busca pela verdade. Essa percepção acredita direcionar o sentido para a referência, onde quer que seja. Assim, formando o trajeto do sentido à referência: “o sentido (meio) é apenas o trajeto para se chegar à referência (fim)”. Além disso, esse processo todo tem como objetivo os valores de verdade dos enunciados. Para ele, depende do ponto de origem, a linguagem. Isso implica dizer que não há acesso inteligível à realidade exceto pelo caminho das estruturas da língua.

Frege se empenha bastante para que o sentido não seja confundido com seu objeto de referência. Dessa maneira, estabelece uma distinção entre os numerais (romanos, arábicos), por exemplo, os números são os objetos matemáticos de referência, enquanto os modos de apresentação desses objetos constituem diferentes sentidos ou expressões. Contudo, os números

3+4, 5+2 e 6+1 são diferentes sentidos ou expressões da mesma referência, o número 7. Já os números 2.2+6 é um modo de apresentação do número 10, ou seja, objeto de referência.

Uma compreensão parecida adotada é o exemplo clássico da “Estrela da Manhã” e “Estrela da Tarde”. São dois nomes próprios que têm como referência Vênus, porém se diferenciam “pelos sentidos ou pelos conceitos” que expressam, isto é, distinções de sentidos que tornam possível a identificação do objeto (referente). Como afirma Frege, a “Estrela da Manhã” e “Estrela da Tarde” não são iguais na designação do designado “Vênus”.

Na visão desenvolvida por Frege, a sentença assertiva refere-se a um nome próprio, em que o sentido é o “pensamento” e o objeto de referência é “um valor de verdade”. Nesse sentido, existem apenas dois valores de verdade: o verdadeiro e o falso. Qualquer sentença que vier a expressar uma proposição, terá como valor apenas duas opções, verdadeiro ou falso. No caso das sentenças não assertivas, “não possuem referência”, logo, “não possuem valor de verdade, pois são tidas como “não verdadeiras e nem falsas”.

Frege nega o sentido de todo o subjetivismo. O que interessa é a objetividade e a universalidade do sentido (lógico e convencional). Frege defende que a isenção de toda subjetividade possibilita a tradução de um mesmo sentido em diferentes línguas ou linguagens. Argumenta, no âmbito de $a = b$, que as diferentes línguas ou linguagens podem ter como referência o mesmo objeto. Por isso, ele não deixa de fazer a ressalva ao combate à “representação” no sentido de “ideia subjetiva”.

Entretanto, pontua Cardoso (2003), como conhecer o objeto do pensamento fora do pensamento? Como conhecer o objeto da linguagem fora da linguagem? A solução encontrada por Frege foi separar o sentido da referência, com intuito de solucionar o dilema da ligação entre linguagem e o seu referente.

As considerações de Frege e Saussure se diferenciam sobre o entendimento da referência. O filósofo baseia-se na universalidade de sentidos, já o linguista compreende que essa é uma postura inexequível. Para os lógicos, “as ideias universais” podem adquirir o estatuto de “sentido” linguístico. Para o estruturalista, “essas ideias não podem adquirir o estatuto de significado”. Assim sendo, segundo Saussure, as ideias universais já se colocariam como entidades exteriores, ou seja, anteriores à língua. Mas não, os conceitos, as ideias apenas se constituem no sistema linguístico, através do jogo das diferenças. Esta afirmação da autonomia da língua enquanto método científico, que descreve a língua apenas a partir da própria língua, é, contudo, problemática. Como já dissemos, deixa de fora o referente da língua, impedindo que a língua funcione com o conhecimento prévio do mundo ou do pensamento.

Com esses dois pensadores, é possível assinalar as distâncias, mas também é possível delinear as aproximações no modo de fazer ciência:

Não é difícil assinalar a distância entre a semântica lógica de Frege e a linguística estrutural inaugurada por Saussure, se se considerarem as diferenças na concepção de linguagem, os objetivos e métodos de pesquisa, e, sobretudo, se se considerar que o estruturalismo, por não estar interessado no valor de verdade dos enunciados (que é objetivo último da semântica lógica), não faz distinção entre juízo analíticos e sintéticos”. No entanto, é possível fazer uma aproximação dessas duas formações discursivas, se for levado em conta que ambas eliminam a realidade social, com a marginalização dos fatores do contexto e da situação, o que traz como consequência a confinação da significação no interior de um sistema (formal para Saussure e lógico-formal para Frege). Tanto a linguística estrutural como a semântica lógica tratam a linguagem numa perspectiva aistórica, como um processo sem sujeito, bem de acordo com as possibilidades epistêmicas ou com as tendências objetivas do campo do discurso de seu tempo. (CARDOSO, 2003, p. 62).

E por acreditar no princípio geral de que “o sentido determina a referência”, Frege coloca em segundo plano “a função referencial da linguagem”, compreendendo, desse modo, o princípio como um sistema “lógico-semântico” perfeito e anula qualquer relação com o mundo. Reafirma, assim, aproximação com a linguística no instante em que despreza “a função referencial da linguagem” no lugar das “estruturas da língua”. A linguística se apoia sobre o rigor dos modelos e conceitos das ciências matemáticas e, portanto, abdica as conjecturas históricas e psicológicas de momentos anteriores.

Parece-nos mais sensato considerar que a linguística moderna de Saussure, ou a filosofia analítica da linguagem, de Frege, das primeiras décadas do século, se fazem sem a articulação de dois domínios, da língua e da linguagem. Não é incoerente afirmar que ambas se desenvolveram na relação lógica, no antipsicologismo defendidos tanto por Husserl e quanto pelo próprio Frege. Como também sabemos, Saussure e Frege foram influenciados pela dimensão mais objetiva, ideal e *mathesis* universal, ambição de Descartes, entre outros.

A perspectiva estável e objetiva também está presente em alguns estudos sobre tradução. Essa compreensão anula o papel do sujeito na atividade de tradução e o associam ao de um autômato que executa atividades previamente programadas. Como veremos com mais detalhe a seguir.

1.1.3 A tradução como transferência, transposição e reformulação de uma língua para outra língua

Na década de 1960 e na primeira metade da seguinte, o alvo visado na tradução, então, eram as ideias de fidelidade ao original, literalidade e transparência, pois os linguistas:

[...] acreditavam na possibilidade de traduzir mais ou menos fielmente de uma língua para outra, parece que posteriormente a *Depois de Babel* o pós-modernismo renunciou ao ideal de universalidade e transparência que caracterizava o racionalismo – seja o racionalismo iluminista do século XVIII ou o neopositivismo estruturalista. (ASLANOV, 2015, p. 19).

Segundo o dilema do racionalismo, o pensamento é independente da linguagem, enquanto as línguas são tidas como sistemas de regras que permitem a expressão do pensamento. O racionalismo passou a ser fortemente combatido pelos pós-modernistas “grande movimento cultural do século XIX, o qual dava muito mais importância às línguas em si, como expressão da cultura, e como formas estruturadas que afetam o pensamento.” (MOURA, 2018, p. 91). A grande contribuição das teorias pós-modernistas foi evidenciar que o sentido não corresponde a algo dado, ao contrário, ele é constituído. O tradutor não é um mero instrumento de transporte, como se pensava, ele tem um papel ativo e responsável pela tradução. No entanto, antes do pós-modernismo, a busca dos racionalistas é o “sentido – da idealização do transporte asséptico” e o tradutor “sem direito à voz”.

Como afirmamos há pouco no item 1.1.1, na tradução também sempre existiu interesse de pesquisadores que desejavam a possibilidade de uma linguagem universal “que não fosse arbitrária e que, portanto, não dependesse dos caprichos da interpretação; cada palavra teria um significado fixo e único, independentemente de qualquer contexto.” (ARROJO, 2007, p. 11).

Dessa forma, em 1.1.3, “A tradução como transferência, transposição e reformulação de uma língua para outra língua”, apresentamos vários pressupostos e conceitos relevantes no campo das “ideias de transparência e fidelidade”.

É necessário lembrar que, igual à linguagem, à referência, a tradução nunca foi tema exclusivo da Linguística, ao contrário, “tem sido tema de reflexão nas mais diversas áreas, como a literatura, a lingüística, a enunciação, a semiótica, o desconstrutivismo, a filosofia.” (MITTMANN, 2003, p. 11). Conforme Campos (2004), sobre o interesse pela tradução, “em todos os tempos e lugares, teóricos e praticantes têm dito o que se pensa da tradução, do que ela é ou do que deveria ser” e ainda “quem se pronunciava a favor dela ou contra ela.” (CAMPOS, 2004, p. 11-12). A ideia comum para Campos e outros especialistas é que há muitas opiniões que “se contradizem, se desdizem, não só no acessório como no essencial”, a ponto de a prática desmentir a teoria.

Ademais, há certa confusão na definição da tradução. Segundo Campos, vai desde as mais objetivas, como a de John Catford, um dos teóricos mais conhecidos e divulgados no Brasil: “a tradução é a substituição de material textual de uma língua por material textual equivalente em outra língua.” (CATFORD, 1965 apud ARROJO, p.12), entendendo-se por material textual tanto a forma quanto o conteúdo, até a definição menos objetiva, que é da psicóloga norte americana Keith Bosley: “tradução é uma língua fazendo amor com outra” (CAMPOS, 2004, p.12). Como bem disse Oustinoff (2011), “não há teoria da tradução sem teoria das traduções; se não for assim, teorizamos no vazio. “Os problemas de hoje são muito claramente os mesmos que se apresentaram ontem. As respostas é que variam. E daí é que vêm as diversas concepções da tradução.” (OUSTINOFF, 2011, p. 30).

Nesta parte, vamos nos apoiar, principalmente, no trabalho Solange Mittmann (2003). A autora começa dizendo que não pretende fazer um inventário de todos e de tudo que já disseram sobre tradução. Apesar de não ocupar o lugar de fala da tradutologia, ou teoria da tradução (disciplina específica), chama atenção para não fecharmos “os olhos a tudo o que se tem dito a respeito da tradução”. Como dizem Nunes e Flores (2019), aqui também “é o caso das páginas que seguem, escritas não por tradutores, mas por teóricos da linguagem.” (NUNES; FLORES, 2019, p. 551).

Por vezes, em discussões que têm como escopo a tradução, o prestígio dado aos estudos dos especialistas da área e aos teóricos da linguagem é bem diferente. Para entender o fenômeno da tradução, é necessário rever alguns pontos fundamentais.

Não obstante, os mecanismos da tradução permanecem desconhecidos, especialmente porque se acha que a tradução está reservada exclusivamente aos especialistas. Mas, na realidade, seu campo é muito mais vasto: antes de se transformar em um assunto para tradutores ou intérpretes, ela constitui, em seu próprio princípio, uma operação fundamental da linguagem (OUSTINOFF, 2011, p. 7).

Vale mencionar novamente, como diz também Catford, “a tradução é uma questão de linguagem; a linguística trata da linguagem; logo, a tradução é objeto da linguística” (CATFORD, 1965 apud OUSTINOFF, 2011, p. 58), portanto, adicionamos, que a tradução não deixa de ser tema de investigação aqui.

Retomando a questão sobre a concepção clássica da tradução, segundo Mittmann (2003), a perspectiva tradicional é apresentada em seu livro por meio das ideias de três teóricos²⁰: Eugene A. Nida foi um linguista, tradutor, Erwin Theodor foi ensaísta, tradutor e

²⁰ Segundo Mittmann, esses três autores são amplamente citados nos cursos de tradução e em artigos sobre o tema. Além disso, acredita-se que eles representam muito bem a concepção tradicional de tradução.

professor da USP e Paulo Rónai foi um tradutor, revisor, crítico e professor húngaro naturalizado brasileiro. A regularidade entre eles está em considerar “a tradução como transporte de sentidos de uma língua para outra” e “o tradutor como instrumento desse transporte”.

Nida postula a ideia de que a tradução consiste em *transfer mechanism*, isto é, a tradução como transferência. Segundo Arrojo (2007), “uma das imagens mais frequentemente utilizadas pelos teóricos para descrever o processo de tradução é a da transferência.” (ARROJO, 2007, p. 11). Nesse cenário, a tradução como um tipo de mecanismo é capaz de transportar a mensagem de uma língua para outra. A esse mecanismo é possível, no primeiro momento, a decodificação pelo tradutor, quer dizer, o tradutor ocupa o papel de receptor da língua fonte, posteriormente, ele recodifica a mensagem na língua alvo. A essência da recodificação é “encontrar símbolos equivalentes e organizá-los conforme as exigências da estrutura desta língua”. No entanto, há uma situação paralela, e por esse motivo, Nida alerta “que muitas vezes não se trata apenas de equivalência de símbolos e estruturas gramaticais entre duas línguas, pois o resultado pode ser um texto estranho e artificial”, surgindo daí uma situação que pode resultar de uma mensagem ser codificada em um conceito e este proporcionar uma outra escolha de expressão na língua alvo.

Questão como essa só vem à tona quando o autor se depara com o empecilho “the human translator is not a machine”, o que significa ser impossível o tradutor evitar o envolvimento subjetivo com texto a ser traduzido, sobretudo por não operar como uma máquina. Mittmann observa, no autor, que existe uma frustração pelo fato do homem ser diferente da máquina, isto é, o “humano” não atingir a mesma neutralidade da “machine”. Ao contrário, sua constituição subjetiva e suas percepções sempre estarão presentes na tradução. Há uma interferência inevitável do tradutor que envolve toda sua experiência de mundo, tanto na interpretação da língua fonte como na escolha de equivalente na língua alvo. Assim, toda a postura teórica e prática de Nida insere-se no quadro da perspectiva ideal de tradução, sem, contudo, cair num subjetivismo, reduzir ao máximo a intervenção. Porém, o ideal é impossível, ainda mais quando as intenções do autor não harmonizam com a do tradutor.

Talvez seja por isso, pela sua prática, que Nida dá conta da “importância da empatia com o autor e com a mensagem” do texto fonte. Como ressalta Mittmann, a explicação é “como se, havendo identificação com o autor e convicção quanto à mensagem, o tradutor pudesse ver claramente os pensamentos do autor inseridos no texto e transferi-los adequadamente para outra língua.” (MITTMANN, 2003, p. 19). Ao contrário, trata-se de uma leitura que “obscurece” e a tradução se torna “falha”. Porém, essa ponderação em nenhuma medida menospreza o alerta

para “o perigo da subjetividade e de um envolvimento emocional do tradutor”. Já a explicação de Nida acerca da subjetividade, observa-se que as manipulações indevidas são resultados de “um desejo consciente de modificar e distorcer a mensagem, ou traços inconscientes da personalidade”, de modo que o tradutor pode influenciar muito na tradução.

Campos (2004) observa que a variedade de traduções de um mesmo texto fonte anula a tese de “exatidão da tradução”. Para autor, por exemplo, se fossem todas exatas, as traduções de um mesmo texto de partida teriam que ser todas iguais e seria irrealizável o tradutor chegar a soluções diferentes. Já em relação aos que opinam contra a tradução, há quem diz que o principal argumento em síntese é que a tradução não é original. Mas, por outro lado, é assim que ouvimos pessoas dizendo: “a fidelidade é o ponto mais importante de qualquer tradução.” (SILVEIRA apud CAMPOS, 2004, p. 14). Ou, então, ouvimos alguém dizer, como o francês Valéry Larbaud: “o tradutor põe toda sua glória em ser fiel aos mestres de sua escolha, fiel a ponto de anular sua própria personalidade.” (LARBAUD, apud CAMPOS, 2004, p. 15).

O procedimento técnico bastante utilizado nesta perspectiva é a tradução literal. Trata-se da substituição de palavras e expressões na língua-fonte por palavras e expressões na língua alvo. O processo equipara-se muito à transcodificação, isto é, troca de signos de um código por signos de outro código. Em qualquer caso, nessa perspectiva, podemos, evidentemente, observar que a tradução literal conserva, ao mesmo tempo, o significante e o significado. Ainda nessa perspectiva, uma boa tradução tem que se movimentar através de duas pernas: equivalência textual (o conteúdo) e a correspondência formal (a forma):

O que quer dizer com “equivalência textual” é que o texto traduzido deve transmitir ao seu leitor uma informação semelhante à que o texto original transmitiu ao seu primeiro leitor, em sua língua de origem. A “correspondência formal” quer dizer que a forma do texto original deve ser seguida pelo tradutor com a máxima fidelidade possível, muito embora em alguns casos essa fidelidade se reduza ao mínimo. (CAMPOS, 2004, p. 47-48).

Ainda que o ideal seja assim, a particularidade ora pela forma, ora pelo conteúdo não foi extinta na tradução. Para Campos (2004), na maioria dos casos, a forma é elemento mais importante e às vezes a forma é o único elemento importante num texto a traduzir. Nos textos artísticos, principalmente os literários, a forma ganha uma preponderância maior, o tradutor desfruta de todos atributos técnicos para preservar a forma. Mas, essa situação modifica nos textos técnicos-científicos, em que o mais importante é o conteúdo. Por exemplo, em línguas diferentes como o alemão e o português, quando se diz: *Ich will ins Kino gehen*, traduzido literalmente, Eu quero ao cinema ir, o verbo “ir” é colocado no final da oração. Nesse caso, põe

como indispensável sacrificar a “correspondência formal” em nome de uma “equivalência textual”.

Nessa perspectiva, o bom tradutor, entretanto, não é aquele que prioriza o conteúdo e coloca em segundo plano a forma e vice-versa. Mas é aquele que realiza “o seu trabalho com mínimo de perdas, seja quanto ao conteúdo, seja quanto à forma: quanto menos perdas, melhor a tradução.” (CAMPOS, 2004, p. 51).

Outro pesquisador da tradução, Theodor, também considera a ideia de transferência, porém a sua compreensão destoa um pouco em relação a do pesquisador (Nida) citado anteriormente. Vejamos a sua definição: “traduzir não significa exclusivamente substituir palavras de um idioma por palavras do outro, mas transferir o conteúdo de um texto com os meios próprios de outra língua.” (THEODOR, 1983, p. 21). A aposta do autor é a decodificação adequada do conteúdo, pois a condição essencial, para ele, é interpretação correta do texto original pelo tradutor, para que o texto possa ser devidamente compreendido pelos leitores, ou, ainda: a primeira etapa do tradutor é a decodificação apropriada das informações contidas no texto original e depois a conversão em código equivalente na língua alvo.

Segundo a tradução como transposição, a língua é instrumento que o tradutor utiliza na atividade tradutória para retransmitir tudo o que decodificou no texto fonte ou original. No primeiro momento, a língua guarda informações que serão resgatadas pelo tradutor, o trabalho de decodificação das informações. No segundo momento, a língua permite retransmitir ao leitor as mesmas informações, o trabalho de recodificação em um novo texto. O que verificamos, então, é que o tradutor precisa usufruir de todos os recursos que a língua proporciona, para que, assim, possa “oferecer uma mensagem que corresponda o mais aproximadamente possível ao texto original”. Mas, para isso, é preciso que o tradutor seja capaz na língua alvo recodificar o sentido da mensagem, “as suas conotações culturais e civilizatórias.” (THEODOR, 1983 p. 87).

Por essa abordagem, a tradução é “o trabalho consciente e exato de transposição de um idioma para outro, entretanto desprovido de cunho artístico, está baseada na correspondência entre as palavras.” (MITTMANN, 2003, p. 21). Logo, o trabalho do tradutor deve seguir o caminho da “compreensão adequada do original” em direção única ao encontro de “correspondências aceitáveis”. Ou como Mittmann mesmo explica:

Situando-se entre o autor e o leitor da tradução, como um transportador de informações, o tradutor tem por obrigação, portanto, resgatar o que foi dito pelo autor, de forma “correta, “adequada”, “apropriada”, o que significa sem equívocos, interferência, ou desvios (MITTMANN, 2003, p. 20).

Quando se fala em interferência na tradução, estão situadas posições bem diferentes. Por exemplo, no caso do “autor”, ele é o único que pode dizer o que sente, o “tradutor”, por sua

vez, deve apenas dizer o que o outro sentiu. O tradutor não produz o seu próprio texto, pois “ele nada tem a dizer ‘motu proprio’, precisa imergir nas ideias do outro.” (THEODOR, 1983, p. 116). Quanto aos desvios, afirma que nenhuma tradução estará livre, nem mesmo as traduções realizadas pelos melhores tradutores. Ou como diz Campos

De fato, se o leitor tiver a esperança de encontrar o texto original em qualquer tradução, por mais fiel que ela seja, verá frustrados os seus propósitos. Mesmo porque nenhuma tradução pode ter a pretensão de substituir o original: é apenas uma tentativa de recriação dele. E sempre cabem outras tentativas. Pode-se dizer que, de um mesmo texto, poderão existir tantas traduções aceitáveis quantos forem os objetivos a que ele puder servir. (CAMPOS, 2004, p. 12).

No entanto, Theodor (1983), diferentemente de outros pesquisadores, lastima o fato das presumíveis desfigurações no texto alvo. É nesse contexto que ele observou que os desvios “são motivados pelas diferenças existentes entre as várias línguas, entre o autor e tradutor e pela distinta situação literária, dominante num e noutro campo linguístico.” (THEODOR, 1983, p. 124).

A tradução como reformulação é outra definição. A ideia que segue, definida como “tradução interlingual” é fornecida por Rónai (1981). Segundo a acepção, tradução interlingual é a reformulação de uma mensagem num idioma diferente daquele em que foi concebida. A principal indagação acerca da reformulação está pautada justamente na ideia que vazamos “em palavras um conteúdo que em nosso pensamento existia apenas em estado de nebulosa.” (RÓNAI, 1981, p. 16). Aqui, o sujeito na posição de tradutor, ao ler o texto fonte, resgata o pensamento do autor, que está presente sob a forma de “mensagem”.

Rónai (1981) afirma que a tradução não é uma atividade mecânica de substituição de palavras isoladas, uma vez que “as palavras não possuem sentido isoladamente, mas dentro de um contexto.” (RÓNAI, 1981, p. 17). O próprio Rónai (1981) argumentou que no contexto, seja uma palavra, frase, parágrafo ou texto que precedem ou seguem, “a palavra em questão” é fundamental para desambiguar, determinar o sentido que a palavra possui, assim como, seu equivalente na outra língua. Rónai esclarece que nem sempre o resultado da tradução fica na soma de palavras. Por exemplo, segundo o autor, o que devemos traduzir é sempre algo mais, isto é, a mensagem. Sendo assim, o tradutor precisa esquecer momentaneamente as palavras em que está inserida a mensagem.

O fato de Rónai considerar que a tradução não é uma transferência do sentido de uma palavra para outra “equivalente em outra língua”, para Mittmann, “não deixa de ser uma transferência de uma mensagem em outras palavras de acordo com as exigências e ofertas da

língua da tradução”. Ou seja, ao contrário do que Rónai argumenta, a fidelidade segundo Mittmann:

Seria uma obrigação dupla: para com o conteúdo da mensagem e para com a praxe expressiva da língua da tradução, daí a necessidade de reformular, e respeitar o que disse o autor, sem interferir, corrigir ou deformar a mensagem, em virtude de uma convicção contrária, pois o papel do tradutor é o de “procurador do autor, antes que seu colaborador.” (MITTMANN, 2003, p. 22).

Ainda segundo a autora, a concepção defendida por Rónai, a tradução como reformulação, “parte do mesmo princípio daquela proposta por Nida e Theodor: o de codificação-decodificação-recodificação”. Por esse motivo, ela diz que a ideia de reformulação não está distante da definição de transferência.

Nessa perspectiva, admitindo ou não, acabam por traduzir as palavras isoladamente uma das outras. O processo de tradução significa, portanto, decodificar o pensamento do autor da língua de partida e recodificá-lo na língua de chegada. Assim, acreditando ser “o texto original um objeto estável, “transportável” de contornos absolutamente claros, cujo conteúdo podemos classificar completa e objetivamente”. (ARROJO, 2007, p. 12). Quanto à subjetividade, ela existe. Mas é tida como um grande problema para a tradução ideal. Um problema que foi vivenciado pelos próprios tradutores.

Concordamos com Oustinoff (2011), quando diz que “a mais fundamental é, não há dúvida, seguinte: não existe tradução “neutra” ou “transparente” através da qual o texto original apareceria idealmente como em um espelho, identicamente.” (OUSTINOFF, 2011, p. 22). E também concordamos com Mittmann (2003), ao afirmar que os autores da concepção tradicional fundamentam o texto e a língua como se fossem baús capazes de guardar a mensagem ou sentido. E como se o sentido fosse universal, possível de ser transferido de uma língua para outra. O que o leva a tratar o sentido como unívoco e transparente.

Em Florêncio (2016)²¹, na seção II, apresentamos uma breve introdução em torno de uma polêmica em relação a um valor/forma que se convencionou chamar “construções resultativas”. Assumimos que exibimos apenas parte das polêmicas que, desde o surgimento da gramática gerativa, são arrastadas pela categoria. Não é difícil perceber que os objetivos que revestem essas análises dos estudos estáticos da língua descrevem a língua a partir da própria língua e, nessa medida, ficam no impasse descrito nessa seção 1.1 desta tese, “O que se entende

²¹ Esta é uma pesquisa defendida recentemente também por Florêncio (2016) que afirma quando se opera com o conceito de categoria, os construtos teóricos tendem a ser as categorias elas mesmas, abstraídas das observações que tenham sido feitas. Esses projetos teóricos que operam com o conceito de categoria têm dificuldade de explicar que a variação é constitutiva do processo gerador das representações em língua.

por uma perspectiva estável da linguagem”, de que as unidades lexicais e as categorias gramaticais já são construídas. A seguir, apresentaremos as discussões teóricas e as análises das construções resultativas que dizem que os predicados secundários são responsáveis pelas organizações dessas subclassificações mencionadas a seguir.

1.2 O que se entende por CR dentro dessa perspectiva estável

Tomando como ponto de partida as análises das construções resultativas (CR, doravante) fornecidas pelas gramáticas das Construções, não é o nosso objetivo confrontar nenhuma teoria, embora em algumas situações possa se compreender isso, mas apresentar que existe um outro modo de teorizar e praticar. A finalidade da presente subseção, eminentemente descritiva, é: primeiro, passar pelos estudos da resultatividade, do modo como ela se apresenta na literatura (englobam estruturas que se diferem e assemelham quanto aos seus aspectos sintáticos e semânticos), significa percorrer um caminho composto por alguns roteiros não tão claros, mas também por trechos do percurso bastante nítidos. Segundo, mostrar que os estudos sobre as construções resultativas seguem uma perspectiva do estudo estático dos fenômenos de língua e, sob esse viés, determinam que as categorias são entidades prontas e construídas. Nosso interesse, então, foi abordar a temática e não os modelos teóricos que sustentam esses estudos. No entanto, é preciso ressaltar que essas temáticas tratadas aqui partem dos mesmos princípios teóricos que são apresentados na seção anterior.

Depois de apresentarmos o que não é e o que é o nosso objetivo, parece-nos oportuno dizer que as abordagens comumente utilizadas para descrever a “resultatividade²²” são pautadas em categorizações pré-estabelecidas e desvinculadas das práticas de linguagem. Isso porque as práticas de linguagem não são reconhecidas, ou seja, é anulado o papel do sujeito na atividade de construção da significação. O que é trazido para o centro do conhecimento é a “significação”, mas enquanto absoluta, pronta e acabada. O que nos interessa é, ao mesmo tempo, a linguagem (formal) e as línguas (empírico) com a necessária inserção do sujeito.

O que tem exercido uma influência marcante nas metodologias pautadas nas polarizações dos fenômenos linguísticos é a indisposição para discutir com profundidade os problemas que as afetam, apresentando-se cada vez mais distantes do caminho que permite acesso ao profundo. Para esses trabalhos, a resultatividade é compreendida como um verbo que

²² Na sequência, apresentamos a definição de resultatividade. Sobre este ponto, indicamos a leitura de textos como Foltran (2000), Lobato (2000), Rech (2007), Barbosa (2008), Bertucci (2014), Marcelino e Oliveira (2014), e Knöpfle (2017).

funciona como núcleo temático, e um predicado secundário (PS doravante), que codifica o resultado do processo explicitado pelo verbo.

No entanto, a perspectiva teórica na qual esta pesquisa está inserida, na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, propõe para o início do trabalho de análise linguística um grau zero de categorização:

O conceito de noção que preenche esse grau zero é anterior às categorias do nome e do verbo. Essas duas categorias existem como um resultado de construções nas quais noções lexicais e noções gramaticais se articulam diferentemente para um caso (o nome) e para o outro (o verbo). A partir da relação predicativa, nível sintático, sujeito e predicado ganham um estatuto, e, conseqüentemente, o nome e o verbo também o recebem. Haveria, pois, uma discriminação morfológica, em um certo momento, para essas duas categorias sem a qual não poderia haver enunciados. (REZENDE, 2000, p. 107).

Por ora, limitamos o nosso desassossego que sugere avanço ao que é profundo, ou seja, “a indeterminação da linguagem e, conseqüentemente, a indeterminação do léxico e da gramática” para apenas representar “a proposta de que a linguagem seja determinada e o conceito de sintaxe dela derivado separam léxico e gramática.” (REZENDE, 2000, p. 11).

Antes de recuperar a discussão dada pela extensa literatura sobre os diferentes tipos de predicados secundários, em especial a CR, tanto nos seus aspectos sintáticos quanto semânticos, consideramos importante, no geral, apresentar a principal ideia do PS.

1.2.1 Predicado secundário

No campo dos estudos da Gramática das Construções, o conceito de PS tem sido frequentemente invocado por determinados pesquisadores para tratar do que se costuma chamar tradicionalmente de CR. As CRs, vistas desse prisma, são PSs que indicam o resultado de uma ação descrita pelo predicado primário, ou seja, nela há um objeto direto que recebe a predicação de uma propriedade adquirida por efeito da ação verbal, que constitui o único evento da construção. No entanto, esse fato é apresentado com mais detalhes na subseção 1.2.5 “Construções Resultativas ou Resultativas verdadeiras”. A fim de preparar o terreno para análise das “CRs”, vamos descrever o comportamento dos dados de predicação secundária.

Na literatura científica, o PS é considerado como uma construção complexa cujo sujeito é marcado tematicamente também por outro núcleo lexical. Para Rothesind (2001), a definição de predicado secundário é “ α é um predicado secundário de β , esse α é predicado de B, e α e B

se c-comandam e B é theta-marcado por um núcleo não contido em α^2 . (apud CARREIRA; KNÖPFLE, 2013, p. 182).

Segundo a leitura que Knöpfle (2017) faz de Carreira (2015), “a predicação secundária pode ser tratada informalmente como aquela predicação que se dá com um argumento que já participa de uma relação de complementação ou de uma predicação primária.” (KNÖPFLE, 2017, p. 318). Em 1) “O João comeu a carne crua”, Knöpfle afirma neste excerto a existência de uma PS (crua) que denota uma propriedade atribuída a um argumento (carne), sendo que esse argumento já participa da predicação primária.

A compreensão de Foltran (2000), junto à de outros estudiosos, é que o PS e a minioração (*small clauses*²³) estão em anexo aos predicados complexos. Quanto aos predicados secundários, eles são responsáveis por organizar também uma subclassificação, ou seja, PS orientado para o sujeito, PS orientado para o objeto, predicados resultativos e, ainda, predicados que possuem SAdj com função de advérbio, como veremos com mais detalhes nas seções que seguem.

Os PSs se diferenciam de predicados primários. Para Rothstein (1983), a predicação primária ocorre quando o sujeito e o predicado formam um constituinte juntos e quando o sujeito não é tematicamente licenciado fora da relação de predicação em que ocorre. No PS, ao contrário, o sujeito tem um segundo argumento papel-0 atribuído por outro núcleo lexical, que é também-0 marcado numa relação fora da relação de PS. Resumindo, o sujeito recebe um papel temático de outro núcleo lexical.

O papel temático é introduzido pela teoria gerativa, principalmente no modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), e se ocupa da estrutura temática das orações e do modo como essa estrutura se articula com a estrutura sintática. Essa noção está correlacionada com o esquema de subcategorização dos predicados.

Segundo Foltran (2000, p. 129), “os argumentos do predicado determinam que elementos da sentença são obrigatórios.” Tomemos, agora, um exemplo da autora que nos permite ver como a estrutura de argumentos se relaciona com a noção de papéis temáticos:

2) Carlos matou Pedro. (FOLTRAN, 2000, p. 129)

Neste exemplo, os dois argumentos, Carlos e Pedro, mantêm relações semânticas diferentes com o verbo. O argumento Carlos, na posição de sujeito, se refere à entidade que é agente da atividade de matar. Já o argumento Pedro, o objeto direto, expressa o paciente da

²³ Esta sequência tem uma outra interpretação e considerada, portanto, distinta do PS pela posição sintática e pela natureza da propriedade que seleciona, como mostramos a seguir. Foltran (2000), por exemplo, afirma que a minioração não é PS, mas que ambos estão dentro dos predicados complexos.

ação. A relação entre o verbo e os respectivos argumentos ficou conhecida como papel temático. Uma explicação para essa relação é que o verbo “matar” toma dois argumentos, aos quais atribui papéis temáticos distintos: o papel agente para o sujeito da sentença e o papel paciente para o argumento objeto. Sendo assim, o predicado tem uma estrutura temática. Portanto, o sujeito do PS é duplamente tematizado.

É interessante acentuar, portanto, “para que a relação estabelecida entre o predicado secundário e seu sujeito seja lícita, precisa necessariamente ser mediada por um predicado primário.” (FOLTRAN, 2000, p. 130). Segundo Foltran, isso se faz necessário, pois o PS, diferentemente do predicado primário, não constitui uma oração.

Foltran (2007) pesquisou a distribuição dos advérbios predicativos e adjetivos quando usados como predicados adjuntos. Segundo ela, os PSs diferenciam-se de miniorações (*small clauses*). Para Knöpfle (2017), temos uma minioração que é uma predicação secundária dentro de uma relação de predicação primária. Ao contrário, Foltran argumenta que a distinção entre PS e a minioração se dá sob dois aspectos: pela posição sintática e pela natureza da propriedade que seleciona.

No primeiro aspecto: a *small clauses* é toda selecionada como complemento do verbo matriz:

- 3) Eu considero a Ana inteligente²⁴.
- 4) Eu achei este livro difícil. (FOLTRAN, 2007, p. 236).

“Considero” é verbo matriz e o seu complemento é um objeto sintático complexo: a Ana inteligente. Ana é o sujeito do predicado inteligente. “Achei” também tem como objeto o constituinte complexo “este livro difícil”, “que exhibe nitidamente uma relação de predicação” (FOLTRAN, 2007, p. 236). Dessa forma, entende que as sentenças: “Eu considero a Ana inteligente” e “Eu achei este livro difícil” não prescindem o predicado adjetival, ao contrário dos PSs, como em: 5) “João chegou cansado” e 6) “Ele comeu a carne crua”. Em: “Eu considero a Ana inteligente” e “Eu achei este livro difícil”, os adjetivos, se forem retirados, têm efeitos sobre a gramaticalidade da sentença, ou seja, afetam a boa formação da frase. Em 3) “Eu considero a Ana”, a sentença é considerada agramatical se levar em consideração o verbo no sentido judicativo²⁵. E isso leva Foltran (2007) a afirmar que o adjetivo predicativo é essencial em “Eu considero a Ana inteligente” e “Eu achei este livro difícil”, mas não em 5) “João chegou cansado” e 6) “Ele comeu a carne crua”.

²⁴ Os exemplos que utilizamos para explicar a diferença entre os PSs e as *small clauses* foram todos retirados de Foltran (2000, 2007).

²⁵ Sugerimos a leitura de Foltran (2007) para mais detalhes sobre essas construções.

No segundo aspecto, as construções se diferenciam pela natureza da propriedade que selecionam, quer dizer, pelo tipo de adjetivo que licenciam, como mostram os exemplos em 7):

- a) Eu considero este livro difícil.
- b) Eu considero este livro aberto.
- c) Eu encontrei este livro difícil.

Os predicados secundários selecionam predicados *stage level* e as *small clauses* selecionam predicados *individual level*. No caso da sentença a), deve ser interpretada como uma propriedade permanentemente de livro. Nesse sentido, segundo Foltran, trata-se de um predicado *individual level*. Em b), no entanto, “aberto” não é uma propriedade facilmente interpretada como permanente, a sua inadequação é responsável pela estranheza, porém, ainda, não é marcada totalmente como agramatical por causa das nuances de significado de “considero”. Foltran diz que, no sentido avaliativo, “considerar” apresenta em a) o uso de “aberto”; como predicado de “livro” não é aceitável em b). Em c) é definida como agramatical, pois “encontrar” não seleciona miniorações. Assim, ainda na interpretação de Foltran (2007, p. 237), “os PSs funcionam como diagnósticos para a distinção *stage-individual level*”.

Como vimos nesta seção, os PS são classificados por vários pesquisadores e especialistas como um grupo. Como veremos nas seções seguintes, a CR, a construção descritiva, a resultativa adverbial e a pseudoresultativa são classificadas “como um subgrupo das estruturas que envolvem predicação secundária.” (KNÖPFLE, 2017, p. 316). Agora, o maior problema em toda essa situação é saber: qual é o sintagma que o PS predica?

1.2.2 Construção descritiva: desempenha papel de modificador de um dos argumentos da sentença

Segundo Pylkkänen e Mcelree (2006), as construções nas quais o SAdj desempenha o papel de modificador de um dos argumentos (modificador do SN paciente ou modificador SN agente) da sentença são chamadas de construções descritivas. Os predicados orientados para o sujeito e os predicados orientados para o objeto são sempre tratados e citados no mesmo assunto. Isso ocorre porque “apesar de o sujeito do predicado secundário desempenhar funções diferentes na oração matriz, na maioria das vezes, apresentam características semelhantes.” (FOLTRAN, 2000, p. 131), como apresentado abaixo:

- 8) *Samuel left the office angry.* (inglês)
- Samuel deixar (PASS) DET escritório irritado.

‘Samuel deixou o escritório irritado’.
 9) *Samuel ate the fish alive*. (inglês)
 Samuel comer (PASS) DET peixe vivo.
 ‘Samuel comeu o peixe vivo’. (MARCELINO; OLIVEIRA, 2014, p. 124).

Segundo as gramáticas das construções, existem tipos diferentes de predicados. A primeira distinção a ser feita diz respeito à orientação, quer dizer, o PS está orientado para o sujeito, como em 8) “Samuel deixou o escritório irritado”. O SAdj “irritado” é modificador do SN agente *Samuel*. O predicado *irritado* predica *Samuel* que, por sua vez, recebe a marcação temática também de *deixou*, ou seja, núcleo do predicado da matriz. *Samuel*, neste caso, é o sujeito e *irritado* é PS orientado para o sujeito. Marcelino e Oliveira (2014) observam que essa construção é mapeada semanticamente como descritiva em PB, mas na língua inglesa é interpretada como CR.

Para Rech (2007), a construção descritiva é semelhante à CR no sentido de admitirem um AP (Sintagma adjetival) como PS. Mas diferem da resultativa por não vincularem um resultado à ação verbal, como mostra o exemplo:

O professor veio à reunião bêbado. (RECH, 2007, p. 80).

Um exemplo como “O professor veio à reunião bêbado”, segundo Rech, embora envolvendo um verbo e um adjetivo, o predicativo não descreve o resultado da ação verbal. Ou seja, o professor não ficou bêbado como resultado do evento de ir à reunião. Rech (2007) infere que o professor já estava bêbado quando foi a reunião. Portanto, bêbado descreve o estado em que o professor se encontrava ao realizar o evento, e não um estado resultante do evento.

Na construção 9), o SAdj *vivo* é modificador do SN paciente *peixe*. O predicado *vivo* predica *peixe*, que também é argumento de *comeu*, isto é, marcado tematicamente pelo verbo *comeu*. Como neste caso *peixe* é complemento de *comeu*, logo *vivo*, para essa perspectiva, é definido como PS orientado para o objeto.

Outro exemplo sobre análise de predicados secundários orientados para o sujeito e para o objeto é o estudo de Foltran (2000), conforme exemplos:

10) Pedro chegou cansado.
 11) João comprou o carro quebrado.
 12) Ela cortou o cabelo curto. (FOLTRAN, 2000, p. 130)

Para Foltran (2000), na construção 10), o sujeito do PS é também sujeito do predicado primário, de modo que temos um PS orientado para o sujeito. Na construção 11), o sujeito do

PS é objeto direto do predicado primário, em que temos um PS orientado para o objeto²⁶. Na construção 12), o sujeito do predicado secundário também é objeto direto do predicado primário, porém, aqui, existe uma diferença, pois o PS expressa o resultado da ação verbal sobre o objeto direto. Segundo Foltran (2000), esses três exemplos comprovariam que o PS desempenha funções diferentes nas construções.

Daí a ideia, à qual voltaremos na seção 1.2.4, de a propriedade das CRs predicar apenas sobre objeto direto do verbo e não sobre sujeito ou sobre complemento oblíquo. Conforme Rech, essa restrição sobre o objeto direto (DOR - do inglês *Direct Object Restriction*) foi formulada por Levin e Rappaport-Hovav (1995) e “prediz que, se um verbo não tem objeto direto, então ele não pode aparecer com um sintagma resultativo.” (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, apud RECH, 2007, p. 80)

No geral, estabelecendo um paralelo entre o inglês e o português, Marcelino e Oliveira (2014) afirmam que as construções descritivas e as construções pseudoresultativas (essa é tema da nossa discussão na subseção 1.2.4) estão presentes de forma similar nas duas línguas.

Portanto, onde o SAdj desempenha o papel de modificador de um dos argumentos, como nas construções 8) e 9), temos construções descritivas. Já em algumas construções, como veremos mais à frente (1.2.3 Resultativa Adverbial, 1.2.4 Pseudoresultativa e 1.2.5 Construção Resultativa), o “SAdj não atua como modificador de um dos argumentos do verbo.” (MARCELINO; OLIVEIRA, 2014, p. 124).

1.2.3 Resultativa adverbial: possui um SAdj com uma função adverbial

Apesar de, em diversos momentos, termos estudos defendendo que as línguas românicas não permitem a leitura resultativa (SNYDER, 1995; BARBOSA, 2008)²⁷, há estudos que insistem na existência de uma outra estrutura [V DP_{ACC} AP] que assemelha à resultativa [SN-SV-SN-SAdj]. Há quem afirme que a estrutura da CR na língua portuguesa até se assemelha à CR na língua inglesa, mas não são idênticas. Conforme aponta Knöpfle (2013), uma das evidências para distinguir resultativas de resultativas aparentes se baseia na semântica das construções, mais especificamente na função dos modificadores.

²⁶ Segundo Foltran (2000, p. 131), “as construções com predicados secundários orientados para o objeto são ambíguas, pois o predicativo expresso por adjetivos concorre o tempo todo com a posição de adjunto adnominal”. Sugerimos a leitura de Foltran (2000) para mais detalhes sobre essa ambiguidade.

²⁷ Na avaliação de Snyder (1995), a CR só é possível para línguas marcadas positivamente para o Parâmetro Composicionalidade. O português, marcado negativamente [-] para esse Parâmetro, fica excluído, portanto, do conjunto das línguas que exibem CR. Barbosa (2008) defende que línguas como o PB não seriam capazes de formar CR, sob o argumento de que a fórmula para criar CR no inglês não é compatível com o português.

Segundo Knöpfle (2013), apesar das semelhanças (resultativas aparentes e resultativas), essas estruturas são analisadas de maneira distinta por autores como Parsons (1990), Geuder (2000), Levinson (2007). Por causa dessa leitura de resultado, existem construções que são chamadas de resultativa adverbial, ou ainda, como mostramos a seguir, de pseudoresultativa.

Knöpfle (2013) chama a atenção para o fato de a nomenclatura das resultativas aparentes (resultativa adverbial, pseudoresultativa, entre outras) não ter um estatuto definido. Aqui, abrimos um parêntese para explicar, a nosso ver, que há uma certa confusão na compreensão das resultativas aparentes, visto que não está claro se a resultativa adverbial é pseudoresultativa, ou se a resultativa adverbial não é uma pseudoresultativa²⁸. A única certeza que se tem é: “existem muitas questões (empíricas, principalmente) acerca do comportamento dessas estruturas, sobretudo quando analisados os dados PB” (KNÖPFLE, 2017, p. 326).

Nas construções tidas como “resultativa adverbial²⁹”, o SAdj, em vez de descrever o resultado, modifica o evento: *Samuel cortou o pão fino*. Segundo Marcelino e Oliveira (2014), aqui, temos uma construção semelhante à CR, como apresentado na subseção 1.2.5, porém, possui um SAdj com uma função adverbial. Marcelino e Oliveira explicam que construção como essa já foi considerada CR por Broccias (2003), mas para eles fogem de algumas regras:

o SAdj não é graduável com escala máxima e o SV não é do tipo processo/atividade. Consequentemente, o SAdj não é o responsável por garantir a telicidade da sentença, uma vez que tal propriedade se mantém presente quando o SAdj é retirado (*Samuel cut the bread/ Samuel cortou o pão*). Isso ocorre porque o resultado e a culminação da ação são derivados do próprio verbo, i.e., o estado resultante/ culminante de <cut/cortar> é “estar-cortado” (BERTUCCI, 2014). Assim, defende-se que o SAdj desse tipo de construção, em vez de descrever o resultado, modifica o mesmo (BERTUCCI, 2014; MARCELINO, 2014). Por isso, tal construção é denominada “pseudo-resultativa” ou “resultativa adverbial”. (MARCELINO; OLIVEIRA, 2014, p. 125).

Para Geuder (2000), o adjetivo em uma resultativa adjetival, por exemplo, “*hammer the metal flat*”, como veremos mais detalhadamente na subseção 1.2.5, nomeia o estado resultante da ação de martelar. Já em:

13) *I opened the door wide*³⁰.

Eu abri a porta aberta.

Eu abri a porta escancarada. (GEUDER, 2000, p. 55).

²⁸ Por conta dessa confusão, decidimos abordar a resultativa adverbial e a pseudoresultativa em subseções diferentes.

²⁹ Para Marcelino e Oliveira (2014), não há distinção entre resultativa adverbial e pseudoresultativa.

³⁰ Vale notar que na primeira opção de tradução, o predicado secundário não apresenta marcas de flexão/concordância de gênero/número. Já na segunda opção, no português brasileiro, diferentemente das línguas ocidentais germânicas, o predicado secundário orientado para o objeto é sempre flexionado em gênero/número.

“*Open the door wide*” é classificada como resultativa adverbial, pois “*wide*” não é estado resultante, ou seja, não é o responsável por denotar esse estado, mas é modificador desse estado. Nesse caso, segundo Knöpfle (2013), “o estado resultante da ação em *open the door wide* seria algo como *a porta aberta*, em que *wide* modifica esse estado final, parafraseando em *a porta bem aberta* ou *a porta amplamente aberta*” (KNÖPFLE, 2013, p. 326). Resumindo, para Geuder, nas “resultativas adverbiais como “*open the door wide*, ‘*wide*’ é um modificador e não o estado resultante per se.” (KNÖPFLE, 2013, p. 326).

De maneira análoga, Parsons (1990) reconhece a “semelhança estrutural com as resultativas, em dados (a rigor, os VPs) como ‘*chop the onions fine*’ e ‘*close the door tight*’, os modificadores ‘*fine*’ e ‘*tight*’ modificam um estado final, e não propriamente o DP.” (KNÖPFLE, 2017, p. 326).

A definição de advérbio resultativo, em 14a), é essencial para distinguir do advérbio de modo, em 14b), como observa Geuder (2000):

- 14a) *I opened the door wide.*
 14b) Eu abri a porta amplo.
 Eu abri a porta escancarada.
 15) *I shut the door tight.*
 Eu fechei a porta apertado.
 Eu fechei a porta bem fechada. (KNÖPFLE, 2017, p. 326).

Geuder (2000) sugere que os “modificadores se comportam sintaticamente como predicados de eventos, mas, semanticamente, são modificadores de indivíduo resultante introduzido pragmaticamente.” (KNÖPFLE, 2017, p. 326). Alinhada a isso, Geuder também acrescenta os seguintes dados:

- 16) *They decorated the room beautifully.*
 Eles decoraram o quarto belamente.
 17) *They loaded the cart heavily.*
 Eles carregaram o carrinho pesadamente.

Ao contrário de Geuder (2000), Levinson (2007) entende que o modificador, como em 19) *Mary braided her hair tight* (Mary trançou seu cabelo firme/apertado ‘Mary trançou seu cabelo bem firme’), não é adverbial no sentido de não ser predicado de evento, mas modificadores de nome. Tal observância, entretanto, tem ponto em comum entre Geuder (2000) e Levinson (2007). Eles afirmam que a resultativa adverbial não modifica o objeto do verbo.

Levinson, porém, observa que exige “morfologia adverbial em – ly no inglês, obrigatoriamente.” (KNÖPFLE, 2017, p. 328). Por exemplo:

- 18) *They decorated the room beautifully*³¹
 ‘Eles decoram o quarto belamente’.

No português, as pseudoresultativas, tema da próxima subseção, não licenciam modificadores em – ly, como em *Mary braided her hair tight*. Além da diferença morfológica, Levinson afirma existir uma diferença semântica dos verbos, por exemplo, *They decorated the room beautifully* (adverbiais) e *Mary braided her hair tight* (pseudoresultativas). Essa diferença semântica é o que explica a distinção entre ambas. O verbo do tipo: to *decorate*, não pertence ao grupo que a autora denomina *root creation verbs*, como o verbo da construção *Mary braided her hair tight*:

Os root creation verbs exigem uma fonte (hair, cushions, parsley); nesse sentido, em ‘She braided her hair’, ‘the hair’ seria a ‘fonte’ e ‘the braid’ seria o ‘alvo’. Já nos verbos como ‘to decorate, to load, to dress’ (implicit creation verbs, na terminologia de Geuder (2000)), o objeto do verbo é interpretado como tema afetado e não fonte. O contraste é exemplificado da seguinte maneira: em ‘She braided her hair’, há a interpretação de que ‘do cabelo’ foi feita ‘uma trança’, ao passo que em ‘Mary decorated the string lights’ (Mary decorou a corda de lâmpadas), não é possível a interpretação de que ‘da corda de lâmpadas’ foi feita ‘uma decoração’ (KNÖPFLE, 2017, p. 328).

Para Levinson (2007, 2010), o adjetivo em *Mary braided her hair tight* é uma pseudoresultativa, por ser modificador de nome, portanto, segundo ele, não deve ser confundida com o predicado resultativo (*hammer the metal flat*) e nem mesmo com a resultativa adverbial (*I opened the door wide*, ou *They decorated the room beautifully*). Partindo dessa afirmação, há dois subgrupos anexados na resultativa aparente, o da resultativa adverbial e o da pseudoresultativa. Vejamos, agora, o que as pesquisas têm nos apresentado sobre a pseudoresultativa.

1.2.4 Pseudoresultativa: SAdj modifica o resultado da ação verbal

A estrutura da ausência pseudoresultativa, como vimos na resultativa adverbial, também se assemelha a resultativas adjetivas (tidas como verdadeiras), no entanto, são analisadas de maneira diferente pelos autores Parsons (1990), Geuder (2000) e Levinson (2007). Segundo

³¹ Exemplos de Levinson (2000).

Levinson (2007), o traço mais distintivo “para distinguir resultativas de resultativas aparentes (resultativa adverbial e pseudoreresultativa) se baseia na semântica das construções, mais especificamente na ‘função’ dos modificadores.” (KNÖPFLE, 2017, p. 326). Em suas análises para sustentar a existência pseudoreresultativa, e, conseqüentemente, a diferença das demais construções (resultativas adverbiais e resultativas), Levinson (2007) se vale da ideia de que, na pseudoreresultativa, o adjetivo atua como modificador de nome.

Uma vez mais deve ser dito que os modificadores, por exemplo, *fine* e *tight* em 19) *He chopped the parsley fine* e 20) *I shut the door tight*, na avaliação Levinson, modificam um estado final e não propriamente o DP. Já nas construções a seguir, Levinson (2007) analisa os adjetivos como modificadores de nome e adota uma distinção semântica dos predicados resultativos, definindo, assim, como pseudoreresultativa. Conforme ela destaca, as pseudoreresultativas não podem ser confundidas com as resultativas adverbiais e nem com as resultativas adjetivais. Vejamos em que consiste essa diferença:

19) Mary braided her hair tight³².
Mary trançou seu cabelo firme/apertado.
‘Mary trançou seu cabelo bem firme.’

20) Mary piled the cushions high.
Mary empilhou as almofadas alto.
‘Mary empilhou as almofadas alto.’

21) Mary sliced the bread thin.
Mary fatiou o pão fino.
‘Mary fatiou o pão bem fino.’

No exemplo prototípico da autora, *Mary braided her hair tight*, o adjetivo *tight* não modifica o objeto direto *hair*. Quer dizer, “o que se tornar *tight* por meio do verbo (*braid*) não é o objeto direto (*the hair*), mas sim ‘*the braid*’ (a trança), criada pelo evento ‘*braiding* (trançar).” (KNÖPFLE, 2017, p. 328). Levinson (2007) “analisa os adjetivos de pseudoreresultativas como modificadores de um indivíduo criado.” (KNÖPFLE, 2017, p. 327), e também o indivíduo modificado nas pseudoreresultativas é analisado como sintaticamente ativo e denotado na raiz lexical do verbo. Ele ainda argumenta que os predicados de pseudoreresultativas não modificam nenhuma palavra na sintaxe, mas a raiz do verbo. A compreensão é tomada por causa de uma configuração licenciada tanto pelo tipo semântico da raiz quanto pela estrutura de verbos, em que Levinson chama de *root creation verbs*. Já nas

³² Exemplos de Levinson (2007, p. 32).

resultativas adjetivas, *hammer the metal flat*, *the metal* se torna *flat* como resultado do evento de martelar.

Levinson (2007), embora reconhecendo as pseudoresultativas, pontua que a não existência das resultativas adjetivas em línguas românicas é explicada também pela diferença de variação translinguística. Segundo Levinson, nas pseudoresultativas, o DP é a fonte e os verbos são de criação, enquanto que na resultativa a entidade afetada pela ação do verbo é o DP e os verbos, na maioria das vezes, de ação. A compreensão de Knöpfle (2017), bem como de Levinson, legitimam a perspectiva de estrutura parecida com a resultativa, no entanto, diz Knöpfle, com características sintáticas, morfológicas e aspectuais distintas.

Definições mais recentes vêm de Barbosa (2018). De acordo com Barbosa, no PB não existe CRs equivalentes às línguas germânicas. O que se têm são duas classes distintas: a primeira classe são as construções pseudoresultativas “cujos predicados secundários são modificadores do estado resultante, e não os responsáveis por denotar esse estado.” (BARBOSA, 2018, p. 548). A segunda classe são as orações adjuntas de resultado³³, “uma estrutura mais complexa sintaticamente – compondo uma estrutura com dois sintagmas verbais diferentes –, que aparenta ter as mesmas propriedades de evento das construções resultativas” (BARBOSA, 2018, p. 548). Segundo Barbosa (2018), essa segunda classe são resultados de configurações de emoldurações de eventos aplicadas em uma estrutura bi-oracional. Já no caso das construções resultativas genuínas (línguas germânicas), são estruturas mono-oracionais. Por isso, com base nessas explicações, ele afirma que ter estado resultante não é ter CR no português brasileiro.

O que podemos salientar a respeito dessas explicações e conclusões é que alguns dos resultados obtidos pela pesquisa de Barbosa apresentam que as propriedades 7a) e 7b),³⁴ tradicionalmente associadas às CRs genuínas, não estão presentes nas pseudoresultativas do PB. Afirma-se, por exemplo, que as pseudoresultativas não são equivalentes às resultativas do inglês: *Mary hammered the metal flat* - Mary martelou o metal plano, porque os predicados em 19), 20) e 21) do PB não denotam o estado resultante, melhor dizendo, não causa um estado resultante no objeto que passa a ser denotado pelo adjetivo, mas modificam o estado resultante já presente no par verbo+objeto: Mary trançou seu cabelo firme. Em outras palavras, a ação de um verbo como *braid* (trançar) cria um objeto (trança), o elemento modificado de fato pelo predicado secundário.

³³ Sugerimos a leitura de Barbosa (2018) para mais detalhes sobre essa construção.

³⁴ Sobre as propriedades 7a) e 7b) e outras, ver a subseção 1.2.5.

No PB, diferentemente da língua inglesa, o acarretamento entre a ação e o estado resultante sobre o objeto não se sustenta. É isso que leva Barbosa (2018, p. 556) a afirmar que a “maioria dos verbos das pseudoresultativas são verbos de criação, portanto, incapazes de realizar uma ação sobre um objeto que gere um estado resultante dessa ação”.

Uma posição parecida à de Knöpfle (2017) com relação ao mesmo assunto (verbos de criação) é a de Barbosa. Segundo o autor, os verbos de criação:

não afetam seus objetos, mas os criam – é possível notar que os dados mencionados como resultativas do PB já possuem um ponto final na escala aspectual, ou seja, são accomplishments, mesmo sem a presença do predicado secundário. (BARBOSA, 2018, p. 557).

Barbosa (2018), por exemplo, desenvolve um teste que mostra “que não é a presença do predicado secundário que introduz telicidade ou resultado nas sentenças do PB – afinal, estas já possuem um estado resultante quando verbo e objeto direto se combinam.” (BARBOSA, 2018, p. 557).

A subseção 1.2.5 tratará das questões tidas como CRs “verdadeiras”. Antes, porém, é importante dizer que vimos até aqui estruturas aparentemente semelhantes, no entanto, as análises dos estudos afirmam diferenças consideráveis. Essas construções do PB tidas como resultativas aparentes são classificadas ainda por dois grupos distintos, um deles é o que acabamos de analisar, as chamadas pseudoresultativas, em que o PS não modifica o DP, mas o adjetivo atua como modificador.

1.2.5 Construção Resultativa ou Resultativa verdadeira: SAdj indica mudança do estado do SN tema e o resultado/ponto final da ação verbal

A chamada “resultatividade”, inicialmente definida para a língua inglesa (JESPERSEN, 1909-1949; HALLIDAY, 1967), segundo Marcelino e Oliveira (2014), parece estar presente em línguas como alemão (KNÖPFLE, 2010; 2011), chinês (YUAN; ZHAO, 2010), japonês (NAKAZAWA, 2012), coreano (PARK; LAKSHMANAN, 2007; WECHSLER; NOH, 2001), entre outras.

No Brasil, o termo resultatividade também vem ganhando popularidade entre os pesquisadores, tendo sido utilizado pela primeira vez, implicitamente, na dissertação de

mestrado de Bisol³⁵(1972/1975) e, explicitamente, no trabalho de Foltran (1999), quando este analisa os predicados secundários no PB.

Como veremos, há uma confusão na literatura sobre o que considerar uma resultativa genuína. Dentre a diversidade de compreensões em torno da categoria resultatividade³⁶ no PB, podemos observar:

- (I) A posição de Kratzer (2003) é que “as línguas românicas não dispõem de construção resultativa porque uma característica essencial dessa construção é a presença de predicado secundário e essas línguas, nas sentenças com interpretação resultativa, fazem uso de sintagma adverbial, e não predicativo secundário, na posição que corresponde ao predicado secundário das construções resultativas nas línguas germânicas.” (KRATZER, 2003 apud, LOBATO, 2004, p. 153).
- (II) Foltran (1999), por exemplo, afirma a existência de CRs no PB, no entanto, pontua que a “ocorrência de predicados secundários resultativos é muito limitada no português, como, de modo geral, nas outras línguas românicas. O inglês, por exemplo, permite construções resultativas com verbos intransitivos, como *laugh*, por exemplo. *John laughed hiemself sick*. Construção de resultativos com a estrutura que estamos analisando não é um processo produtivo no português.” (FOLTRAN, 2000, p. 135).
- (III) De acordo com Lobato, no português há CR, mas com limitações que “dizem respeito à transitividade do verbo, à classe semântica verbal, à classe aspectual do evento, às classes categorial e semântica do predicativo, à escolha da preposição (no caso de predicativo na forma preposicional) é a forma do adjetivo em função predicativa. Outras classes e formas não são admitidas (por exemplo, PPs encabeçados por *de* e *até* estão excluídos na função de predicativo) (LOBATO, 2004, p. 177).

³⁵ Segundo Lobato (2004, p.153), “a posição de Bisol fica implícita em virtude de ela não ter usado a expressão ‘construção resultativa’ e ter denominado os exemplos que entrariam nessa rubrica, como pertencentes [...] à sua ‘Estrutura V’”.

³⁶ Ora como explica Barbosa (2018): A partir da aproximação feita em Foltran (1999), seguiram-se vários trabalhos com posicionamentos e argumentação distintos sobre dados semelhantes, tomando pontos de vista sintáticos, semânticos ou ambos. Essa discussão tem continuidade em Marcelino (2000, 2014), Lobato (2004), Ilari (2006), Leite (2006), Rech (2007), Barbosa (2008, 2009), Knöpfle (2010, 2014), Oliveira e Souza (2012), Oliveira (2013, 2014), Bertucci (2014), entre outros. Nos trabalhos citados, há uma clara divisão de pontos de vista; enquanto Foltran (1999), Marcelino (2000, 2014), Lobato (2004), Ilari (2006), Leite (2006) e Bertucci (2014) defendem que exista algum tipo de construção resultativa (semântica ou sintática) em PB, os trabalhos de Rech (2007), Barbosa (2008, 2009), Knöpfle (2010, 2014), Oliveira e Souza (2012) e Oliveira (2013, 2014) advogam pela impossibilidade de ocorrência do fenômeno nessa língua.

- (IV) Para Bertucci, existem CRs em PB, “mas, ao contrário do inglês – talvez justamente pelas questões de estrutura apontadas em Barbosa (2008) –, elas não são formadas por um sintagma adjetival (AP), mas por uma oração no infinitivo, dentro de um PP adjunto nucleado pela preposição “até”.” (BERTUCCI, 2014, p. 634).
- (V) Segundo Knöpfle (2017), a construção resultativa é produtiva nas línguas ocidentais germânicas, mas inexistente (com a mesma estrutura) em português brasileiro (i.e. *O lobo assoprou a casa estragada; leitura relevante). Entretanto, apresenta estruturas muito parecidas com resultativas, chamadas (por exemplo) de pseudoresultativas, mas que ainda assim apresentam características sintáticas e morfológicas diferenciadas de resultativas, i.e. (ii) Maria empilhou as almofadas alto e (iii) João varreu o chão bem limpinho (KNÖPFLE, 2017, p. 315).
- (VI) A inexistência de resultativas sintáticas, segundo Marcelino (2014), “corrobora a hipótese da valoração negativa do Parâmetro de Composição, explicando a inexistência dessas estruturas nesta língua românica. Sendo assim, é possível conceber que o PB oferece um equivalente às estruturas resultativas que não é de ordem sintática (respeitando as regras morfológicas de formação de predicados complexos, produtividade e recursividade), mas assumem sim, a forma de resultativas adverbiais ou semânticas, em que o significado resultativo é expresso através de estruturas que não resultam de livre afixação de elementos de outra forma não afixais.” (MARCELINO 2014, p. 135).

O exemplo clássico da CR, a ponto de ser considerado o verdadeiro dado da sentença é:

22) *He hammered the metal flat.*
 Ele martelou o metal plano/achatado.
 Ele martelou o metal até achatar.

A definição que está em voga é simples e fácil de compreender. Mas a dispersão e incompreensão começa a tomar partido, quando tentam encaixar peças que não foram pensadas para serem incluídas no jogo. Observamos, por exemplo, o mosaico da CR. Nele há uma multiplicidade de peças que são pregadas umas nas outras, mas a verdade é que a união delas é totalmente ilusória. Vejamos.

Segundo Bertucci (2014), o nome resultativa vem do fato de a sentença exemplificar um resultado *achatado* que a ação verbal *martelar* provoca no objeto (o metal) cujo resultado é

dado em inglês por um adjetivo (*flat*). Ou também como explica Knöpfle (2017), os dados em 22) exemplificam que o estado resultante do ato de martelar é o metal *plano/achatado*, sendo a propriedade *plano/achatado* atribuída ao sintagma o *metal* como resultado do evento de martelar. Assim, para Knöpfle, nas resultativas, o estado resultante sempre será sobre um DP.

Segundo Rech, as CRs “são predicados secundários que indicam o resultado da ação descrita pelo predicado primário. Nessas construções, há um objeto direto que recebe a predicação de uma propriedade por efeito da ação verbal, que constitui o único evento da construção.” (RECH, 2007, p. 79). Além disso, assim como Vendler³⁷ (1967), Rech (2007, p. 82) defende que “essas construções descrevem eventos *accomplishments* ou *achievements*”,³⁸ que apresentam um ponto final definido”. Por exemplo, a propriedade expressa pelo PS da CR é a transformação de um evento atético em télico.

Foltran (2000), por exemplo, defende que o predicado resultativo é um tipo especial de predicado secundário, e que só pode ser aplicado ao objeto direto. Esse argumento, o qual só existe a partir da ação verbal, como é frequentemente definido, conduz, inevitavelmente, à postulação que a sua única tarefa é descrever o estado final do objeto direto, daí o nome de resultativo, cuja semântica denota x torna-se y. Vários pesquisadores enfatizam que, apesar de utilizar a mesma fórmula (sintaxe), o efeito (semântico) das CRs é diferente das demais construções de predicação secundária.

Já na leitura que Marcelino e Oliveira (2014) fazem de Boas (2000), a CR “é formada por um agente SN, um SV que denota processo/atividade, um SN paciente e um sintagma resultativo que expressa a mudança de estado do paciente como resultado do evento expresso pelo SV.” (MARCELINO; OLIVEIRA, 2014, p. 125). Sintetizando o exemplo, a explicação é: *Samuel wiped the table dry*, ‘*Samuel esfregou a mesa até deixá-la seca*’, Sadj *seca* indica uma propriedade adquirida pelo SN paciente *mesa*, em decorrência da ação verbal expressada pelo SV *esfregou*. Essa construção é considerada pelos autores como a “verdadeira³⁹” CR, uma peculiaridade desse tipo de construção, conforme explicam Marcelino e Oliveira (2014):

são as condições léxico-semânticas que ela impõe aos SAdjs: a construção resultativa verdadeira apresenta uma forte tendência a aceitar apenas SAdjs graduáveis (gradable) com escala máxima inerente, como proposto por Wechsler (2001; 2005;

³⁷ Vendler (1967) já afirmava a distinção de quatro tipos de lexicais que implicam aspecto: (i) estados (states), (ii) atividades (activities), (iii) accomplishments e (iv) achievements. Essa classificação permite separar eventos que não têm um término definido, (i) e (ii), dos eventos delimitados, (iii) e (iv) (RECH, 2007, p. 82).

³⁸ Processos culminados ou accomplishments são eventos que transcorrem num dado espaço de tempo e têm término definido, já as culminações ou achievements são eventos que não transcorrem no tempo e têm término definido.

³⁹ Marcelino e Oliveira entendem que a CR consiste em um verbo que funciona como núcleo temático e o PS, que codifica o resultado do processo explicitado pelo verbo.

2012). Tais SAdjs são os responsáveis em fazer com que os verbos de processo/atividade passem a ter leitura de accomplishment, ou seja, é o predicado resultativo que gera telicidade à construção resultativa. (MARCELINO; OLIVEIRA, 2014, p. 125).

Segundo Marcelino e Oliveira (2014), se o SAdj for retirado da sentença, passará a ser atética, ou seja, o processo perdura no tempo e no espaço (*Samuel wiped the table/ Samuel esfregou a mesa*). Marcelino e Oliveira (2014) acreditam que a presença do resultativo é responsável pela passagem de atividade/processo ao estado resultante/resultado. Já a ausência do resultativo é responsável por ter somente processo.

No entanto, há quem discorde disso. Barbosa (2018) diz que “não é a presença do predicado secundário que introduz telicidade ou resultado nas sentenças do PB – afinal, estas já possuem um estado resultante quando verbo e objeto direto se combinam.” (BARBOSA, 2018, p. 557).

Barbosa (2018) acredita que a definição sintática das CRs genuínas são:

estruturas mono-oracionais e transitivas (vPs), formadas por um verbo que denota o modo da ação, um objeto direto afetado pela ação verbal (tema), e um predicado secundário que acrescenta à estrutura o estado resultante e a telicidade da ação. (BARBOSA, 2018, p. 554).

Segundo Barbosa (2018), na literatura sobre as construções resultativas, temos propriedades que são sempre associadas a esse fenômeno:

- (a) Verbo causa uma mudança de estado no objeto (Simpson 1983, [...]);
- (b) Resultado da ação do verbo sobre o objeto é denotado pelo sintagma adjetival/preposicional (Simpson 1983, [...]);
- (c) Evento denotado pela sentença é um accomplishment (Hoekstra 1988, [...]);
- (d) Objeto das resultativas nem sempre é objeto “verdadeiro” do verbo (Hoekstra 1988, [...]);
- (e) Relação de predicação secundária – small clause (Simpson 1983, Hoekstra 1988, Mateu; Rigau 1999, Mateu 2000, 2001) ou predicado complexo (Carrier; Randall 1992, Levin; Rappaport Hovav 1995, Rothstein 2000, Neeleman; van de Koot 2002). (BARBOSA, 2018, p. 550).

A compreensão dele é “denotar estado resultante ou indicar resultado da ação”, não quer dizer que uma língua como português brasileiro “seja capaz de denotar algo semelhante a uma construção resultativa.” (BARBOSA, 2018, p. 555). Ao contrário, ele argumenta que as CRs são fenômenos bem distintos dos recursos que o PB utiliza para representar essa estrutura de evento. A CR, segundo Barbosa (2018), não é produto de mero acréscimo do PS sobre uma ação verbal e também não mero epifenômeno. Novamente, ele diferencia que a CR genuína é “uma estrutura sintática específica, com consequências tipológicas/paramétricas, especialmente

em como traços semânticos que denotam estado resultante e modo/maneira são codificados sintaticamente.” (BARBOSA, 2018, p. 555).

Para Bertucci, por exemplo, as sentenças “João fechou a porta” e “O engenheiro construiu a ponte”, apesar de apresentarem estados resultantes, alguns critérios contidos nelas são diferentes das CRs. Um exemplo é sobre o aspecto lexical, “fechar a porta é entendido com um predicado que denota uma mudança instantânea, enquanto “construir a ponte” é um predicado que denota um evento composto, com um processo e uma culminação.” (BERTUCCI, 2014, p. 624). A partir dessa explicação lexical, Bertucci argumenta que a porta passa de aberta à fechada e a ponte da não existência à existência. Já nos casos de predicados que são conhecidos como atividade, por exemplo, martela a lata, empurrar o carrinho e esfregar o chão, esses “podem pendurar por tempo indeterminado” e, por isso, não acarretam, necessariamente, uma mudança de estado. Ele diz:

Assim, fica diferenciada a ideia de estado resultante, presente nos eventos que acarretam lexicalmente mudança de estado (por achievements e accomplishments), e resultatividade, presente nos eventos que não acarretam lexicalmente tal mudança e necessitam do acréscimo de um elemento para indicá-la. (BERTUCCI, 2014, p. 624).

Bertucci, diferentemente de Barbosa (2008), afirma que o PB tem CR, ao menos semanticamente. Em outras palavras, não constituídas por adjetivos como defende Lobato (2004), mas construídas a partir do sintagma preposicional (PP) com oração infinitiva encabeçada por *até*:

João martelou a lata até achatar.
Maria esfregou o chão até brilhar. (BERTUCCI, 2014, p. 625).

Para sustentar sua hipótese, Bertucci toma como base a semântica de Parsons (1990), “há um evento **e** que causa um evento **e'** e esse evento **e'** acarreta um estado resultante **s**.” (BERTUCCI, 2014, p. 625). Por exemplo: *João martelar o metal* é evento **e**, *o achatar do metal* é o evento **e'**, e *o metal ficar achatado* é o estado resultante **s**. Diz Bertucci:

Por isso, assumimos a noção de resultatividade como um evento complexo, com dois núcleos verbais (como em “João martelou a lata até amassar”) em que há dois eventos verbais e um estado resultante desse evento complexo, sem que tal estado seja acarretado diretamente do sintagma verbal (VP) (BERTUCCI, 2014, p. 625).

Bertucci reafirma que o PB tem CRs infinitas, que denotam o evento e acarretam o estado resultante, enquanto o inglês tem CRs com adjetivos, que denotam o estado resultante e

acarretam o evento que levou a esse resultado. Segundo Marcelino e Oliveira (2014), sentenças que empregam a preposição *até* foram discutidas primeiramente por Marcelino (2000) e, posteriormente, por Bertucci (2014), como resultativas infinitivas. Eles concordam com Bertucci que as sentenças *João martelou a lata até achatar*, *Maria esfregou o chão até brilhar* apresentam uma semelhança semântica com a CR verdadeira, mas fazem uma ressalva:

No entanto, parece que nesse caso não estamos lidando com uma construção resultativa. Em inglês temos uma combinação sintático-semântica – a própria construção resultativa – que faz com que o SAdj da sentença seja interpretado como resultado/ culminação da ação verbal, resultado de uma reanálise de [SV+SAdj] que compõem um predicado complexo através de um mecanismo de afixação livre, que seria lícito em uma língua que marca positivamente o PC como o inglês. Para as resultativas infinitivas, no entanto, tal interpretação é oriunda de uma palavra específica, a preposição “até”, e não da construção como um todo. Além disso, segundo Ilari (20067, apud RECH, 2007), o SAdj nesse tipo de sentença não indica resultado, ele apenas indica limite. (MARCELINO; OLIVEIRA, 2014, p. 128).

No trabalho de Foltran (1999) e Lobato (2004), ao contrário de Bertucci, sentença tal como *O engenheiro construiu a ponte sólida* é considerada CR porque cumpre três critérios: a) há um predicativo do objeto (“sólida”); b) há a atribuição de uma nova propriedade (“sólida”) ao referente do objeto (“a ponte”) como efeito da ação verbal (“construir”) e c) o evento é interpretado como processo culminado (*accomplishment*). Acrescenta também que as resultativas do português são formadas a partir de “verbos de criação” e veiculam um conteúdo semântico de causatividade. Outros exemplos mencionados pela autora como CR são:

23

- a) Ele cortou o cabelo curto.
- b) Ele costurou a saia justa.
- c) Ele fez o chá fraco.
- d) Ele construiu a casa muito grande.
- e) Ele desenhou o círculo torto.
- f) Ele cortou o pão em fatias.
- g) Ele bateu as claras em neve.
- h) Ele pintou a parede de branco.
- i) Eles elegeram Paulo presidente da fábrica (FOLTRAN, 2000, p) 134).

A autora entende que os resultativos em português ocorrem na posição de sintagmas nominais, sintagmas preposicionais, ou sintagmas adjetivais. Ela levanta, então, a hipótese de que a CR difere das demais construções de PS, no que se refere à forma de ser parafraseada. Ela advoga que no PS, mais especificamente nas construções resultativas, não se admite paráfrase com o conectivo *quando*, como em: “O cabelo estava curto *quando* ele o cortou. A saia estava justa *quando* ele a costurou.” (FOLTRAN, 2000, p. 135). Sua proposta, então, é que “as paráfrases não são aceitáveis para esse tipo de construção, porque a função do adjetivo

predicativo é descrever o estado final do objeto direto, que só passa a existir a partir da ação verbal” (FOLTRAN, 2000, p. 135).

Foltran, no entanto, esclarece que há verbos que não se encaixam nessa classificação, tais como *eleger* e *nomear*⁴⁰. Além disso, acredita que esses verbos também integram as CRs, pois indicam resultados quando acompanhados do sintagma nominal, como é o caso da sentença 23i), em que Paulo presidente é um resultado da ação de *eleger*.

Outro fato a observar, segundo Foltran (2000, p. 131): “o predicado secundário pode ser retirado dessas construções sem prejuízo para a boa formação da sentença, o que significa que o adjetivo predicativo não é subcategorizado pelo verbo”, como apontado em 24 e 25:

24) Pedro chegou cansado - Pedro chegou.

25) João comprou o carro quebrado - João comprou o carro.

Marcelino e Oliveira (2014) realizam uma interpretação sobre a leitura de *accomplishment*⁴¹ da CR, um entendimento diferente de Foltran. Eles mostram que “SAdj são os responsáveis em fazer com que os verbos de processo/atividade passem a ter leitura de *accomplishment*, ou seja, é o predicado resultativo que gera telicidade à construção resultativa” (MARCELINO; OLIVEIRA, 2014, p. 125), o que implica assumir que em: “Samuel esfregou a mesa”, se o SAdj for retirado da sentença, passará a ser atética.

Retomando as palavras de Foltran, apesar do PS não ser subcategorizado pelo verbo, ela entende que não é possível generalizar, ou seja, dizer que qualquer verbo permite a ocorrência de PS. Ao contrário, seus estudos têm demonstrado que existem restrições. Um exemplo são os verbos estativos, já que são pouco propensos a admitir um adjetivo predicativo. Outro exemplo são os verbos intransitivos, como *John laughed himself sick*, em que no inglês permite CRs como essas, mas no PB esse tipo de sentença não são processos produtivos. A verdade para Foltran é que os predicados secundários resultativos são muito limitados, de um modo geral, nas línguas românicas, em específico, no português brasileiro.

⁴⁰ Segundo Foltran, apesar de algumas semelhanças com os verbos dos PS, essa classificação não é tão evidente quanto as outras, já que não encontra fundamentos “para tratar essas sentenças como predicados secundários de outros tipos ou como mini-orações complementos” (FOLTRAN, 2000, p. 135).

⁴¹ A essa questão, é interessante observar a posição de Lobato (2004) e Bertucci (2014) sobre o assunto: “Verbos do tipo *accomplishment*, também chamados de “processo culminado” (LOBATO, 2004), são verbos que denotam um evento composto, com um processo e uma culminação, como em “O engenheiro construiu a ponte” (BERTUCCI, 2014), sentença na qual há o processo de construir que é culminado com o término da construção da ponte” (MARCELINO; OLIVEIRA, 2014, p. 125).

Foltran (2000, p. 136) conclui que: “é razoável pensar que o português deve ter outras formas de expressar ações que se aplicam a determinados objetos produzindo neles certas características”. E acrescenta que as sentenças constituem pistas de como seriam essas formas:

- a. Poliu o carro bem polidinho.
- b. Areou a panela bem areadinha.
- c. Colocou a toalha na mesa bem esticadinha.
- d. Aqueceu o ferro até ficar vermelho. (FOLTRAN, 2000, p. 136).

Embora cada pesquisa tome um caminho diferente para chegar ao seu destino, em todos os casos sobre a CR, a parada é sempre a mesma: a função do SAdj ou PP é descrever, denotar, indicar o estado final do objeto direto, que só passa a existir a partir da ação verbal. Para sustentar esses estudos, desde o surgimento da gramática gerativa, as gramáticas das construções recorrem a um critério de análise das categorias gramaticais que é estático. Os trabalhos são derivados de uma linguística estrutural que deve oferecer uma teoria fonética universal, uma teoria semântica universal e uma teoria sintática universal. Esse tipo de abordagem muito se aproxima das seguintes ideias: existe uma transparência original da linguagem, uma neutralidade dos sujeitos falantes, as categorias gramaticais são fundamentadas em um sistema de correspondência entre unidades da língua e referente e o processo de tradução significa, portanto, decodificar o pensamento do autor e recodificá-lo em outra língua.

Na próxima seção, trataremos da perspectiva dinâmica da construção da significação. Diferente do que vimos nesta seção que aqui se encerra, na próxima seção, distanciamo-nos, nesse sentido, da proposta que entende a linguagem como determinada. No enfoque dinâmico, a natureza da linguagem é indeterminada. Defendemos que a opacidade é constitutiva da atividade de linguagem, que os valores referenciais são instáveis e construídos nos e pelos enunciados, que a tradução é uma operação de natureza dinâmica, já que não são só palavras que traduzimos, mas também contextos, vivência cultural, experiência linguística, constituição subjetiva, percepções e pensamentos. O intuito é determinar como a significação se constrói. Vejamos detalhadamente cada uma dessas temáticas a seguir.

2 A LINGUAGEM COMPREENDIDA ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DINÂMICA

A problemática de Culioli inscreve-se em uma corrente que rompe com a concepção de uma transparência original da língua em relação às ideias que permite exprimir. Um aspecto importante dessa teoria transparece no aforismo segundo o qual “a compreensão é um caso particular do mal-entendido”. Isso significa que a estabilidade necessária para que um processo de compreensão-interpretação seja possível nada mais é do que uma estabilidade conquistada e provisória, da qual uma teoria da deformabilidade deve dar conta. (FRANCKEL, 2011, p. 43-44).

Introdução

O conceito de enunciação, em linhas gerais, “é sem dúvida a tentativa mais importante para ultrapassar os limites da linguística da língua”⁴² (FLORES; TEIXEIRA, 2008 p. 12). Ainda nas palavras de Flores e Teixeira:

Com ele, consolida-se o estudo que busca evidenciar as relações da língua não apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito. As marcas de enunciação no enunciado têm a especificidade de remeter à instância em que os enunciados são produzidos, fazendo irromper o sujeito da enunciação (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 12).

Flores (2001), em “Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação”, apresenta uma proposta epistemológica de abordagem desse campo de estudo, permite dizer que as teorias da enunciação, no plural, estariam reunidas na linguística da enunciação, no singular. O autor afirma que há traços comuns entre as teorias de Charles Bally, Roman Jakobson, Émile Benveniste, Oswald Ducrot, Mikhail Bakhtin, Authier-Revuz, Antoine Culioli e Kerbrat-Orechioni, entre outros. Com exemplo, a linguística da enunciação trata-se de uma abordagem da irrepetibilidade, uma vez que inclui o sujeito. Assim, “a enunciação é sempre única e irrepetível, porque a cada vez que a língua é enunciada tem-se condições de tempo (agora), espaço (aqui) e pessoa (eu/tu) singulares.” (FLORES, 2008, p. 100).

Mas, em princípio, vale lembrar que a linguística, na sua constituição, valorizava “a língua como objeto descontextualizado, enfatizando aspectos internos de seus constituintes e

⁴² Na sequência, abordamos alguns temas a partir da perspectiva dinâmica. Com base nessa afirmação, queremos esclarecer que nesta seção, assim como nas anteriores e nas posteriores, trouxemos alguns autores para discussão em razão da temática. É preciso admitir que talvez os pesquisadores que expusemos nesta pesquisa não sejam os mais adequados para abordar o assunto. No entanto, o conhecimento que temos sobre os temas são abordados por tais pesquisadores.

das relações entre eles, mas sem abordar as relações entre os constituintes e seus significados”, afirmam Flores e Teixeira (2008 p. 13). Nessas condições, são comuns afirmações tais como de que existe uma ordem interna que é própria da língua, a língua é sistema de signos, a língua é um produto social, a língua é um sistema de sons, a língua é um conjunto de frases, a língua é um conjunto estruturado de elementos linguísticos, enfim.

Mas na teoria adotada nesta pesquisa, a TOPE, inscrita na perspectiva construtivista, o conceito de enunciação traz uma série de consequências para o termo “referenciação”. Como bem observam Vogué, Franckel, Paillard (2011, p.11), “a linguagem não é a reprodução, a transcrição ou a codificação de um referente: ela constrói valores referenciais que, como construções enunciativas que são, não repousam em nenhum elemento de estabilidade além do que a enunciação pode construir”. Ainda segundo os autores, a enunciação é atravessada por três processos fundamentais⁴³: a representação, a referenciação e a regulação.

A teoria de Culioli⁴⁴ propõe a procura de um dado linguístico como resultado de uma articulação entre linguagem e línguas. Para tanto, redefine a linguística como a ciência que estuda a linguagem por meio da diversidade das línguas naturais, ou seja, a proposta é apreender as operações de linguagem através da diversidade das línguas naturais (e através da diversidade dos textos, orais ou escritos).

Para a TOPE, o objeto de estudo da linguística não é exclusivamente a linguagem. Várias áreas de conhecimento se interessam por esse objeto. A relação entre as línguas e a linguagem não é razão suficiente para se ter apenas a linguagem como objeto de estudo. Para Culioli não é possível à linguística propor estudar a linguagem como um domínio puro. O linguista não tem acesso direto à linguagem, assim como a linguagem não está relacionada somente às línguas.

A construção da significação, ou seja, a atividade de linguagem, é a capacidade que todo e qualquer ser humano tem para representar, referenciar e regular, passível de ser vislumbrada por meio das línguas, e é em relação com a linguística que essa atividade se constrói.

A linguagem é uma capacidade humana de elaborar símbolos. Como atividade simbólica, proporciona a organização e o desenvolvimento do pensamento. A atividade simbólica não exclui as falhas, os erros e as deformações que, sob um certo ponto de vista, são considerados como “falhas de comunicação”.

⁴³ Esses processos são descritos melhor na seção 2, subseção 2.1 desta tese.

⁴⁴ Na seção 2, subseção 2.1 desta tese, apresentamos os conceitos fundamentais da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli.

Para a TOPE, toda expressão verbal que vier a constituir enunciado pode ser objeto de estudo. Trata-se de uma teoria da enunciação, com obviedade, à medida em que toma como objeto o próprio enunciado. A teoria da enunciação de Culioli se distingue de outras teorias da enunciação. Para citar apenas duas abordagens teóricas, segundo Culioli, o enunciado não pode ser compreendido como em Benveniste “o resultado de um ato individual, ancorado em um *hic et nunc* qualquer por um enunciator qualquer”, ou, ainda, conforme Ducrot, “Unidade argumentativa de sentido, composta de um segmento-argumento e um segmento-conclusão”. Com efeito, nessa teoria, a compreensão do enunciado é “um arranjo de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos que o constituem como tal podem ser analisados, no âmbito de um sistema de representação formalizável como um encadeamento de operações do qual é o vestígio.” (FRANCKEL, 2011, p. 44).

Tomamos o termo “operação”, uma vez que defendemos que o valor referencial no enunciado não corresponde a algo dado, mas construído. Nesta última acepção defendida, os arranjos das formas não remetem a valores estabilizados, mas “às operações de constituição de valor referencial”. É por isso que se diz que “estudar a enunciação é, portanto, estudar as modalidades de constituição desse valor.” (FRANCKEL, 2011, p. 44)

Tal como postula essa teoria, assumimos o papel do linguista culioliano e de seus colaboradores, segundo o qual o linguista “procura construir (a partir de observações bem detalhadas) uma metalíngua (explícita e unívoca) que permite apreender a linguagem através da diversidade das línguas naturais sem que se deixe de levar em conta a ambivalência, a aproximação, a falha e o mal-entendido.” (CUMPRI, 2012, p. 29).

O que veremos de agora em diante nas subseções é o que Culioli considera necessário em seus estudos, como bem resume Franckel (2011):

A problemática de Culioli inscreve-se em uma corrente que rompe com a concepção de uma transparência original da língua em relação as ideias que permite exprimir. Um aspecto importante dessa teoria transparece no aforismo segundo o qual “a compreensão é um caso particular do mal-entendido. Isso significa que a estabilidade necessária para que um processo de compreensão-interpretação seja possível nada mais é do que uma estabilidade conquistada e provisória, da qual uma teoria da deformabilidade deve dar conta. (FRANCKEL, 2011, p. 43-44).

Em síntese, tal concepção revela, desde então, que o objeto de estudo do linguista, da abordagem construtivista, da TOPE, não é estável e nem imutável.

2.1 A teoria das operações predicativas e enunciativas

Tanto as nossas hipóteses quanto os objetivos foram desenvolvidos no âmbito do nosso processo de apropriação do projeto teórico conhecido como Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (doravante TOPE), iniciado pelo linguista francês Antoine Culioli. A síntese que fizemos de obras que, em alguma medida, situam esse projeto teórico tem por finalidade explicitar ao leitor deste trabalho os conceitos com os quais temos nos familiarizados desde o início da pesquisa de mestrado. A ênfase fica por conta dos conceitos de língua, de linguagem, de atividade da linguagem, de operações construtivas do enunciado, de noção, de domínio nocional, de operações de quantificação e qualificação, de operações modais e aspectuais.

A TOPE está situada no contexto de pesquisas linguísticas que tiveram seus aspectos teóricos e metodológicos desenvolvidos a partir de conferências e artigos organizados em três volumes, em forma de coletâneas, todos intitulados: *Pour une linguistique de l'énonciation* (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b).

Culioli nasceu em 4 setembro de 1924, em Marselha, no sul da França e faleceu em 9 de fevereiro de 2018. Foi professor de inglês na Universidade da Sorbonne, pelo período de 4 anos, entre 1949 e 1953. Esteve sempre interessado pelas línguas estrangeiras desde o início da sua carreira. Seus interesses estiveram direcionados para a construção de uma teoria que fosse capaz de analisar e explicar as diferenças entre as línguas, bem como as operações que lhes são subjacentes (ZAVAGLIA, 2016, p. 18).

O GETOE⁴⁵, Grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas, publicou, em sua versão eletrônica, a bibliografia de Antoine Culioli. Segundo o GETOE, essa teoria começou a ser desenvolvida há mais de 40 anos. Ao longo desses anos, seus estudos foram dedicados àquilo que muitas vezes fica relegado a segundo plano, isto é, o sujeito. No entanto, não era a construção de teoria do sujeito seu objetivo. A TOPE direciona seus objetivos ao estudo da articulação da atividade de linguagem com as línguas naturais. Compreendemos, por meio dessa teoria, que a linguagem nunca foi uma área exclusiva da Linguística. Pelo contrário, outras áreas, tais como a lógica, a medicina, a psicologia, a literatura e até mesmo a informática, dada sua significância, têm a linguagem como tema de estudo (ZAVAGLIA, 2002, p. 13). Todas essas áreas, ainda que sob perspectivas diferentes, reiteram o papel fundamental da linguagem na organização do pensamento humano.

2.1.1. Linguagem e línguas

⁴⁵ Disponível em: <http://getoe1.blogspot.com.br/2013/04/biografia-de-antoine-culioli.html>.

Segundo Vogue⁴⁶ (2011), a TOPE de Antoine Culioli ilustra, sob diferentes pontos de vista, a força e a especificidade dessa teoria. Culioli redefine a linguística como a ciência que estuda a linguagem por meio da diversidade das línguas naturais, ou seja, a proposta é apreender as operações de linguagem por meio da diversidade das línguas naturais (e através da diversidade dos textos, orais ou escritos). Com efeito, o que se propõe é a procura do dado linguístico como resultado de uma articulação entre linguagem e línguas.

Para a TOPE, o objeto de estudo da linguística não é exclusivamente a linguagem. Várias áreas de conhecimento se interessam por esse objeto. A relação entre as línguas e a linguagem não é razão suficiente para se ter apenas a linguagem como objeto de estudo. Para Culioli não é possível à linguística estudar a linguagem como um domínio puro. O linguista não tem acesso direto à linguagem, assim como a linguagem não está relacionada somente às línguas. A atividade de linguagem é a capacidade que todo ser humano tem, por meio da língua, de representar, referenciar e regular.

A linguagem é uma capacidade humana de elaborar símbolos. Como atividade simbólica, proporciona a organização e desenvolvimento do pensamento. A atividade simbólica não exclui as falhas, os erros e as deformações que, sob um certo ponto de vista, são considerados como “falhas de comunicação”.

Para a TOPE, toda expressão verbal que vier a constituir enunciado pode ser objeto de estudo. O que de outro ponto de vista é compreendido sob o conceito de classe gramatical, para a TOPE será compreendido sob o conceito de marcador de operação. O objeto de estudo do linguista, na perspectiva da TOPE, não é estável e nem imutável. Na reflexão culioliana, a língua apresenta-se sob a forma de textos e cada texto representa formas de arranjos e configurações que vão, à primeira vista, variar de uma língua para outra, mas das quais se poderá, num dado momento, procurar as regularidades (CULIOLI, 1976, p. 9). Desse modo, as línguas são definidas como configurações e agenciamentos linguísticos específicos produzidos e reconhecidos pelos sujeitos nas formas de textos orais ou escritos, os únicos materiais acessíveis ao linguista. Para se trabalhar a língua, tentando compreender a linguagem, será

⁴⁶O início desta subseção sobre linguagem e língua foi subsidiado pela coletânea de textos de Vogüé; Franckel; Paillard (2011).

necessário tomar o texto como partida e, posteriormente, retornar a ele, o que não significa que o linguista trabalhará apenas na superfície textual.

2.1.2 A produção e o reconhecimento

A TOPE propõe-se a estudar o movimento (do processo cognitivo) na construção da unidade significativa, na produção e no reconhecimento de enunciados, no momento singular da interação verbal. No instante em que os sujeitos estão em situação de enunciação, há interação verbal. A fala e a escuta nos permitem observar a troca verbal externa aos sujeitos. Ainda que nesse movimento de trocas linguísticas seja possível delimitar um emissor e um receptor, não há, do ponto de vista da atividade de linguagem, separação entre emissor e receptor, conforme ressalta Culioli (1990). A TOPE define o enunciador como sendo concomitantemente construtor e reconhecedor de formas. Em cada sujeito há um diálogo interno e não consciente. Culioli definiu esse diálogo como “atividade epilinguística” (CULIOLI, 1990, p. 14).

A atividade epilinguística é compreendida como o processo de construção ou produção de formas. A interpretação ou reconhecimento de formas é uma espécie de produção segunda. É a atividade de linguagem que permite aos sujeitos construir e reconhecer formas através dos agenciamentos de marcadores de cada língua dada. Quanto mais intenso for o diálogo interno, mais intenso será o diálogo externo. A descrição dos produtos languageiros é apenas um ponto de partida para a TOPE, a prioridade é a compreensão das operações que estão subjacentes a tais produtos (SALVIATO-SILVA, 2007, p. 23).

Ademais, a todo instante estamos construindo e interpretando enunciados. Numa primeira instância, isso pode nos parecer muito comum, mas não o é quando considerada a complexidade das operações envolvidas nesse processo. A atividade de linguagem fundamenta os movimentos que tanto favorecem novas estabilizações quanto ratificam aquelas já conhecidas. Consideremos como exemplo a interação verbal de um casal: a mulher (diz para o marido): - Amor deixa de ser mentiroso!; o marido (responde para a mulher): - Mas, eu não sou mentiroso, eu sou brincaderoso! Em situação de interação verbal, os sujeitos tendem a buscar saídas para os mal-entendidos. Desde a infância a atividade epilinguística já é bastante intensa. Observe-se o diálogo⁴⁷ a seguir:

⁴⁷ O exemplo foi extraído de Salviato-Silva (2007). Utilizamos esse exemplo porque consideramos interessante a busca da criança em adequar a compreensão.

- Tio, advinha o que o Santos Dumont inventou?
 - Ah, eu não sei não.
 - Ele voa.
 - O mosquito!
 - Ele tem asa maior que o mosquito.
 - Passarinho!
 - Não! –
- Mas o passarinho voa e tem asa maior que o mosquito!
- Mas esse tem asa dura e o passarinho tem asa mole. É o avião! (SALVIATO-SILVA, 2007).

Observe-se o esforço da criança por desambiguar o texto em face dos mal-entendidos. Se o objetivo do enunciador é construir uma sequência interpretável, o co-enunciador poderá interpretar essas formas conforme suas convicções. A significação não é vinculada, mas reconstruída, pois a relação entre a atividade de produção e reconhecimento supõe a capacidade de ajustamento dos sujeitos.

2.1.3 A atividade de linguagem

“A atividade de linguagem é a capacidade humana de construção de representação, referenciação e regulação passível de ser vislumbrada por meio das línguas, pois em relação com a linguística, essa atividade constrói a significação.” (CULIOLI, 1976, p. 7). Apresentamos, a seguir, os três níveis de operações em relação à manipulação dos enunciados.

2.1.3.1 A atividade de representação

Há três níveis de operações de representação: nível I (das representações mentais ou pré-linguísticas); nível II (nível das representações linguísticas ou dos fenômenos observáveis) e nível III (das representações metalinguísticas). Contemplamos cada um deles a seguir.

Compreende-se que no primeiro nível estão organizados todos os conhecimentos do sujeito, desde aquelas experiências mais remotas da infância. Acrescenta-se, ainda, que cada sujeito tem seu modo diferenciado de experienciar o mundo cultural e emocional e de construir representações mentais que não se restringem às representações linguísticas. Do ponto de vista da atividade de linguagem, não existe separação entre extralinguístico e linguístico. Tudo está sujeito à organização subjetiva da experiência. Todavia, o linguista não tem acesso direto às representações do nível I. O nível II compreende a representação linguística enquanto arranjos

de marcadores. O termo “arranjo” remete às regras de boa formação do enunciado. O termo “marcador” deve ser entendido como “marcador de operações mentais” que são traços do nível I que se explicitam no nível II. Esse segundo é o nível do enunciado ou das sequências textuais. O nível III é o das representações metalinguísticas. É o nível que representa metalinguisticamente as representações do nível II. Nesse sentido, só temos acesso ao nível III a partir do II, que, por sua vez, representa o nível I. Concluimos esta seção com a seguinte explicação com relação aos três níveis de estudo em relação à manipulação dos enunciados:

O primeiro nível, Nível 1, é aquele das representações mentais (de ordem cognitiva e afetiva), ao qual nós não temos acesso. O Nível 2, que é acessível ao linguista, é onde estão as representações das representações mentais, ou seja, constitui-se de traços da atividade de representação do Nível 1. Por fim, há um terceiro nível, metalinguístico, que diz respeito às manipulações ou reformulações efetuadas pelo linguista. O Nível 3 é o nível formal, e é constituído por diversas ferramentas metalinguísticas. (BIASOTTO, 2012, p. 84).

2.1.3.2 A atividade de referenciação

A atividade de referenciação visa à construção do valor referencial. Atua justamente na articulação do mundo interior com o exterior e não faz distinção nenhuma entre conhecimentos linguísticos e extralinguísticos. É indissociável do modo como os sujeitos compreendem a realidade e a enunciam. A referenciação é uma construção. Ainda que possa ser observada como uma relação unívoca entre E (objeto físico simbólico, podendo ser um enunciado gráfico ou sonoro) e E' (objeto simbólico e construído que representa o mundo físico e mental), trata-se de uma relação construída de ponto a ponto, e não de uma relação de princípio (SALVIATO-SILVA, 2007, p. 33). Rezende (1983) exemplifica essa relação.

É preciso compreender que “carro” não é um objeto ingenuamente bem delimitado no espaço e que como lingüistas trabalhamos com problemas ligados à atividade simbólica e não com problemas ligados diretamente à realidade física, pois quando produzimos/reconhecemos enunciados podemos associar ao objeto “carro” outras experiências vividas. A referência dos objetos lingüísticos não deve ser buscada de modo direto nos objetos do universo físico mas é uma construção feita através da experiência individual sobre os objetos do mundo físico e mental. (REZENDE, 1983a, p. 111).

No instante em que se constrói um termo num sistema de referência, também se atribui um valor referencial ao termo. Os valores referenciais serão atribuídos aos objetos linguísticos sempre em relação a um sistema referencial.

2.1.3.3 A atividade de regulação

Essa atividade é inseparável da duas acima referenciadas. Basta-nos pensar nos ajustamentos que colocam em jogo as relações de alteridade entre enunciador e co-enunciador e nas operações de identificação e diferenciação que se constroem. Zavaglia (2002) traz a seguinte contribuição à compreensão da atividade de regulação:

Poderíamos dizer que ela é dialógica e incide sobre o discurso de um enunciador¹ com relação às representações que ele imagina ter um enunciador². São dois universos, ao mesmo tempo distintos e semelhantes, que se encontram por meio da verbalização. No processo de construção de formas, que resulta num enunciado, um enunciador¹ regula suas representações na própria representação que faz das representações de um enunciador 2, tentando aproximar-se dele. Aqui estão em jogo as representações de ambos os enunciadores, o que determina sua característica psicossociológica. Seria, grosso-modo, uma adequação do discurso do enunciador dependendo de seu ouvinte ou leitor. Isso quer dizer que, conforme constroem-se referências entre os universos simbólicos linguístico e extralinguístico e estabelecem-se relações entre as referências construídas, um continuum de construção de referências e de relações sobre relações se delineia dentro de algumas restrições. (ZAVAGLIA, 2002, p. 26).

Por fim, o “afrouxamento” (ZAVAGLIA, 2002) de restrições no processo de estruturação do enunciado dá lugar a outro nível de regulação, que poderá ser observado na poesia, na piada, no mal-entendido.

Vimos até aqui que a regulação, a representação e a referenciação são operações que possibilitam aos sujeitos produzir e reconhecer formas interpretáveis por meio dos traços de operações que se podem apreender dos enunciados.

2.1.4 O enunciado

“Enunciar é construir um espaço, orientar, determinar, estabelecer uma rede de valores referenciais, em resumo, um sistema de determinação.” (CULIOLI, 1999b, p. 44, grifos do autor). O enunciado é:

[...] um agenciamento de marcas que são, elas mesmas, traços de operações, quer dizer, é a materialização de fenômenos mentais aos quais nós não temos acesso, e dos quais nós, linguistas, só podemos dar uma representação metalinguística, isto é, abstrata. (CULIOLI, 2002, p. 27).

O enunciado foi definido por Culioli como um construto teórico. Isso coloca uma diferença entre frase e enunciado. A frase está relacionada com as regras que definem a relação

predicativa, enquanto o enunciado resulta da localização de uma relação predicativa numa situação de enunciação. Não há parentesco entre as regras de boa formação dos enunciados e das frases (ZAVAGLIA, 2002, p. 27). Concluímos esta seção com as seguintes palavras de Cumpri sobre a complexidade do enunciado:

Culioli não confunde frase e enunciado e não assimila as regras de boa formação da relação predicativa às regras de boa formação da relação enunciativa. Enquanto a frase é definida por regras de boa formação que gerem essencialmente a relação predicativa, o enunciado é uma relação predicativa recuperada em relação a um sistema de coordenadas enunciativas. Ressaltando que as regras de boa formação enunciativa não são, necessariamente, as mesmas regras da boa formação frasal, Culioli (1999a, p. 129) aponta uma sequência como “O gato come bolos” como uma frase bem formada, a qual para ser um enunciado igualmente bem formado, necessitaria possuir um localizador, uma marca que recuperasse uma situação singular, como em: “Mamãe, veja, o gato está comendo os bolos.” (CUMPRI, 2012, p. 39)

2.1.5 Os processos constitutivos de um enunciado

O esquema de léxis⁴⁸ é uma estrutura tripla que aparece em todos os níveis de construção do enunciado. Esses níveis envolvem três relações: a relação primitiva, a relação predicativa e a relação enunciativa.

2.1.5.1 A léxis

O esquema de léxis é o ponto de partida do processo de construção do enunciado. Este (representada por $\langle \xi_0, \xi_1, \pi \rangle$) é constituído de dois argumentos (ξ_0, ξ_1) e de um relator (π). Essa relação antecede o predicado (elemento esse que constrói um termo de partida e um localizador), e é a partir dela que podemos teorizar e construir uma relação primitiva (CULIOLI, 1999a). A léxis é anterior a qualquer tipo de categorização em termos de nome, verbo, adjetivo. O esquema funciona como um filtro lexical que seleciona propriedades das noções às quais os termos remetem (VIGNAUX, 1988). Uma léxis é um potencial gerador de uma família de paráfrases. A variação será o resultado da instanciação da léxis em situações distintas de enunciação. Ela não é um enunciado. É um esquema formal gerador de enunciados. Cada termo

⁴⁸ Original francês: “c’est un agencement de marqueurs, qui sont eux-mêmes la trace d’opérations, c’est-à-dire, que c’est la matérialisation de phénomènes mentaux auxquels nous n’avons pas accès, et dont nous ne pouvons, nous linguistes, que donner une représentation métalinguistique, c’est-à-dire, abstraite” (CULIOLI, 2002, p.27). Acrescentamos o acento agudo ao termo original lexis do francês. Essa forma adaptada é que utilizaremos neste trabalho.

dessa relação remete a uma noção⁴⁹. As relações entre noções possibilitam a organização de domínios nocionais⁵⁰ (CULIOLI, 1999a, p. 101).

2.1.5.1.1 A relação primitiva

A léxis é um esquema formal e primitivo que possibilita que algo possa ser esquematizado de antemão, tal como afirma Culioli (1976), no nível do dizível. Na sua origem, está a passagem do mundo para a língua, isto é, do extralinguístico para o linguístico, e visa direcionar a relação entre os termos da origem para o objetivo. O primeiro argumento (X) representa a origem da relação e o segundo argumento (Y) representa o objetivo.

Um sentido entre noções começa a se constituir a partir da direção dada aos termos. Como os termos remetem às noções, com efeito, representam indistintamente os universos linguístico e extralinguístico.

Os termos, no entanto, são indeterminados porque ainda não foram localizados em relação a uma situação de enunciação. A categorização e a determinação semântica ainda não estão configuradas.

2.1.5.1.2 A relação predicativa

O esquema formal da léxis é gerador de várias relações predicativas. Qualquer um dos dois argumentos da léxis poderá ser tomado como termo de partida para a relação predicativa que se pretende construir. A relação predicativa diz respeito à construção desse termo de partida. Considere-se a léxis: “Lucas abraça Sofia” é [Lucas, abraçar, Sofia]. Dos dois argumentos nominais, Lucas é ξ_0 , e Sofia é ξ_1 . A léxis de “Lucas espreme laranja lima” é [Lucas, espremer, (laranja-ser-lima)]; um argumento nominal ξ_0 (Lucas), uma noção de predicado (espremer), um argumento proposicional ξ_0 (laranja ser lima). Podemos derivar desse esquema que a relação predicativa se constitui a partir de dois argumentos e um terceiro que funciona como relator de predicação. Os lugares vazios da léxis devem ser ordenados: um termo

⁴⁹ Culioli (apud FRANCKEL, 1998, p. 56) define a noção como “um feixe de propriedades físico-culturais, sem lhe conferir um estatuto, propriamente dito, linguístico, apresentando-a como uma entidade híbrida, entre o mundo e as representações culturais de um lado, e a língua, do outro”.

⁵⁰ O domínio nocional é construído por ocorrências cujas propriedades as colocam no interior, no exterior ou na fronteira do domínio.

de partida, um termo de chegada e um termo que representa o operador de predicação. Quando essa ordenação ocorre, constitui-se a relação predicativa.

Como vimos, a relação predicativa se constitui de dois termos e um terceiro que funciona como relator, porém, segundo a TOPE, também é possível a relação de mais termos. Quando isso acontece, são chamadas de relações binárias intrincadas. Se mais termos estiverem em relação, como é o exemplo do enunciado “João comprou um presente para Maria, há uma intricação de relações, ou seja, relações que se sobrepõem: “assim, quando há uma relação com mais de dois termos, diz-se que se trata de relações sobre relações e sempre relações com dois termos.” (CULIOLI, 1976 apud ZAVAGLIA, 2002, p. 44).

2.1.5.1.3 A relação enunciativa

O enunciado será o produto da localização da léxis, representada por λ , em um sistema formal de coordenadas enunciativas, representado por Sit. A localização de uma léxis

(λ) em relação a uma Sit é representada de modo simplificado pela notação $\langle \lambda \in \text{Sit} \rangle$. Assim, a partir de relações orientadas (relação primitiva) e ordenadas (relação predicativa) precedentes, localizadas em relação a um sistema de coordenadas enunciativas (Sit), é possível derivar uma família de relações predicativas e possivelmente uma família de enunciados em relação parafrástica. (PRIA, 2009, p. 45).

A significação é constituída a cada situação de enunciação. Isso é possível graças à definição desse esquema formal que é a léxis e da operação de base que é a localização. A variação das coordenadas enunciativas está para a variação da organização nocional, e vice-versa.

O enunciado é um objeto fortemente teorizado enquanto agenciamento de marcadores de operações.

Considerando que, no processo de enunciação, o ponto zero de categorização, o esquema de léxis, está no ponto de partida do processo de construção do enunciado, abordamos a seguir essa relação.

2.1.6 O estado zero de categorização

Culioli (1976) não compartilha dos posicionamentos de Saussure quando este define que “a língua é compreendida como um sistema de signos linguísticos, que funciona como leis

internas e próprias, quer dizer que não se relacionam com o que lhe é exterior.” (SAUSSURE, 2002, p. 24). Se para Saussure a língua é um objeto dado e cabe ao sujeito apenas reproduzir hábitos já construídos sobre a realização desses objetos, para Culioli (1976), tratar a língua como um código estável implica excluir o sujeito do processo de construção desses hábitos. A língua é dada ao sujeito segundo realizações bem-sucedidas. Culioli (1976) ironiza que, se fosse assim, todas as línguas do mundo poderiam ser codificadas e decodificadas sem que houvesse algum mal-entendido. E acrescenta: mesmo pessoas muito próximas e que falam arranjos léxicos-gramaticais semelhantes correm o risco de não serem compreendidas. A variação é da natureza das línguas.

A variação lingüística é o próprio movimento da linguagem. A diferença/variação individual entre os interlocutores, que é condição indispensável para o ato de fala básico, é a mesma diferença/variação, em escala mais ampla, das variações dialetais dentro de uma mesma língua e é a mesma diferença/variação que gera as diferentes línguas. (REZENDE, 1989, p. 148).

As categorias não se correspondem de uma língua para outra. Na organização das línguas, os responsáveis por essa aproximação são o léxico e a gramática. As categorias não estão dadas *a priori*, não antecedem à trajetória de construção da qual são senão o resultado. Ainda que na superfície das línguas possamos observar categorias tais como verbos, adjetivos, artigos ou resultativo, isso se deve à reiteração de processos que foram aproximados por gramáticos, linguistas, filósofos, e assim por diante. Para além desses, muitos outros processos foram descartados sob a ótica do “regular” que, nesse caso, se confunde com “redundante”. É esse trabalho gerador de processos de categorização (“regulares” ou não; “redundantes” ou não) que se pretende observar através de uma teoria da atividade de linguagem como a TOPE. A origem das categorias que conhecemos é maleável e variável. Se o critério da “regularidade” lhes atribui alguma estabilidade, isso se deve ao procedimento teórico-metodológico adotado, e não à essência dos objetos (FRANCKEL, 2011, p. 25). As propriedades dos objetos se definem na e pela interação. A variação é de princípio, conforme afirma Rezende (2000).

2.1.7 As operações da linguagem

Veremos como se passa do estado zero de categorização para a anexação das categorias. A superfície é o ponto de acesso às operações da linguagem e é o ponto a que se chega quando se parte daquelas operações. A superfície traz marcas de operações elementares, tais como a determinação (quantificação e qualificação), a extração, a flechagem e a varredura.

2.1.7.1 A determinação: as operações de quantificação e qualificação

Essa operação de quantificação é notada por QNT. Trata-se de uma operação que constitui a representação de algo que pode se distinguir em um espaço de referência (CULIOLI, 1999). Segundo Culioli (1999b), trata-se de uma

à operação pela qual se constrói a representação de alguma coisa que se pode distinguir e situar em um espaço de referência. [...] Assim, alguma coisa não se refere ao inanimado (por oposição a alguém), mas remete a um estado (interno ou externo) do qual se pode dizer que se distinguirá de um outro estado, que implicará, então, descontinuidades, localizadas (no sentido abstrato do termo) em um domínio de representações. Pode-se dizer de outro modo: alguma coisa remete a uma ocorrência [de uma noção], qualquer que seja ela, que um sujeito possa apreender, discernir (perceber como uma forma singular em relação ao meio), distinguir (eliminar a indeterminação) e situar (um sujeito situa essa alguma coisa em um espaço-tempo, que pode ser imaginário).⁵¹ (CULIOLI, 1999b, p. 82, grifos do autor).

A operação de quantificação visa à fragmentação de uma noção P e a sua individualização em relação a uma classe de ocorrências dessa noção num espaço enunciativo. Nesse espaço é trazida a existência de alguma coisa que até então era um nada. Por essa fragmentação são construídas ocorrências dessa noção na produção/reconhecimento de enunciados. E, da fragmentação, passamos de uma qualidade indiscernível a uma qualidade fragmentada (de ocorrências distintas).

A qualificação é notada por QLT. É colocada em jogo toda vez que se efetua uma operação de identificação/diferenciação sobre alguma coisa. Essa operação não só afeta alguma coisa que existe, mas também amplia o que se sabe sobre essa alguma coisa. Qualificar significa aplicar sobre o texto a ser analisado. As operações de qualificação e quantificação permitem estabelecer procedimentos de resolução de problemas, permitindo tratar do complexo, o que não significa, de maneira alguma, que eliminará as deformações, as interações, porque não existe uma metalíngua mágica. Qualificar vai além de atribuir uma propriedade, implica acionar um encadeamento complexo de operações, e não se encerra em juntar um qualificativo (CULIOLI, 1999). Segundo Culioli, a quantificação e qualificação podem ocorrer por meio de

⁵¹ Tradução nossa: “à l’opération par laquelle on construit la représentation d’un quelque chose que l’on peut distinguer et situer dans un espace de référence. [...] Ainsi, quelque chose Il ne se refere pas à inanimés (par opposition à quelqu’un), mais se refere un étal (interne ou externe) dont on peut dire que si distinguera un autre état, ce qui implique puis, discontinuités, quis era situe (sur sens abstrait de terme) dans un domaine représentations. Vous pouvez dire le contraire: quelque chose se refere à un occurrence [une notion], quel qui soit, un sujet peut apprendre, discerner (réaliser comme une forme singulier par rapport à la), distinguer (éliminer déterminer) et situer (un sujet situe ce quelque chose dans un espace temps que peut être imaginaire)”.

operações: a extração, a flechagem, a varredura, a identificação e diferenciação, as quais são abordadas com mais detalhes nas seções seguintes.

2.1.7.1.1 A operação de extração

Trata-se de uma operação pela qual se pode extrair da listagem de ocorrências individualizadas da noção uma ocorrência privilegiada. A extração percorre um caminho que parte da individualização de uma ocorrência por meio de sua localização em relação a um sistema situacional. Uma ocorrência pertencente a uma classe abstrata passa a ser uma ocorrência com a propriedade de ter sido situada no tempo e no espaço (PRIA, 2009, p. 66). Nas línguas ocidentais costumam ser marcadores de extração os artigos indefinidos, os numerais e também o determinante zero. Observemos um exemplo: “uma menina está sentada no banco da praça”/ “um menino passou correndo pela rua” etc. O artigo indefinido *um* marca a extração de uma ocorrência singular que não tem nenhum outro traço distintivo além de ter sido singularizada (CULIOLI, 1999b).

2.1.7.1.2 A operação de flechagem

Essa operação se efetua somente após a operação de extração e consiste na identificação de uma ocorrência posterior de determinada noção com uma ocorrência anterior que, em princípio, remeta às mesmas propriedades de P. Se a segunda ocorrência se identifica com as propriedades da primeira ocorrência, temos então a operação de flechagem. Considere-se o exemplo: “O menino correu pela rua”. “O” marca que $p\ j$, do domínio nocional $p\ j = p$ da noção / menino/, identifica-se com a ocorrência $p\ j$, anteriormente extraída. Nesse caso, é possível observar que não se trata de uma ocorrência qualquer de /menino/ e sim de uma ocorrência específica, porque já conhecida antes.

2.1.7.1.3 A operação de varredura

A operação de varredura consiste em percorrer todos os valores de um domínio sem se deter em nenhuma delas. Percorre-se um domínio de ocorrências de P sem se ater a uma ocorrência distinta em relação a uma situação particular. Considere-se o seguinte enunciado como exemplo: todos os seres humanos têm cabeça. A operação de varredura é distinta das operações de extração e flechagem. Percorrem-se todos os valores observáveis de classe de

ocorrências abstratas no interior de domínio sem haver extração e nem identificação: “cada”, “todo”, “toda”, “qualquer”, “sempre”, “nunca”, “jamais”, etc. (AGUILAR, 2007, p. 75).

2.1.7.2 A modalidade

A modalidade é uma categoria gramatical. É por meio dela que o sujeito enunciador consegue dar forma à enunciação. Culioli sustenta a existência de quatro tipos de modalidades: 1) assertiva 2) epistêmica 3) apreciativa 4) intersubjetiva. A modalidade 1 é a da asserção. Efetiva-se quando o conteúdo da relação predicativa é validado como: verdadeiro ou falso; positivo ou negativo; sim ou não. Exemplo: “eu quero ir à praia ou eu não quero ir à praia”. As interrogativas colocam a possibilidade de responder ao co-enunciador, como: “você quer ir à praia?”, enquanto as injuntivas colocam as respostas entre o sim, o não e o talvez, por exemplo: “talvez você não queira ir à praia”. A modalidade 1 é a modalidade de base, ainda que fique subtendida, segundo Culioli (1985).

A modalidade epistêmica é marcada pela incerteza do enunciador (domínio do possível, do provável e do eventual). Vejam-se: “É possível que ele venha hoje” e “A veterinária deve vir amanhã”. A modalidade apreciativa ocorre quando a organização da relação a ser constituída marca uma apreciação de natureza qualitativa centralizada no sujeito enunciador. É ele que vem a manifestar no seu enunciado julgamentos sobre sua satisfação ou insatisfação, sobre sua posição favorável ou desfavorável. Cite-se o exemplo: “Eu acho estranho o jeito de ela se vestir”. Por fim, na modalidade intersubjetiva, verifica-se a relação de um valor deôntico, da vontade, da obrigação e da permissão. Veja-se os exemplo: “Eu desejo viajar para qualquer lugar.

2.1.7.3 O aspecto

O aspecto é uma categoria gramatical da linguagem. Através dela o linguista estabelece uma correspondência entre uma noção gramatical e um jogo de marcadores específicos de uma dada língua. O aspecto, por sua vez:

recobre problemas em todas as dimensões: o modo do processo (que envolve a questão da fronteira e da mudança de estado); problemas ligados à diátese; problemas que incidem sobre quantificação/qualificação; problemas ligados à modalidade; problemas que incidem sobre a topologia do tempo; problemas ligados à operação de determinação. (AGUILAR, 2007, p. 83).

Os marcadores aspectuais não equivalem a etiquetas que estabilizam um termo. São traços de operações de base. É por meio da reconstrução dessas operações que poderemos observar a atividade de linguagem. As operações aspectuais remetem a espaços que se constroem em um percurso enunciativo, desde um momento origem até um momento visado, esperado ou atingido (VIGNAUX, 1995, p. 580). A partir de jogos de temporalidade introduzidos na aspectualidade do processo será possível modular o certo, o possível, o hipotético e o improvável. São modulações sobre o tempo e o espaço de construção das representações. Em suma, pelas operações aspectuais o sujeito enunciador consegue dizer como se apresenta o processo, o que se pode observar por meio de um nome, adjetivo, verbo, advérbio.

2.1.8 A noção e o domínio nocional

Nas próximas três seções apresentamos uma síntese dos conceitos de noção, de ocorrência de noção e de centro organizador da noção.

2.1.8.1 A noção

A noção é definida por Culioli (1990) como: “um feixe de propriedades físico-culturais, sem lhe conferir um estatuto linguístico propriamente dito, apresentando-a como uma entidade híbrida, entre o mundo e as representações físico-culturais, ou um lado, e a língua, por outro”⁵² (CULIOLI, 1990 apud FRANCKEL, 2011, p. 92). A noção é uma entidade do plano cognitivo. Trata-se, portanto, de representações que não estão acessíveis diretamente ao linguista. Segundo Culioli (1999b), a noção é uma entidade que se constitui na articulação do linguístico e do não linguístico, em um nível de representações híbridas. A noção é:

em si própria indizível, sendo apreendida senão através das realizações particulares que são suas ocorrências. Ela implica, portanto, relacionar uma ordem de existência, que não é materializável, nem exibível, nem dizível em si, com as marcas dessa existência, e que jamais são senão suas marcas. (FRANCKEL, 2011, p. 92).

As noções são compostas por propriedades físico-culturais ou propriedades primitivas que podem variar de uma cultura para outra (CULIOLI, 1976). São “fontes de categorização

⁵² Original em francês: “un faisceau de propriétés physico-culturelles, sans lui conférer un statut à proprement parler linguistique, la présentant comme une entité hybride, entre le monde et les représentations physioculturelles d’un côté, la langue de l’autre” (CULIOLI apud FRANCKEL, 2011, p.92).

dos objetos e dos fenômenos do mundo e sustentam as representações de propriedades físico-culturais no interior da cultura de uma dada língua.” (CULIOLI, 1990 apud PRIA, 2009, p. 51). Sua apreensão se dá através de ocorrências fenomenológicas em contextos específicos. “As noções não coincidem com as palavras, ao contrário, elas são captadas pelas palavras”, ou seja, “as palavras são representantes das ocorrências abstratas da noção.” (ZAVAGLIA, 2002, p. 51). Desde os primeiros anos de vida, as noções se constroem e reconstroem na experiência do sujeito. Considerem-se as colocações de Zavaglia (2002, p.51) a esse respeito:

ele vê um cachorro, em outro momento outro cachorro, e assim por diante. Um dia alguém irá lhe dizer: Olha, um cachorro (um au au)! Em seguida, vendo num livro outro cachorro, contam-lhe uma história: o cachorro então abanou o rabinho e foi-se embora, e assim por diante. O indivíduo vai construindo as similaridades entre uma ocorrência fenomenológica de cachorro e outras, ou seja, entre os animais, os desenhos, os latidos, etc. Num dado momento ele vê um gato, num outro dizem-lhe: olha o gatinho. Instaurou-se a diferenciação, ele começa a perceber que existem cachorros e gatos, que os cachorros se assemelham entre si e se diferenciam dos gatos. (ZAVAGLIA, 2002, p. 51).

2.1.8.2 A ocorrência

A materialização da noção em ocorrências fenomenológicas passa pela construção de ocorrências abstratas. As ocorrências da noção podem ser apreendidas nos planos fenomenológico e linguístico (metalinguísticos).

A ocorrência fenomenológica traz à existência objetos com os quais entramos em contato desde a infância. Segundo Culioli (1990), as ocorrências fenomenológicas não são da alçada do linguista. As ocorrências estão relacionadas à constituição de propriedades dos objetos. “A manipulação das diferentes constituições desses objetos e da sua participação em fenômenos variados é fonte de processos cognitivos de categorização e da construção de representações no interior de uma cultura.” (PRIA, 2009, p. 54).

A passagem de uma representação mental a uma atividade que permite referir corresponde a um “colocar em forma” da noção, a uma operação quantitativa sobre a noção (CULIOLI, 1990, p. 10). Essa operação funciona do seguinte modo:

a. Ela se funde sobre uma operação fundamental de construção ligada à predicação de existência, como por exemplo, o que ocorre com “ser” e “haver”. Assim, QNT corresponde à construção de uma ocorrência (por extensão, de uma classe de ocorrências abstratas). Dessa forma, uma ocorrência é um acontecimento enunciativo que delimita uma porção de espaço e tempo especificado pela propriedade P. Inversamente, a propriedade P está inserida em um texto graças a um jogo de determinações que lhe dá um estatuto de ocorrência (menção do dicionário, título, membro de um enunciado). b. Ela vai de par com o processo de quantificação (ou

fragmentação). c. QNT corresponde a um modo de apreensão de QLT por meio ou sob o modo de um agregado de ocorrências de P (o que Culioli (1999b) chamou de classe de ocorrências). (SALVIATO-SILVA, 2007, p. 50).

Do ponto de vista linguístico, a existência pode se dar pela passagem do nada a alguma coisa. A existência pode corresponder a uma forma de extração. Demarcada a existência de uma entidade, outras podem ser demarcadas, assim como uma entidade pode também se autodemarcar.

Culioli (1999b) acrescenta que, do ponto de linguístico, “uma ocorrência é um acontecimento enunciativo que delimita uma porção de espaço/tempo especificada pela propriedade P, para ser mais específico, QNT trata-se de uma correspondência a um modo de apreensão de QLT.” (CULIOLI, 1999b, p. 11).

Segundo Gilbert (1999, p. 1), para abordar os mecanismos pertinentes na construção de uma ocorrência, é preciso abordar a dimensão quantitativa e qualitativa:

A primeira constrói a ancoragem situacional da ocorrência, é há, portanto, traço da sua manifestação, sua existência (real ou imaginária). A segunda constrói sua estruturação subjetiva. Essa estruturação consiste na avaliação de uma ocorrência em relação a um protótipo, ou seja, distingue-se um tipo de ocorrência de outro tipo. Uma segunda dimensão qualitativa será pertinente na construção de uma ocorrência. Essa dimensão, ao invés de distinguir um tipo de ocorrência de uma ocorrência de outro tipo, distingue uma ocorrência de certo tipo de uma ocorrência do mesmo tipo. Assim, se a primeira dimensão qualitativa é característica da identificação de ocorrência, já que é “por identificação, [que] o sujeito estabelece que uma ocorrência a é uma ocorrência da noção A” (CULIOLI, 1990, p. 96), a segunda dimensão coloca em questão a diferenciação de ocorrências possíveis e imagináveis umas em relação às outras, no interior do domínio nocional. (GILBERT, 1999, p. 1).

2.1.8.3 O centro organizador da noção

A construção de um polo de referência que visa à construção de representações é, segundo Culioli (1999b), o objetivo do centro organizador da noção ou do domínio de ocorrência da noção. O que está sendo enfatizado aqui é o fato de não existir representação de qualquer ordem que seja que não se coloque em relação a um polo de referência. Considerar essa ocorrência-modelo ou ocorrência privilegiada corresponde ao que Culioli diz: caminhamos do desconhecido ao conhecido, constrói-se relativamente a um centro organizador.

O domínio nocional é construído por ocorrências cujas propriedades as colocam no interior, no exterior ou na fronteira do domínio. O ser humano tem a capacidade e a necessidade de organizar as representações em relação a um domínio de equilíbrio de propriedades da noção. Não há uma relação estabilizada entre a noção e uma ocorrência particular. A

determinação de relações entre a noção e as ocorrências será construída em relação ao centro organizador ou do centro atrator do domínio (AGUILAR, 2007, p. 63).

2.1.8.3.1 O tipo

O tipo possibilita identificar uma ocorrência como modelo da noção.

No tipo, a classe de ocorrências é construída pela identificação ou diferenciação com o centro organizador. Os diferentes graus de identidade vão fazer com que as ocorrências se agrupem ao longo de um gradiente. Ocorrências idênticas ou quase idênticas à ocorrência tipo serão agrupadas perto do centro organizador; ocorrências com menos propriedades em comum com a ocorrência tipo serão agrupadas em ordem decrescente de identidade e em ordem crescente de alteridade em relação ao centro (CULIOLI, 1999b). Para dar um exemplo: Essa pessoa é tudo, menos um amigo! a pessoa em questão não é um exemplar de /amigo/ pois não remete às propriedades de <ser amigo>. (BIASOTTO, 2010, p. 68).

Conclui-se que a ocorrência modelo da noção tem como objetivo interpretar o papel de localizador. Pelo tipo se organiza o centro do domínio, em relação ao qual ocorrências abstratas poderão ser avaliadas como sendo ou não ocorrências da mesma propriedade.

2.1.8.3.2 O atrator

Segundo Culioli (1999b), o atrator difere muito do tipo e tem a característica da singularidade. O atrator é uma ocorrência que não se pode comparar com outras ocorrências. Tomemos como exemplo: “isso que é carro!”. Nesse exemplo, a ocorrência de carro remete a todas as propriedades de P (a noção /ser carro/). Quando o atrator constrói o seu próprio termo de referência, ele também se constrói como origem absoluta (CULIOLI, 1999b).

Na teoria de Culioli, o atrator não corresponde a um máximo, não é um último ponto, pois há sempre um ponto além dele que se constrói. É um valor definido em relação ao próprio predicado. Ele é constitutivo de seu próprio fundamento.

Há uma diferença considerável entre o tipo, que remete a uma ocorrência representativa, e o atrator, que remete a uma representação absoluta e abstrata.

2.1.8.3.3 O discreto, o compacto e o denso

“A construção de ocorrências leva em consideração propriedades nocionais determinadas pelo centro organizador da noção, ora sendo privilegiado o tipo, ora sendo o

atrator, ou ainda nenhuma preponderância de nenhum dos modos.” (ZAVAGLIA, 2002, p. 56). Conforme o papel adotado pelo centro organizador, serão possíveis algumas preponderâncias ou qualitativas, ou quantitativas, ou qualitativas e quantitativas. São essas ponderações que a tipologia discreto, compacto e denso visa apreender.

O discreto tem preponderância de QNT. Remete a ocorrências construídas em relação ao tipo. As noções são instanciadas em ocorrências demarcadas numa porção de espaço/tempo. Considerem-se os exemplos: “trinta carros foram entregues hoje”, “ontem eu vi um menino esquisito em frente à sua casa.” (ZAVAGLIA, 2002, p. 57).

Quando a noção não pode ser nem quantificada nem tão pouco enumerada, estamos diante do funcionamento do compacto. Como se constrói com base na intensidade, a preponderância provém do atrator. Já não é possível a comparação da ocorrência com outras ocorrências, exceto se a comparação se der em relação a si mesma através de operações QLT. Citemos alguns exemplos desse valor: “que carro, rapaz!”, “mas que menino!” e “o vento aumentou.” (ZAVAGLIA, 2002, p. 57).

O denso é um valor misto, sem preponderância de QNT ou de QLT. As ocorrências nem estão demarcadas por uma porção de espaço-tempo nem tampouco estão individualizadas em relação ao atrator. Veja-se o exemplo: “Ele está estressado”. As propriedades de / estar estressado/ não variam no espaço-tempo. O funcionamento do denso refere-se ao um *continuum* no qual uma propriedade oscila entre o discreto e o compacto. (ZAVAGLIA, 2002, p. 57).

2.1.8.3.4 A fronteira

Os centros organizadores do domínio são responsáveis pela estruturação das representações numa trajetória de operações e de estabilizações possíveis dentro de um domínio nocional que, além do interior e do exterior, é munido de uma fronteira. Segundo Culioli (1990), é em relação ao atrator que se organiza a área de fronteira (o verdadeiramente p), isto é, uma zona de alteração, de transformação de p, um espaço de construção daquilo que, ao mesmo tempo, pode ter a propriedade p e uma alteração da propriedade p, em que já não se pode afirmar que algo é totalmente p, mas também não se pode afirmar que algo é totalmente exterior ao domínio de p (verdadeiramente não-p) (PRIA, 2009, p. 62). Pria (2009) comenta um caso de fronteira fornecido por Culioli (1990, p. 88-90).

Considere-se dia e seu complementar noite, ou seja, considere-se que, no interior do domínio, constrói-se um valor por excelência dia-dia (“tudo aquilo que é estritamente dia”) e, no exterior do domínio, constrói-se seu complementar noite-noite (“tudo

aquilo que não é estritamente dia”). Na área de fronteira, constrói-se o dia-noite, a “alvorada”, o “ocaso”, por exemplo, isto é, um valor intermediário entre o dia-dia e a noite-noite (“não exatamente dia”; “não exatamente noite”). (PRIA, 2009, p. 62-63).

2.1.8.3.5 O complementar

Na questão do complementar, Culioli faz com que reflitamos sobre a ideia tendenciosa de se trabalhar, sempre, com universo restrito de valores como, por exemplo, bom/ruim, bonito/feio, grande/pequeno. Essa tendência nos conduz na maioria das vezes a privilegiar um certo tipo de par, em que se fundamenta uma ideia ingênua de complementação lógica.

Culioli (1990) questiona justamente isso, ou seja, a oposição entre dois valores cuja oposição está previamente construída pela cultura. Abordagens tradicionais chegam a entender que o complementar está nesse sistema de oposição de dois valores.

Segundo Culioli (1990), ainda que o linguista escolha trabalhar com dois valores, essa não é a única opção. Também se pode optar por trabalhar com gradientes. Consideremos o par “alto/baixo”; coloquemos “alto” como centro organizador, o gradiente se constrói com representações de “menos alto”, “quase alto” etc. A passagem de “alto” a “baixo” implica a passagem de um domínio a outro. Na fronteira, nada garante que “não alto” possa ser tomado por “baixo”, e vice-versa. A relação entre os termos não é mecânica e recobrir essas relações com etiquetas reduz o fenômeno a apenas uma de suas faces.

2.1.8.3.6 A noção de gradiente

Já vimos que o “o atrator constrói o valor extremo de uma ocorrência imaginária sobre um gradiente” (CULIOLI, 1997a, p. 55). Já vimos também que

o atrator é necessário como constitutivo de um dos polos permitindo, por meio das operações possíveis dos sujeitos enunciadore sobre os domínios estruturados, a existência de zonas de diferenciação que se afastam do centro atrator, portanto mais frouxas em relação a esse centro.⁵³ (CULIOLI, 1990, p. 61).

Para exemplificar, tomaremos aqui o processo do “cozimento” citado por Culioli (2002, p. 217-218). Consideremos pelo menos dois estados: o “cozido” e o “cru”. O legume poderá permanecer cru, caso não o cozinhe. No entanto, a partir do momento em que o legume é

⁵³ Tradução nossa: “l'attracteur Il est nécessaire comme constitutive l'un des pôles permettant, a travers les opérations possibles de enunciadore sujets sur les domaines structurés, l'existence de zones différenciation qui dévient du centre attracteur, donc plus souple par rapport à centre” (CULIOLI, 1990, p. 61).

colocado para cozinhar, ainda que esteja pouco cozido, já não pode mais ser considerado completamente cru, nem tão pouco totalmente cozido. Ficamos entre os dois centros: o “plenamente cru” e o “plenamente cozido”. O gradiente vai de um centro ao outro. Nesse intervalo, vários outros valores se esboçam: o “não tão cru”, o “não tão cozido”, o “quase cru”, o “quase cozido”, e assim por diante. Há um movimento na fronteira do domínio, que vai de um polo (atrator) a outro, vai do “cru” ao “cozido”. Em direção ao interior do domínio de “cozido”, constrói-se aquilo que é cada vez mais cozido, em direção ao interior do domínio de “cru”, constrói-se aquilo que é cada vez menos cozido.

Finalizando a subseção, apresentamos o referencial teórico que forneceu base suficiente para realização deste estudo, ou seja, os conceitos fundamentais, os objetos teóricos fundamentais e objetos teóricos operacionais. Partindo dessa abordagem operatória, na subseção seguinte, apresentamos “A opacidade constitutiva da linguagem”, “A construção do Valor referencial” e “A tradução: uma atividade que se constitui como um caso particular de paráfrase”. Defendemos que o sentido não cessa em parte alguma para dar lugar ao sentido puro, nunca é limitada senão pela própria linguagem, o sentido é resultado de uma dinâmica e de uma organização própria à linguagem.

2.2 A opacidade constitutiva da linguagem: a construção do valor referencial na atividade de tradução

Como acabamos de trazer à baila, o interesse de Culioli (1990, 1999a, 1999b), bem como de seus sucessores, o nosso também, é a linguagem como atividade simbólica e atividade enunciativa. A linguagem permite “as montagens e desmontagens dos valores em língua por meio de uma articulação do léxico com a gramática, também indeterminados.” (REZENDE, 2000, p. 67). Rezende diz que o estudo de uma língua visa “a indeterminação das noções e as posteriores operações de determinação (quantificação e qualificação).” (2000, p. 171), trabalho realizado pelo sujeito, ao fazer dialogar entre si unidades (léxico ou gramática) indeterminadas num dado momento de enunciação.

A perspectiva da qual participa a TOPE postula o contrário da abordagem estável, a unidade não tem um conteúdo semântico estável *a priori*. Para TOPE, nada é dado de antemão e nem estabilizado em si, mas tudo é construído. Mas isso não significa que fica excluído associar a unidade lexical a um conteúdo semântico. Qualquer palavra pode ter o seu sentido associado a um conteúdo. Porém, toda e qualquer unidade lexical terá o seu sentido construído somente no e pelo enunciado. Neste caso, “passamos de um sentido ancorado em um referente para um sentido que decorre de valores referenciais construídos, observáveis em meios textuais definidos.” (FRANCKEL, 2011, p. 53).

Distanciamo-nos, nesse sentido, da proposta que entende a linguagem como determinada. No enfoque dinâmico, a natureza da linguagem é indeterminada. O objetivo é determinar como a significação se constrói. Compreendemos que “o sentido é construído, enunciado por enunciado.” (DE VOGÜE, 2011, p. 75), pois é na instabilidade das unidades linguísticas que se dá visibilidade ao processo de determinação em língua.

2.2.1 A opacidade constitutiva da linguagem

A reflexão sobre a opacidade como constitutiva da atividade da linguagem⁵⁴, a qual postula que “o sentido é construído pelo material verbal” e não é exterior à língua, se desenvolveu a partir da seguinte compreensão:

Se o signo só quer dizer algo na medida em que se destaca dos outros signos, seu sentido está totalmente envolvido na linguagem, a palavra intervém sempre sobre um

⁵⁴ A presente subseção está embasada, primordialmente, na abordagem construtivista em Franckel (2011).

fundo de palavra, nunca é senão uma dobra no imenso tecido da fala. Para compreendê-la, não temos de consultar algum léxico interior que nos proporcionasse, com relação às palavras ou às formas, puros pensamentos que estas recobriram: basta que nos deixemos envolver por sua vida, por seu movimento de diferenciação e de articulação, por sua gesticulação eloquente. Logo, há uma opacidade da linguagem: ela não cessa em parte alguma para dar lugar ao sentido puro, nunca é limitada senão pela própria linguagem, e o sentido só aparece nela engastado nas palavras. Como a charada, só é compreendida mediante a interação dos signos, que, considerados à parte, são equívocos ou banais, e apenas reunidos adquirem sentido. (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 42-43).

O conceito de sentido⁵⁵, como geralmente conhecemos nos estudos em linguística, resulta de um valor homogêneo ou estável. Seguindo o mesmo raciocínio, pontua-se a existência de um reflexo de um pensamento preexistente, ou seja, o pensamento é uma entidade homogênea. Para a TOPE, o sentido linguístico é construído a partir de uma dinâmica e de uma organização que são constitutivas na linguagem, quer dizer, “o sentido só existe desde que seja construído pela linguagem.” (FRANCKEL, 2011, p. 40). A linguagem não se insere em relações transparentes com o mundo ou o pensamento. Quer dizer que ela determina formas de pensamento ao dizer o mundo de um modo que lhe é próprio. Isso significa que ela “ao mesmo tempo em que se busca dizer, aos outros e a nós mesmos, coisas com palavras que querem dizer algo sobre o mundo, o mundo, por sua vez, também quer dizer algo, não existindo mais do que uma superposição parcial desse “algo” (FRANCKEL, 2011, p. 11).

Segundo a nossa reflexão, a linguagem não permite tudo dizer, já que ela apresenta “furos”. Se ela permitisse dizer tudo acerca do mundo, do que fazemos e do queremos, segundo Franckel, apresentaria inadequadamente a construção de certos “valores referenciais precisos”. Portanto, Franckel (2011) diz que podemos deixar de falar uma “série de coisas” e sem ao menos perceber que não falamos. Assim, a linguagem é o traço do pensamento constituído de uma maneira particular, quer dizer, entre outras formas possíveis do pensamento. Franckel não hesita em dizer que o pensamento não se reduz à linguagem.

Como já dissemos noutro momento desta tese, o conceito de opacidade está sempre ligado ao conceito de transparência e vice-versa. Por exemplo, no “Dicionário de Linguística”, a partir dos dois lados da moeda, explica-se a opacidade sob o ponto de vista da análise do discurso. Segundo Dubois *et al.* (2006), esses termos indicam a presença ou ausência (apagamento) do emissor em relação ao receptor. Na transparência, o receptor assume inteiramente o discurso que lhe é dirigido, mas, para isso, ele precisa se apagar ao máximo para alcançar a transparência desejada. Ao contrário, a opacidade, que terá um nível alto na poesia

⁵⁵ Citamos brevemente o conceito de sentido, apenas para início de conversa do tema abordado. Para aprofundamento do sentido na perspectiva construtivista, trabalhamos a questão na próxima subseção 2.2.

lírca, é centrada no emissor. Esse tipo de linguagem também exige do receptor, a fim de que este se torne sujeito da enunciação. Ao contrário do discurso pedagógico, trata-se de um enunciado fortemente modalizado “que se deve, desta vez, assumir, isto é, o poeta marcou fortemente com sua subjetividade o enunciado que paradoxalmente, ele exige, que o receptor assuma em sua totalidade.” (DUBOIS *et al.*, 2006, p. 442).

Outra definição de opacidade na literatura é de Récanati (1979 apud FLORES, 2009), em que a propriedade do signo permite evidenciar sua própria forma ao ocultar aquilo que representa. De acordo com Récanati, um signo pode não ocultar ou ocultar aquilo que representa. O exemplo utilizado é o mapa, que pode ser percebido através de duas formas. No primeiro caso, o mapa não oculta o que representa. Trata-se de uma representação de algo, como aspectos geográficos e políticos de uma região, logo, é compreendido como contexto transparente. No outro caso, o mapa oculta o que representa. Pode ser visto, por exemplo, como um objeto, quadro ou pôster. Assim, quando o signo deixa de representar algo, quer dizer, oculta aquilo que representa, “e apresenta a si mesmo como objeto, pode-se falar em opacidade”. Outro exemplo utilizado por Récanati é o enunciado “‘Cícero’ tem 6 letras, o signo ‘Cícero’ remete à própria forma do signo, ou seja, à palavra ‘Cícero’.” (RÉCANATI, 1979 apud FLORES, 2009, p. 179). Nesse sentido, a relação estabelecida entre signo e a coisa representada ocultada, trata-se de uma opacidade.

A pesquisadora Authier-Revuz também realiza um estudo “da transparência à opacidade”, mas antes de qualquer coisa, é importante mencionar sua relação com outras teorias. Segundo Flores e Teixeira (2008), Authier-Revuz filia-se ao campo da enunciação entre os chamados “herdeiros do estruturalismo”, o que, segundo ela, como “neo-estruturalista”, defende “um campo heterogêneo onde se encontram a língua e seus exteriores – das formas da língua.” (AUTHIER-REVUZ apud FLORES; TEIXEIRA, 2008, p.73). Durante o desenvolvimento de sua teoria, a autora caminha por estradas diferentes, a saber:

A autora atesta sua filiação a Saussure quando reconhece que o ponto de partida de sua pesquisa é a *língua como ordem própria*. Embora conceba a ordem da língua como afetada por elementos que lhe são “exteriores”, ela não concorda que se deixe o objeto da linguística aí se perder. Se, por um lado, Authier-Revuz propõe a viabilização do trânsito entre a língua e a enunciação – e, nesse sentido, seu empreendimento escapa ao imanentismo a que a linguística aderiu para preservar sua cientificidade – por outro lado, isso não pode se dar por um ato de dissolução do objeto tal como é definido por Saussure. (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 73).

Em um contexto adverso, Authier-Revuz filia-se à teoria de Benveniste, pelo menos em três pontos fundamentais, afirmam Flores e Teixeira (2008). O primeiro ponto é pela “afirmação

da propriedade reflexiva da língua, pela qual ela se coloca em posição privilegiada entre os sistemas semióticos”. O segundo, pelo “reconhecimento da língua como ordem própria, sem que, por isso, o linguista deva rejeitar o que é da ordem do discurso, que está ao mesmo contido”. O terceiro e último, é pela “indicação de que certas formas da língua – como os pronomes pessoais, os tempos verbais, os performativos, os delocutivos – são os sinais, na língua, do que lhe é radicalmente outro.” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 73).

Além de Saussure e Benveniste, a psicanálise freudo-lacaniana e o dialogismo do Círculo de Bakhtin, quer dizer, duas abordagens não linguísticas, são convocadas por Authier-Revuz para propor “o que se chama de heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 73). Decorre daí a nomeação “heterogeneidade” pelo fato de seu estudo sobre enunciação ser marcado por uma diversidade teórica. Authier-Revuz explica que passar da concepção imanentista, em que se descreve a língua a partir da própria língua, concebida como fechada sobre si mesma, à consideração do discurso é abandonar um domínio homogêneo. Essa reformulação teórica incorpora a seguinte situação: abandona um domínio marcado pela homogeneidade, uma descrição que é da ordem do um, por uma posição de heterogeneidade que coloca em voga o não-um.

No emprego que Authier-Revuz faz do termo opacificação, simultaneamente, afasta-se do quadro teórico de Récanati que parte da oposição lógica entre transparência e opacidade, como se pode observar nas afirmações abaixo:

Ao empregar essa noção, Authier-Revuz insiste no fato de que, na modalização autonímica, há alteração e não perda de transparência, na medida em que o termo modalizado continua a significar o mundo. Na teoria de Authier-Revuz, é um termo que indica que no ato de dizer uma palavra, ela pode ser separada de seu significado geral e passar a ser representada reflexivamente, em sua forma significante. Isso acontece mediante a interposição de um comentário que duplica a palavra em questão (por exemplo, “X, se podemos dizer”). Essa duplicação opacifica o dizer da palavra na medida em que simultaneamente: a) indica que há uma ou mais formas pelas quais a palavra pode significar na mesma cadeia enunciativa; b) converte a forma escolhida em maneira de dizer. (FLORES *et al.*, 2009, p. 179-180).

A compreensão da referência em torno dos estudos da transparência e da opacidade se estabelece de maneira distinta, de acordo com Fuchs (1982):

Aqueles que defendem a transparência da linguagem privilegiam a referência, pondo de lado aquilo que diz respeito à utilização da linguagem em situações de comunicação. Já os defensores da opacidade da linguagem, estes negam a referência, colocando o signo como única realidade, que remete apenas a si mesmo. (FUCHS, 1982 apud BIASOTTO, 2008, p. 37).

Concordamos com Fuchs (1982) e também com Aguilar (2007, p. 41), pois seria muito artificial e simples se tivéssemos um modelo simplificado de linguagem, um universo todo etiquetado que implicasse numa harmonia prévia entre emissor e receptor. Mas, a teoria culioliana recusa “um modelo de comunicação linear, em que exista um universo pré-recortado, sem modulação, nem qualquer adaptação.” (BIASOTTO, 2012, p. 73). Para a TOPE, “a linguagem é dotada de uma plasticidade e de uma opacidade ingêntas” (CUMPRI, 2012, p. 135), por isso não precisamos esperar por transparência:

[...] um mal-entendido pode nos revelar a ambiguidade constitutiva das línguas naturais; as palavras, mediadoras por excelência, nos fazem experimentar sua opacidade e nos revelam que não há uma relação imediata entre os termos e as coisas. Nós temos então o sentimento que as palavras nos traem, interpondo-se entre nós o “indizível”, este “indizível” que nós não chegamos a exprimir na cadeia sonora. (CULIOLI, 1967 apud BIASOTTO, 2012, p. 74).

O nosso alinhamento teórico compreende que a comunicação supõe ajustamento, regulação e equilíbrio, e nem sempre essa atividade será sinônimo de êxito. O sentido está na procura, e, para encontrá-lo, é essencial que cada sujeito percorra o seu caminho. O percurso é particular e solitário, mas é possível se esbarrar com outro ou outro-mesmo num único ponto em um dado momento. Nessa perspectiva, o princípio é o mal-entendido, a compreensão é uma possibilidade, ou como diz o conhecido aforismo de Culioli: “a compreensão é um caso particular do mal-entendido.” (2000, p. 39).

Na reflexão culioliana, a linguagem é uma capacidade humana de elaborar símbolos. Como atividade simbólica, proporciona a organização e desenvolvimento do pensamento. A atividade simbólica não exclui as falhas, os erros e as deformações; ao contrário, os desvios e os ruídos são constitutivos da atividade de linguagem, e, sob um certo ponto de vista, são considerados como “falhas de comunicação”.

Esses mecanismos da linguagem encontram-se em cada indivíduo, determinando e guiando seu movimento em cada situação de enunciação:

[...] somos todos munidos do mesmo dispositivo, no sentido mais amplo do termo, de construção-desconstrução. Esse dispositivo [...] nos permite recortar, localizar as unidades e localizar essas unidades como sendo indícios, traços de operações, portanto, ter um estoque de operações comuns entre sujeitos, de tal modo que se possa reconstruir, no momento de uma troca, aquilo que é produzido pelo outro. (CULIOLI, 2002, apud BIASOTTO, 2012, p. 74).

A ambiguidade, a heterogeneidade, a opacidade são constitutivas da atividade da linguagem. Por essa razão, a perspectiva dinâmica defende que o sentido emerge a partir do

esforço intersubjetivo. A significação só se estabiliza provisoriamente, colocando fim à ambiguidade, à heterogeneidade, à opacidade constitutiva da linguagem, presente em todo e qualquer ato enunciativo.

Segundo Aguilar (2007), a TOPE de Antoine Culioli ilustra que reduzir a linguagem à transmissão de informações pré-regradas traz à tona a ideia de um universo que não necessita de adaptabilidade nenhuma. Culioli redefine:

[...] o fato de que ela possa ter uma atividade de comunicação supõe ao contrário que haja ajustamento, que haja esse trajeto vertiginoso, a saber, a produção por um sujeito de um arranjo textual tal que este último seja reconhecido por um outro sujeito como produzido a fim de ser percebido como interpretável e, no final do percurso, interpretado de uma maneira ou de uma outra. (CULIOLI, 1999a apud AGUILAR, 2007, p. 41).

A TOPE concebe a linguagem como um processo que envolve um conjunto de operações heterogêneas, quer dizer, um conjunto de construções realizadas pelos sujeitos envolvidos em cada situação. Toda manifestação da linguagem, por conseguinte, “insere-se numa situação, na qual se encontram os sujeitos falantes, e que possui certamente traços particulares do momento, traços situacionais.” (AGUILAR, 2007, p. 41).

Disso resulta, como lembra Aguilar, que o próprio momento de comunicação necessita de ajustamentos do emissor e do receptor (na TOPE, chamados, respectivamente, de enunciador e co-enunciador). A TOPE define o enunciador como sendo concomitantemente construtor e reconhecedor de formas, quer dizer, no ato de interlocução, cada um constrói ao mesmo tempo a produção e a recepção do outro, por isso, a preferência de Culioli pelos termos co-enunciadores e co-enunciação (FUCHS, 1984, p. 80). “Os sujeitos envolvidos procuram manter uma relativa estabilidade para que haja compreensão. Há sempre uma circularidade parcial, ou seja, perdas na comunicação, mesmo no caso de um monólogo.” (AGUILAR, 2007, p. 41).

A autora lembra, ainda, que a atividade da linguagem não se resume em um processo programado de transmissão e recepção. Além disso, “pode funcionar para propósitos comunicativos porque é regulada e relativamente estável interindividualmente” (AGUILAR, 2007, p. 41).

Daí a instauração de um novo modelo teórico, a TOPE, a qual tem como uma de suas grandes preocupações:

[...] preferir, à ilusão do estável (definições, conceitos, objetos de análise), a busca por processos de estabilização; preferir, à busca por categorias gerais uniformemente representadas nas línguas, a busca pela invariância como modo de raciocínio que permite apreender a variação; apreender a linguagem não como atividade a ser

definida por si só, mas como indício de uma atividade a ser reconstituída, cuja especificidade será determinada em toda sua dimensão simbólica (VOGÜE; FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 13).

Podemos, portanto, dizer que nenhuma definição é considerada como dada, até mesmo as noções tidas como as mais elementares, pois é na transparência aparente do elementar que o desconhecido vem à superfície de modo mais opaco. É por essa razão que a significação, desse ponto de vista, resulta da construção de valores referenciais, e não de um referente estável.

2.2.2 A construção do valor referencial

Uma perspectiva construtivista, enunciativista, sobretudo culioliana, assim denominada pelos seguidores de Culioli, permite apreender os valores referenciais das unidades e não o referente:

Enquanto a perspectiva clássica coloca a existência de um referente, de um pensamento e, finalmente, de um sentido que existem independentemente da linguagem, que deles constitui um reflexo direto e imediato, a perspectiva construtivista diz que são as formas e os textos que constroem ou que “efetuem” as significações. O sentido não é redutível a um pôr em forma do mundo e de suas representações, mas constitui um tipo de representação específico. A linguagem constrói um “mundo”, que se articula ao(s) mundo(s) cujas outras formas de representação constituem os suportes. (FRANCKEL, 2011, p. 42).

Entendemos, portanto, conforme a concepção de Franckel, que a linguagem não funciona independentemente do mundo “real”; a linguagem não funciona independentemente de suas representações; a organização da linguagem não é independente dos processos cognitivos. Franckel coloca que os fenômenos linguísticos não se reduzem a um raciocínio imediato acerca do mundo e nem muito menos dos processos cognitivos. Mas garante que o sentido é construído “a partir das unidades da língua, de sua organização, e arranjo nos enunciados, bem como de sua entonação.” (FRANCKEL, 2011, p. 43).

A hipótese central da perspectiva construtivista é que o sentido é construído “exclusivamente do material verbal”, bem como a explicação dele só é possível por meio da atividade de paráfrase e reformulação⁵⁶. A linguagem não se finaliza no único dever de representar, nem muito menos constrói um sistema de representação em relação a outro sistema

⁵⁶ Na perspectiva construtivista, a atividade de reformulação trata-se de uma interpretação prévia do texto-fonte. Essa atividade de interpretação é variável, segundo os sujeitos e a variação espaço-temporal de cada situação particular.

de representação, por uma relação de adequação, tal como é fundamentada na abordagem clássica.

Essa hipótese desdobra-se metodologicamente numa correlação que provém de uma estreita relação entre: valores referenciais, significação e situação ou contexto. Assim, a ideia de Franckel (2011, p. 45) é a de que “o contexto ou a situação não é exterior ao enunciado, mas engendrado pelo próprio enunciado”. Lopes (2000) compreende que a hipótese do valor referencial diz que a referência, geralmente denominada como externa à língua, “encontra-se vinculada a operações abstratas constituindo o enunciado, sendo o produto de princípios regulares específicos à atividade de linguagem.” (LOPES, 2000, p. 5).

Defendemos que o enunciado só é possível de ser interpretado mediante uma situação ou contexto, portanto, não se busca o sentido do enunciado em um referente extralinguístico. Discordamos de algumas teorias, nas quais a situação ou o contexto trata-se de parâmetros externos ao enunciado e que o referente provém de domínio externo. Segundo Lopes (2000), defender a construção de sentido tem grande consequência para questões como referência, polissemia e contextualização:

Sim, pois, de um lado, somos conduzidos a substituir a análise das relações entre enunciados e referente por uma teoria específica da referência, definida em termos de valor referencial; de outro, a desconstruir a polissemia, a substituir, na caracterização da identidade semântica das unidades linguísticas, a busca de regularidades sob a forma de conteúdos inerentes por regularidades calculáveis, por representações abstratas de seu modo de variação; e, finalmente, a sustentar uma visão dinâmica da contextualização coerente com a qualidade interativa das unidades. (LOPES, 2000, p. 4).

Uma síntese de Franckel (2011) para mostrar a diferença entre referente e valores referenciais:

Enquanto a referência equivale a uma correspondência estática dos enunciados às entidades externas à língua, os valores referenciais decorrem de uma dinâmica própria à língua. Enquanto o referente é dado, da ordem de um *já-sempre lá*, os valores referenciais são construídos nos e pelos enunciados por meio de operações enunciativas que podemos chamar, a partir de então, de *operações de referenciação*. Enquanto o referente é estável, os valores referenciais são instáveis, inscrevendo-se em jogos intersubjetivos de ajustamentos e de regulação que só resultam em pontos de equilíbrio interpretativos provisoriamente e localmente. (FRANCKEL, 2011, p. 48).

O recorte acima mostra claramente a distinção entre o referente e os valores referenciais. Decorre daí, de uma abordagem construtivista: a construção do enunciado não está associada a sentidos *a priori* ou dados anteriormente, o sentido surge no e pelo enunciado e emerge de uma

dinâmica própria entre o externo (contexto) e o interno (a unidade lexical e os outros termos). Consideramos o enunciado como uma sequência que se torna interpretável através da estabilização de um ou de outro de seus contextos possíveis, tendo em vista que esses contextos são desencadeados a partir da própria sequência. Para Cumpri (2013), a abordagem construtivista não nega que o contexto esclarece a significação de enunciado. Segundo o autor, a novidade é que o enunciado produz condições que possibilitam interpretá-lo. Disso resulta, como lembra Franckel, que “a análise da significação de um enunciado é indissociável da análise das condições que permitem a construção dessas significações.” (FRANCKEL, 2011, p. 46).

Tomemos um exemplo de Franckel (2011), para organizar a nossa reflexão defendida até aqui. A sequência “*Ce pantalon ne lui dit rien*” (Essa calça não lhe diz nada) desencadeia um contexto que Franckel chama de proposição: numa situação em que se mostra uma calça para que haja uma apreciação por parte do locutor, e este reage negativamente à situação. Em “*Ce pantalon ne lui plaît pas*” (Essa calça não lhe agrada), esse enunciado não implica necessariamente a existência de uma proposição, apenas relata uma apreciação que é trazida por alguém em relação à calça. Nesses casos, a significação até parece ser aproximada, no entanto, não engendra os mesmos contextos.

Conforme Franckel (2011), esses exemplos revelam que, se a significação de um enunciado depende do seu contexto, pode-se observar que existe uma organização e uma ordem de encadeamentos que fazem o contexto depender do enunciado.

A reformulação sobre o entendimento do sentido não é, portanto, associada à Pragmática, pois trata-se de um ramo da linguística que estuda a linguagem no contexto de seu uso na comunicação e tem como objetivo a relação dos símbolos com as pessoas. Nas palavras de Cumpri (2013, p. 6), “das inúmeras razões pelas quais se desvinculariam Enunciação e Pragmática, a que merece destaque é de que para a Pragmática o contexto é buscado fora do enunciado, portanto, no universo extralinguístico”.

Enquanto na abordagem clássica a referência equivale a uma correspondência estática dos enunciados às entidades externas à língua, na abordagem construtivista, visa à construção do valor referencial. Como veremos na seção 2, este atua justamente na articulação do mundo interior com o exterior e não faz distinção nenhuma entre conhecimentos linguísticos e extralinguísticos. É indissociável do modo como os sujeitos compreendem a realidade e a enunciam.

A análise da construção dos valores referenciais, segundo Franckel (2011, p. 48), provém de uma análise do “‘sentido que se torna’: não partimos do produto acabado (da

interpretação de um enunciado) para redistribuir parcelas de sentidos aos diferentes componentes; partimos de potenciais cujos efeitos atualizados são, em sua natureza, diferentes desses potenciais”.

Na mesma perspectiva de Franckel (2011), acreditamos, portanto, que a forma da sequência desencadeia potencialidades contextuais que se encontram estabilizadas pelo contexto efetivo. O contexto esclarece a significação de um enunciado, mas é somente o enunciado que produz condições que permitem interpretá-lo, quer dizer, as formas desencadeiam condições de possibilidade de interpretação. Compreendemos, portanto, “esses valores referenciais como correspondentes ao cenário que revela, ao mesmo tempo, a significação e a situação ou o contexto.” (FRANCKEL, 2011, p. 46).

Assim como o sentido de uma sequência só se constitui através do enunciado contextualizado, o sentido de uma unidade se constitui também apenas pela “função integrativa”, uma vez que o sentido não existe por si só. Para estabelecer o papel das unidades na construção do sentido, Franckel lista duas observações essenciais. A primeira é:

Cada unidade de cada língua tem um comportamento, sendo associável a uma rede de valores que lhe é irredutivelmente específica. Decorre daí uma abordagem atomista: as formas só podem ser estudadas uma a uma, em uma singularidade, e é a partir desta descrição que as regularidades no modo como se organizam e se constituem os valores observados podem ser delineadas. A natureza dessas regularidades não é postulada *a priori*: essas regularidades são delineadas progressivamente na exploração dos dados. Não se trata mais, portanto, de tomar como ponto de partida categorias metalinguísticas gerais das quais cada língua ofereceria realizações particulares. As categorias gramaticais como o tempo, o aspecto, o número etc. nunca se realizam de modo imediato nas línguas. (FRANCKEL, 2011, p. 49).

A segunda observação é que o valor das unidades é variável:

Essa variação resulta de *interações*. Isso significa que se o valor de uma palavra depende do meio textual no qual se insere (o que decorre de uma observação trivial), nem por isso deixa de ser verdade que o valor do meio textual no qual ela se insere depende da palavra. Assim, por exemplo, ao comparar “sous un jour” (luminosidade, claridade) e “en un jour” (dia, unidade de tempo), constatamos que o valor da palavra “jour” depende da proposição. Mas, ao mesmo tempo, se compararmos “le jour tombe” [o dia cai] e “la nuit tombe” [a noite chega], vemos que a palavra “jour” vai conferir ao verbo “tomber” um sentido que não é o mesmo obtido com a palavra “nuit”. “Le jour tombe” implica que a noite está chegando, enquanto “la nuit tombe” não pode significar que o dia se aproxima. (FRANCKEL, 2011, p. 50).

Como se vê, Franckel assume, então, que é preciso evidenciar “a questão de se delinear uma identidade da unidade por meio da diversidade de seus empregos e dos valores que aparecem nos diferentes meios textuais que a cercam.” (FRANCKEL, 2011, p. 50). Outrossim, esclarece que não observamos nos enunciados um sentido próprio e primeiro da unidade, uma

vez que a existência do sentido nas unidades se constrói tão-somente “no e pelo enunciado”. Dito de outro modo, é do instável que se gera o estável. O instável é o primeiro movimento que caracteriza a linguagem. A estabilização só se efetiva através da interação entre a palavra e o meio textual. Segundo Franckel, são essas interações que sustentam a segunda hipótese da teoria, os “princípios regulares”. Observemos que “à noção de *polissemia* se substitui a de *variações reguladas* no seio das interações”, pois a unidade não é mais compreendida como conteúdo preestabelecido, mas “por propriedades passíveis de serem aprendidas pelo *papel* específico que ela apresenta nos diferentes tipos de interação nas quais ela entra, não sendo esse papel visto como um sentido próprio da unidade.” (FRANCKEL, 2011, p. 51). Daí a modificação de não se apoiar mais em uma “problemática da metáfora”, e sim buscar propriedades que resultam nos conteúdos.

A abordagem a que nos contrapomos postula a existência de unidade que comporta um conteúdo semântico estável e primeiro. Assim, todos os valores são derivados por “extensão”, sendo que esta repousa “essencialmente na analogia (como decorrência da metáfora)” (FRANCKEL, 2011, p. 51). Esse tipo de abordagem descreve uma unidade como polissêmica. Isso significa que uma unidade comporta, “por si só, uma pluralidade de valores que se encontram ativados, filtrados, especificados em função do entorno da palavra” (FRANCKEL, 2011, p. 51). Contrariamente às abordagens construtivistas, G. Kleiber tem uma posição. Vejamos:

Um tal construtivismo [encontra-se], de fato, na moda (testemunhado de forma eloquente pela presença do sintagma ‘na construção do sentido’ na maior parte dos títulos dos artigos e obras recentes tratando do sentido). Não se pode construir com nada e, portanto, a existência de fragmentos semânticos estáveis ou sentido convencional é necessária ao funcionamento interpretativo. Não é o que conduz a esta interpretação é igualmente construído discursivamente que tudo o que conduz a esta interpretação é igualmente construído durante a troca discursiva. Não apenas a construção dinâmica do sentido de um enunciado não é incompatível com o fato de que ela se efetue com elementos de sentidos estáveis ou convencionais, mas, mais ainda, ela exige isso: sem sentido convencional ou estável, poucas são as construções semânticas possíveis. (G. KLEIBER, 1997 apud FRANCKEL, 2011, p. 51).

Na perspectiva construtivista, o estável é sempre o produto de processos interativos regulados de estabilização. Essa compreensão não exclui associar à unidade lexical um conteúdo semântico. Mas, segundo Franckel (2011, p. 53), isso pode se justificar por duas razões: primeiro, “esse conteúdo não é dado de antemão, nem estabilizado em si”, e, segundo, “ele não se define pelas propriedades da entidade do mundo que permite, em um enunciado particular, designar: ele não se define por uma referência virtual”. Ou como diz Lopes (2000, p. 4-5), as unidades deixam de corresponder a “objetos semanticamente constituídos para

corresponder a objetos construídos, i.e. a objetos destituídos de autonomia semântica, objetos cuja estabilização é necessariamente local, relativa à contextualização observada”.

Retomemos o exemplo *Ce pantalon ne lui dit rien* (Essa calça não lhe diz nada), compreendemos que a sequência desencadeia uma proposição, que, como vimos, uma situação em que se mostra uma calça para que haja uma apreciação por parte do locutor, sendo que este reage negativamente à situação. O sentido da sequência *Ce pantalon ne lui dit rien* só se estabiliza em meios textuais definidos, que são convocados e organizados pela própria sequência, ou unidade. A significação só se realiza desde que seja constituído pela atividade da linguagem, quer dizer, a significação de um enunciado (uma unidade ou várias unidades sequenciadas) depende do seu contexto. Apenas uma unidade ou várias unidades sequenciadas em um determinado contexto podem elucidar o seu valor. A nosso ver, “todo valor semântico adquirido por uma determinada unidade linguística marca o término do processo de significação.” (LOPES, 2000, p. 6).

O sentido não é único nas palavras, ele só aparece encaixado. Fica claro, pelas palavras de Cumpri (2013, p. 2), que, para ele, “a linguagem nada tem de reprodutiva no que se refere ao referente: ela não o representa, ela constrói valores referenciais que só são (momentaneamente) estáveis em virtude do que a enunciação pode construir”. Ainda segundo Cumpri (2013), quando um enunciado possibilita a interpretação, ele ativa um dos contextos potenciais, isso quer dizer que há mais de um contexto que pode ser concretizado.

Esteja bem claro, por fim, que “passamos de um sentido ancorado em um referente para um sentido que decorre de valores referenciais construídos, observáveis em meios textuais definidos.” (FRANCKEL, 2011, p. 53). Para “fechar” as discussões que desenvolvemos, nesta subseção, citamos a conclusão que Franckel faz sobre a referência e valores referenciais:

À transparência da linguagem, concebida por uma relação de adequação ao mundo e as ideias que ela permite exprimir, e que a situa relativamente à noção de um referente externo e “dado”, se opõe uma concepção da linguagem com indícios de operações de referenciação que produzem valores referenciais nos enunciados. A linguagem não consiste mais, portanto, em “pôr em relação” e em localizar unidades cujo sentido é preconstituído, mas em realizar operações de orientação que determinam os valores referenciais e que são, elas próprias, constitutivas do sentido dessas unidades. (FRANCKEL, 2011, p. 51).

Assim, compreendemos, pela perspectiva construtivista, que a situação ou o contexto não é externo ao enunciado, mas constituído pelo próprio enunciado, quer dizer, a significação de um enunciado depende de seu contexto. Ter essa compreensão é fundamental para a compreensão do conceito de tradução como um caso particular de paráfrase.

2.2.3 A tradução: uma atividade que se constitui como um caso particular de paráfrase

O simples fato de reformular a ideia de que não traduzimos a língua isolada do contexto em que é produzida, concebida como um sistema de signos que exprimem ideias, isto é, um sistema de regras estáveis (autônoma, abstrata, logicista, homogênea), a língua considerada em si mesma por si mesma, mas a língua em ato numa situação particular (contextos, vivência cultural, experiência linguística, constituição subjetiva, percepções e pensamentos) viabiliza relações entre a linguagem e a língua com a imprescindível inserção do sujeito.

Se os linguistas da década de 1960 e da primeira metade da seguinte acreditavam na possibilidade de traduzir mais ou menos fielmente de uma língua para outra, parece que posteriormente a Depois de Babel o pós-modernismo renunciou ao ideal de universalidade e transparência que caracterizava o racionalismo – seja o racionalismo iluminista do século XVIII ou o neopositivismo estruturalista. (ASLANOV, 2015, p. 19).

Nesse período, as pesquisas sobre tradução baseavam-se em teorias linguísticas. Em geral, dominava a hegemonia estruturalista, de modo que, por exemplo, estigmatizaram-se alguns conceitos linguísticos como subjetividade, opacidade, fala entre outros. Em vez de ter a inserção do sujeito nas análises linguísticas, ao contrário, eles “introduziram conceitos de equivalência estatizantes que acabaram fazendo com que o tradutor fosse apagado e neutralizado.” (ZAVAGLIA, 2002, p. 155).

No período atual, nos campos de estudos da tradução, cada vez mais, a demarcação é estabelecida, pois quase não se tem igualdade na compreensão, mas, sobretudo, diferenças. Mas, se por um lado a hegemonia nos causou prejuízos, por outro, a hegemonia também nos trouxe benefícios, quer dizer, atualmente estamos no auge do processo, muitas teorias apontam e focalizam novas possibilidades de teorizar⁵⁷ e fazer tradução, diferentemente da linguística teórica⁵⁸. De acordo com Zavaglia (2002), está ocorrendo, nos programas de pós-graduação em Linguística Aplicada, um distanciamento da linguística em razão das características estruturalistas. Assim, essas reflexões compreendem que existe uma dicotomia entre: o moderno (aborda a tradução através de uma compreensão não linguística) e o tradicional (aborda a tradução através de uma compreensão linguística).

⁵⁷ “[...] muitas teorias surgiram e pretendem dar conta de problemas específicos, algumas delas indagando-se sobre a natureza da linguagem e seus processos, outras sobre a funcionalidade e ideologia das línguas [...]” (ZAVAGLIA, 2002, p. 156).

⁵⁸ Como bem sabemos, esta se organizou sem a inserção do sujeito em seu objeto de estudo.

Infelizmente, para uma parcela considerável de autores contemporâneos, “fundamentar-se em teoria linguísticas para refletir sobre tradução é, por um lado, limitar as possibilidades criativas do tradutor e anular a sua individualidade, por outro lado, é glorificar o autor e a língua de partida.” (ZAVAGLIA, 2002, p. 156).

Felizmente, acreditamos e defendemos que “a linguística é uma ciência feita de inúmeras linguísticas, que não têm, obviamente, os mesmos pontos de vista.” (ZAVAGLIA, 2002, p. 156). A supremacia do fenômeno tradução é que toda vez que realizamos discussões sobre fidelidade, transparência vs paráfrase e opacidade do texto-alvo ao texto-fonte, de alguma forma, esbarramos nos clássicos problemas de tradução: integral ou parcial, conteúdo ou forma, técnica ou literária. Esse reconhecimento deve também se harmonizar com a seguinte ideia: “quando falamos em língua naturais, estamos falando de diversidade. Quando falamos em tradução, falamos da passagem da diversidade de uma língua para a diversidade de outra.” (BIASOTTO, 2010 p. 184).

Antes de explicarmos o que entendemos por tradução e alguns conceitos relacionados à tradução, é interessante esclarecer que há um novo conjunto de pesquisadores, no qual nos incluímos, que tem avançado algumas hipóteses que articulam o domínio da tradução com o projeto teórico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Para o presente trabalho, o fato é que nos posicionamos diante do “passado”⁵⁹ para mostramos na atualidade, segundo o ponto de vista particular da TOPE, de natureza construtivista, como compreendemos o fenômeno, tradução⁶⁰.

Partimos do pressuposto básico de que “a tradução é um caso particular de paráfrase” (CULIOLI, 1976, p. 29), logo, “a tradução marca, segundo o ponto de vista de Culioli, equivalências.” (apud ZAVAGLIA, 2002, p. 76). Como diz Biasotto (2010), é preciso levar em consideração a tradução em termos de semelhança e “não como identidade absoluta.” (BIASOTTO, 2010 p. 193). Nesse contexto teórico, o tradutor é aquele que controla os processos de derivação de enunciados no processo de tradução (BIASOTTO, 2010), de modo que “a prática do tradutor traz similitudes com o trabalho metalinguístico realizado pelo linguista em suas análises textuais.” (BIASOTTO, 2010, p. 51). Isto é revelador pelo fato de

⁵⁹ Colocamos entre aspas, uma vez que existe ainda muitos pesquisadores, tanto do campo da tradução quanto de outros domínios do conhecimento, que seguem a postura teórica estruturalista.

⁶⁰ Sobre esse assunto, daremos os nossos créditos também aos pesquisadores como Biasotto, Zavaglia e Pria, pois os seus escritos muito nos ajudaram.

que “os conceitos de ‘tradução’ e de ‘tradutor’ estão, portanto, relacionados aos conceitos de ‘paráfrase’ e de ‘trabalho metalinguístico⁶¹’ nesse domínio.” (FLORÊNCIO, 2016, p. 50).

A “*paráfrase* refere-se a uma atividade regulada, controlada” (PRIA, 2009, p. 18 – grifo do autor), a qual o tradutor terá de se apropriar. Segundo Biasotto (2010) e Pria (2014), teorizar a paráfrase implica assumir a impossibilidade da identidade semântica absoluta do texto-fonte com o texto-alvo. Quanto ao outro aspecto, o tradutor põe em prática, primeiramente, “uma operação de reconhecimento a partir dos instrumentos que lhe foram dados pelo enunciador, ou autor, do texto.” (GOESTER, 1987 apud ZAVAGLIA, 2002, p. 79). Com efeito, o tradutor produtor de significados é capaz de produzir o seu texto equivalente por intermédio das operações enunciativas.

A equivalência, segundo nosso ponto de vista, faz parte de nossa própria capacidade inata de representar, referenciar e regular, a qual é anterior à própria diferença das línguas. Equivalência é regulação. Dessa forma, podemos dizer que a relação de equivalência se desenvolve no âmbito da linguagem, em outras palavras, na esfera cognitiva. (ZAVAGLIA, 2002, p. 162).

Observe-se que a compreensão construída em torno da identidade semântica absoluta dá lugar a uma teoria dos observáveis fundamentada no trabalho epilinguístico e metalinguístico, tal como estão definidos pelos trabalhos de Culioli (1990, 1999a, 1999b), pois, como afirmou por ele (1999a), a atividade epilinguística é entendida como uma atividade metalinguística não consciente “e se verifica na reflexão inconsciente dos sujeitos sobre sua própria atividade de linguagem” (PRIA, 2009, p. 27), enquanto a atividade metalinguística é uma atividade consciente que envolve a apropriação dos mecanismos cognitivos que estão subjacentes à atividade epilinguística do sujeito.

Na reflexão culioliana, no instante da tradução ou no aprendizado de uma língua, “há a ativação desse saber epilinguístico, que seria o caminho interno que cada indivíduo faz para chegar a seu significado particular.” (BIASOTTO, 2010, p. 180). Ainda segundo Biasotto (2010), essa atividade funciona na elaboração de famílias parafrásticas, quer dizer, os enunciados aparentados são sustentados por um esquema chamado de léxis. Todo enunciado faz parte da família parafrástica e compete ao enunciador, seja escritor, leitor, aprendiz de uma língua, ou caso da tradução, tradutor, escolher uma dentre os enunciados equivalentes. Assim, por ser uma escolha particular, “esta pode acarretar tanto diferenças superficiais como

⁶¹ Quanto à atividade metalinguística, verificamos que é através dela que “o sujeito busca se apropriar não só dos mecanismos de derivação de enunciados potenciais, mas também dos mecanismos enunciativos que visam à adequação dos enunciados potenciais a situações particulares de enunciação” (FLORÊNCIO, 2016, p. 50).

oscilações importantes.” (BIASOTTO, 2010, p. 181). Afinal, defendemos que um único enunciado pode ter diferentes interpretações. Segundo Cumpri (2012), a atividade parafrástica caminha em dois sentidos:

(i) um primeiro que se direciona a eliminar ou amenizar uma opacidade que é inerente à própria linguagem que só cede lugar a um significado temporariamente estável quando se mostra a função integrante dos termos (a articulação léxico-gramática); (ii) um segundo que mostra que qualquer reformulação subentende uma modificação de sentido (CUMPRI, 2012, p. 143-144).

Acreditamos na atividade epilinguística individual e particular, por esse motivo, desacreditamos na possibilidade de um sujeito ser “totalmente fiel e invisível” ao texto fonte, ainda que se esforce ao máximo. As representações mentais, quer dizer, atividade de representação, referenciação e regulação do tradutor, não é idêntica “as de quem produziu o texto original.” (BIASOTTO, 2010, p. 181).

Culioli (apud ZAVAGLIA, 2002) afirma que os ajustamentos, os resultados de operações enunciativas produzido pelo tradutor:

seria então responsável pelas perdas e compensações que Culioli menciona. Como não se pode reproduzir o texto do autor e como os universos de representação, de referenciação e de regulação dos dois textos serão sempre distintos, sempre haverá perdas e compensações. (ZAVAGLIA, 2002, p. 79-80).

Um ponto a ser levantado quanto ao sentido. Culioli diz ser favorável a uma tradução fiel ao sentido, mas não do modo de uma “preservação ilusória do texto de partida”. Segundo Biasotto (2010), não se pode dizer em fidelidade e invisibilidade total, pois o texto traduzido é filtrado por subjetividade. Porém, não podemos também confundir esse trabalho com liberdade absoluta. Como vimos na subseção 2.2.2, o sentido, os valores referenciais são instáveis e construídos nos enunciados e são os sujeitos os responsáveis por construir a significação numa situação particular:

no momento da tradução, o tradutor coloca em atividade processos linguagísticos equivalentes dos quais ele não tem necessariamente consciência mas que são propriamente os responsáveis pela sua atividade interpretativa, ao mesmo tempo consciente e inconsciente. O tradutor faz um julgamento de equivalência entre dois textos, o que ele construiu a partir do texto do autor, e o que ele traduziu, dando a esse processo uma característica subjetiva e peremptória. (ZAVAGLIA, 2002, p. 162).

Na verdade, “se não houvesse, de língua a língua, propriedades gramaticais comuns, uma certa correspondência entre noções, e então a possibilidade de construir esquemas gerais, não haveria tradução possível.” (CULIOLI, 1976, p. 18). Na reflexão culioliana, a língua

apresenta-se sob a forma de textos e cada texto representa formas de arranjos e configurações que vão, à primeira vista, variar de uma língua para outra, mas das quais se poderá, num dado momento, procurar as regularidades (CULIOLI, 1976, p. 9). Disso resulta, como lembra Biasotto (2010), que a tradução na TOPE implica a necessidade de se considerar um nível profundo que permite a passagem de uma língua a outra. Esse nível profundo é a própria atividade de linguagem, isto é, a própria capacidade inata que todo ser humano tem de representar, referenciar e regular (BIASOTTO, 2010, p. 186).

Assim, com base nesses fundamentos, por mais que o autor do texto-fonte e o tradutor do texto-alvo tenham partido de um mesmo conteúdo de pensamento⁶², nada garante que a imersão desse conteúdo por sujeitos diferentes em situações de enunciação também diferentes resultará uma mesma modulação (BIASOTTO, 2010). Desse ponto de vista, “se alguma identificação [do texto-alvo com o texto fonte] for alcançada, terá sido o resultado da atividade epilinguística dos sujeitos. No caso de tradutores profissionais, terá sido o resultado também da atividade metalinguística desses sujeitos.” (PRIA, 2014, p. 115).

De modo igual, para os autores, “é inevitável a interferência por parte do tradutor” (BIASOTTO, 2010, p. 44), como é necessário se chegar a produzir ou reconhecer representações interpretáveis em situações particulares de enunciação (PRIA, 2014). Tudo o que estamos apontando neste momento deve-se ao fato de “uma tentativa de compreender o que o outro quis significar” (BIASOTTO, 2010, p. 47); não significa “a garantia de que se vai ter êxito.” (BIASOTTO, 2010, p. 47). Em especial, é fundamental ter em mente “de princípio não há garantia de que se vai derivar do texto-fonte uma correspondência na língua alvo que possa ser tomada como equivalente àquela do texto-fonte.” (FLORÊNCIO, 2016, p. 51). É “ilusório”, conforme afirma Biasotto (2010, p. 48), acreditar que qualquer sujeito em qualquer tempo e espaço vá chegar ao mesmo resultado, entendido como identificação semântica absoluta do texto-fonte com o texto-alvo. Essa interpretação prevalece, pois, ao mesmo tempo, cada forma só quer dizer, rigorosamente, o que diz:

Ela pode valer como explicação do sentido de uma outra forma apenas alterando-a, ainda que pouco, deformando-a, fragmentando-a. Só o que é dito diz o que é dito, e qualquer outro acesso a esse dito, qualquer tentativa de atingir por meio desse dito um querer dizer, uma significação, resulta em desvio irreduzível, ainda que mínimo, ainda que se estabeleça um ajustamento e uma aproximação à qual podemos, frequentemente, nos acomodarmos. O que produz esse desvio não é a alteração de um “sentido puro”, que existiria independentemente dessa alteração. É essa própria alteração que é, de algum modo, constitutiva do sentido, e que lhe dá corpo. (FRANCKEL, 2011, p. 40-41).

⁶² Culioli (1990, 1999a, 1999b) denomina léxis esse núcleo semântico de derivação de enunciados potenciais.

Pria (2014) observa que estão subjacentes à identificação semântica absoluta: primeiro, a idealização do caráter universal do conteúdo independente da expressão e, segundo, a idealização do sujeito e da situação de enunciação em relação ao conteúdo. Em suma, o pesquisador conclui que essas idealizações produzem, dentre outras, uma concepção estereotipada da tradução e do tradutor. Seguindo o raciocínio de Romero-Lopes (2006), Biasotto (2010) afirma que:

uma expressão linguística (seja ela lexical, gramatical ou discursiva) não traz em si um conteúdo inerente e muito menos estável [absoluto], mas é de natureza variável, maleável, e se define pela função que adquire nas interações das quais participa, isto é, só adquire valores quando contextualizada, quando em funcionamento. (BIASOTTO, 2010, p. 44).

Por essa razão, Florêncio (2016) diz que não é pertinente tratar a relação entre os textos-fonte e textos-alvo em termos de identificação ou não identificação absoluta, mas tratar essa relação em termos de semelhança, de proximidade e de equivalência, o que possibilita abranger a maleabilidade e a flexibilidade da linguagem. Consequentemente, essas têm um lugar de destaque dentro de uma problemática que

é a diversidade de julgamentos que os linguistas e que os vários sujeitos fazem sobre o conteúdo dos textos-origem e dos textos-traduzidos enquanto manifestações textuais em uma língua dada e a possibilidade de que um mesmo conteúdo ou vários conteúdos distintos possam ser configurados de modos distintos em uma mesma língua ou em várias línguas. (PRIA, 2014, p. 116).

Biasotto (2010), mostrando algumas implicações dos termos equivalência, semelhança e proximidade para a tradução, identifica:

Não se pode falar que um enunciado traduz outro ou que há equivalência simplesmente por se ter o sentimento de que eles dizem aproximadamente a mesma coisa. É preciso mostrar, por manipulações, que se tem um número de operações que fazem com que esses enunciados possam ser considerados equivalentes. (BIASOTTO, 2010, p. 51).

Façamos, neste momento, um contraponto baseado nas experiências construídas entre a TOPE e outras reflexões presentes nos estudos da tradução. De acordo com Guedes (2010, p. 14), o tradutor, “seja qual for sua atitude, estará sempre sujeito a críticas”. Nota-se, portanto, que as críticas serão variáveis a depender de vários fatores que lhe dão sustentação, entre os quais:

o conceito de tradutor, de tradução, de língua, de linguagem e de sociedade. Há sociedades que, em detrimento do trabalho do tradutor, supervalorizam o seu resultado; outras subestimam os resultados em razão da supervalorização do processo de produção. A “perfeição” da tradução é tão idealizada quanto a impossibilidade da tradução justificada pela ausência de perfeição em muitos textos resultantes dessa atividade ao longo da história. (FLORENCIO, 2016, p. 52).

Berinson (2012 apud FLORENCIO, 2016, p. 52) se posiciona de modo a defender que a tradução, em razão das habilidades que exige, é um domínio elitizado e restrito a poucos:

[...] engana-se quem julga que a tradução é tarefa para todos. Tradução é esforço. É trabalho duro. Tradução é arte. Não se trata simplesmente de transpor palavras da língua de origem para a língua de destino. Este é apenas o pontapé inicial. Porque cada língua é única e tem as suas maneiras próprias de expressão. (BERINSON, 2012 apud FLORENCIO, 2016, p. 52).

Assim como o conhecimento técnico é exigido do tradutor, algum grau de criatividade também o é, para dar solução a dificuldades colocadas pela técnica. Podemos observar que essa atividade de solucionar problemas de tradução é bastante comum entre os tradutores, por exemplo, “desenvolver ideias presentes no texto de partida, explicá-las em notas, criar neologismos ou manter o original, recorrendo a empréstimos e decalques” (GUEDES, 2010, p. 14). No entanto, mesmo apresentando uma idealização do “conteúdo como estável e fora da interferência subjetiva, isso se desfaz quando se convoca a ‘criatividade’ (notadamente subjetiva) para dar solução às dificuldades técnicas.” (FLORENCIO, 2016, p. 53).

Segundo a reflexão que tomamos como base para organizar este texto, a tradução transcende as tendências mais conservadoras e estabilizadas ou mais de vanguarda e mais flexíveis da sociedade. A tradução parece contrariar essa tendência. Isso em razão do fato de que o tradutor terá de “se libertar de sua língua materna, sair dela e a ela retornar” (OTTONI, 2005 apud FLORENCIO, 2016, p. 53), o que é tão vanguarda quanto conservador.

É por isso que se diz que o trabalho do tradutor é tanto responsável quanto irresponsável. De um lado, é responsável “perante o texto (e o autor) que traduz e perante o público para quem traduz.” (ARROJO, 2007, p. 77-78). De outro, no entanto, “enquanto exercício de uma prática, sua responsabilidade, se é que se pode dizer desse modo, é apenas com a exercitação das suas habilidades.” (FLORENCIO, 2016, p. 53).

Na abordagem dinâmica, a qual fundamenta a nossa tese, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, ou, simplesmente, Teoria das Operações Enunciativas, de Antoine Culioli, entendida como uma linguística que apreende de modo único a linguagem através da

diversidade das línguas naturais e dos textos, e que conduz o incessante vaivém entre o empírico e formal: “nenhuma definição, inclusive a das noções tidas como as mais ‘elementares’, é considerada como dada, por ser na transparência aparente do elementar que o desconhecido vem à superfície de modo mais opaco.” (VOGUE; FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 10).

Esta pesquisa foi motivada pela TOPE, com o desafio de propor uma reflexão mais profunda sobre atividade de linguagem na tradução. Para tanto, vamos nos inserir em uma epistemologia dinâmica da construção da significação oposta a uma epistemologia do compartimento:

do estático e do linear, dada a resistência dos fenômenos, deve ser substituída por uma epistemologia do interativo, do dinâmico e do não linear, em uma dialética complexa do rígido e do maleável, em que se atam e se desatam figuras do estável e do instável, através da plasticidade regulada da linguagem. (CULIOLI apud FRANCKEL, 2011, p. 100).

Partindo dessa perspectiva dinâmica e operatória, na seção seguinte, “os modos variáveis como os aprendizes de inglês resolvem o problema da estabilização da representação em enunciados traduzidos do inglês para o português”, articulamos os processos generalizáveis da linguagem (invariância /operações enunciativa) com seis enunciados no português brasileiro (variação/ valores determinados provisoriamente e localmente), com intuito de mostrar que as unidades lexicais, as categorias gramaticais e os enunciados não são dados *a priori*, segundo a TOPE e a perspectiva construtivista, o sentido é construído no enunciado por meio das operações linguístico-enunciativas.

3 OS MODOS VARIÁVEIS COMO OS APRENDIZES DE INGLÊS RESOLVEM O PROBLEMA DA ESTABILIZAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO EM ENUNCIADOS TRADUZIDOS DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS

A permanente manipulação dos fatos de língua que a metodologia decorrente dessa concepção teórica põe em prática constitui a condição para evitar que “as hipóteses não se cristalizem em certezas, as operações em procedimentos de etiquetagem, em suma, que o espírito, i.e. a inquietude e a curiosidade, abandone rapidamente a empreitada, quando a impaciência de se chegar a um fim se sobrepõe à racionalidade paciente (sobretudo quando essa racionalidade não afasta os fenômenos que poderiam incomodá-los, mas, ao contrário, se esforça para considerá-los em sua complexidade).” (VOGUÉ; FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 10).

Introdução

Um conceito que nos ajuda a observar o que está na origem do processo que gera formas interpretáveis nas línguas naturais é a significação. Para a TOPE, ela não é um dado, mas construto. A mesma coisa acontece com as categorias gramaticais e as unidades lexicais, não dadas *a priori*, ainda que o sentido pareça se repetir de uma representação para outra e que isso sugira estabilidade de sentido. A significação é construída durante a interação verbal dos sujeitos. A cada situação de interação, ajustamentos se fazem necessários, intrafalante (o outro-outro) e interfalantes (outro-o mesmo).

Nessa perspectiva dinâmica, o sujeito, nesse caso, especificamente, o aluno terá de assumir a representação da língua de partida como uma forma interpretável, terá também de se apropriar⁶³ da léxis, um esquema inicial que está na origem de todos os enunciados, inclusive da língua de partida e da língua alvo. O desafio para o sujeito-tradutor (aluno) é, sobretudo, buscar representar o funcionamento de uma determinada unidade linguística assinalando seu potencial semântico, mas agora na língua alvo. Trata-se de um equilíbrio de sentidos na língua alvo e na língua fonte. Dentre todas as formas interpretáveis possíveis, o sujeito terá de escolher aquela que mais se aproxima da forma interpretável de partida. O enunciado traz marcas do vai-

⁶³ É importante observar que a léxis é um construto teórico (e não empírico), em que o sujeito não tem consciência dessa atividade, já o linguista tem a função “de descrever, representar e simular os fenômenos observáveis (produção e produto) resultantes das atividades linguagística e linguística.” (CUMPRI, 2012, p. 27-28).

e-vem entre o empírico e o formal, logo, interessa-nos reconstruir teoricamente o subterrâneo desses movimentos de produção e reconhecimento de enunciado.

Como dissemos na introdução, é amplamente reiterada a dificuldade de traduzir tais construções para a língua portuguesa, mantendo-se o paralelismo sintático e semântico com o original em inglês. A instabilidade entre os termos não deixa de colocar dificuldade até mesmo às pessoas mais experientes. Logo, queríamos saber como os alunos em processo de formação e apropriação da língua inglesa traduziriam esses enunciados.

Quanto aos alunos, como estávamos presentes na atividade desenvolvida por eles, notamos que as dificuldades não foram pequenas. Os alunos ficaram bastante confusos com a possibilidade de variação, em especial, com as diferentes maneiras que um mesmo texto de partida poderia seguir para chegar numa mesma direção do texto-alvo. Transcrevemos, a seguir, uma pergunta que nos feita por um aluno do 1 semestre: “Essas frases em inglês é uma espécie de trocadilho que tenta enganar aquele que irá traduzir?” Antes de lhe responder, outra aluna fez o seguinte comentário: “Tradução não existem outras possibilidades para traduzir, só existe uma e é essa que temos que encontrar”. De um lado, temos percepções: tudo posso, de outro, nada posso.

Um ponto interessante para refletir, nesse momento, são concepções de tradução que harmonizam com concepções teóricas sobre o desenvolvimento cognitivo. Tomamos, então, uma explicação de Piaget (1977),⁶⁴ ao falar do desenvolvimento moral infantil, em que o estudioso diz que a evolução passa por três etapas: anomia, heteronímia e autonomia.

A moralidade anômica é caracterizada pelo “egocentrismo”, não existem regras. Nas crianças, os choros, as birras, as teimosias, determinam o desejo de serem atendidas na hora. Nos adultos, anomias são as quebras de normas (por exemplo, não respeitar leis, pessoas, natureza, patrimônio público ou particular, etc.).

A moralidade heterônima ocorre quando as regras (tidas como absolutas, imutáveis, intangíveis) vêm de fora. O indivíduo precisa escutar o que o outro está dizendo e esperar que o outro o aconselhe e diga o que ele deve fazer. Os deveres são vistos como externos, impostos coercitivamente, e não como obrigações elaboradas pela consciência. O bem é visto como o cumprimento da ordem, o certo é a observância da regra que não pode ser transgredida nem relativizada por interpretações flexíveis.

⁶⁴ Esse desenvolvimento moral de Piaget também se aplica ao adulto e não apenas à criança. Não é comum, hoje em dia, encontramos indivíduos que conseguem pensar e agir seguindo a sua própria consciência, porque ou estão ocupados demais exercendo a fase de anomia ou estão exercendo demais a fase da heteronomia.

Na moralidade autônoma, o indivíduo comanda as suas próprias regras, tem domínio sobre os seus valores, tem autonomia para decidir. Quanto aos deveres, são cumpridos com consciência de sua necessidade e significação, já que se apropriou dos princípios éticos e morais.

A melhor decisão em relação à formação de qualquer indivíduo (crianças, adultos; professores, alunos; tradutores experientes, tradutores iniciantes) é buscar um equilíbrio entre as etapas, anomia, heteronomia e autonomia. O indivíduo não pode ter só a sua ética pessoal e viver a partir dela, como também não pode viver somente sobre o que outro estabelece. A maturidade (autonomia) consiste no equilíbrio dessas duas éticas: a anomia e a heteronomia, que fundam a autonomia. Aquele que exerce a sua autonomia consegue ter o espaço para colocar em prática, de um lado, heteronomia, escutar o que outro tem a dizer e respeitar a regra do outro. O que vem do outro tem o seu valor, mesmo que eu não queira esse valor. De outro, exerce a ausência do sentimento de cumprimento das regras gerais em favor da regra da consciência.

A formação do indivíduo, seja para a vida, para o profissional (professor, tradutor experiente) e o pessoal (aluno, tradutor inexperiente), precisa estar atrelada a esses modos de pensar. Posto isso, em relação ao trabalho de tradução, o equilíbrio também é necessário. Quanto aos alunos, não nos causa surpresa dizer que eles ainda não têm autonomia para decidir muita coisa, pois a autonomia em relação ao domínio da língua ainda está em construção. No entanto, é possível afirmar que eles já exercem, em pequenas quantidades, a autonomia nas atividades que ora apresentamos.

Retomando os comentários dos alunos, isso tem uma consequência muito interessante no campo da tradução, visto que é comum encontrarmos dois modos de se instaurar o valor das unidades de análise da tradução: “ora tendem ao domínio das línguas e à alienação da atividade de linguagem, ora tendem ao domínio da linguagem e se alienam da especificidade linguística, que fica fragmentada em meio a outros sistemas simbólicos.” (FLORÊNCIO, 2016, p. 67). Daí constatamos que “o domínio da tradução ainda carece de um conceito de tradução que leve em conta a articulação da linguagem com as línguas naturais.” (FLORÊNCIO, 2016, p. 67).

É justamente nesse aspecto que discordamos dos dois primeiros modos (domínio das línguas *versus* domínio da linguagem) de se instaurar o valor das unidades de análise da tradução. Pautados na perspectiva dinâmica de construção da significação (estuda a linguagem por meio da diversidade das línguas naturais), defendemos que não devemos fazer um estudo da forma pela forma, mas como o sentido se forma em palavras, ou melhor, como ele se constrói. A nossa tarefa como linguista é estudar o funcionamento da linguagem enquanto

atividade significativa de representação, ou melhor, enquanto atividade de produção e reconhecimento de formas linguísticas.

Partindo das reflexões realizadas nas subseções “A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas” e “A linguagem compreendida através da perspectiva dinâmica”, propomos, nesta seção, verificar nossa hipótese, ou seja, mesmo com toda a variação na superfície dos enunciados, eles se aproximam em vários pontos do seu processo de construção em razão de propriedades invariantes da linguagem que perpassam a experiência subjetiva e a variação espaço-temporal de cada situação particular de enunciação. Assim, o objetivo principal é buscar a invariância (operações de linguagem) processuais responsáveis pela variação (configurações específicas estabilizadas).

Inscrevendo-nos na linha francesa de análise enunciativa de Antoine Culioli, pretendemos articular o modo inovador dessa teoria à heterogeneidade da atividade de tradução dos alunos que são compostas por valores diversificados.

3.1 Metodologia

O contexto maior de realização desta pesquisa foi a Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, *Campus* Universitário de Cáceres, nas dependências do curso de Letras. Os participantes da pesquisa foram 16 alunos do 1º semestre, 16 alunos do 2º semestre, 19 alunos do 5º semestre e de 19 alunos do 7º semestre, totalizando 70 alunos do curso de Letras/habilitação em Língua Inglesa, da modalidade presencial, do período noturno da UNEMAT. Como já mencionado na introdução dessa tese, definimos que os participantes seriam os alunos curso de Letras/inglês da UNEMAT, por dois motivos: o primeiro, obter informação sobre o nível de proficiência e a formação dos participantes da pesquisa. O segundo, verificar como os alunos em processo de formação e apropriação da língua inglesa traduziriam aqueles mesmos enunciados do inglês para o português.

Após a aprovação do CEP⁶⁵, seguindo todas as normas, pedimos aos professores para nos ceder duas aulas, para aplicarmos as atividades de tradução no horário de aula. A coleta do

⁶⁵ Antes de iniciarmos a coleta de traduções desses enunciados, vale ressaltar, de acordo com as diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e complementares), que todas as pesquisas que envolvem seres humanos precisam ser submetidas à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (doravante CEP), órgão colegiado e transdisciplinar cuja finalidade é garantir os interesses dos sujeitos em sua integridade, dignidade, isto é, contribuir com o desenvolvimento da pesquisa conforme os padrões éticos. Sendo assim, preocupados em não afetar o bem-estar dos participantes, bem como respeitar todos os parâmetros brasileiros de pesquisa, submetemos o projeto à avaliação do CEP. No dia 16 de outubro de 2018, o CEP/UNEMAT, após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS, concluiu o parecer: não há restrição

material de pesquisa foi feita no mês de outubro de 2018. O nosso *corpus* de pesquisa contém 6 enunciados: *John swept the house clean; She laughed him out of his patience; My mistress grumbled herself calm; John washed the soap out of his eyes*⁶⁶; *The clock ticked the baby awake* e *John painted the house yellow*. Para aplicação da atividade, levamos alguns exemplares de dicionários que ficaram disponíveis aos alunos. A atividade de tradução trazia a seguinte informação: “Prezado aluno (a), agradecemos a sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível, você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar”. Os seis enunciados referidos no cabeçalho do formulário são os que acabamos de mencionar acima. Respeitando e seguindo as normas do CEP, pedimos aos alunos para informar o nível de proficiência, caso se sentissem à vontade para preencher.

Já na escolha do nosso *corpus* de pesquisa, identificamos que teve aqueles que apresentaram uma, duas e três possibilidade de tradução, mas nem todos os alunos nos retornaram os formulários com as traduções que havíamos solicitado, bem como nem todos mencionaram o nível de proficiência da língua inglesa. Obviamente, descartamos esses formulários que foram entregues em branco e os que não mencionaram o nível de proficiência. Apesar disso, tivemos o retorno de 36 alunos⁶⁷ que foram satisfatórios para que pudessemos avançar com a pesquisa.

Sobre o enunciado inglês 1) *He hammered the metal flat* e suas respectivas traduções, 1a) *Ele martelou o metal plano* e 1b) *Ele martelou o metal até achatar*, queremos esclarecer dois pontos: o primeiro é que esse enunciado não foi traduzido pelos alunos, no entanto, decidimos em não deixar de fora da nossa análise, porque quando se trata de CR, esse é considerado pelos pesquisadores um enunciado protótipo. O segundo é que foi a partir das traduções dos enunciados 1a) e 1b) é que verificamos os dois modos de funcionamentos dos enunciados: ora há uma preponderância no ato de fazer alguma coisa (mais processual e menos designativo) e ora há uma preponderância no resultado de um ato de alguma coisa que alguém/algo fez (mais designativo e menos processual). Portanto, seguindo esse mesmo funcionamento é que

ética para o desenvolvimento da pesquisa. Assim, aprovada a pesquisa, realizamos parte das atividades previstas no projeto de doutorado junto aos acadêmicos do curso de Letras/ Habilitação em Língua Inglesa.

⁶⁶ Esse enunciado existe erro de digitação. Em vez de *soap* foi digitado *soup*.

⁶⁷ Seguindo os protocolos do CEP, deixamos à vontade para que os alunos registrassem o nível de conhecimento da língua inglesa. Aos que disseram, foram 29 alunos no nível básico, 5 no intermediário e 2 no avançado.

escolhemos outros dois enunciados inglês e as duas traduções são eles: *John painted the house yellow*, John pintou a casa amarela e John pintou a casa de amarelo; *The clock ticked the baby awake*, O tique-taque do relógio acordou o bebê e O tique-taque do relógio acordava o bebê.

Nos enunciados 1a), 2a) e 3a), a classe de ocorrências é construída pela identificação ou diferenciação com o centro organizador. Os diferentes graus de identidade vão fazer com que as ocorrências se agrupem ao longo de um gradiente. Nos enunciados 1b), 2b) e 3b), constrói o valor extremo de uma ocorrência imaginária sobre um gradiente. Durante o processo de compreender e explicar alguns mecanismos de linguagem da nossa pesquisa, muitas vezes nos deparamos com algumas dificuldades. Nesse sentido, não conseguimos seguir adiante com algumas questões, como é o caso do gradiente. Em função dessa dificuldade decidimos deixar de fora a noção de gradiente, pois certas nuances podem não ficar tão nítidas em razão do próprio movimento que fazemos de um nível a outro para explicitá-las. Em outro momento, pretendemos dar uma atenção às questões ligadas ao gradiente.

Como vimos na seção 2, os objetivos e a nossa hipótese de pesquisa, construídas no âmbito da TOPE, nos distanciam de projetos teóricos que têm o conceito de categoria como operatório, bem como afirmar ou negar a existência da CR. Esses conceitos não são operatórios para a TOPE. Os construtos teóricos da TOPE são representações abstratas de enunciados formalizadas através da atividade metalinguística. O que caracteriza nosso grande interesse é teorizar o trabalho realizado pelo sujeito de configuração de representação em um ato de interação verbal, em particular quando se trata de traduzir certos enunciados do inglês para o português em situação de prática de linguagem.

Por uma questão metodológica, explicitamos separadamente essas relações que compõem o enunciado. No entanto, nos enunciados propriamente dito (no processo de produção e de reconhecimento de uma enunciação determinada), essas partes se “sobrepoem” e se confundem porque são desdobramentos de uma mesma origem⁶⁸. Para observar as marcas ou traços deixados pelos enunciadores durante a constituição do enunciado, explicitamos cada uma dessas sobreposições, mas sem perder de vista que estão numa continuidade e que certas nuances podem não ficar tão nítidas em razão do próprio movimento que fazemos de um nível a outro para explicitá-las.

O processo constitutivo do enunciado contribui para a complexidade implicada na atividade de tradução, como diz Pria (2018): “compreende um conjunto de relações imbricadas”. Na análise, para alcançar o objetivo deste trabalho, partimos de um nível mais

⁶⁸ É essencial frisar, como observa Rezende (1995, p.157): “as etapas não ocorrem em separado na mente do enunciador. Trata-se tão-somente, de diferentes níveis de análise”.

profundo para remontar à superfície. Iniciamos da léxis, uma estrutura tripla presente em todos os níveis de construção do enunciado. Uma léxis é um potencial gerador de uma família parafrástica. A variação será o resultado da instanciação da léxis em situações distintas de enunciação. A relação ainda é primitiva, porque não foi localizada em relação a uma situação de enunciação. O esquema de léxis é gerador da relação predicativa que se constitui a partir de dois argumentos e um terceiro que funciona como relator de predicação, ou seja, significa orientar linearmente os termos ordenados na relação primitiva. A relação enunciativa construída traz marcas de categorias gramaticais deixadas pelos sujeitos, tais como determinação, modalidade, aspecto e diátese. Portanto, da relação primitiva, passamos pela predicativa e seguimos em direção à relação enunciativa. Isso quer dizer que a significação é constituída a cada situação de enunciação.

3.2 Ele martelou o metal plano/ Ele martelou o metal até achatar⁶⁹

3.2.1 A léxis

Começamos a análise dos enunciados (as traduções) com o exemplo clássico (cf. item 22, p. 66, subseção 1.2.5) da CR na língua inglesa:

1) *He hammered the metal flat*⁷⁰.

1a) Ele martelou o metal plano.

1b) Ele martelou o metal até achatar.

Para não sobrecarregar essa parte com longa citações teóricas, sugerimos a leitura do item 2.1.5.1 A léxis⁷¹, na subseção 2.1. Passemos à análise das léxis das traduções 1a) e 1b):

⁶⁹ Estabelecemos uma padronização ao usarmos as tipografias nas análises. A disposição se encontra da seguinte maneira: os enunciados da língua de partida (inglês) ficaram em itálico; os termos da léxis aparecem entre os símbolos matemáticos menor que e maior que < >; as noções estão entre barras //; as ocorrências entre aspas “ ”; as glosas são apresentadas pelos numerais cardinais 1, 2, 3; os parênteses podem ser usados no domínio nocional e também para introduzir informações acessórias ().

⁷⁰ Utilizamos os enunciados em inglês somente como ilustração de enunciado de partida, já que o nosso interesse são apenas as traduções. Além disso, queremos ressaltar que esse enunciado não foi traduzido pelos alunos, no entanto, decidimos em não deixar de fora da nossa análise, porque quando se trata de CR, esse é considerado pelos pesquisadores um enunciado protótipo. Os exemplos 1 e 1a foram retirados do trabalho de Knöpfle (2017, p. 319). Já o exemplo 1b foi retirado do trabalho de Bertucci (2014, p. 623). Para manter a padronização com os enunciados 1 e 1a, trocamos o sujeito do 1b “John” por “Ele”.

⁷¹ Faz-se importante ressaltar que a léxis, como *sit0* é localizador origem de todas as localizações.

A léxis λ_1 : <ele, metal, martelar >

Temos em todos enunciados, 1), 1a) e 1b), a léxis λ_1 : </ele/ /metal/ /martelar/>, em que *ele* (martelador) é a origem da relação primitiva. Glosando os enunciados 1a) e 1b), temos em todos esses casos: *ele* (termo martelador) foi o alguém que martelou o metal, e é quem serve de localizador; o metal (termo martelável) é algo que foi martelado, ou passível de receber golpes (marteladas, dentre outras coisas) de martelo e é o que serve de localizável. O martelar, seja ele mais resultado, exemplo do enunciado 1a, o metal plano martelado por alguém, seja uma preponderância no resultado de um ato de alguma coisa que alguém/algo fez (mais designativo e menos processual), seja ele mais processo/atividade, exemplo do enunciado 1b, uma preponderância no ato de fazer alguma coisa (mais processual e menos designativo), é o que serve de relator da representação mental construída pelo sujeito, e é o que conduz a relação do localizador ao localizado.

Nos enunciados 1a) e 1b), temos mais de dois termos em relação, ou seja, há uma intricação de relações. No enunciado 1a), temos a léxis λ_2 : < metal, plano>. No enunciado 1b), temos a léxis λ_2 : <metal, até, achatar>. Em ambos enunciados temos o termo /metal/ responsável pela intricação da relação entre a léxis λ_1 e a λ_2 . Podemos glosar, ou seja, manipular a construção da significação dos enunciados da seguinte maneira: 1a) λ_1 , Ele martelou o metal indica uma localização, 1a) λ_2 , o metal é plano, marca uma atribuição de propriedades. 1b) λ_1 , Ele martelou o metal, indica uma localização, 1b) λ_2 , o metal ficou achatado, marca uma atribuição de propriedades. O que temos nas léxis λ_1 é localização e nas léxis λ_2 é atualização de propriedade. Aqui, ou melhor, nas léxis, temos uma relação ordenada e não linear.

Essa atividade definidora é estabelecida na relação primitiva⁷² que, por sua vez, é onde ordena culturalmente os termos. O primeiro argumento (X) representa a origem da relação e o segundo argumento (Y) representa o objetivo. A ordenação entre noções não é fixa, no entanto, a noção /ele/ tem mais chances culturalmente de representar a origem na relação (como verificamos nos enunciados analisados, 1a) /ele/ e 1b) /ele/ em vez de /metal/, exceto em contexto literário, onde é aceitável que metal seja a origem, como em: O metal martelou “ele”. Nesse caso, o “ele” poderia representar um objeto, animal ou mesmo um ser humano e o “metal” ganhar uma propriedade capaz de realizar tal tarefa, a de martelar. A memória cognitiva da

⁷² A relação primitiva permite a passagem do mundo para a língua ou do extralinguístico para o linguístico. Essa passagem, necessariamente, permite que algo seja previamente colocado num nível do “dizível”.

noção é o que permite que ela se relacione com outras noções. Porém, aqui, a relação é orientada do martelador em direção ao martelado.

Quanto à localização, quer tenha referência genérica ou específica, verificamos mais adiante, através de operações específicas: qualificação (localização, alto grau, varredura), quantificação (localização, identificação, extração) e categorias gramaticais (determinação, modalidade, aspecto), que caracterizam a ocorrência (*flat*, plano/até achatar).

3.2.2 A predicação

É subjacente à relação predicativa a relação primitiva. Em outras palavras, a partir do esquema de léxis, numa relação primitiva, construímos o predicado e os argumentos. Com o mesmo esquema de léxis, pode-se gerar muitas relações predicativas. A decisão é do enunciador em privilegiar um, ou outro elemento em torno do qual se vai organizar o enunciado (ponto de partida):

1a) Ele martelou o metal plano.

1b) Ele martelou o metal até achatar.

Pela orientação linear, construiu-se uma relação predicativa para os termos ordenados na relação primitiva. É importante notar que os enunciados acima pertencem a uma mesma família parafrástica, isto é, derivada de uma mesma léxis de partida: $\lambda 1$ <ele, metal, martelar>.

No caso do enunciado 1a), existe uma relação mais complexa entre três termos, em que o terceiro termo está em relação com o primeiro sob o elo de causa e efeito. Uma relação entre três noções é localizada com relação a outra entre apenas uma noção. Ou seja, temos um acréscimo de uma noção adicional <plano>, porém não altera a sequência das operações pré-assertadas, na $\lambda 1$ <ele, metal, martelar>, mas altera a sequência da ordenação na relação predicativa e na modulação enunciativa. No caso que acabamos de considerar, estamos lidando com uma distribuição quantitativa para propriedade “metal” marcada pelo termo “plano”.

No enunciado 1b), temos também o estabelecimento de uma relação mais complexa entre duas relações, em que a segunda relação predicativa está em uma relação primitiva de causa e efeito com a relação primeira. Uma relação entre três noções é localizada com relação a outras duas noções. Ou seja, temos um acréscimo de uma noção adicional <até, achatar>, a qual não altera a sequência das operações pré-assertadas, na $\lambda 1$ <ele, metal, martelar>, mas altera a sequência da ordenação na relação predicativa e na modulação enunciativa. Aqui, não

estamos mais lidando com uma distribuição quantitativa, mas com uma distribuição qualitativa (atinge o alto grau da noção – centro atrator) para propriedade “metal” marcada pelos termos “até achatar”. Tais operações são vistas com mais detalhes nas categorias gramaticais (determinação, modalidade e aspecto).

3.2.3 A enunciação

Voltemos às $\lambda 1$: <ele, metal, martelar>; no enunciado 1a) temos a léxis $\lambda 2$: <metal, plano> e no enunciado 1b) temos a léxis $\lambda 2$: <metal, até, achatar>. Nessas relações, há quantificação e qualificação implícita e explícita. Na relação implícita, há ausência de marca de determinação, modalidade e aspecto, ou seja, falamos de representação nocional. Na relação explícita, quer dizer, na enunciativa (nos enunciados), temos marcadores explícitos tanto para intensificar (qualificar) quanto para individualizar (quantificar), seja ocorrência genérica ou específica.

Vimos que, a partir de uma representação de ordem nocional, como na $\lambda 1$ <ele, metal, martelar> e $\lambda 2$: 1a) <metal, plano> e 1b) <metal, até, achatar>, constrói-se uma ocorrência dessa relação, a partir da qual a relação predicativa é situada /Ele/ /martelar/ /metal/, quer dizer, localizada no que diz respeito ao sistema de referência enunciativo: “1a) Ele martelou o metal plano”, “1b) Ele martelou o metal até achatar”. Podemos igualmente comparar 1a) e 1b), a origem da relação primitiva é /martelador/ e o objetivo é /martelado/. Quanto ao termo de partida da relação predicativa, é “Ele”, e “metal”, o objetivo. Coincidentemente, o termo constitutivo da relação enunciativa é “Ele”, correspondendo a uma configuração enunciativa particular. O termo “Ele” situa as propriedades primitivas como: agente, animado, determinado, ou seja, corresponde a uma entidade que precisa ter um movimento, uma direção para alcançar o objetivo, nesse caso, é o “metal”, o inanimado (causa).

Sabemos que, dependendo do tipo de funcionamento da noção, implica, necessariamente, diferentes tipos de operações. Algumas delas são descritas a seguir, por estarem presentes no nosso *corpus* de pesquisa (nas traduções). Por exemplo, no enunciado (1b), em que o domínio nocional é organizado em relação ao centro atrator, há uma preponderância de QLT sobre QNT. A qualificação é representada pela operação de varredura, que desemboca sobre o alto grau (até e achatar localizam a ocorrência em relação ao atrator e que nos dão propriedades da noção com um valor absoluto). Já no enunciado (1a), em que o domínio nocional é organizado em relação ao tipo, há uma preponderância de QNT sobre QLT. A operação de quantificação é representada através das operações de localização

(identificação/diferenciação), ocorrendo a fragmentação do domínio nocional. Nesse caso, a quantificação será delineada pelas operações de extração.

3.2.4 A determinação

Em 1a) Ele martelou o metal plano, em primeiro lugar, vemos que na léxis λ_1 há uma operação de localização e identificação. A localização se situa quando o termo origem (ele) funciona como localizador da relação construída com outros termos, ou seja, o localizador servirá como centro atrator da λ para a construção da significação. O termo localizado em relação ao primeiro termo (localizador, ele) é o metal. A identificação decorre diretamente da localização e se resume, então, em extrair um objeto (metal) entre outros (não metal, quase metal, ou, madeira, plástico, tecnil, etc.). Através da operação de extração, a ocorrência de metal percorre um caminho que parte da individualização de uma ocorrência por meio de sua localização em relação a um sistema situacional. Portanto, a localização e a identificação que se dão através da extração são determinantes para delimitar quem (ele), como (martelar) e o que (metal plano).

A propriedade “plano” é localizada em relação a “metal” através da quantificação (mais delimitação espaço/tempo) por meio da operação de extração. A operação de quantificação é o que vai garantir a existência da predicação. O enunciado 1a) constrói um caminho através de *esquema resultante*, mas não podemos ignorar na trajetória desse caminho *os esquemas potenciais*, pois, *negar o valor potencial é impedir o acesso ao estado final*. Retomando a operação de quantificação, o sujeito extrai de um conjunto de ocorrências abstratas da noção que forma o domínio nocional (metal: plano, não plano, quase plano, quase não plano) uma ocorrência particular da noção /metal plano/. Metal plano é um exemplar de P, glosando: metal ser plano e não ficar plano (já que relaciona outros tipos de operações). Isso significa que a ocorrência foi individualizada, que ela passou a existir, seja num plano real ou imaginário, e deixou de ser uma ocorrência de uma classe abstrata (metal: plano, não plano, quase plano, quase não plano). No tipo, a classe de ocorrências é construída pela identificação ou diferenciação com o centro organizador. Os diferentes graus de identidade (metal: plano, não plano, quase plano, quase não plano) vão fazer com que as ocorrências se agrupem ao longo de um gradiente. Como plano marca nada além da existência dessa propriedade da ocorrência, temos, então, a operação de extração.

Em “1b) Ele martelou o metal até achatar”, também há uma operação de localização e identificação. A localização se situa quando o termo origem (ele) funciona como localizador

da relação construída com outros termos, quer dizer, o localizador servirá como centro atrator da $\lambda 1$. O termo localizado em relação ao primeiro termo (localizador, ele) é o metal. A identificação decorre diretamente da localização e se resume, então, em extrair um objeto (metal) entre outros (não metal, quase metal, ou, madeira, plástico, tecnil, etc.). Através da operação de identificação, a ocorrência de metal percorre um caminho que parte da individualização de uma ocorrência por meio de sua localização em relação a um sistema situacional. Portanto, metal é determinante para delimitar quem (ele), como (martelar), o que (metal).

O termo “achatar” também é localizado em relação a “metal”, mas o modo de funcionamento está relacionado à operação de qualificação (menos delimitação espaço/tempo). A operação de qualificação situada proporciona alargar o domínio sobre alguma coisa já existente ou pré-construída /metal/. Esse funcionamento acontece através da operação de varredura, ou seja, percorre todos os valores observáveis de classe de ocorrências abstratas no interior de domínio, sem haver extração e nem identificação com elementos de outras classes, exceto ao seu próprio funcionamento, com elementos de uma mesma classe.

A operação de varredura pode ser glosada da seguinte maneira: “Ele foi martelando, martelando, martelando o metal até achatar”. A operação de varredura em 1b) pode se dar em dois sentidos: não existe um ponto determinado que ele martelou melhor do que a outra martelada, ou não; não existe um ponto determinado que ele martelou, ou não martelou, percorrendo, assim, uma classe imaginária de um estado anterior /metal/ e um estado posterior /metal/. A qualificação está associada a um grau limiar de intensidade constante, que tanto contribui no desenvolvimento do processo, como também no resultado que o processo alcança, e vice-versa. Um gradiente irá se construir, pois o tipo não terá mais papel preponderante, o polo de referência irá se organizar agora em relação ao atrator. Nesse caso, temos uma característica da noção que não pode ser fragmentada, isto é, o qualitativo conduz a uma singularidade de uma ocorrência com relação a P, que deve ser entendido como um todo inseparável. Aqui as operações de qualificação serão preponderantes.

Como dissemos, aqui, temos também o estabelecimento de uma relação mais complexa entre duas relações, em que a segunda relação predicativa está em uma relação primitiva de causa e efeito com a relação primeira. Uma relação entre três noções é localizada com relação à outra noção. Ou seja, temos um acréscimo de uma noção adicional <achatar>, porém não altera a sequência das operações pré-assertadas, na $\lambda 1$ <ele, metal, martelar>, mas altera a sequência da ordenação na relação predicativa e na modulação enunciativa. No caso que acabamos de considerar, não estamos mais lidando com uma distribuição quantitativa, mas com

uma distribuição qualitativa (atinge o alto grau da noção – centro atrator) para propriedade “metal” marcada pelos termos “até achatar”. Tais operações são vistas com mais detalhes nas categorias gramaticais (modalidade e aspecto).

3.2.5 A modalidade

Verifiquemos como se dá a relação de modalidade nos enunciados, 1a) e 1b). É conhecido na teoria de Culioli a existência de quatro tipos de operação de modalização,⁷³ tendo por base que essas operações podem se relacionar nos enunciados. Na asserção,⁷⁴ o sujeito enunciator dispõe de dois valores para fazer a opção entre o afirmativo ou negativo (P ou P’). Em 1a) e 1b), a modalidade é construída no enunciado a partir da asserção de um valor positivo sobre a relação predicativa. De um lado, nega qualquer possibilidade mínima da existência de outros valores (metal plano não martelado e não martelou até achatar, será que metal plano foi martelado e será que o metal foi martelado até achatar, talvez metal plano tenha sido martelado e talvez metal foi martelado até achatar). De outro, permite colocar o positivo como referenciável. Assim, a asserção conduz de imediato à representação afirmativa de que, em 1a) e 1b), o metal plano foi martelado, o metal foi martelado até achatar.

Em outras palavras, a asserção diz respeito à adequação, por um sujeito, entre o enunciado e o valor referencial. Com relação à adequação, resulta em um ajustamento complexo, porque os valores referenciais nos enunciados não se encontram estabelecidos na superfície das línguas, mas são construídos a cada situação de enunciação.

Assim, em 1a) e 1b), temos um enunciator que assume a responsabilidade pela totalidade do enunciado que P é o caso, isto é, “alguém diz que alguma coisa aconteceu e deixou de acontecer é o caso”. Nota-se que P é P (p é o caso – alguém diz que alguma coisa aconteceu e deixou de acontecer é o caso). Vejamos como, a partir de manipulações, o valor de P é o caso (a asserção afirmativa) impede a construção de potencial de existência de outros valores (P):

- a) Ele não martelou o metal plano/até achatar, <não alcança a existência>;
- b) Talvez ele martelou o metal plano/até achatar, <dúvida de existência>;
- c) Ele quase martelou o metal plano/até achatar, <existência incompleta>.

⁷³ Só para relembrar, Culioli distingue quatro tipos fundamentais de modalidades: a modalidade 1, asserção (afirmativa, negativa), interrogação e a injunção. A modalidade 2, a possibilidade e a probabilidade. A modalidade 3, a apreciação, e a modalidade 4, o deôntico, querer e permissão.

⁷⁴ No valor assertivo, o enunciator assume o conteúdo da relação predicativa, P (afirmativo) ou P’ (negativo).

Os enunciados a), b) e c), construídos a partir de P’ “não” é o caso (estabilidade da não representação), P “talvez” é o caso (projeção da representação), P “quase” é o caso (instabilidade da representação), nos mostram que a presença da asserção no enunciado é fundamental, já que ela tematiza o nível predicativo, e, conseqüentemente, o seu valor.

Nos enunciados 1a) e 1b), o enunciador assume o valor positivo, o que acaba não proporcionando nenhuma possibilidade de existência de outros valores. São as marcas “martelou, metal” e o determinante definido “o”, especificamente, que validam (a ausência da não existência, dúvida de existência e a existência incompleta) o conteúdo das relações predicativas para um grau positivo:

1a) Ele martelou o metal plano.

1b) Ele martelou o metal até achatar.

Há uma interferência do sujeito enunciador sobre o objeto enunciado, a modalização, quer dizer, o sujeito enunciador, na qualidade de produtor e reconhecedor, antecipado das construções enunciativas, fornece a garantia daquilo que produz. Aqui, toda a organização do enunciado é articulada pelo enunciador e nele essencialmente é centralizado.

“Ele” é o termo que estabiliza a realização de uma atividade feita por alguém, ou seja, o sujeito enunciador atribui a “ele” a propriedade de ser o martelador e o “metal” de ser o martelado. Além disso, em 1a), o metal não basta ser metal, mas precisa ter uma propriedade instanciada e estabilizada de plano. “Plano” marca uma ocorrência de uma noção de P, que é delimitada como singular entre outras.

No enunciado 1a), a quantificação ocorre por meio da operação de extração situacional, mas também pode originar uma outra extração, a genérica. No primeiro caso, “metal plano” se distingue de outros elementos de uma mesma classe de ocorrências (não plano, quase plano, etc). No segundo, “metal plano” se distingue de todos elementos de outras classes (torto, redondo, etc). Na situacional ou genérica, constrói-se um domínio nocional que efetua a operação de quantificação.

Em 1b), a existência é construída, não através da estabilidade de um único ato, mas da instabilidade do movimento da representação de vários atos. Este é o caso em que se apresenta o início, o desenrolar e o final. Logo, não existe a relação de uma relação, mas relações de relações, pois o processo nos possibilita ver o resultado e o resultado nos possibilita ver o processo.

Temos, nesses enunciados, a presença de duas modalidades: a asserção e a apreciativa. Para dar conta da asserção (quando um sujeito assume uma predicação), mais especificamente enquanto operação e não marca, apresentamos as seguintes glosas:

Em 1a) e 1b), temos, 1) eu anuncio e assumo o que eu anuncio ou assumo e anuncio o que eu assumo, “Ele martelou o metal”, o que significa que o sujeito enunciador assume e diz que “Ele martelou o metal” cujo valor é: existência construída (alguém diz que alguma coisa aconteceu). Desse modo, a asserção afirmativa nega a existência de valores potenciais para acessar somente um único estado final esperado, o da representação construída. Percorre o interior do domínio de validação, e encontra ocorrência de <alguém diz que alguma coisa aconteceu>; a entrada ao interior é marcada pela existência da representação.

Eu anuncio e assumo o que eu enuncio ou assumo e anuncio o que eu assumo, “Ele martelou o metal”, o que significa que o sujeito enunciador não assume que “Ele não martelou o metal” cujo valor é: representação não construída. Desse modo, há uma ausência de asserção negativa, isto é, nega a existência da representação para acessar somente um único estado final esperado, o da representação não construída. O mesmo acontece com a negação, porém o movimento é inverso. Percorre o interior do domínio de validação, e encontra ocorrência de <alguém não diz que alguma coisa aconteceu>, daí a saída do interior para exterior, pela qual se marca a existência da não representação.

Eu anuncio e assumo o que eu enuncio ou assumo e anuncio o que eu assumo, “Ele martelou o metal”, o que significa que o sujeito enunciador não assume a dúvida “Talvez Ele martelou o metal” ou “Talvez Ele não martelou o metal”, cujo valor é a incerteza da representação. A injunção nega a certeza da representação construída ou a representação não construída para acessar somente um único estado final esperado, o da incerteza da representação.

Eu anuncio e assumo o que eu enuncio ou assumo e anuncio o que eu assumo, “Ele martelou o metal”, o que significa que o sujeito enunciador não assume a representação incompleta “Ele quase martelou o metal”, ou “Ele quase não martelou o metal”, cujo valor é a existência incompleta. A existência incompleta nega tanto a totalidade da representação construída quanto a totalidade da representação não construída, para acessar somente um único estado final esperado, o da incompletude da representação.

Quanto à modalidade de apreciação, no caso dos dois enunciados, é a apreciação⁷⁵ do sujeito que orienta a existência da representação. Em “1a) Ele martelou o metal plano”, a

⁷⁵ O sujeito pode fazer tanto apreciação negativa como positiva, ou, ao mesmo tempo, equilibrar sobre os dois valores, constituindo, desse modo, um terceiro valor, o misto (quase negativa ou quase positiva).

ocorrência do termo “plano”, neste contexto, remete a uma apreciação de uma existência de representação estática, ou seja, sem movimento. Segundo a visão do sujeito enunciador, o emprego do termo “plano” a “metal” revela que o enunciado não estava ajustado tal como deveria, por isso “plano” ganha a posição no enunciado e é estabilizado sem movimento, conforme a visão do sujeito enunciador. Porém, o termo “plano” não sustenta por si só o ajuste, mas sim a relação que se estabelece entre “metal e plano”.

Em 1b, o “até” e o “achatar”, intensificam a modalidade apreciativa entre a existência de um jogo de força entre a não existência, a existência da representação e, mais ainda, o caminho de uma existência a outra, ou seja, o processual. O “até”, especificamente, é o que permite que visualizemos o movimento de algumas possibilidades de existência de representação que vão sendo descartadas (não existência, quase existência, existência incompleta) na busca pela estabilização da existência. Ou seja, a apreciação que se estabiliza parte da inexistência (não movimento) em direção à existência, a partir de um movimento (processo/atividade) até alcançar um determinado ponto (o resultado), em que, após o movimento, uma existência é equilibrada e, posteriormente, confirmada (estabilizada).

Em “1a) e 1b)”, como vimos, temos modalidade assertiva e apreciativa, quer dizer, o sujeito assume a predicação através de modalidade, marca de tempo e de aspecto, como vemos a seguir.

3.2.6 O aspecto

Nesses enunciados, o uso do pretérito perfeito “martelou” marca um fato ocorrido num momento anterior à enunciação e que foi totalmente terminado, ou seja, indica que a ação verbal aconteceu num determinado momento do passado, tendo o seu início e o seu fim no passado. No contexto da direita do “martelou”, o “metal” serve de referência, ou seja, constrói-se um ponto de referência, fornecido através de operações específicas (martelou, o metal, plano, ou, até achatar), determinações que caracterizam a ocorrência.

Nos dois casos, temos uma diferenciação de sujeitos (S, S1) e de tempo (T, T1):

O sujeito enunciador (aquele que enuncia), ou da enunciação (por estar implícito pode representar tanto a pessoa do sexo feminino como masculino), não é o mesmo que o sujeito do enunciado, texto/tradução (sendo explícito representa um pronome do sexo masculino). S valida o conteúdo tratado na relação predicativa e enunciativa, mas S1 se inscreve como aquele responsável por apresentar S (a partir do seu ponto de vista) no momento da enunciação. Uma glosa para S e S1 seria:

Eu sou o sujeito S do enunciado, aquele de quem se fala.

Eu sou S1, o sujeito da enunciação, aquele que fala de alguém. Eu digo que: ele martelou (dentre outras coisas) o metal plano (alguma coisa que eu chamo de metal plano).

Para um mesmo sujeito, ele martelou o metal que é o “metal plano”. Para esse sujeito, ele não só martelou o metal, mas também “plano” remete a uma propriedade constitutiva de “metal”. Isso quer dizer que ser “metal” é ser “metal plano”, ou seja, ser a mesma coisa para um mesmo sujeito. Na delimitação quantitativa, temos a extração de uma ocorrência no tempo e no espaço para um dado sujeito. Essa operação traz a existência da noção /metal/. O sujeito enunciador antecipa possíveis questionamentos do interlocutor acerca do “metal ser plano”. O “plano” estabiliza a ocorrência, ratificando que o modo de ser plano se identifica com uma ocorrência tipificada presente no interior do domínio de ocorrências de “metal ser plano”. O artigo “o” marca a retomada dessa ocorrência que é situada em relação à situação enunciativa.

O tempo ao qual se refere o enunciado (alguém fez alguma coisa) não é o tempo da enunciação (alguém diz que alguém fez alguma coisa). No tempo do enunciado (T), há uma instabilidade da existência do tempo da enunciação, do mesmo modo (T1), na enunciação, há uma instabilidade da existência do tempo do enunciado.

O importante, então, é perceber que o termo “martelou” expressa uma ação nos enunciados 1a) e 1b) cuja ocorrência antecede o momento da fala do sujeito da enunciação. Em outras palavras, indica uma não existência atual da ação de alguém martelando no momento da enunciação. Nos dois casos, descrevem instabilidades de ocorrências estabilizadas. No entanto, os problemas aspectuais funcionam de modo diferente. Vejamos.

Em 1a), a marca “plano” assume um sentido não que o “metal” foi se tornando plano à medida que Ele foi martelando, mas é uma propriedade que o sujeito enunciador constrói para ser inerente ao metal. “Plano” quer dizer que o metal é plano (duas coisas que se identificam *a priori* – é o ser), e não ficou plano (e não que *a priori* se distinguem e depois se identifiquem – o ficar). “Plano” não é um resultado da ação de martelar e sim uma propriedade que representa ser inerente ao metal.

Em 1a), estabilizam mais resultados de representação (o resultado do ato de alguém fez alguma coisa e o resultado de alguma coisa), e menos processo (ato de fazer alguma coisa). Aqui, é pouco provável dizer se houve ato (ação) e o objeto ficou plano por conta do ato sobre objeto, pois é possível que o objeto seja plano sem ter necessitado de nenhuma ação. Não temos o processo explícito, mas somente o resultado da ação, ou melhor, resultado do ato de alguém (martelar) e o resultado de algo (metal que é plano). A marca “plano” é o localizável e o que caracteriza a ocorrência.

“Plano” marca uma individualização de ocorrências de “metal” dentro de uma classe de várias ocorrências (metal), em que essa individualização quantifica que:

“Ele martelou o metal plano” (e não torto, e não redondo, e não plano, e não quase plano / extraí uma ocorrência específica).

“Plano” visa à quantificação, à fragmentação, à individualização em relação a uma classe de ocorrências. É alguma coisa que se distingue e se situa em um espaço de referência, ou seja, verificam uma dada propriedade, exemplo: “Ele martelou o metal” – “Ele martelou o metal plano”. Isso quer dizer que distinguem de uma classe de ocorrências abstratas, isto é, “plano” se diferencia de outros valores possíveis subjacentes (X’não, X quase, X incompleto). Podemos falar que o domínio nocional é construído por ocorrência “plano” cuja propriedade a coloca no interior do domínio /ser metal-plano/. Nesse espaço é colocado em destaque a existência de alguma coisa que até então era um nada. Essa operação de quantificação não só traz alguma coisa (a existência de X – Ele martelou o metal plano), como distingue e situa em um espaço de referência (diz sobre X – metal ser plano).

Já em 1b), os termos “até e achatar” marcam que a casa não tinha essa característica de ser achatado, mas a partir do processo de martelar o metal foi aos poucos ganhado a propriedade de ser “achatado” (o ficar). O “até”, especificamente, provoca uma mudança da representação, a qual abre espaço para determinar a transformação da representação (anterior/posterior). Aqui, o problema aspectual remete a um espaço que se constrói desde um momento origem até um momento visado, esperado ou atingido. Um 1b), diferentemente de 1a), rejeita ter somente y (resultado), mas assume ter y (resultado) em razão x (processo) e x (processo) em razão y (resultado). “Até e achatar” corroboram para marcar o processo, enquanto “plano” corrobora para marcar apenas o resultado. Portanto, os termos do enunciado 1a) estabilizam mais resultado (Ele martelou o metal plano, o ser-estativo) e os termos do enunciado 1b) estabilizam mais processo (Ele martelou o metal até achatar, o ficar-processual).

Em 1b), temos o processo do ato de fazer alguma coisa (alguém martelando) e o processo de alguma coisa (algo sendo martelado). Mas também marca o resultado de fazer alguma coisa (alguém martelou) e o resultado de alguma coisa (algo foi martelado). Nesse tipo de enunciado, temos, explicitamente, pontos de equilíbrio entre processo e resultado. Os termos “até e achatar” pospostos ao termo “metal” estabilizam o resultado do processo (das partes para o todo) e o termo “martelou”, anteposto ao termo “metal”, estabiliza o processo do resultado (do todo para as partes). Nesse caso, o processo e o resultado, podemos dizer, são dois pontos

que até tentam ser hierárquicos, mas, na verdade, estão muito mais num jogo de complementação de um sobre outro, do que hierarquização. Uma ponta contribui e não contribui para ser e deixa de ser a outra ponta, mas também para ser a ponta em si.

“Até/achatar” constroem uma operação de qualificação, da intensidade, da qualidade, quer dizer, cuja existência foi pré-descrita:

1b) Ele martelou o metal até achatar (até achatar/chega ao seu mais alto grau).

“Até/achatar” fazem referência a uma existência qualitativa de uma propriedade que se funda sobre a estabilização que alcança o seu mais alto grau e elimina tudo o que constitui variantes singulares. A qualitativa é um tipo de operação que necessariamente implica que ocorrências distintas pertencem a uma mesma classe. Essa dimensão, em vez de distinguir um tipo de ocorrência de uma ocorrência de outro tipo (plano/achatado/torto/redondo – aspecto conclusivo – valores estáveis), distingue uma ocorrência de certo tipo de uma ocorrência do mesmo tipo (até achatar – aspecto progressão – valores menos perceptíveis).

Na delimitação qualitativa, por exemplo, um mesmo sujeito (suj. enunc.) observa várias ocorrências do mesmo tipo de martelar metal até achatar e, em vez de discernir se de ocorrências distintas, ele as avalia quanto ao seu modo de ser (trata da mesma ocorrência), ou melhor, quanto ao modo de martelar metal até achatar em diferentes tempos sucessivos:

Ele martelou o metal até achatar t1

Ele martelou o metal até achatar t2

Ele martelou o metal até achatar t3...

O sujeito observa que não houve variação quanto ao tipo de ocorrência em questão, ou seja, de uma ocorrência em relação à outra ocorrência, mas observa que teve variação no modo de ser de uma mesma ocorrência, t1, t2, t3... O modo de martelar metal até achatar é sempre o mesmo em diferentes tempos para um mesmo sujeito. Não se questiona distinguir um tipo de outro tipo (ele não martelou o metal plano até achatar, ele quase martelou o metal plano até achatar), pois ele martelou o metal plano até achatar. Logo, martelar metal até achatar no t1 é a mesma ocorrência de martelar metal até achatar nos tempos t2 e t3, e assim por diante. É o modo de martelar o metal até achatar que garante estabilidade existencial à ocorrência martelar metal até achatar em diferentes tempos/espacos para um mesmo sujeito. Portanto, ao mesmo

tempo que estabiliza um valor absoluto, resulta também em uma singularidade (até achatar) em relação à qual nenhuma alteridade pode mais se definir (até não achatar/ até quase achatar).

A qualificação ocorre através da marca “até” e a marca modal “achatar” por meio da operação de varredura. A operação de varredura não estabiliza o sentido de uma única ocorrência específica, como, por exemplo, uma única martelada no metal (fixação ou delimitação), mas a operação se refere a todas as noções /marteladas/ que estão sendo colocadas em relação (todas ocorrências). A intensidade da martelada leva a um nível de propriedade caracterizado como “metal bem martelado”. Em suma, a noção de processo como evento em curso, ou o valor pontual, é só mais um dentre outros.

3.3 John pintou a casa amarela/John pintou a casa de amarelo

3.3.1 A léxis

2) *John painted the house yellow.*

2a) John pintou a casa amarela.

2b) John pintou a casa de amarelo.

<John, casa, pintar >

Temos em todos enunciados, 2), 2a) e 2b), a léxis: <John, casa, pintar>, em que *John* (pintor) é a origem da relação primitiva. Glosando os enunciados 2a) e 2b), temos em todos esses casos: John (termo “pintor”) é o alguém que pinta a casa, e é quem serve de localizador; a casa (termo “pintável”) é o algo que foi pintado, ou passível de receber a pintura (que levou camada de tinta, colorido, dentre outras coisas) do pintor e é o que serve de localizável. O pintar, seja ele mais resultado, exemplo do enunciado 2a) “a casa amarela”, ou seja, uma preponderância no resultado de um ato de alguma coisa que alguém/algo fez (mais designativo e menos processual), seja ele mais processo/atividade, exemplo do enunciado 2b, “de amarelo”, uma preponderância no ato de fazer alguma coisa (mais processual e menos designativo), é o que serve de relator da representação mental construída pelo sujeito, e é o que conduz a relação do localizador ao localizado. Na léxis, temos uma relação ordenada e não linear.

Nos enunciados 2a) e 2b), temos mais de dois termos em relação, ou seja, há uma intricação de relações. No enunciado 2a), temos a léxis λ_2 : <casa, amarela>. No enunciado 2b), temos a léxis λ_2 : <casa, amarelo, de>. Em ambos enunciados temos o termo /casa/ responsável

pela intricação da relação entre a léxis λ_1 e a λ_2 . Podemos glosar, ou seja, manipular a construção da significação dos enunciados da seguinte maneira: 2a) λ_1 , John pintou a casa, indica uma localização, 2a) λ_2 , a casa amarela, marca uma atribuição de propriedades. 2b) λ_1 , John pintou a casa, indica uma localização, 2b) λ_2 , a casa de amarelo, marca uma atribuição de propriedades. O que temos nas léxis λ_1 é localização e nas léxis λ_2 é atualização de propriedade. Aqui, ou melhor, nas léxis, temos uma relação ordenada e não linear.

Essa atividade definidora é estabelecida na relação primitiva que, por sua vez, é onde ordena culturalmente os termos. Por exemplo: o primeiro argumento (X, John) representa a origem da relação e o segundo argumento (Y, casa) representa o objetivo. Sabemos que a memória cognitiva da noção é o que permite que ela se relacione com outras noções da λ_1 <John, casa, pintar>, da λ_2 2a) <casa, amarela> e 2b) <casa, amarelo, de>. Neste caso, a relação é orientada do pintor em direção ao pintado.

Quanto à localização, quer tenha referência genérica ou específica, verificamos, mais adiante, por meio de operações específicas: quantificação (localização, identificação, extração e flechagem) e categorias gramaticais (determinação, modalidade, aspecto), que caracterizam a ocorrência (a casa amarela /a casa de amarelo).

3.3.2 A predicação

É subjacente à relação predicativa a relação primitiva. Em outras palavras, a partir do esquema de léxis numa relação primitiva, construímos o predicado e os argumentos. Com o mesmo esquema de léxis, pode-se gerar muitas relações predicativas. A decisão é do enunciador em privilegiar um, ou outro elemento em torno do qual se vai organizar o enunciado (ponto de partida):

2a) John pintou a casa amarela.

2b) John pintou a casa de amarelo.

Através da orientação linear, construiu-se uma relação predicativa para os termos ordenados na relação primitiva. É importante notar que os enunciados acima pertencem a uma mesma família parafrástica, isto é, derivada de uma mesma léxis de partida: λ_1 <John, casa, pintar>.

Em 2a), existe uma relação mais complexa entre dois termos, em que o segundo termo está em relação com o primeiro sob o elo de causa e efeito. Ou seja, uma relação entre três

noções é localizada com relação à outra entre apenas uma noção. Temos um acréscimo de uma operação adicional <amarela>, porém não altera a sequência das operações pré-assertadas, na léxis $\lambda 1$ <John, casa, pintar>, mas altera a sequência da ordenação na relação prediativa e na modulação enunciativa. No caso que acabamos de considerar, estamos lidando com uma distribuição quantitativa para propriedade “casa” marcada pelo termo “amarela”.

Em 2b), temos também o estabelecimento de uma relação mais complexa entre duas relações, em que a segunda relação prediativa está em uma relação primitiva de causa e efeito com a relação primeira. Uma relação entre três noções é localizada com relação à outra noção. Ou seja, temos um acréscimo de uma noção adicional <de amarelo>, porém não altera a sequência das operações pré-assertadas, na léxis $\lambda 1$ <John, casa, pintar>, mas altera a sequência da ordenação na relação prediativa e na modulação enunciativa. No caso que acabamos de considerar, também estamos lidando com uma distribuição quantitativa (localiza uma ocorrência particular – extração) para propriedade “casa” marcada pelo termo “de amarelo”.

3.3.3 A enunciação

Voltemos à $\lambda 1$ <John, casa, pintar >. No enunciado 2a), temos a léxis $\lambda 2$: <casa, amarela> e no enunciado 2b) temos a léxis $\lambda 2$: <casa, amarelo, de>. Nessas relações há uma quantificação e qualificação implícita e explícita. Na relação implícita, há ausência de marca de modalidade, aspecto, determinação, ou seja, falamos de representação nocional. Na relação explícita, quer dizer, na enunciativa (nos enunciados), temos marcadores explícitos tanto para intensificar (qualificar), quanto para individualizar (quantificar), seja ocorrência genérica ou específica.

Vimos que a partir de uma representação de ordem nocional, como na $\lambda 1$ <John, casa, pintar > e $\lambda 2$: 2a) <casa, amarela> 2b) <casa, amarelo, de>, constrói-se uma ocorrência dessa relação, a partir da qual a relação prediativa é situada /John/ /pintar/ /casa/, quer dizer, localizada no que diz respeito ao sistema de referência enunciativo “2a) John pintou a casa amarela”, “2b) John pintou a casa de amarelo”. Podemos igualmente comparar 2a) e 2b), a origem da relação primitiva é /pintor/ e o objetivo é /pintável/. Quanto ao termo de partida da relação prediativa, é “John”, e “casa” o objetivo. Coincidentemente, o termo constitutivo da relação enunciativa é “John”, correspondendo a uma configuração enunciativa particular. O termo John situa as propriedades primitivas como: agente, animado, determinado, ou seja, corresponde a uma entidade que precisa ter um movimento, uma direção para alcançar o objetivo, nesse caso, é a “casa”, o inanimado (causa).

Sabemos que, dependendo do tipo de funcionamento da noção, implica, necessariamente, diferentes tipos de operações. Algumas delas são descritas a seguir, por estarem presentes no nosso *corpus* de pesquisa (nas traduções). Por exemplo, nos casos dos enunciados 2(a) e 2(b), o domínio nocional é organizado em relação ao tipo, há uma preponderância de QNT sobre QLT. Em 2 (a), temos uma operação de quantificação representada através das operações de localização (identificação/diferenciação), ocorrendo a fragmentação do domínio nocional. Nesse caso, a quantificação é delineada pela operação de extração. Já em 2(b), a quantificação é representada pela operação de flechagem, a qual comporta uma dupla identificação.

3.3.4 A determinação

Em 2a), John pintou a casa amarela, em primeiro lugar, vemos que, na léxis λ_1 , há uma operação de localização e identificação. A localização se situa quando o termo origem (John) funciona como localizador da relação construída com outros termos, ou seja, o localizador servirá como centro atrator da λ para a construção da significação. O termo localizado em relação ao primeiro termo (localizador, John) é a casa. A identificação decorre diretamente da localização e se resume, então, em extrair um objeto (casa), entre outras coisas (ou não casa, quase casa, etc.). Pela operação de extração, a ocorrência “amarela” percorre um caminho que parte da individualização de uma ocorrência por meio de sua localização em relação a um sistema situacional. Portanto, a localização e a identificação, por meio da extração, são determinantes para delimitar o quem (John), o que fez (pintar) e sobre o que (casa).

Já a propriedade “amarela” é localizada em relação à “casa” através da quantificação (mais delimitação espaço/tempo) por meio da operação de extração. A operação de quantificação é o que vai garantir a existência da predicação. O enunciado 2a) constrói um caminho através de *esquema resultante*, mas não podemos ignorar na trajetória desse caminho *os esquemas potenciais*, pois, *negar o valor potencial é impedir o acesso ao estado final*. Retomando a operação de quantificação, o sujeito extrai de um conjunto de ocorrências abstratas da noção que formam o domínio nocional (casa não amarela, quase amarela, ou casa verde, ou casa grande, etc.) uma ocorrência particular da noção /casa amarela/. Casa amarela é um exemplar de P, glosando: casa ser amarela (um valor mais de resultado) e não ficar amarela (um valor mais de processo) que relaciona outros tipos de operações. Isso significa que a ocorrência foi individualizada, que ela passou a existir, seja num plano real ou imaginário, e deixou de ser uma ocorrência de uma classe abstrata (casa não amarela, quase amarela, quase

não amarela). Como amarela marca nada além da existência dessa propriedade da ocorrência, temos, então, a operação de extração. No tipo, a classe de ocorrências é construída pela identificação ou diferenciação com o centro organizador. Os diferentes graus de identidade (casa não amarela, quase amarela, ou casa verde, ou casa grande, etc.) vão fazer com que as ocorrências se agrupem ao longo de um gradiente.

Em 2b), “John pintou a casa de amarelo”, também há uma operação de localização, identificação e reidentificação. A localização se situa quando o termo origem (John) funciona como localizador da relação construída com outros termos, o que quer dizer que o localizador servirá como centro atrator da $\lambda 1$. O termo localizado em relação ao primeiro termo (localizador, John) é a casa. A identificação decorre diretamente da localização e se resume, então, em extrair também o objeto (casa), entre outras (não casa, quase casa, etc.). Através da operação de identificação, a ocorrência de metal percorre um caminho que parte da individualização de uma ocorrência por meio de sua localização em relação a um sistema situacional. Portanto, casa é determinante para delimitar quem (John), o que fez (pintar), e sobre o que (casa).

O termo “de amarelo” também é localizado em relação à “casa”, mas o modo de funcionamento está relacionado à operação de quantificação não no sentido de ser, mas de se tornar uma estabilidade existencial já constituída, ou seja, uma operação de quantificação que está situada no sentido de alargar o domínio sobre alguma coisa já existente ou pré-construída /casa/ para /casa de amarelo/. Esse funcionamento acontece através da operação de flechagem, a qual indica uma dupla identificação entre duas ocorrências = p_1 , sendo que p_1 não foi enunciada, necessariamente, mas a sua enunciação está **subentendida** em p_2 . Uma extraída, identificada p_1 e outra reidentificada $p_2 = p_1$. Aqui também é o caso do tipo, a classe de ocorrências é construída pela identificação e reidentificação com o centro organizador. Os diferentes graus de identidade (casa: de amarelo, não amarelo, quase amarelo, quase não amarelo) vão fazer com que as ocorrências se agrupem ao longo de um gradiente.

A operação de flechagem pode ser glosada da seguinte maneira: “John pintou a casa já conhecida pelo enunciador e pelo seu co-enunciador de amarelo”. Assim, temos operação de flechagem p_2 , uma vez que a segunda ocorrência p_2 casa é idêntica à primeira ocorrência extraída p_1 casa, identificada com relação a P. Nesse enunciado, o termo “de amarelo” marca uma operação de flechagem que recupera a noção /casa/, logo, não temos mais uma ocorrência qualquer de casa, mas uma ocorrência específica, porque já é conhecida pelo enunciador antes.

3.3.5 A modalidade

Em 2a) e 2b), a modalidade é construída no enunciado a partir da asserção de um valor positivo sobre a relação predicativa. De um lado, nega qualquer possibilidade mínima da existência de outros valores (John não pintou a casa amarela, John quase pintou a casa amarela, John quase não pintou a casa amarela, John não pintou a casa de amarelo, John quase pintou a casa de amarelo e John quase não pintou a casa de amarelo). De outro, permite colocar o positivo como referenciável. Assim, a asserção conduz de imediato à representação afirmativa de que em 2a) a casa amarela foi pintada e em 2b) a casa foi pintada de amarelo.

Em outras palavras, a asserção diz respeito à adequação, por um sujeito, entre o enunciado e o valor referencial. Com relação à adequação, resulta em um ajustamento complexo, porque os valores referenciais nos enunciados não se encontram estabelecidos na superfície das línguas, mas são construídos a cada situação de enunciação.

Assim, em 2a) e 2b), temos um enunciador que assume a responsabilidade pela totalidade do enunciado que P é o caso, isto é, “alguém diz que alguma coisa aconteceu é o caso”. Nota-se que P é P (p é o caso – alguém diz que alguma coisa aconteceu é o caso). Vejamos como, a partir de manipulações o valor de P é o caso (a asserção afirmativa), impede-se a construção de potencial de existência de outros valores (P):

- a) John não pintou a casa amarela/de amarelo, <não alcança a existência>;
- b) Talvez John pintou a casa amarela/de amarelo, <dúvida de existência>;
- c) John quase pintou a casa amarela/de amarelo, <existência incompleta>.

Os enunciados a), b) e c), construídos a partir de P’ “não” é o caso (estabilidade da não representação), P “talvez” é o caso (projeção da representação), P “quase” é o caso (instabilidade da representação), nos mostram que a presença da asserção no enunciado é fundamental, já que ela tematiza o nível predicativo, e, conseqüentemente, o seu valor.

Nos enunciados 2a) e 2b), o enunciador assume o valor positivo, o que acaba não proporcionando nenhuma possibilidade de existência de outros valores. São as marcas “pintou, casa” e o determinante definido “a”, especificamente, que validam (a ausência da não existência, dúvida de existência e a existência incompleta) o conteúdo das relações predicativas para um grau positivo:

- 2a) John pintou a casa amarela.
- 2b) John pintou a casa de amarelo.

Há uma interferência do sujeito enunciador sobre o objeto enunciado, a modalização, quer dizer, o sujeito enunciador, na qualidade de produtor e reconhecedor, antecipado das construções enunciativas, fornece a garantia daquilo que produz. Aqui, toda a organização do enunciado é articulada pelo enunciador e nele essencialmente é centralizado.

“John” é o termo que estabiliza a realização de uma atividade feita por alguém, ou seja, o sujeito enunciador atribui a “John” a propriedade de ser o pintor e o “casa” de ser o pintável. Além disso, em 2a), a casa não basta ser casa, mas precisa ter uma propriedade instanciada e estabilizada de casa amarela. “Amarela” marca uma ocorrência de uma noção de P, que é delimitada como singular entre outras.

No enunciado 2a), a quantificação ocorre por meio da operação de extração situacional, mas também pode originar uma outra extração, a genérica. No primeiro caso, “casa amarela” se distingue de outros elementos de uma mesma classe de ocorrências (casa não amarela, quase casa amarela, quase não casa amarela etc). No segundo, “casa amarela” se distingue de todos elementos de outras classes (cinza, verde, grande, pequena etc). Na situacional ou genérica, constrói-se um domínio nocional que efetua operação de quantificação.

Em 2b), a existência é construída através da estabilidade de uma única representação em relação ao tipo de cor. Portanto, podemos glosar assim: “John pintou a casa de verde, John pintou a casa de rosa, John pintou a casa de vermelho”, mas não podemos glosar: “John pintou a casa de grande, John pintou a casa de pequena, John pintou a casa de bonita” No primeiro caso, ao contrário, podemos glosar da seguinte maneira: “John pintou a casa pequena, John pintou a casa grande, John pintou a casa bonita”. No enunciado 2b), o “de” conduz à representação apenas para construção do tipo de cor.

Temos, nesses enunciados, a presença da modalidade de asserção. Para dar conta da asserção (quando um sujeito assume uma predicação), mais especificamente enquanto operação e não marca, apresentamos a seguinte glosa:

Em 2a) e 2b), temos, eu anuncio e assumo o que eu anuncio ou assumo e anuncio o que eu assumo, “John pintou a casa” “amarela”, ou “de amarelo”, o que significa que o sujeito enunciador assume e diz que “John pintou a casa” cujo valor é: existência construída (alguém diz que alguma coisa aconteceu). Desse modo, a asserção afirmativa nega a existência de valores potenciais para acessar somente único estado final esperado, o da representação construída. Percorre o interior do domínio de validação, e encontra ocorrência de <alguém diz que alguma coisa aconteceu>, a entrada ao interior é marcada pela existência da representação.

Em “2a) e 2b)”, como vimos, temos modalidade assertiva, quer dizer, o sujeito assume a predicação, através de modalidade, marca de tempo e de aspecto, como vemos a seguir.

3.3.6 O aspecto

Nesses enunciados, o uso do pretérito perfeito “pintou” marca um fato ocorrido num momento anterior à enunciação e que foi totalmente terminado, ou seja, indica que a ação verbal aconteceu num determinado momento do passado, tendo o seu início e o seu fim no passado. No contexto da direita do “pintou”, a “casa” serve de referência, ou seja, constrói-se um ponto de referência, fornecida através de operações específicas (pintou, a casa, amarela, ou, de amarelo), determinações que caracterizam a ocorrência.

Nos dois casos, temos uma diferenciação de sujeitos (S, S1) e de tempo (T, T1):

O sujeito enunciador (aquele que enuncia), ou da enunciação (por estar implícito pode representar tanto a pessoa do sexo feminino como masculino), não é o mesmo que o sujeito do enunciado, texto/tradução (sendo explícito representa um nome do sexo masculino). S valida o conteúdo tratado na relação predicativa e enunciativa, mas S1 se inscreve como aquele responsável por apresentar S (a partir do seu ponto de vista) no momento da enunciação. Uma glosa para S e S1 seria:

Eu sou o sujeito S do enunciado, aquele de quem se fala.

Eu sou S1, o sujeito da enunciação, aquele que fala de alguém. Eu digo que: ele pintou (dentre outras coisas) a casa amarela (alguma coisa que eu chamo de casa amarela).

Para um mesmo sujeito, John pintou a casa que é “amarela”. Para esse sujeito, ele não só pintou a casa, mas também “amarela” remete a uma propriedade constitutiva de “casa”. Isso quer dizer que ser “casa” é ser “amarela”, ou seja, ser a mesma coisa para um mesmo sujeito. Na delimitação quantitativa, temos a extração de uma ocorrência no tempo e no espaço para um dado sujeito. Essa operação traz a existência da noção /casa/. O sujeito enunciador antecipa possíveis questionamentos do interlocutor acerca da “casa ser amarela”. A cor “amarela” estabiliza a ocorrência, ratificando que o modo de ser amarela se identifica com uma ocorrência tipificada que se encontra no interior do domínio de ocorrências de “casa ser amarela”. O artigo “a” marca a retomada dessa ocorrência que é situada em relação à situação enunciativa.

O tempo ao qual se refere o enunciado (alguém fez alguma coisa) não é o tempo da enunciação (alguém diz que alguém fez alguma coisa). No tempo do enunciado (T), há uma instabilidade da existência do tempo da enunciação, do mesmo modo (T1), na enunciação, há uma instabilidade da existência do tempo do enunciado.

É importante, então, perceber que o termo “pintou” expressa uma ação nos enunciados 2a) e 2b) cuja ocorrência antecede o momento da fala do sujeito da enunciação. Em outras palavras, indica uma não existência atual da ação de alguém pintando no momento da enunciação. Nos dois casos, descrevem instabilidades de ocorrências estabilizadas. No entanto, os problemas aspectuais funcionam de modo diferente. Vejamos.

Em 2a), a marca “amarela” assume um sentido não que a “casa” foi se tornando amarela à medida que John foi pintando, mas é uma propriedade que o sujeito enunciador constrói para ser inerente à casa. “Amarela” quer dizer que a casa é amarela (duas coisas que se identificam *a priori* – é o ser) e não ficou amarela (e não que *a priori* se distinguem e depois se identifiquem – o ficar). “Amarela” não é um resultado da ação de pintar e sim uma propriedade que representa ser inerente à casa.

Em 2a), estabilizam-se mais resultados de representação (o resultado do ato de que alguém fez alguma coisa e o resultado de alguma coisa), e menos processo (ato de fazer alguma coisa). Aqui, é pouco provável dizer se houve ato (ação) e a casa ficou amarela por conta do ato sobre o objeto, pois é possível que a casa seja amarela sem ter necessitado de nenhuma ação. Não temos o processo explícito, mas somente o resultado da ação, ou melhor, o resultado do ato de alguém (pintar) e o resultado de algo (casa que é amarela). A marca “amarela” é o localizável e o que caracteriza a ocorrência.

“Amarela” marca uma individualização de ocorrências de “casa” dentro de uma classe de várias ocorrências (casa), em que essa individualização quantifica que:

“John pintou a casa amarela” (casa não amarela, quase amarela, ou casa verde, ou casa grande, etc. / extraí uma ocorrência específica).

“Amarela” visa à quantificação, à fragmentação, à individualização em relação a uma classe de ocorrências. É alguma coisa que se distingue e se situa em um espaço de referência, ou seja, verifica uma dada propriedade, exemplo: “John pintou a casa” – “John pintou a casa amarela”. Isso quer dizer que distinguem de uma classe de ocorrências abstratas, isto é, “amarela” se diferencia de outros valores possíveis subjacentes (X’não, X quase, X incompleto). Podemos falar que o domínio nocional é construído por ocorrência “amarela” cuja propriedade a coloca no interior do domínio /ser casa-amarela/. Nesse espaço é colocado em destaque a existência de alguma coisa que até então era um nada. Essa operação de quantificação não só traz alguma coisa (a existência de X – John pintou a casa amarela), como distingue e situa em um espaço de referência (diz sobre X – casa ser amarela).

Já em 2b), os termos “de amarelo” marcam que a casa não tinha essa característica de ser amarela, mas a partir do processo de pintar a casa foi aos poucos ganhado a propriedade de ser “amarela” (o ficar). O “de amarelo”, especificamente, provoca uma mudança da representação, a qual abre espaço para determinar a transformação da representação (anterior/posterior). Aqui, o problema aspectual remete a um espaço que se constrói desde um momento origem até um momento visado, esperado ou atingido. Um 2b), diferentemente de 2a), rejeita ter somente y (resultado), mas assume ter y (resultado) em razão x (processo) e x (processo) em razão y (resultado). “de amarelo” corrobora para marcar o processo, enquanto “amarela” corrobora para marcar apenas o resultado. Portanto, os termos do enunciado 2a) estabilizam mais resultado (John pintou a casa amarela, o ser-estativo) e os termos do enunciado 2b) estabilizam mais processo (John pintou a casa de amarelo, o ficar-processual).

Em 2b), temos o processo do ato de fazer alguma coisa (alguém pintando) e processo de alguma coisa (algo sendo pintada). Mas também marca o resultado de fazer alguma coisa (alguém pintou) e o resultado de alguma coisa (algo foi pintado). Nesse tipo de enunciado, temos, explicitamente, pontos de equilíbrio entre processo e resultado. Os termos “de amarelo” pospostos ao termo “casa” estabilizam o resultado do processo (das partes para o todo) e o termo “pintou”, anteposto ao termo “casa”, estabiliza o processo do resultado (do todo para as partes). Nesse caso, o processo e o resultado, podemos dizer, são dois pontos que até tentam ser hierárquicos, mas, na verdade, estão muito mais num jogo de complementação de um sobre outro do que hierarquização. Uma ponta contribui e não contribui para ser e deixa de ser a outra ponta, mas também para ser a ponta em si.

“de amarelo” constrói uma operação de quantificação, representada pela operação de flechagem, comporta uma dupla identificação.

2b) John pintou a casa de amarelo (de amarelo/ uma extraída, identificada e a outra reidentificada).

“de amarelo” faz referência a uma existência de operação quantitativa e localizada numa situação de enunciação, na qual espaço/tempo é definido. Essa dimensão, em vez de ser entendida como um todo inseparável e inescável, ou seja, uma operação de qualificação e um funcionamento compacto, atua uma operação de quantificação e um funcionamento discreto. Desse modo, não estamos falando de ocorrência com valor estável—aspecto conclusivo (casa não amarela, casa quase amarela, casa verde, casa grande, casa pequena, casa bonita etc.), mas com outro tipo de valor menos perceptível – aspecto progressão (de amarelo, de rosa, de cinza).

Na delimitação quantitativa, nesse contexto em específico, o sujeito enunciador não observa várias ocorrências do mesmo tipo de pintar casa de amarelo, mas a existência de duas ocorrências que não são do mesmo tipo, embora se identifiquem.

“Existe uma casa.” (A casa é identificada)

“John pintou a casa de amarelo.” (A casa agora é reidentificada por estar pintada de amarelo).

Houve variação quanto à ocorrência, ou seja, temos a existência de uma ocorrência e a existência de outra ocorrência, mas observa que teve identificação nas existências das ocorrências $p_2 = p_1$. John pintou a mesma casa em p_2 , já conhecida pelo sujeito enunciador em p_1 (pré-construto). Logo, não temos o mesmo modo de pintar, temos algo (casa) que marca sua existência anterior e depois marca sua existência de modo mais especificado (a casa de amarelo). Não se trata de distinguir uma ocorrência de outra ocorrência, mas da existência de duas ocorrências e da identificação entre elas. Portanto, temos um valor mais especificado, estabilizado numa singularidade que fecha a estabilização de outros valores que poderiam ser possíveis.

3.4 O tique-taque do relógio acordou o bebê/O tique-taque do relógio acordava o bebê

3.4.1 A léxis

3) *The clock ticked the baby awake.*

3a) O tique-taque do relógio acordou o bebê.

3b) O tique-taque do relógio acordava o bebê.

$\lambda 1 < \text{tique-taque, bebê, acordar} >$

Temos em todos enunciados, 3), 3a) e 3b), a léxis $\lambda 1$: $< \text{tique-taque, bebê, acordar} >$, em que, tique-taque (tocador/algo que toca) é a origem da relação primitiva. Glosando os enunciados 3a) e 3b), temos, em todos esses casos: tique-taque (termo “tocador”) é algo que acorda o bebê, e é quem serve de localizador; o bebê (termo “acordável”) é o algo que foi acordado, ou passível de ser acordado pelo tique-taque é o que serve de localizável. O acordar seja ele mais resultado, exemplo do enunciado 3a, acordou o bebê, ou seja, uma preponderância

no resultado de um ato de alguma coisa que alguém/algo fez (mais designativo e menos processual), seja ele mais processo/atividade, exemplo do enunciado 3b, uma preponderância no ato de fazer alguma coisa (mais processual e menos designativo), é o que serve de relator da representação mental construída pelo sujeito, e é o que conduz a relação do localizador ao localizado. Na léxis, temos uma relação ordenada e não linear.

Nos enunciados 3a) e 3b), temos mais de dois termos em relação, ou seja, há uma intricação de relações. No enunciado 3a), temos a léxis λ_2 : <tique-taque, do, relógio>. No enunciado 3b), também temos a mesma léxis λ_2 : <tique-taque, do, relógio>. Em ambos enunciados, temos o termo /tique-taque/ responsável pela intricação da relação entre a léxis λ_1 e a λ_2 . Podemos glosar, ou seja, manipular a construção da significação dos enunciados da seguinte maneira: 3a) λ_1 , o tique-taque acordou o bebê, indica uma localização, 1a) λ_2 , o tique-taque do relógio, marca uma atribuição de propriedades. 3b) λ_1 , o tique-taque acordava o bebê, indica uma localização, 3b) λ_2 , o tique-taque do relógio, também marca uma atribuição de propriedades. O que temos nas léxis λ_1 é localização e nas léxis λ_2 é atualização de propriedade.

Essa atividade definidora é estabelecida na relação primitiva que, por sua vez, é onde ordena culturalmente os termos. Por exemplo: o primeiro argumento (X, tique-taque) representa a origem da relação e o segundo argumento (Y, bebê) representa o objetivo. Sabemos que a memória cognitiva da noção é o que permite que ela se relacione com outras noções <tique-taque, bebê, acordar>. Neste caso, a relação é orientada do “tocador” em direção ao “acordável”.

Quanto à localização, quer tenha referência genérica ou específica, verificamos mais adiante pelas operações específicas: quantificação (localização, identificação, extração e varredura) e categorias gramaticais (determinação, modalidade, aspecto), que caracterizam as ocorrências “acordou o bebê” e “acordava o bebê”.

3.4.2 A predicação

É subjacente à relação predicativa a relação primitiva. Em outras palavras, a partir do esquema de léxis numa relação primitiva, construiremos o predicado e os argumentos. Com o mesmo esquema de léxis, podem-se gerar muitas relações predicativas. A decisão é do enunciador em privilegiar um, ou outro elemento, em torno do qual se vai organizar o enunciado (ponto de partida):

3a) O tique-taque do relógio acordou o bebê.

3b) O tique-taque do relógio acordava o bebê.

Através da orientação linear, construiu-se uma relação predicativa para os termos ordenados na relação primitiva. É importante notar que os enunciados acima pertencem a uma mesma família parafrástica, isto é, derivada de uma mesma léxis de partida: <tique-taque, bebê, acordar>.

Em 3a), existe uma relação mais complexa entre dois termos, em que o segundo termo está em relação com o primeiro sob o elo de causa e efeito. Ou seja, uma relação entre três noções é localizada com relação à outra entre apenas uma noção. Temos um acréscimo de uma operação adicional <do relógio>, porém não altera a sequência das operações pré-assertadas, na léxis $\lambda 1$ <tique-taque, bebê, acordar>, mas altera a sequência da ordenação na relação predicativa e na modulação enunciativa. No caso que acabamos de considerar, estamos lidando com uma distribuição quantitativa para propriedade “tique-taque” marcada pelo termo “do relógio”.

Em 3b), temos também o estabelecimento de uma relação mais complexa entre duas relações, em que a segunda relação predicativa está em uma relação primitiva de causa e efeito com a relação primeira. Uma relação entre três noções é localizada com relação à outra noção. Ou seja, temos um acréscimo de uma noção adicional <do relógio>, porém não altera a sequência das operações pré-assertadas, na léxis $\lambda 1$ < tique-taque, bebê, acordar>, mas altera a sequência da ordenação na relação predicativa e na modulação enunciativa. No caso que acabamos de considerar, também estamos lidando com uma distribuição quantitativa (localiza uma ocorrência particular – extração) para propriedade “tique-taque” marcada pelo termo “do relógio”.

3.4.3 A enunciação

Voltemos a léxis $\lambda 1$:<tique-taque, bebê, acordar>, em que se verifica uma quantificação e qualificação implícita e explícita. Na relação implícita, há ausência de marca de modalidade, aspecto, determinação, ou seja, falamos de representação nocional. Na relação explícita, quer dizer, na enunciativa (nos enunciados), temos marcadores explícitos tanto para intensificar (qualificar) quanto para individualizar (quantificar), seja ocorrência genérica ou específica.

Vimos que, a partir de uma representação de ordem nocional, como na léxis $\lambda 1$ <tique-taque, bebê, acordar >, constrói-se uma ocorrência dessa relação, a partir da qual a relação predicativa é situada /tique-taque relógio/ /acordar/ /bebê/, quer dizer, localizada no que diz

respeito ao sistema de referência enunciativo “3a) O tique-taque do relógio acordou o bebê” e “3b) O tique-taque do relógio acordava o bebê”. Podemos igualmente comparar 3a) e 3b), a origem da relação primitiva é /tocador ou acordador/ e o objetivo é /acordável/. O termo de partida da relação predicativa é “tique-taque do relógio”, e “bebê” o objetivo. Coincidentemente, o termo constitutivo da relação enunciativa é “tique-taque do relógio”, correspondendo a uma configuração enunciativa particular. O termo tique-taque do relógio adquire propriedades primitivas como: agente, animado, determinado. Trata-se de um movimento que parte de uma direção para alcançar o objetivo, nesse caso, o “bebê”.

Sabemos que, dependendo do tipo de funcionamento da noção, implica, necessariamente, diferentes tipos de operações. Algumas delas são descritas a seguir, por estarem presentes no nosso *corpus* de pesquisa (nas traduções). Por exemplo, nos casos dos enunciados 3a) e 3b), o domínio nocional é organizado em relação ao tipo, há uma preponderância de QNT sobre QLT. Em 3a) e 3b), temos uma operação de quantificação que é representada através das operações de localização (identificação/diferenciação), ocorrendo a fragmentação do domínio nocional. Nesse caso, a quantificação é delineada pela operação de extração 3a), mas, em 1b), realiza uma operação de varredura.

3.4.4 A determinação

Em 3a), O tique-taque do relógio acordou o bebê, em primeiro lugar, vemos que na léxis λ_1 há uma operação de localização e identificação. A localização se situa quando o termo origem (tique-taque) funciona como localizador da relação construída com outros termos, ou seja, o localizador servirá como centro atrator da λ para a construção da significação. O termo localizado em relação ao primeiro termo (localizador, tique-taque) é o bebê. A identificação decorre diretamente da localização e se resume em extrair um objeto (bebê), entre outras coisas (ou não bebê, quase não bebê, etc.). Através da operação de extração, a ocorrência “bebê” percorre um caminho que parte da individualização de uma ocorrência por meio de sua localização em relação a um sistema situacional. Portanto, a localização e a identificação, que ocorrem por meio da extração, são determinantes para delimitar o que (tique-taque), o que fez (acordar) e quem (bebê).

Como dissemos, “bebê” é localizado em relação ao “tique-taque” através da quantificação (mais delimitação espaço/tempo) por meio da operação de extração. A operação de quantificação é o que vai garantir a existência de predicação. O enunciado 1a) constrói um caminho através de *esquema resultante*, mas não podemos ignorar na trajetória desse caminho

os esquemas potenciais, pois, *negar o valor potencial é impedir o acesso ao estado final*. Retomando a operação de quantificação, o sujeito extrai de um conjunto de ocorrências abstratas da noção que forma o domínio nocional (não bebê, quase bebê, etc.) uma ocorrência particular da noção /bebê/. Bebê é um exemplar de P, glosando: 1) acordou o bebê (um valor mais de resultado), e não 2) acordava o bebê (um valor mais de processo) que relaciona outros tipos de operações. No tipo, a classe de ocorrências é construída pela identificação ou diferenciação com o centro organizador. Os diferentes graus de identidade (bebê, não bebê, quase bebê, quase não bebê) vão fazer com que as ocorrências se agrupem ao longo de um gradiente. Isso significa que a ocorrência “bebê” foi individualizada, que ela passou a existir, seja num plano real ou imaginário, e deixou de ser uma ocorrência de uma classe abstrata “não bebê, quase bebê, quase não bebê”. Como “bebê” marca nada além da existência dessa propriedade da ocorrência, temos, então, a operação de extração.

Já em 3b), O tique-taque do relógio acordava o bebê, do mesmo modo, há uma operação de localização, de modo diferente, temos uma operação de varredura. A localização se situa quando o termo origem (tique-taque) funciona como localizador da relação construída com outros termos, quer dizer, o localizador servirá como centro atrator da λ . O termo localizado em relação ao primeiro termo (localizador, tique-taque) é o bebê. A varredura decorre diretamente da localização e se resume em não fixar em nenhuma ocorrência. Através da operação de varredura, a ocorrência do termo “acordava” percorre todos caminhos sem partir da individualização em relação a um sistema situacional. Portanto, a localização é importante para as seguintes construções de relações: bebê é determinante para delimitar o que (tique-taque), fez (acordar), o que (bebê).

O termo “acordava” também é localizado em relação ao “tique-taque”, tendo o modo de funcionamento relacionado à operação de quantificação, ou seja, uma operação de quantificação que está situada no sentido de alargar o domínio sobre alguma coisa já existente ou pré-construída /acordar/ e /bebê/ para /acordava o bebê/. Um gradiente irá se construir, pois o tipo não terá mais papel preponderante, o polo de referência irá se organizar agora em relação ao atrator. Nesse enunciado, o funcionamento acontece através da operação de varredura, trata-se de uma operação pela qual percorre uma lista de ocorrências sem privilegiar nenhuma. Exemplo: O tique-taque do relógio acordava o bebê, em que, nesse enunciado, o termo acordava marca que nenhuma ocorrência foi identificada e extraída do domínio (p_1, p_2, p_3, p_4, p_5 etc...) da noção de /acordar/ = p acordava.

A operação de varredura pode ser glosada da seguinte maneira: 1) “Quando o tique-taque do relógio tocava (de manhã, tarde e noite) acordava o bebê. 2) Toda vez que o tique-

taque do relógio tocava (uma vez, duas, três ou todos os dias) acordava o bebê. Nesse caso, é possível observar que a operação de quantificação ocorre por meio da varredura e que não se trata de uma ocorrência específica, ao contrário, vai em direção a todos os valores de um domínio sem se deter em nenhum deles.

3.4.5 A Modalidade

Em 3a) e 3b), a modalidade é construída no enunciado a partir da asserção de um valor positivo sobre a relação predicativa. De um lado, nega qualquer possibilidade mínima da existência de outros valores (O tique-taque do relógio não (acordou ou acordava) o bebê, O tique-taque do relógio quase (acordou ou acordava) o bebê, O tique-taque do relógio quase não (acordou ou acordava) o bebê, O tique-taque do relógio quase (acordou ou acordava) o bebê. De outro, permite colocar o positivo como referenciável. Assim, a asserção conduz de imediato à representação afirmativa de que em 3a) O tique-taque do relógio acordou o bebê e em 3b) O tique-taque do relógio acordava o bebê.

Em outras palavras, a asserção diz respeito à adequação, por um sujeito, entre o enunciado e o valor referencial. Com relação à adequação, resulta em um ajustamento complexo, porque os valores referenciais nos enunciados não se encontram estabelecidos na superfície das línguas, mas são construídos a cada situação de enunciação.

Assim, em 3a) e 3b), temos um enunciador que assume a responsabilidade pela totalidade do enunciado que P é o caso, isto é, “alguém diz que alguma coisa aconteceu é o caso”. Nota-se que P é P (p é o caso – alguém diz que alguma coisa aconteceu é o caso). Vejamos como, a partir de manipulações o valor de P é o caso (a asserção afirmativa), impede a construção de potencial de existência de outros valores (P):

- a) O tique-taque do relógio não acordou/acordava o bebê, <não alcança a existência>;
- b) Talvez o tique-taque do relógio acordou/ acordava o bebê, <dúvida de existência>;
- c) O tique-taque do relógio quase acordou/acordava o bebê, <existência incompleta>.

Nos enunciados a), b) e c), construídos a partir de P’ “não” é o caso (estabilidade da não representação), P “talvez” é o caso (projeção da representação), P “quase” é o caso (instabilidade da representação), nos mostram que a presença da asserção no enunciado é fundamental, já que elas tematizam o nível predicativo, e, conseqüentemente, o seu valor.

Nos enunciados 3a) e 3b), o enunciador assume o valor positivo, o que acaba não proporcionando nenhuma possibilidade de existência de outros valores. São as marcas “acordou/acordava, bebê” e o determinante definido “o”, especificamente, que validam (a ausência da não existência, dúvida de existência e a existência incompleta) o conteúdo das relações predicativas para um grau positivo:

3a) O tique-taque do relógio acordou o bebê.

3b) O tique-taque do relógio acordava o bebê.

Há uma interferência do sujeito enunciador sobre o objeto enunciado, a modalização, quer dizer, o sujeito enunciador, na qualidade de produtor e reconhecedor, antecipado das construções enunciativas, fornece a garantia daquilo que produz. Aqui, toda a organização do enunciado é articulada pelo enunciador e nele essencialmente é centralizado.

Tique-taque do relógio é o termo que estabiliza a realização de uma atividade feita por algo, ou seja, o sujeito enunciador atribui ao “tique-taque do relógio” a propriedade de ser o tocador e o “bebê” de ser o acordável. Além disso, em 3a) e 3b), o tique-taque não basta para ser o tocador, mas precisa ter uma propriedade instanciada e estabilizada como tique-taque do relógio. O termo “do relógio” marca uma ocorrência de uma noção de P, que é delimitada como singular entre outras.

No enunciado 3a), a quantificação ocorre por meio da operação de extração situacional, mas também pode originar uma outra extração, a genérica. No primeiro caso, “acordou o bebê” se distingue de outros elementos de uma mesma classe de ocorrências (não acordou o bebê, quase acordou o bebê, quase não acordou o bebê etc). No segundo, “acordou o bebê” se distingue de todos elementos de outras classes (criança, idoso, cachorro, passarinho etc). Na situacional ou genérica, constrói-se um domínio nocional que efetua operação de quantificação.

Em 3b), a quantificação ocorre por meio da operação de varredura, ou seja, “acordava o bebê” percorre todos os valores de um domínio sem se deter em nenhuma delas. Nesse caso, “acordava o bebê” transita pelo domínio de ocorrências de P sem se ater a uma ocorrência distinta em relação a uma situação particular.

Em 3b), a existência é construída através da estabilidade de uma representação em relação a um acontecimento já realizado. Portanto, podemos glosar mantendo o enunciado 3b) e acrescentando uma informação posterior: “o tique-taque do relógio acordava o bebê, hoje em dia não acordar mais”, “o tique-taque do relógio acordava o bebê, mas atualmente seu sono

ficou pesado”, “o tique-taque do relógio acordava o bebê, porém agora ele cresceu e não precisa mais de ser acordado,” enfim.

Temos, nesses enunciados, a presença da modalidade de asserção. Para dar conta da asserção (quando um sujeito assume uma predicação), mais especificamente enquanto operação e não marca, apresentamos a seguinte glosa:

Em 3a) e 3b), temos, eu anuncio e assumo o que eu anuncio ou assumo e anuncio o que eu assumo, “o tique-taque do relógio acordou o bebê”, ou “acordava o bebê”, o que significa que o sujeito enunciator assume e diz que “o tique-taque do relógio acordou ou acordava” cujo valor é: existência construída (alguém diz que alguma coisa aconteceu ou acontecia). Desse modo, a asserção afirmativa nega a existência de valores potenciais para acessar somente um único estado final esperado, o da representação construída. Percorre o interior do domínio de validação, e encontra ocorrência de <alguém diz que alguma coisa aconteceu ou acontecia>, a entrada ao interior é marcada pela existência da representação.

Em “3a) e 3b)”, como vimos, temos modalidade assertiva, quer dizer, o sujeito assume a predicação, através de modalidade, marca de tempo e de aspecto, como vemos a seguir.

3.4.6 O aspecto

No enunciado 3a), temos o uso do pretérito perfeito “acordou”, marca um fato ocorrido num momento anterior à enunciação e que foi totalmente terminado, ou seja, indica que a ação verbal aconteceu num determinado momento do passado, tendo o seu início e o seu fim no passado. No enunciado 3b), temos o pretérito imperfeito “acordava”, refere-se a um fato ocorrido no passado, mas que expressa uma ideia de continuidade ou duração no tempo.

Em 3a), no contexto da direita do “acordou”, temos o “bebê”, serve de referência, ou seja, constrói-se um ponto de referência, fornecida através de operações específicas (acordou o bebê), determinações que caracterizam a ocorrência. Em 3b), no contexto da direita do “acordava”, temos também o “bebê”, igualmente constrói um ponto de referência, fornecida através de operações específicas (acordava o bebê), determinações que caracterizam a ocorrência.

Nos dois casos, temos uma diferenciação de sujeitos (S, S1) e de tempo (T, T1):

O sujeito enunciator (aquele que enuncia) ou da enunciação (por estar implícito pode representar tanto a pessoa do sexo feminino como masculino), não é o mesmo que o sujeito do enunciado, texto/tradução (sendo explícito, “bebê” representa uma categoria do ciclo de vida humana). S valida o conteúdo tratado na relação predicativa e enunciativa, mas S1 se inscreve

como aquele responsável por apresentar S (a partir do seu ponto de vista) no momento da enunciação. Uma glosa para S e S1 seria:

Eu sou o sujeito S do enunciado, aquele de quem se fala (bebê).

Eu sou S1, o sujeito da enunciação, aquele que fala de alguém. Eu digo que: o tique-taque do relógio (dentre outras coisas) acordou ou acordava (alguma coisa que eu chamo de bebê).

Para um mesmo sujeito, o tique-taque do relógio não só “acordou” ou “acordava” o “bebê, mas “bebê” tem a propriedade de ser acordado pelo “tique-taque do relógio”. Isso quer dizer que ser “bebê” é ter a propriedade de poder ser acordado pelo tique-taque do relógio. Na delimitação quantitativa, temos a localização de uma ocorrência no tempo e no espaço para um dado sujeito. Essa operação traz a existência da noção / bebê /. O sujeito enunciador antecipa possíveis questionamentos do interlocutor acerca do “bebê acordar”. As marcas “acordou e acordava o bebê” estabilizam a ocorrência como uma ocorrência tipificada que se encontra no interior do domínio de ocorrências de “bebê acordado”. O artigo “o” marca a retomada dessa ocorrência que é situada em relação à situação enunciativa.

O tempo ao qual se refere o enunciado (alguém fez alguma coisa) não é o tempo da enunciação (alguém diz que alguém fez alguma coisa). No tempo do enunciado (T), há uma instabilidade da existência do tempo da enunciação, do mesmo modo (T1), na enunciação, há uma instabilidade da existência do tempo do enunciado.

O importante, então, é perceber que os termos “acordou e acordava” expressam uma ação nos enunciados 3a) e 3b) cuja ocorrência antecede o momento da fala do sujeito da enunciação. Em outras palavras, indicam uma não existência atual do tique-taque do relógio tocando no momento da enunciação. Nos dois casos, descrevem instabilidades de ocorrências estabilizadas (a instabilidade = ausência de tique-taque do relógio tocando e bebê dormindo, a estabilidade = presença de tique-taque do relógio que acordou ou acordava o bebê). No entanto, os problemas aspectuais funcionam de modo diferente. Vejamos.

Em 3a), a marca “acordou” assume um sentido não que o “bebê” foi acordando aos poucos, à medida que o tique-taque do relógio foi tocando, mas incide sobre uma propriedade que se constrói imediatamente com a ação do tique-taque do relógio. “Acordou” quer dizer que duas coisas se identificam – o tique-taque do relógio tocou – e o bebê acordou, logo, temos resultado e não processo, no qual se distinguem as propriedades. “Acordou o bebê” é um resultado imediato da ação “tique-taque do relógio”, mas não inerente.

Assim, em 3a), estabilizam-se mais resultados de representação (o resultado do ato de algo que fez alguma coisa e o resultado alguma coisa) e menos processo (ato de fazer alguma

coisa e o processo dessa alguma coisa). Aqui, não é possível dizer que houve ato ou ação (tique-taque do relógio tocando) e o bebê foi acordando aos poucos. Não temos o processo explícito, mas somente o resultado da ação, ou melhor, resultado do ato de algo que fez alguma coisa e o resultado imediato de alguma coisa.

“Bebê” marca uma individualização de ocorrências dentro de uma classe de várias ocorrências, em que essa individualização quantifica que:

“O tique-taque do relógio acordou o bebê” (não acordou o bebê, quase acordou o bebê, quase não acordou o bebê, etc. / extraí uma ocorrência específica).

“Bebê” visa à quantificação, à fragmentação, à individualização em relação a uma classe de ocorrências. É alguma coisa que se distingue e se situa em um espaço de referência, ou seja, verificam uma dada propriedade, exemplo: “O tique-taque do relógio acordou” – “o bebê”. Isso quer dizer que distinguem de uma classe de ocorrências abstratas, isto é, “acordou o bebê” se diferencia de outros valores possíveis subjacentes (X não, X quase, X incompleto). Podemos falar que o domínio nocional é construído por ocorrência “bebê” cuja propriedade a coloca no interior do domínio /acordar bebê/. Nesse espaço é colocado em destaque a existência de alguma coisa que até então era um nada. Essa operação de quantificação não só traz alguma coisa (a existência de X – O tique-taque do relógio acordou o bebê), como distingue e situa em um espaço de referência (diz sobre X – acordar o bebê).

Já em 3b), o termo “acordava” remete para uma representação que tanto pode ser estabilizada, como “o tique-taque do relógio acordava o bebê (de manhã, tarde e noite)”, quanto “o tique-taque do relógio acordava o bebê (uma vez, duas, três, etc.). Trata-se, na verdade, de reiteradas ações de acordava, mas que não se prendem, especificamente, em nenhuma delas. Um 3b), diferentemente de 3a), rejeita ter somente y (resultado), mas assume ter y (resultado) em razão x (processo) e x (processo) em razão y (resultado), em que “acordava” corrobora para marcar o processo, enquanto “acordou” corrobora para marcar apenas o resultado. Portanto, o termo utilizado no enunciado 3a) estabiliza mais resultado (O tique-taque do relógio “acordou” o bebê – estativo) e o termo utilizado no enunciado 3b) estabiliza mais processo (O tique-taque do relógio “acordava” o bebê – processual).

Em 3b), temos o processo reiterado de algo que faz alguma coisa (tique-taque tocando) e de alguém sendo acordado. Mas também marca o resultado que algo fez (o tique-taque tocava) e o resultado de alguém em razão de algo (bebê acordava). Nesse tipo de enunciado, temos, explicitamente, pontos de equilíbrio entre processo e resultado. O termo “acordava”, posposto ao termo “relógio”, estabiliza não só resultado do processo (das partes para o todo) como também estabiliza o processo do resultado (do todo para as partes).

“Acordava” constrói uma operação de qualificação, representada pela operação de varredura, não distingue ocorrências de uma classe, mas o termo “acordava” varre toda e qualquer ocorrência sem que se detenha uma ocorrência específica.

3b) O tique-taque do relógio acordava o bebê (referindo a todas as ocorrências da noção /tique-taque/ e /bebê/).

“Acordava” remete a ocorrências construídas sem preponderância de QNT ou de QLT. No caso de 3b), as ocorrências nem estão demarcadas por uma porção de espaço-tempo nem tampouco estão individualizadas em relação ao atrator, o que indica que há um funcionamento denso, no qual as noções são instanciadas sobre um valor misto. Por se tratar de uma operação de varredura, não estamos falando de ocorrência com valor estável–aspecto conclusivo, quer dizer, não fixa apenas em relação a uma situação particular (o tique-taque do relógio acordava o bebê uma vez, duas, três, ou de manhã, de tarde e de noite, etc.), mas com outro tipo de valor menos perceptível – aspecto progressão, percorre todas as ocorrências de um domínio nocional (o tique-taque do relógio acordava o bebê uma vez, duas, três, ou de manhã, de tarde e de noite, etc).

Na delimitação qualitativa, nesse contexto em específico de varredura, o termo “acordava” marca que o sujeito enunciador observa várias ocorrências abstratas da noção, em vez de extrair e identificar ocorrências percorre por todos os valores.

“O tique-taque do relógio acordava” (A ação do tique-taque do relógio é reiterada).

“Acordava o bebê” (A ação acometida no bebê é reiterada).

Houve variação quanto à ocorrência, quer dizer, temos a existência de uma listagem de ocorrências abstratas da noção, mas observa que não houve entre elas nenhuma identificação e nem extração. Vejamos o exemplo: “o tique-taque do relógio acordava o bebê (p_1 de manhã, p_2 tarde, p_3 noite, p_4 , p_5 , p_6 , etc.)”, “o tique-taque do relógio acordava o bebê (p_1 uma vez, p_2 duas, p_3 três, p_4 , p_5 , p_6 , etc.). Nesse caso, o termo “acordava” faz referência a todas ocorrências de “tique-taque” e de “bebê”. Portanto, não se trata de distinguir uma ocorrência de outra ocorrência, mas consiste numa operação que percorre todas as ocorrências sem fixar em qualquer ocorrência.

Apesar de os sujeitos enunciadore (alunos) encontrarem maneiras distintas para solucionar o problema de estabilização da representação nos enunciados alvo, ainda assim traçamos a invariância. A partir de valores provisória e localmente determinados nos enunciados, mostramos os dois modos de funcionamento, exemplo: nos enunciados 1a), 2a) e 3a), há uma preponderância no resultado de um ato de alguma coisa que alguém/algo fez (mais designativo e menos processual), enquanto nos enunciados 1b), 2b) e 3b), há preponderância

no ato de fazer alguma coisa (mais processual e menos designativo). Portanto, o nosso trabalho foi justamente reconstituir teoricamente o subterrâneo desses movimentos de produção e reconhecimento de enunciado.

Para alcançar os nossos objetivos, partimos de um nível mais profundo (relação primitiva), passamos pelo nível intermediário (relação predicativa), para remontar à superfície (relação enunciativa). Articulamos os processos generalizáveis da linguagem (invariância/operações enunciativa) com seis enunciados no português brasileiro (variação/valores determinados provisória e localmente). A partir desse sistema de representação metalinguístico, mostramos que as categorias gramaticais, as unidades e os enunciados não são dados *a priori*, mas o sentido é construído no e pelo enunciado por meio de operações linguístico-enunciativas. Compreendemos, então, que são as operações determinação, aspecto e modalidade que atribuem ao enunciado um valor referencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontramos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, TOPE, de Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b), bem como nos seus sucessores e na problemática construtivista (FRANCKEL, 2011), motivações e subsídios teóricos e metodológicos imperiosos para o desenvolvimento desta pesquisa. Uma das ideias centrais desta perspectiva é “a invariância da linguagem e a variação das línguas”, que se configurou como uma chave para abertura do objetivo principal da tese: mostrar que o sentido é construído pela linguagem e os sujeitos são os responsáveis por determinar, construir e reconstruir a significação numa situação particular. Ou seja, mostramos os modos variáveis como os aprendizes de inglês resolvem o problema da estabilização da representação em enunciados traduzidos do inglês para o português. A saber, apresentamos as operações de linguagem sustentam a (in)variância em cada tradução.

Como material de análise utilizamos as seguintes construções: *John swept the house clean, She laughed him out of his patience, My mistress grumbled herself calm, John washed the soup out of his eyes, The clock ticked the baby awake, John painted the house yellow*. O corpus foi coletado da bibliografia que trata da resultatividade enquanto categoria gramatical, e da sua aplicação à língua portuguesa, uma vez que a categoria é amplamente aceita para a língua inglesa. Essas construções são classificadas pela gramática gerativa como “Construções resultativas”. No geral, esses trabalhos afirmam que o adjetivo da construção resultativa referencia o resultado da ação verbal sobre o objeto direto, mas, nas traduções para a língua portuguesa, esse “resultado” nem sempre é explicitado, ou é definido de outra forma.

Como dissemos na introdução, esses enunciados têm despertado a nossa atenção desde trabalhos anteriores. Realmente, identificamos que esse tipo de construção coloca obstáculos aos tradutores, até mesmo aqueles mais experientes. Apesar de termos consciência da polêmica em torno da dificuldade de traduzir enunciados da língua inglesa, para a língua portuguesa cuja consequência levaria a resultados variáveis não só do ponto de vista da morfossintaxe, mas também do ponto de vista da significação, nesta pesquisa, a escolha por esse tipo de dado não se deu pela variação observada na superfície dos enunciados traduzidos, mas pela busca do entendimento dos mecanismos de invariância que estão subjacentes nas traduções.

Confirmamos a nossa hipótese de pesquisa, mesmo com toda essa variação na superfície, isto é, os enunciados não chegam ao mesmo ponto de estabilização, logo, porque o sujeito na busca pela adequação da representação faz com que os enunciados exibam marcas de ancoragem situacional (determinação, modalidade e de aspecto) diferentes da língua-fonte e

também de outras traduções na língua-alvo. Mas ainda se aproximam em vários pontos do seu processo de construção. Isso ocorre em razão de propriedades invariantes da linguagem que perpassam a experiência subjetiva (sujeitos enunciadoreis) e a variação espaço/tempo de uma situação enunciativa.

A hipótese geral, a partir de uma teoria das operações, é buscar as invariantes processuais responsáveis pela variação. Para tanto, os nossos objetivos foram: contribuir para uma discussão mais ampla sobre a invariância formal, as operações de linguagem que sustentam toda e qualquer variação; simular, formalmente, as invariantes de uma situação enunciativa, isto é, sujeitos enunciadoreis, espaço e tempo da enunciação, a partir de enunciados traduzidos para o português brasileiro; construir um sistema de representação metalinguística com intuito de mostrar a articulação dos processos generalizáveis com o particular, a partir de enunciados no português brasileiro; expor que o sentido é constituído e determinado pela atividade enunciativa, para visualizarmos como as unidades de análise e os contextos constroem os sentidos nos enunciados.

A primeira seção 1, “A linguagem compreendida através de uma perspectiva estática, o caso a CR”, mostramos que uma linguagem formal (a lógica, a informática, a linguística da *langue*) trabalha com valores polarizados e estáticos. Ela é um puro artefato, construído por meio de definições *a priori*. Os trabalhos situados nessa perspectiva estável dizem respeito, principalmente, à existência de categorias já construída (signos, categorias gramaticais, tais como: predicado primário, predicado secundário, resultativo, etc.) independentemente da linguagem. Portanto, por razões metodológicas desconsidera a linguagem e, conseqüentemente, os indivíduos.

Assim, na primeira subseção 1.1, “A transparência original da linguagem”, verificamos que a linguagem encontra abrigo numa concepção, cuja reflexão tem como pura representação do pensamento, a linguagem perde toda a opacidade, toda conveniência misteriosa com as coisas do mundo, para ser o objeto perfeitamente transparente de uma nova ciência. Ela é comparada a uma estrutura lógico-matemática que extingue a ambigüidade, movimentos acidentais, com intuito de assegurar a estabilidade e a clareza perfeitas. Na prática, para essa perspectiva, a linguagem pode deformar o verdadeiro pensamento e colocar obstáculos aos raciocínios rigorosos. A linguagem aparece como absolutamente não confiável. Assim, resolvem o problema determinando a linguagem.

A seguir, na subseção “a referência e o referente”, a confirmação clássica da perspectiva estável é que a referência se trata de uma correspondência estática dos enunciados às entidades externas à língua. O problema é colocar as unidades e os enunciados da língua para remeter ao

mundo ideal em um sistema de correspondência, concebido como estável e imediato. Desse ponto de vista, há uma relação de transparência e adequação das unidades da língua às ideias que permitem representar e constituir sozinho a representação do mundo. O referente é tratado como objeto por si no mundo. Portanto, nega que seja constituído de algum modo pela linguagem.

Continuando em “A tradução como transferência, transposição e reformulação de uma língua para outra língua”, mostramos que essa perspectiva estável admitindo ou não, acaba por traduzir as palavras isoladamente uma da outra. O processo de tradução significa, portanto, decodificar o pensamento do autor em língua e recodificá-lo em outra, quer dizer, traduzir equivale reproduzir o original em outro código. O tradutor, por sua vez, é mero instrumento de transporte de sentidos estáveis. Logo, a opacidade, a indeterminação, a ambiguidade são obstáculos à transparência da linguagem. A linguagem compreendida através da perspectiva estável defende a referência, a tradução como transferência, transposição e reformulação de uma língua para outra, a construção resultativa, o predicado secundário resultativo, mas também o mundo “universal e ideal”.

“O que se entende por CR dentro dessa perspectiva estável” é o título da subseção 1.2. E, já no início, apresentamos o objetivo da criação da presente subseção: o primeiro, passar pelos estudos da resultatividade, do modo como ela se apresenta na literatura (englobam estruturas que se diferem e assemelhem quantos aos seus aspectos sintáticos e semânticos). O segundo, mostrar que os estudos sobre as construções resultativas seguem uma perspectiva do estudo estático dos fenômenos de língua, e, sob esse viés, determinam que as categorias são entidades já prontas e construídas.

Essa mesma reflexão considera o predicado secundário como uma construção complexa cujo sujeito é marcado tematicamente também por outro núcleo lexical. Os predicados secundários se diferenciam dos predicados primários. Na predicação primária, o sujeito e o predicado formam um constituinte juntos. A questão é que, segundo os estudos das construções, existem tipos diferentes de predicados, como os casos que apresentamos a seguir.

As construções nas quais o SAdj desempenha o papel de modificador de um dos argumentos (modificador do SN paciente ou modificador do SN agente) da sentença são chamadas de construções descritivas, quer dizer, existem predicados orientados para o sujeito ou predicados orientados para o objeto. Em seguida, mostramos que, nas construções tidas como resultativas adverbiais, o SAdj, em vez de descrever o resultado, modifica um estado final e não o objeto do verbo. Segundo os especialistas, a diferença da resultativa adverbial para resultativas “genuínas” se baseia na semântica das construções, mais especificamente na função

dos modificadores. Para alguns pesquisadores, a pseudoresultativa se assemelha à resultativa adverbial por modificarem o estado final e não propriamente o DP, como fazem as construções resultativas, mas, por outro lado, se distancia da resultativa adverbial, uma vez que o adjetivo atua como modificador de nome. Já as construções resultativas, têm em comum uma leitura de ação, a partir de um V principal, e o resultado manifestado no PS, tipicamente um SAdj ou PP sobre um DP. Enfim, as discussões teóricas e as análises das construções resultativas dizem que os predicados secundários são responsáveis pelas organizações dessas subclassificações mencionadas acima.

A proximidade que observamos entre esses estudos apresentados nas subseções 1.1 e 1.2 se deve em função de uma abordagem de análise estática da língua. A aceção dada pela gramática gerativa, pelo estruturalismo, bem como as metodologias de análises realizadas pelos pesquisadores, na subseção 1.2, são pautadas em classificações que se realizam de modo imediato na língua, isto é, o seu valor ou forma são pré-estabelecidos. A definição dada pela gramática gerativa à “Construção Resultativa” muito se harmoniza com uma problemática que entende a linguagem como atividade a ser definida por si mesma. Uma tentativa que todo o estruturalismo e a gramática gerativa têm é ignorar o movimento, a dinamicidade, pois querem atingir a língua ideal, universal, lógica, sem subjetividade, sem equívocos, sem ambiguidades, capaz de assegurar que o sentido não repouse em nenhum elemento de instabilidade. Por conseguinte, essa linguagem formal, esse modelo de gramática, não é possível apreender os mecanismos e as operações enunciativas. Em outras palavras, é insuficiente para elucidar o funcionamento de como as unidades linguísticas e contextos constroem os sentidos nos enunciados, bem como regulam as variações.

Na seção seguinte 2, intitulada “A linguagem compreendida através da perspectiva dinâmica” realizamos uma síntese do projeto teórico do linguista Antoine Culioli. Essa síntese também é parte do nosso esforço pela apropriação da perspectiva dinâmica, da problemática construtivista (LOPES, 2006; FRANCKEL, 2011), dos processos de significação. Ademais, o enfoque dinâmico rompe das abordagens estáveis que descrevem a língua em termos de categorizações, postulamos que existe grau zero de categorização, um momento anterior às categorias. As unidades lexicais e gramaticais marcam apenas uma “grosseira direção”, mas são os sujeitos os responsáveis por determiná-las, construir e reconstruir a significação numa situação particular. Portanto, não acreditamos na existência de correspondência direta língua a língua, muito menos uma relação de transparência das unidades da língua às ideias, na “intransponibilidade” de uma língua para outra, apesar de toda essa diferença, “essas atividades realizam-se e com sucesso.” (REZENDE, 2000, p. 41).

Na subseção 2.1, “A teoria das Operações Predicativas e Enunciativas”, que ora se materializou apresentou o modo único de uma teoria, a TOPE, que entende a linguística como a ciência que estuda a linguagem por meio da diversidade das línguas naturais, ou seja, a proposta é apreender as operações de linguagem através da diversidade das línguas naturais (e através da diversidade dos textos, orais ou escritos). A linguagem é uma capacidade humana de elaborar símbolos. A atividade de linguagem, ou seja, a construção da significação, é a capacidade que todo e qualquer ser humano tem para representar, referenciar e regular, passível de ser vislumbrada por meio das línguas. A atividade simbólica não exclui as falhas, os erros e as deformações. Ressaltamos a ênfase que foi dada, nesta subseção, aos conceitos de língua, de linguagem, de atividade da linguagem, de operações construtivas do enunciado, de noção, de domínio nocional, de operações de quantificação e qualificação, de operações modais e aspectuais. Admitimos que a maior parte desta tese tenha sido subsidiada pela orientação teórica e metodológica de Culioli.

Na subseção 2.2, “A opacidade constitutiva da linguagem: a construção do valor referencial na atividade de tradução”, defendemos que a opacidade, a ambiguidade, a heterogeneidade são constitutivas da atividade da linguagem. Por essa razão, a perspectiva dinâmica defende que o sentido emerge a partir do esforço intersubjetivo, ou seja, ele é construído no enunciado pelo material verbal” e não é exterior à língua, pois é na instabilidade das unidades linguísticas que se dá visibilidade ao processo de determinação em língua. A significação só se estabiliza provisoriamente, colocando fim à ambiguidade, à heterogeneidade, à opacidade constitutiva da linguagem, presente em todo e qualquer ato enunciativo.

É por essa razão que a significação, desse ponto de vista, resulta da construção de valores referenciais, e não de um referente estável. Na perspectiva dinâmica, da qual participa a TOPE visa à construção do valor referencial, nada é dado de antemão e nem estabilizado em si, mas tudo é construído. Distanciamo-nos, nesse sentido, de um “sentindo ancorado em um referente para um sentido que decorre de valores referenciais construídos, observáveis em meios textuais definidos” (FRANCKEL, 2011, p. 53). Mas isso não significa que fica excluído associar à unidade lexical a um conteúdo semântico. Qualquer palavra pode ter o seu sentido associado a um conteúdo. Porém, toda e qualquer unidade lexical terá o seu sentido construído somente no e pelo enunciado.

Ter essa compreensão é fundamental para a compreensão do conceito de tradução como um caso particular de paráfrase. Trata-se de uma atividade regulada, controlada, a qual o tradutor terá de se apropriar. Nessa perspectiva, teorizar a paráfrase implica assumir a impossibilidade da identidade semântica absoluta do texto-fonte com o texto-alvo. Segundo o

ponto de vista de Culioli, a tradução marca equivalências. Na tradução a equivalência entre dois enunciados é sempre modulada. O tradutor produtor de significados é capaz de produzir o seu texto equivalente por intermédio das operações enunciativas. Na tradução, à primeira vista, pode haver variação de uma língua para outra, mas das quais se poderá, num dado momento, procurar as regularidades (CULIOLI, 1976). Entendemos que na passagem de uma língua a outra, os enunciados da língua de partida, nesse caso na língua inglesa, mostram uma direção de sentido, porém cabe aos tradutores, os alunos, no caso da nossa pesquisa, por meio da atividade tradutória, determinar e atribuir significação aos enunciados-alvo (na língua portuguesa).

A seção 3, “Os modos variáveis como os aprendizes de inglês resolvem o problema da estabilização da representação em enunciados traduzidos do inglês para o português”, é a última seção desta tese. Partindo dessa perspectiva dinâmica e enunciativa, mostramos o trabalho realizado pelo sujeito de configuração de representação em um ato de interação verbal, em particular na tradução de certos enunciados do inglês para o português em situação de prática de linguagem. O que nos interessa ao longo de nossas análises é a atividade humana, ou seja, a relação entre a linguagem e a língua, com a imprescindível inserção do sujeito. A tradução é alguma dessas atividades. Essa atividade é manifestações da atividade de linguagem. O sujeito, no nosso caso, os alunos colocam em prática a capacidade de representar, referenciar e regular.

Para alcançar os nossos objetivos, partimos de um nível mais profundo (relação primitiva) para remontar à superfície (relação enunciativa). Articulamos os processos generalizáveis da linguagem (invariância /operações enunciativa) com seis enunciados no português brasileiro (variação/ valores determinados provisoriamente e localmente). Durante as análises, verificou-se o fato de os enunciados estarem agrupados a dois modos de funcionamento: ora há uma preponderância no ato de fazer alguma coisa (mais processual e menos designativo) e ora no resultado de um ato de alguma coisa que alguém/algo fez (mais designativo e menos processual).

Através das manipulações que fizemos dos enunciados em nosso exercício de análise, observamos que as construções das quais os tradutores partiram em inglês, conhecidas como construções resultativas, são representações instáveis na relação cognitiva entre a linguagem e as línguas operadas por um sujeito. Em suma, podemos dizer que há rastro de operação de outro sujeito. O tradutor investe nesses rastros de significação e colocará em funcionamento o seu trabalho cognitivo entre a linguagem e línguas, ou seja, entre as duas línguas.

Em breves palavras, existe instabilidade entre os termos. Essa relação se instabiliza no processo de apropriação pelo sujeito em relação a situação particular. Verificamos que as

diferentes estabilizações que cada tradutor alcançou para traduzir do inglês para o português e que a experiência de cada um deles com as noções instanciadas na léxis produziram resultados variáveis não só do ponto de vista da morfossintaxe, mas também do ponto de vista da significação dos enunciados, quando considerados no conjunto dos textos-alvo que compõem nosso *corpus* de pesquisa.

Os resultados da análise apontaram que as traduções dos alunos em processo de formação e apropriação da língua inglesa não conseguiram reconhecer a operação de estado resultante do inglês por meio do termo “até”, como fazem os tradutores mais experientes. Os alunos conseguem estabilizar os enunciados, quer dizer, os enunciados têm estabilização, mas as estabilizações se encontram em pontos diferentes. Os aprendizes em fase inicial do idioma têm dificuldade de anexar as categorias gramaticais no esquema de léxis. Aliás, é justamente por ter essa dificuldade é que eles se distanciam do enunciado da língua fonte. Por isso, afasta muito da operação que é marcada pelo “até” e o gradiente. Dessa forma, podemos dizer que a proficiência dos alunos justifica o motivo que eles estabilizam daquela forma. A baixa suficiência é o que explica a tradução termo a termo, ou seja, mais literal e com ausência de marcas de asserção.

É importante salientar que temos plena consciência de que não resolveríamos todas as questões relacionadas à tradução e à construção resultativa, mesmo por que procuramos teorizar o trabalho realizado pelo sujeito de configuração de representação em um ato de interação verbal, em particular quando se trata de traduzir certos enunciados do inglês para o português em situação de prática de linguagem. Como dito anteriormente na metodologia, o processo de compreender e explicar alguns mecanismos de funcionamento dos enunciados não foi uma tarefa fácil durante a realização deste estudo. Em função dessa dificuldade muitas vezes não conseguimos seguir adiante com algumas questões, como o caso do gradiente. Por isso, recomenda-se para trabalhos futuros a incorporação da noção de gradiente nessa análise.

Assim sendo, este trabalho marca uma etapa, no entanto, esta etapa faz parte de um projeto maior, que tem como característica fundamental a continuidade, ou seja, sempre poderá existir mais um ponto final após o ponto final. Esperamos com esse ponto final construído ter contribuído às outras teorias os modos variáveis como os aprendizes de inglês resolvem o problema da estabilização da representação em enunciados traduzidos do inglês para o português a partir de uma perspectiva dinâmica da construção da significação.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, C. B. S. *Operações enunciativas e valores referenciais estudo da marca apesar de*. Araraquara. 2007. 205 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara, 2007.
- ARROJO, R. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2007.
- ASLANOV, C. *A tradução como manipulação*. São Paulo: Perspectiva: Casa Guilherme, 2015.
- BARBOSA, J. W. C. *A estrutura sintáticas das chamadas “construções resultativas em PB”*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BARBOSA, J. W. C. Ter estado resultante não é ter construção resultativa: predicados secundários pseudo-resultativos e orações adjuntas de resultado no português brasileiro. *D.E.L.T.A.*, Paraná, p. 547-576, 2018.
- BERINSON, P. A difícil arte da tradução. Faculdade Damas. *Caderno De Relações Internacionais*, v. 3, n. 5, p. 1-8, 2012.
- BERTUCCI, R. Construções resultativas infinitivas em português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 3, p.623-644, 2014.
- BENVENISTE, E. (1988a). “Natureza do signo linguístico”. In: Benveniste, E. *Problemas de linguística geral I*. 2. ed. Campinas, Pontes, p. 53-67 (trad. de Problèmes de linguistique générale) (texto original publicado em 1939).
- BIASOTTO, M. *Para uma abordagem enunciativa no ensino de língua estrangeira: paráfrase e atividade epilinguística*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2008.
- BIASOTTO, M. A tradução em termos de equivalência: uma perspectiva culioliana. *Versão Beta* (UFSCar), v. 8, p. 43-58, 2010.
- BIASOTTO, M. *Para uma gramática da produção: análise da marca mesmo sob o enfoque da teoria das operações predicativas e enunciativas*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2012.
- BISOL, L. *Predicados complexos do português*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1972.
- CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, R. G *et al*. Transparência linguística, *LIAMES*, Campinas, p. 223-239, 2017.

- CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CARDOSO, S. H. B. *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos*. Campinas, SP. 2003.
- CARREIRA, M.B. *Predicação e Ambiguidade de Projeção: Uma Teoria Unificada*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2015.
- CARREIRA, M. B.; KNÖPFLE, A. Uma análise teórico-empírica de predicação secundária. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 42, p. 182-194, 2013.
- CARVALHO, C. *Para compreender Saussure*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CULIOLI, A. Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.
- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999a. v. 2.
- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.
- CULIOLI, A. A propos de la notion. In: GROUSSIER, M.L.; RIVIÈRE, C. (orgs.) *La notion*. Paris: Ophrys, 1997, p. 9-24.
- CUMPRI, M. L. *Contribuições ao estudo da ambiguidade da linguagem: uma proposta linguístico-educacional*. Araraquara. 2012. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2012.
- CUMPRI, M.L. Sentido, referência e valores referenciais na perspectiva enunciativa. *Recorte (UninCor)*, v. 10, p. 1-13, 2013.
- DUBOIS, J et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- DUCROT, O. Referente. *Enciclopédia Einaudi*, 2. Lisboa, Imprensa Nacional. Casa da Moeda. 1984.
- FREGE, G. *Sobre o sentido e a referência*. Lógica e filosofia da linguagem. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 35-57.
- FLORENCIO, E. A. *Um estudo dos processos enunciativos da variação semântica no texto-alvo com base em traduções do inglês para o português*. 2016, 101 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.
- FLORES, V.; TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, V.; BARBISAN, L.; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V. *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FRANCKEL, J-J. Introdução. In: VOGÜÉ, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 15-30.

FOLTRAN, M. J. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1999.

FOLTRAN, M. J. Predicados complexos. *Revista Letras*, Curitiba, n. 53, p. 109-123, 2000.

FUCHS, C. A paráfrase linguística – equivalência, sinonímia ou reformulação? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 8, p. 129-134, 1985.

FUCHS, C. O sujeito na teoria enunciativa de A. Culioli: algumas referências. *Cadernos de estudos linguísticos*, n. 7, p. 77-85, 1984.

GETOE. *Biografia de Antoine Culioli*. Disponível em: <http://getoe1.blogspot.com.br/2013/04/biografia-de-antoine-culioli.html>. Acesso em: 21 ago. 2015.

GEUDER, W. *Oriented adverbs: Issues in the lexical semantics of event adverbs*. Doctoral Dissertation, Universität Tübingen. 2000.

GUEDES, R. M. A difícil decisão do tradutor: traduzir ou não traduzir. *Cadernos de Letras (UFRJ)* n. 26, p. 14-23. 2010.

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 4. ed. Campinas: Editora RG, 2010.

HALLIDAY, M.A.K. Notes on transitivity and theme in English. Part I. *Journal of Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 37-81, 1967.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

JESPERSEN, O. *A Modern English Grammar on Historical Principles*. Part V. Syntax (fourth volume). Copenhagen: Ejnar Munksgaard, 1909-1949.

KNÖPFLE, A. Sobre resultativas e pseudoresultativas: distinções de base empírica. Universidade Federal de Pernambuco. *D.E.L.T.A.* p. 315-346, 2017.

LEITE, M. A. *Resultatividade: um estudo das construções resultativas em português*. 2006. 153f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LEVINSON, L. *The roots of verbs*. Doctoral Dissertation, New York University, 2007.

LEVINSON, L. Arguments for pseudo-resultative predicates. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 28, n. 1. 2010

LOBATO, L. Afinal, existe a construção resultativa em português? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. de. (org.) *Sentido e Significação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 142-179.

LOPES, M. C. R. Estudo semântico do pretérito perfeito: variações interpretativas e regularidade de funcionamento. In: REZENDE, L. M.; ONOFRE, M. B. (orgs.) *Linguagem e línguas naturais – Diversidade experiencial e linguística*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006. p. 23-39.

LOPES, M. C. R. *Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical: a polissemia redimensionada*. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MARCELINO, M. *Construções resultativas em português e inglês*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

MARCELINO, M; OLIVEIRA, C. S. F. A construção resultativa verdadeira em português brasileiro. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 47, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. *Signos*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MITTMANN, S. *Notas do tradutor e processo tradutório. Análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

MORAES, R. C. M. de. *Anáfora: da abordagem clássica à abordagem discursiva*. São Gonçalo: SOLETRAS. UERJ, 2011.

NUNES, P. Á; FLORES, V. do N. Tradução: da transparência à opacidade, da metalinguagem à alteridade. *Gragoatá*, Niterói, v. 24, n. 49, p. 550-572, 2019.

ORLANDI, E. P. *O que é linguística*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

OTTONI, P. R. *Tradução Manifesta - double bind & acontecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

OTTONI, P. R. *Tradução - a prática da diferença*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

OUSTINOFF, M. *Tradução: história, teorias e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PRIA, A. D. *Para um redimensionamento do estudo do “adjetivo”: os processos enunciativos de variação semântica de “falso”*. Araraquara. 2009. 124 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2009.

PRIA, A. D. A especificidade linguística e não-linguística em articulação com a atividade de linguagem. *Signo*, v. 38, p. 50-65, 2013.

PRIA, A. D. O diálogo, a significação e a enunciação na articulação da linguagem com as línguas naturais. In: PRIA, A. D.; MOTTA, A. L. A. R. da; RENZO, A. M.; MORALIS, E. G. (Orgs.). *Linguagem, escrita, tecnologia*. Campinas: Pontes, 2013. p. 37-50.

PRIA, A. D.; CARVALHO, G. A. de. A realização do adjetivo atributivo em português e inglês: correspondências lexicais, sintáticas, semânticas e discursivas. *UEG em Revista*, v. 1, p. 223-231, 2009.

PRIA, A. D.; CARVALHO, G. A. de. Os processos enunciativos de variação semântica de “falso”. In: ZATTAR, N.; PRIA, A. D.; MORALIS, E. G. (Org.) *Linguagem, acontecimento, discurso*. Campinas: Editora RG, 2011. p. 23-34.

PRIA, A. D. A atividade de tradução e a articulação da invariância com a variação. In: PRIA, A. D.; MORALIS, E. G.; CARDOSO-CARVALHO, F.; CARVALHO, A. de (Org.) *Linguagem e Línguas: Invariância e variação*. Campinas: SP: Pontes Editores, 2014. p. 111-130.

RÉCANATI, F. *La transparence et l'énonciation: pour introduire a la pragmatique*. Paris: Seuil, 1979.

RECH, N. A formação de construções resultativas no português brasileiro. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, p. 79-100, 2007.

REZENDE, L. M. A indeterminação da linguagem: léxico e gramática. *Alfa*, v. 44, p. 349-362, 2000.

REZENDE, L. M. *Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais*. Tese (Livre docência). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.

REZENDE, L. M. Uma questão pedagógica: superar ou anular a contradição na produção textual de alunos? In: PERNAMBUCO, J.; FIGUEIREDO, M. F.; SALVIATO-SILVA, A. C. *Nas trilhas do texto*. Franca: Universidade de Franca, 2010. v. 5. p. 76-90.

RÓNAI, P. A. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1981.

SALVIATO-SILVA, A. C. *A marca “porque” nos textos escolares: uma proposta para atividades epilingüísticas*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2007.

SANTOS, C. B. *Operações enunciativas e valores referenciais estudo da marca apesar de*. 2007, 205f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2007.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SNYDER, W. A. *Language Acquisition and Language Variation: The Role of Morphology*. Doctoral Dissertation. MIT, 1995.

SOUZA, A. D. de. Questões de transparência e opacidade na realização do sujeito pronominal no Português Brasileiro e no Inglês Britânico: uma abordagem Discursivo-Funcional. *Estudos linguísticos*, São Paulo, p. 38-52. 2015.

VENDLER, Z. Verbs and Times. In Z. Vendler. *Linguistics in Philosophy*. NY: Ithaca, 1967. p. 97-121.

VIGNAUX, G. *Le discours acteur du monde*. Enonciation, argumentation et cognition. Paris: Ophrys, 1988.

VOGÜÉ, S. A língua entre cognição e discurso. *Calidoscópio*, v. 11, n. 2, p. 214-221, 2013.

VOGÜE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação*: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

ZAVAGLIA, A. *Da invariância da linguagem à variância das línguas*: contribuição para a elaboração de uma teoria enunciativa da tradução como um caso particular de paráfrase. 2002, 301f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2002.

ZAVAGLIA, A. *Pequena introdução à Teoria das Operações Enunciativas*. São Paulo: Humanitas, 2016.

ANEXOS

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

1º Semestre Básico

John swept the house clean.

- John varreu a casa inteiramente
-
-
-
-

She laughed him out of his patience.

- Ela riu dele fora sua paciência
-
-
-
-

My mistress grumbled herself calm.

- Meu amante resmungou-se calma mente
-
-
-
-

John washed the soup out of his eyes.

- John lavou as lágrimas dos olhos dele
-

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

The clock ticked the baby awake.

- O relógio tocou acordando o bebê
-
-
-
-

John painted the house yellow.

- John pintou a casa de amarelo
-
-
-
-

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

1º Semestre Básico

John swept the house clean.

- John varreu a casa.
-
-
-
-

She laughed him out of his patience.

- Ela riu de sua paciência
-
-
-
-

My mistress grumbled herself calm.

- Meu amante resmungou-se calma mente
-
-
-
-

John washed the soup out of his eyes.

- John lavou as lágrimas dos olhos dele
-

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

The clock ticked the baby awake.

- O relógio tocou para o bebê
-
-
-
-

John painted the house yellow.

- John pintou a casa de amarelo
-
-
-
-

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da língua inglesa para a língua portuguesa. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

1º semestre básico

John swept the house clean.

1. John varreu a casa limpa.
2. John varreu a casa.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu da sua paciência (sua é igual masculina)
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha Senhora resmungou sua própria calma.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. João expulsa a sopa em seus olhos

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio acordou o bebê.
2. O tique-taque do relógio acordou o bebê.
- 3.
4. O tique-taque do relógio acordava o bebê.
- 5.

John painted the house yellow.

1. João pintou a casa de amarelo.
2. João pintou a casa amarela.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da língua inglesa para a língua portuguesa. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

1º semestre básico

John swept the house clean.

1. John varreu a casa inteiramente
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu dele ficou sem paciência
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. minha amante resmungou, calma
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. John lavou as lágrimas dos olhos dele

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio tocou para o bebê acordar
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

1º semestre básico
John swept the house clean.
1. *John varreu a casa*
2. *John limpou a casa deixando*
3. *John varreu a casa limpa*
4.
5.

She laughed him out of his patience.
1. *Ela viu da sua paciência*
2.
3.
4.
5.

My mistress grumbled herself calm.
1. *Minha senhora resmungou de sua própria calma*
2.
3.
4.
5.

John washed the soup out of his eyes.
1. *John espirrou sopa em seus olhos.*

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2.
3.
4.
5.

The clock ticked the baby awake.
1. *O relógio da vulgare acordou o bebê.*
2.
3.
4.
5.

John painted the house yellow.
1. *John pintou a casa amarela*
2.
3.
4.
5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

1º semestre básico + intermediário
John swept the house clean.
1. *John varreu a casa que já estava limpa.*
2. *John varreu e deixou a casa limpa.*
3. *John varreu a casa para limpá-la.*
4.
5.

She laughed him out of his patience.
1. *Ela viu da paciência que ele mostrou-a.*
2.
3.
4.
5.

My mistress grumbled herself calm.
1. *Minha amante resmungou, ela própria de sua calma*
2. *Minha amante resmungou de sua própria calma*
3.
4.
5.

John washed the soup out of his eyes.
1. *John lavou a sopa que ficou pálida como seus olhos.*

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2.
3.
4.
5.

The clock ticked the baby awake.
1. *O relógio sempre aperta o mesmo horário quando o bebê acorda.*
2.
3.
4.
5.

John painted the house yellow.
1. *John pintou a casa de amarelo.*
2.
3.
4.
5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

I am Amarecado

John swept the house clean.

1. John varreu a casa limpa.
2. John limpou a varredura.
3. John limpou a divisação.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela ris da paciência dele
2. A paciência dele foi ela riu
3. Ela riu com a paciência dele.
4. Ela ris-se dele.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha amante resmungou calma.
2. Minha amante resmungou calma.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. John lavou a sopa dos olhos dele.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (05) 3223-1466; E-mail: pp@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

2. *Li*

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio marcou o bebê acordado.
2. O relógio acordou o bebê.
3. O relógio despertou o bebê acordou.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa amarela.
2. A casa amarela foi pintada por John.
3. A casa foi pintada de amarela por John.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (05) 3223-1466; E-mail: pp@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

I remember better

John swept the house clean.

1. John varreu a casa
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela ris da paciência dele
2. Ela gargalhou da paciência dele
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora resmungou de sua própria calma
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. John lavou a sopa de sua própria olho

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (05) 3223-1466; E-mail: pp@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio da relógio despertou o bebê
2. O relógio da relógio despertou o bebê
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a amarela a casa.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (05) 3223-1466; E-mail: pp@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da língua inglesa para a língua portuguesa. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. *John varreu a casa.*
2. *John deixou a casa limpa.*
3.
4.
5.

She laughed him out of his patience.
1. *ela riu de sua paciência*
2. *ela riu e tirou a paciência*
3.
4.
5.

My mistress grumbled herself calm.
1. *Minha senhora murmurou sua própria calma*
2. *Minha amante murmurou de sua calma.*
3.
4.
5.

John washed the soup out of his eyes.
1. *John lavou seus olhos*

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2.
3.
4.
5.

The clock ticked the baby awake.
1. *O tic-tac do relógio acordou o bebê.*
2.
3.
4.
5.

John painted the house yellow.
1. *John pintou a casa amarela*
2.
3.
4.
5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da língua inglesa para a língua portuguesa. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. *John varreu a casa dele*
2.
3.
4.
5.

She laughed him out of his patience.
1. *Ele riu da paciência dele*
2.
3.
4.
5.

My mistress grumbled herself calm.
1. *Minha amante murmurou*
2.
3.
4.
5.

John washed the soup out of his eyes.
1. *John lavou o caldo do olho dele*

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2.
3.
4.
5.

The clock ticked the baby awake.
1. *O Relógio varreu o bebê acordou*
2.
3.
4.
5.

John painted the house yellow.
1. *John pintou a casa amarela*
2.
3.
4.
5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

English *Portuguese*

John swept the house clean.

1. John limpou a casa.
2. John varreu a casa.
3. John limpou a casa.
4. John limpou a casa.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu de sua paciência.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora gabou-se de se acalmar.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. John lavou a sopa dos olhos.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio tocou e meu bebê acordou.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2ª Simulada
Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John limpou a casa.
2. John limpou a casa.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu de sua paciência.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora resmungou calma.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. John lavou a sopa dos olhos dele.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O tique-taque do relógio acordou o bebê.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

2º semestre
Banco

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da **língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John limpou a casa.

2.

3.

4.

5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu e tirou a paciência dele.

2.

3.

4.

5.

My mistress grumbled herself calm.

1. minha esposa se pôs calma.

2.

3.

4.

5.

John washed the soup out of his eyes.

1.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio despertou o bebê acordou.

2.

3.

4.

5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa amarela.

2.

3.

4.

5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da **língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean. 2º semestre: Banco.

1. John limpou a casa.

2.

3.

4.

5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu com paciência.

2.

3.

4.

5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha esposa ficou calma.

2.

3.

4.

5.

John washed the soup out of his eyes.

1. John jogou a sopa fora.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O tique do relógio acordou o bebê.

2.

3.

4.

5.

John painted the house yellow.

1. John pintou sua casa de amarelo.

2.

3.

4.

5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

2º semestre básico

John swept the house clean.

1. John limpou a casa.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu dele com paciência.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. minha senhora, mesmo que ficou calma.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John lavou o sabão dos olhos dele.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/Nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O tique-taque do relógio despertou o bebê.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/Nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

2º semestre básico

John swept the house clean.

1. John varreu a casa.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu da paciência dele.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha professora reclamou calma dela mesma.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John lavou o sabão dos olhos dele.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/Nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O tique-taque
2. O tique-taque do relógio
3. O tique-taque do relógio despertou o bebê.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/Nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

2º Semestre de Letras Básico

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. *John varreu a casa limpa*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. *Ela riu da paciência dele.*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. *Minha amante resmungou calma.*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. *John lavou a sopa dos olhos dele*

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1405; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. *O relógio bateu o bebê acordou*
2. *O relógio marcou o bebê acordou*
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. *John pintou a casa amarela*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1405; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

2º Semestre de Letras Básico

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. *John varreu a casa limpa*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. *Ela riu da paciência dele.*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. *Minha amante resmungou calma.*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. *John lavou a sopa dos olhos dele*

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1405; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. *O relógio marcou o bebê acordou.*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. *John pintou a casa amarela.*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1405; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

35

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da **língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

2º semestre de Letras Básico

John swept the house clean.

1. John limpou a casa
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu com uma paciência
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. minha padroeira se aborrecia
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. John lavou o rosto dele com sopa

CEPEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio despertou o bebê acordado
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

CEPEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

2º semestre de Letras Básico

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da **língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa limpa
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu da paciência dele.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. minha amante resmungou calma.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. John lavou a sopa dos olhos dele

CEPEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio bateu a batida acordou
2. O relógio acordou o bebê acordado
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa amarela
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

CEPEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da língua inglesa para a língua portuguesa. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

2º Semestre Bárbar

John swept the house clean.

1. John arrumou a casa
2. John limpou a casa
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu com seu paciente.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha amante resmungou de si mesma
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. John lavou sua colher de sopa

CEPEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1498. E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio acordou o bebê
2. O relógio marcou o bebê acordando.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

CEPEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1498. E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da língua inglesa para a língua portuguesa. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

5º Semestre Bárbar

John swept the house clean.

1. John varreu a casa limpa
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu da paciência dele
2. Ela riu de sua paciência
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha amante mesmou-se calma
2. Minha amante falou resmungou
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. John lavou a sopa dos olhos dele

CEPEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1498. E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2. John lavou a sopa dos olhos

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio acordou o bebê
2. O relógio despertou o bebê
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa amarela
2. John pintou a casa de amarelo
- 3.
- 4.
- 5.

CEPEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1498. E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

5º semestre Letras Básico.

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da língua inglesa para a língua portuguesa. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. John varreu a casa.
2. John limpou a casa.
3.
4.
5.

She laughed him out of his patience.
1. Ela riu da paciência de paciência dele.
2.
3.
4.
5.

My mistress grumbled herself calm.
1. Minha amante resmungou com calma, de si mesma.
2.
3.
4.
5.

John washed the soup out of his eyes.
1. John lavou a sopa dos olhos.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

2.
3.
4.
5.

The clock ticked the baby awake.
1. O relógio tocou o bebê acordar.
2.
3.
4.
5.

John painted the house yellow.
1. John pintou a casa amarela.
2.
3.
4.
5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

5º semestre Básico

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da língua inglesa para a língua portuguesa. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. John limpou a casa.
2.
3.
4.
5.

She laughed him out of his patience.
1. Ela riu da paciência de paciência dele.
2.
3.
4.
5.

My mistress grumbled herself calm.
1. Minha amante resmungou calmamente de si mesma.
2.
3.
4.
5.

John washed the soup out of his eyes.
1. John lavou a sopa dos seus olhos.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

2.
3.
4.
5.

The clock ticked the baby awake.
1. O relógio tocou e o bebê acordou.
2.
3.
4.
5.

John painted the house yellow.
1. John pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da **língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parenteses se assim o desejar.

5º Semestre de Letras.
Bárbara

John swept the house clean.
1. John varreu a casa limpa.
2. John varreu a casa limpa.
3.
4.
5.

She laughed him out of his patience.
1. Ela riu dele fora da paciência dele.
2.
3.
4.
5.

My mistress grumbled herself calm.
1. Minha amante resmungou calma.
2.
3.
4.
5.

John washed the soup out of his eyes.
1. John lavou a sopa fora dos olhos dele.

CEPEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/Nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2.
3.
4.
5.

The clock ticked the baby awake.
1. O relógio acordou o bebê.
2.
3.
4.
5.

John painted the house yellow.
1. John pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

CEPEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/Nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

5º semestre intermediário

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da **língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parenteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. John varreu a casa limpa.
2. João varreu a casa limpa.
3.
4.
5.

She laughed him out of his patience.
1. Ela riu dele fora da paciência dele.
2. Ela riu de sua paciência.
3. Ela riu da paciência dele.
4.
5.

My mistress grumbled herself calm.
1. Minha amante resmungou calma.
2. Minha amante resmungou ela própria calma.
3.
4.
5.

John washed the soup out of his eyes.
1. John lavou a sopa fora dos olhos dele.

CEPEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/Nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2. João lavou a sopa dos olhos
3.
4.
5.

The clock ticked the baby awake.
1. O relógio marcou o bebê acordado.
2. O relógio despertou o bebê.
3.
4.
5.

John painted the house yellow.
1. John pintou a casa amarela.
2. João pintou a casa de amarelo.
3.
4.
5.

CEPEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/Nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1496; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

B = bimestre intermediário

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da língua inglesa para a língua portuguesa. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parenteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. *John deixou a casa limpa.*
2. *John varreu a casa limpa.*
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. *Ela viu dele por falta de paciência.*
2. *Ela viu da falta de paciência dele.*
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. *minha amante resmungou, acalmouse*
2. *minha amante resmungou.*
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. *John lavou seus olhos.*

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. *O relógio acordou o bebê.*
2. *O relógio despertou o bebê.*
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. *John pintou a casa de amarelo.*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Período Básico

Prezado(a) aluno(a), agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo da língua inglesa para a língua portuguesa. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parenteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. *John limpou a casa*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. *Ela o viu da sua impaciência*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. *minha amante resmungou calma*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. *John limpou os olhos*

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. *John pinta a casa Amarela.*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466, E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

7º Semestre Básico

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parenteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. *João varreu a casa e ficou limpa*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. *Ela riu da sua paciência*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. *Minha amante resmungou calma.*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

- 1.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (05) 3223-1460; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. *O relógio marcou o bebê acordado*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. *João pintou a casa de amarelo.*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (05) 3223-1460; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

7º Semestre Básico

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parenteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. *João varreu a casa limpa*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. *Ela riu da paciência dele*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. *minha amante resmungou da calma*
2. *ela*
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. *João lavou a sopa dos olhos dele*

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (05) 3223-1460; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. *O relógio marcou o bebê acordado*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. *John pintou a casa de amarelo*
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (05) 3223-1460; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

VII semestre Básico

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ele riu de sua paciência.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha amante resmungou calma
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. John lavou a sopa dos olhos dele
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2. John derrubou sopa nos olhos dele

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio marcou o bebê acordado.
2. O relógio manteve o bebê acordado.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

7º Semestre Básico

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa de pé
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ele riu de sua paciência
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha amante tinha calma
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. John lavou a sopa dos olhos dele
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio marcou o ~~bebê~~ bebê.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa amarela
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

7º Semestre - Básico

John swept the house clean.

1. John limpou a casa
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

- 1.

CEPEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. A hora
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

CEPEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

7º Semestre - Avançado

John swept the house clean.

1. John limpou a casa que ficou limpa.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela achou engraçado a paciência dele.
2. Ela riu da paciência dele.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha esposa se acalmou com calma.
2. Minha esposa se acalmou com calma.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soup out of his eyes.

1. John limpou a sopa dos olhos dele.

CEPEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio marcou a hora que o bebê acordou.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
2. John pintou a casa de amarelo.
3. John pintou a casa de amarelo.
- 4.
- 5.

CEPEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1466; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

7 Semestre intermediário

John swept the house clean.

1. **John varreu a casa limpa.**
2.
3.
4.
5.

She laughed him out of his patience.

1. **Ela riu da paciência dele.**
2.
3.
4.
5.

My mistress grumbled herself calm.

1. **Minha amante resmungou calma.**
2.
3.
4.
5.

John washed the soup out of his eyes.

1. **John lavou a sopa de seus olhos.**

CEPEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1469; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

2.
3.
4.
5.

The clock ticked the baby awake.

1. **O relógio marcou o bebê acordado.**
2. **O relógio despertou o bebê acordado.**
3.
4.
5.

John painted the house yellow.

1. **John pintou a casa amarela.**
2.
3.
4.
5.

CEPEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1469; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

7 Semestre intermediário

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

Prezado(a) aluno(a), **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os seis enunciados abaixo **da língua inglesa para a língua portuguesa**. No formulário, há espaço para até 5 versões. Nesse caso, sendo possível você pode traduzir mais de uma versão. Sinta-se à vontade para testar as possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. **John varreu a casa limpa.**
2.
3.
4.
5.

She laughed him out of his patience.

1. **Ela riu da paciência dele.**
2.
3.
4.
5.

My mistress grumbled herself calm.

1. **Minha amante resmungou da calma dele.**
2.
3.
4.
5.

John washed the soup out of his eyes.

1. **John lavou a sopa dos olhos dele.**

CEPEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1469; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA

2.
3.
4.
5.

The clock ticked the baby awake.

1. **O relógio bateu e o bebê acordou.**
2.
3.
4.
5.

John painted the house yellow.

1. **John pintou a casa de amarelo.**
2.
3.
4.
5.

CEPEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGÜÍSTICA
Cidade Universitária: Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Linguagem
Av. Santos Dumont, S/nº, Bairro: DNER, CEP: 78.200-000, Cáceres-MT
Tel/Fax: (65) 3223-1469; E-mail: ppg@unemat.br
Site: portal.unemat.br/linguistica